This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

LELAND·STANFORD·JVNIOR·VNIVERSITY

LELAND·STANFORD·JVNIOR·VNIVERSITY

ASPECTOS

DA

LITTERATURA COLONIAL

BRAZILEIRA

DO MESMO AUTOR:

Pernambuco, Seu desenvolvimento historico. — Leipzig, 1895. 1 vol. de XIII, 327 paginas com 4 retratos . . . . . Rs. 6.000

Sept ans de République au Brésil (1889—96), extrait de la Nouvelle Revue. — 1 folheto de 36 paginas . . . . . Rs. 1.000

Á venda nas livrarias Briguiet, 16 e 18, Rua Nova do Ouvidor, Rio de Janeiro, e Contemporanea, de Ramiro Costa & C.ª, Rua 1º de Março, Pernambuco.

OLIVEIRA LIMA

ASPECTOS

DA

LITTERATURA COLONIAL BRAZILEIRA

> Mas já que tenho tomado a minha conta o haver de dizer das grandezas do Brazil, irei mostrando primeiramente a grande fertilidade de seus campos, e despois formarei uma fresca horta abundante de diversidades de cousas, e logo irei ordenando um pomar bastecido de diversas arvores e com excellentes pomos, e da mesma maneira um jardim povoado de flores e boninas sem conto. E então julgareis si se pode dar ao Brazil nome de ruim terra, como de principio lhe quizestes chamar.
>
> *(Dialogos das Grandezas do Brazil.)*

LEIPZIG
F. A. BROCKHAUS

1896

179015

O presente estudo critico foi intentado e fica publicado como uma introducção a um trabalho sobre o Romantismo no Brazil; como uma fixação dos antecedentes patrios d' este fecundo movimento que uma vez distinguio brilhantemente a nossa litteratura, hoje incomparavelmente menos original. Trilhando o caminho traçado pela apurada investigação e larga comprehensão philosophica do Snr. Sylvio Romero, cuja ideia matriz da concorrencia dos trez factores ethnicos para a formação do producto nacional illumina singularmente toda a nossa evolução intellectual, busquei entretanto, na medida do possivel e sem preoccupações de excentricidade, fazer obra pessoal quanto á apreciação peculiar de cada escriptor, insistindo especialmente no caracter successivamente differenciado de suas lucubrações.

Posto que constituindo no geral estas lucubrações o reflexo do gosto metropolitano por seu turno influenciado no seculo XVI pelo classicismo italiano, no XVII pelo culteranismo hespanhol e no XVIII pelo neo-classicismo francez, julgo todavia encontrar-se n' ellas uma progressiva particularização. Si mais vagarosa tem ca-

minhado actualmente a florescencia d' essa orientação brazileira, hão determinado tal lentidão o desenvolvimento das pesquizas scientificas, por sua natureza refractarias a traduzir o colorido de qualquer nacionalidade; o avolumar das pretenções politicas e das dissensões de primazias; e a acção da emigração estrangeira diluindo consideravelmente a nossa expressão de povo, indubitavelmente dotada de superior propriedade no periodo que se extende da independencia á conclusão da guerra do Paraguay e á affixação dos ideiaes subversivos de administração e de ensino, isto é, que abrange a phase de robustez do regimen substituido em 1889 por novos moldes de governo, a que correspondem novas condições espirituaes, que apenas se acham estabelecidas.

Concatenando sob o titulo de *Aspectos* as impressões aqui exaradas, visei a prevenir o leitor da tendencia pouco circumscripta d' este punhado de esboços, em igual dose referentes á historia do reino e da colonia e á critica litteraria, subordinados porém á designação do crescente brazileirismo da nossa producção mental.

Berlim, 29 de Outubro de 1894.

SUMMARIO

I.

PORTUGUEZ, INDIGENA E NEGRO.

A litteratura colonial, prolongamento até certo tempo da litteratura do reino. — Razão da carencia de escriptores *brazileiros* nos seculos XVI e XVII. — Factores que produziram o elemento nacional, e valor do factor portuguez. — O indio, seus caracteristicos espirituaes e crenças religiosas. — Progressivo desapparecimento d' este factor. — Sua deixa no terreno artistico. — A ceramica de Marajó e a hypothese das migrações amarellas. — Da unidade ou diversidade intellectual das raças. — Classificação ethnologica de Augusto Comte. — Expressão maxima das gentes americanas nas civilizações mexicana e peruana. — Mysterios prehistoricos do continente. — Antiguidades do aterro do Pacoval e provavel organização social dos constructores. — Variedades de *mounds* e suas analogias com as pyramides egypcias. — O culto dos mortos na Europa, na Asia e na America. — *Mound-builders* da America Septentrional. — A ceramica americana e a oriental. — Parecenças das producções artisticas do Novo Mundo com as hindús e egypcias. — Distinctivos dos documentos legados por estas diversas civilizações. — Possiveis origem e exodo dos *mound-builders* de Marajó. — Barbarie das tribus brazilicas. — O estudo da ethnographia tupi no passado e no presente. — Embaraços com que lucta a sciencia. — A apparição do homem americano e ainda a provavel penetração dos bandos

asiaticos. — Uma supposição de Eduardo Schuré. — O typo physico dos americanos. — Opiniões de estrangeiros e nacionaes sobre as raças brazileiras. — Variedades craneanas e conclusões anthropologicas do marquez de Nadaillac e do Dr Ferraz de Macedo. — Fracos resultados attingidos pela investigação no dominio da prehistoria americana. — Singularidades inexplicadas. — Quinhão do indigena no campo da poetica e da novellistica populares. — *Modinhas* e *lundús*. — Predilecção dos selvagens pela musica e pelo canto testemunhada pelos antigos escriptores, designadamente por Gabriel Soares e Ivo d' Evreux — Acção de semelhante predicado na idiosyncrasia do producto nacional. — Quanto compete ao elemento tupi no feixe dos cantos e contos brazileiros. — Caracteristicos differentes da novellistica anonyma, denunciando os seus elementos de formação. — O negro, terceiro factor componente do brazileiro.

II.

SECULOS XVI–XVII.

PRIMEIROS ESCRIPTORES.

Restricto interesse da expressão litteraria colonial no seculo XVI. — Bento Teixeira Pinto, suas producções e vida. — Mocidade passada no reino mercê da protecção de Jorge de Albuquerque. — Regresso a Pernambuco: afan de negocios e fermentos de luxo na capitania. — A ostentação na metropole. — Lisbôa e a provincia. — Curiosa relação da viagem do cardeal Alexandrino a Portugal em 1571. — A architectura manoelina e a pintura contemporanea. — Quadros portuguezes da collecção Raczynski e seus caracteristicos. — Parecidas tendencias de fausto na Italia. — As disposições sumptuarias e a sua annullação. — Pormenores da fartura pernambucana. — Partida de Bento Teixeira Pinto para Portugal em 1599 e sua estada provavel na India. — A opulencia da conquista asiatica segundo o viajante Leval Pyrard — Cor-

rupção administrativa e amollecimento das energias pela devassidão e traficancia. — As impressões do escriptor exaradas nos *Dialogos*. — Filiação duvidosa d' este trabalho e sem valor do unico argumento contrario formulado. — Importancia dos *Dialogos*: sua significação politica, estimação scientifica e maneira attrahente. — Possiveis imperfeições e sua desculpa nas condições coevas da observação e da imaginação. — A *Prosopopeia*: reminiscencias de Camões e Virgilio. — Differenças profundas que extremam o poema pernambucano dos seus modelos. — Parallelo com Raphael e qualquer copista da sua officina. — Significação e merecimento dos *Luziadas*. — Gabriel Soares, escriptor brazileiro. — O Brazil negligenciado. — Situação europeia insustentavel da Hespanha por motivo da desproporção entre os meios e os designios. — Guicciardini e Willughby testemunhando em seculos differentes a pobreza hespanhola. — Miseria da plebe: os romances picarescos. — O caracter nacional nas altas e baixas camadas da população. — Seguimento da vida de Gabriel Soares: mallogro da sua expedição ás minas. — Valia do *Roteiro*: sua summula. — Encanto da linguagem e amor ao Brazil. — As esperanças e saudades do escriptor. — A Bahia nos fins do seculo XVI. — Os jesuitas negados como escriptores nacionaes pela passividade da sua disciplina e carencia de apaixonado espirito local.

III.

SECULOS XVII—XVIII.

A ESCOLA BAHIANA, O JUDEU E O MOVIMENTO ACADEMICO.

O Brazil e a India no conceito economico do reino. — Uma ostentosa tragicomedia jesuitica fornecendo a summula de tal conceito. — A India feitoria e o Brazil colonia. — Ausencia n' este de circumstancias favoraveis ao desenvolvimento litterario. — Esterilidade da Reforma

e violento sentimento religioso da Peninsula Iberica. — A acção da Renascença. — Dissolução da reacção romana na Italia. — O individualismo e a cultura transalpina. — Parallelo entre a evolução da pintura e a da sciencia e litteratura. — Declinio da poesia. — Situação politica da Italia no seculo XVI: o germanismo, o Papado e o particularismo. — Intransigencia da Curia perante o protestantismo e papel do individualismo. — Natureza d' este individualismo. — Seu effeito no desenvolvimento historico e na evolução artistica. — Caracteristicos da pintura italiana: o idealismo christão e a comprehensão do hellenismo. — Modificação classica da architectura gothica. — Distinctivos da escola veneziana derivados do papel historico da republica e da sua missão commercial: bravura do colorido, pompa dos vestuarios e carencia de uncção religiosa. — Falta de uma pintura de genero. — Predominio italiano na cultura europeia. — As peninsulas Iberica e Transalpina em face da Contra Reforma: apathia da primeira e eclypse da segunda. — O meio de cultura além-mar. — Traços da litteratura brazileira do seculo XVII: a influencia da desenvolução historica do paiz. — Escola bahiana. — A Bahia nos seculos XVII e XVIII. — Abastança sem conchego e sem distincção: depoimentos de viajantes francezes. — Importancia commercial de São Salvador. — Os adornos no vestir e o luxo nas egrejas. — Aspectos da cidade. — Costumes das differentes classes da população: geral depravação. — Os divertimentos. — O meio social e Gregorio de Mattos. — Seu caracter. — Suas satiras. — Sua linguagem particularista. — Inicios do lyrismo na litteratura brazileira. — O gongorismo e o classicismo hostis a esta evolução poetica. — As operas de Antonio José e a tragedia em Portugal. — Feições negativas da obra do *Judeu*: psychologia acanhada e estylo inchado ou chulo. — Heróes e confidentes. — As tramoias e a urdidura comica. — Culteranismo e neo-classicismo. — Espontaneidade derivada da colonia: o elemento imagi-

nativo popular. — A influencia da metropole. — A graça de Antonio José e o gosto do publico. — Bom senso dos criados e exaggeros dos galans. — Os sonetos e as arias. — Naturalidade e sinceridade das modinhas. — Carencia de intenção moral das peças: exemplos. — Ainda o espirito comico do auctor. — O theatro robustecido pelo contacto plebeu: Shakespeare. — Independencia de expressão de Antonio José. — Progressos do seu talento e contrariedades da sua vida. — Lembranças bebidas em escriptores estrangeiros. — Resumo dos predicados que recommendam a obra do *Judeu*: sua invenção dramatica, sentimento do theatro e singeleza poetica. — A triste morte do escriptor. — O movimento academico na Bahia e Rio de Janeiro. — Significação das academias dos seculos XVII e XVIII na Europa a no Brazil. — Gosto pelas indagações historicas: os genealogistas Borges da Fonseca e Pedro Taques. — Distinctivos do historiador Rocha Pitta: seu americanismo manifesto no estylo e sua comprehensão dos factos narrados. — O frade Jaboatão. — A miragem da metropole.

IV.

SECULO XVIII.

COLONIA E REINO.

As explorações de minas caracterizando particularmente a civilização brazileira no seculo XVIII. — Traços da população emigrada para o interior da colonia. — Fundação de villas: Villa Rica e São João d' El-Rei. — As lavras de oiro e a agricultura. — Actividade dos vivandeiros e fausto dos senhores de minas. — Uma brilhante escola poetica tornada viavel pelo bem estar social e pelo influxo ecclesiastico. — Carencia da influencia feminina. — Falhas e miserias contemporaneas. — Minerações de morros e de cascalho: processos empiricos da extracção e lavagem. — Os diamantes, propriedade rigorosamente

fiscalizada da Corôa. — Garimpeiros e contrabandistas. — Tarefa dos trabalhadores escravos. — As minas desde D. Pedro II até á regencia do principe D. João: prodigalidades de D. João V e real pobreza da metropole. — O quinto e as derramas. — A queda de Pombal e a impressão d' este acontecimento na colonia. — Salutares effeitos da politica ultramarina do estadista deposto. — A reacção em Lisbôa. — Contribuições para o estudo da epocha de D. Maria I. — Despotismo da Corôa e baldas das diversas classes sociaes. — Bôas qualidades do povo. — Juizos do pseudo Costigan. — Approximação da degradação moral portugueza com a da França dos seculos XVII e XVIII segundo Fernand Giraudeau. — A dependencia entre a sociedade do reino. — Typos salientes. — Os esboços peninsulares de Beckford. — Quem era Beckford. — Seu pai. — Sua educação. — Feições principaes do seu espirito: a imaginação, a eloquencia, a paixão das bellas artes, o *humour*, o pantheismo, o orgulho. — Suas qualidades de escriptor: propriedade, graça, poder descriptivo, observação e idealismo. — Sua estada em Portugal: onde e como residiu. — Regresso definitivo a Inglaterra: Fonthill e Bath. — Morte de Beckford e seu destino social. — Aviltamento da sociedade portugueza e maior dignidade da hespanhola coeva. — Excepções entre o clero e a nobreza. — O papel do Brazil na renovação dos estudos luzitanos no seculo XVIII. — Inevitavel ausencia na litteratura brazilio-portugueza de um genio creador como Shakespeare ou Goethe. — Lugar de Goethe no renascimento critico allemão e importancia d' este renascimento. — As sciencias experimentaes e a poesia na colonia. — Arcadia Ultramarina: sua verdadeira significação de precursora do romantismo portuguez. — Subordinação economica do reino á possessão. — A influencia brazileira trahindo-se nos divertimentos, nas habitações e na musica. — Caldas Barboza: seu talento de repentista, sua popularidade nos salões e sua simplicidade litteraria. — A Nova Arcadia de Lisbôa e

as desgraças de Lereno Selinuntino. — As modinhas julgadas como a manutenção ultramarina das serranilhas gallegas: derivado valor do lyrismo mineiro para o Snr. Theophilo Braga. — Differenciação brazileira das modinhas: seu delicioso sabor. — Tentativa de sua vulgarização no palco. — O espirito de imitação no theatro: repertorio das scenas de Lisbôa. — Refugiam-se as modinhas nos salões. — A convivencia na sociedade portugueza do seculo XVIII. — Recordações de Beckford. — O intelligente intercurso do seculo XVI annullado pelo sestro da reclusão feminina. — Os embaixadores venezianos na côrte lisbonense de Filippe II. — Situação das burguezas em tempo de D. Maria I e razões da intransigencia masculina. — Travessuras e manhas de namorados. — Caracteristicos desagradaveis do amor portuguez. — O ciume e o mysterio. — O amor romantico de Musset, o amor peninsular de Guevara e o amor do seculo XVIII segundo Ed. de Goncourt. — As modas em Lisbôa: sua modesta acclimação na côrte. — Exaggeros de trajes e de cabelleiras no norte da Europa. — Os cabelleireiros em Portugal. — Deploravel organização militar do reino. — Miserias do exercito antes de Pombal e actividade d'este ministro. — As reformas do conde de Lippe. — Sua invalidação. — A clemencia de D. Maria I e as victimas da Inconfidencia mineira. — O sentimento de conservação nas realezas. — As invasões francezas e as qualidades do soldado portuguez.

V.

SECULO XVIII.

ESCOLA MINEIRA.

A administração ultramarina e a nobreza do reino. — Os pretendentes brazileiros em Portugal e os aggravos da colonia. — A separação dos Estados Unidos. — Modo de formação d'este paiz: diversas especies de povoado-

res. — O governo local, producto espontaneo do desenvolvimento norte-americano. — Politica da Inglaterra para com a sua possessão e auxilio prestado pela França a uma conquista de libertação colonial. — Washington e a Independencia. — O estudante Maia e Jefferson. — A propaganda pelas ideias. — Caracteristicos litterarios e philosophicos do seculo XVIII. — A subversão do pensamento attingindo a utopia e provocando a ruina do antigo regimen. — As *Memorias* de Talleyrand e a obra de Napoleão. — O delirio philosophico e o pujante edificio intellectual da Encyclopedia. — A revolução mental no Brazil: politica e litteratura. — Epicos e lyricos mineiros e seus distinctivos litterarios. — Dupla acção da hereditariedade e do meio physico. — O individualismo na poesia. — J. J. Rousseau e Bernardin de St Pierre: a litteratura ingleza do seculo XVIII. — Alterações no estylo exercidas pela escola mineira. — A transformação philologica na França. — Papel de Victor Hugo no posterior movimento romantico, segundo o Snr. Theophilo Braga. — Comparação com o papel de Sophocles na antiguidade grega. — A arte em Minas Geraes. — Ausencia na metropole de real senso artistico. — A epopéa litteraria na colonia. — Basilio da Gama e o *Uruguay*. — Impressão indianista e carencia de convenções mythologicas. — Alguns episodios interessantes d'este poemeto americano. — Santa Rita Durão. — A lenda do Caramurú reduzida por Varnhagen ás suas proporções historicas. — O typo de Diogo Alvares. — Defeitos e qualidades do poema de Durão em parallelo com o de Basilio da Gama. — Inferioridade litteraria do autor do *Cara-*
maior expressão patria. — O portuguez e o
nstituição da nova nacionalidade. — O senti-
atureza brazileira em seu auge. — Ambos os
os considerados manifestações particulares. —
no e a preoccupação religiosa no *Caramurú*.
cipação litteraria. — O metaphysismo e o
Durão falseando-lhe a observação ethno-

graphica. — O indianismo e o luzismo na comprehensão do autor. — O passado heroico do Brazil resumido no *Caramurú*. — A noção de patria gerada das recordações historicas. — Brunetière e a sua applicação á critica da theoria darwiniana. — Evolução, transformação e adaptação das especies animaes e dos generos litterarios. — Declinio da epopéa e desenvolvimento do lyrismo. — Caracteres herdados pela poesia subjectiva. — Condições ultramarinas d'esta expansão: a fusão de raças, a acção do meio e a consequente sensação pessoal. — O nativismo politico e o espontaneo particularismo litterario. — Idiosyncrasia do Brazileiro. — Carencia de meios praticos para effectuar-se a aspiração libertadora. — Caracter nacional da escola mineira relativamente aos escriptores anteriores. — Prenuncios do romantismo: individualismo e sentimento da natureza. — Valor real d'esta expressão. — O movimento romantico brazileiro e a imitação estrangeira: influencia de Chateaubriand. — Differenças entre as escolas mineira e romantica. — A permanencia classica. — O amor na poesia mineira. — O thema religioso ainda inexplorado. — As modificações na linguagem olhadas pelo seu verdadeiro prisma. — O alto valor da pleiade. — Claudio e sua orientação litteraria directamente influenciada pela Arcadia. — Ultimos vestigios do gongorismo. — Permanente melancholia do poeta: variadas manifestações d'este distinctivo. — Qualidades dos *Sonetos*: lyrismo absolutamente subjectivo do autor. — Gonzaga e sua mais espairecida comprehensão do amor. — Impressão da natureza. — Simplicidade da expansão affectiva na escola mineira: a fascinação exercida pela amante. — Marilia e Dirceo. — A sensação da belleza physica. — Quadros de vida animal e social. — Graça e clareza das *Lyras*. — Subordinação das recordações mythologicas. — Effeitos poeticos das desventuras do autor: constancia da meiguice, da confiança e da bondade. — Marilia, aspiração exclusiva de Gonzaga. — A elevação e o grandioso em Alvarenga Peixoto, lyrico

objectivista. — Sua felicidade domestica determinando uma diversa concepção affectiva. — O amor conjugal e o amor sensual. — A actividade industrial do poeta provocando uma maior percepção particularista. — Silva Alvarenga, exemplar o mais complexo da escola. — O que elle ajuntou á obra dos seus companheiros: a invenção verbal e o colorido brazileiro. — Influxo do neoclassicismo. — As modinhas e o lyrismo colonial. — Os *Rondós*: razões da variedade da sua expressão. — Predicados nacionaes do poeta: a ironia e a ardencia. — Lembranças da natureza ultramarina. — Posição de Silva Alvarenga entre o bucolismo arcadico e o renascimento romantico e laços por que se prende a ambos os campos. — Inclinação merencoria e amor erotico. — Sua viva e serena comprehensão da natureza dominada pela visão de Glaura. — Maior penetração dos rondós tristes: languidez e saudade. — Os *Madrigaes*, manifestação perfeita das qualidades de estylo e de sentimento de Silva Alvarenga: germens do lyrismo romantico brazileiro. — Cyclo affectivo dos madrigaes: a victoria do amor. — As demais composições do poeta, laudatorias ou satiricas, eivadas da extrema correcção classica. — Ensaio de poesia scientifica. — Infortunio dos lyricos mineiros: perseguições officiaes que soffreram. — Sua deferencia politica e intellectual para com o reino. — De que modo influio esta reverencia no comportamento de cada um d' elles em face da desgraça. — A concepção patriotica na escola: inevitavel frouxidão do sentimento nacional. — O nativismo litterario: Alvarenga Peixoto. — Consciente aurora mental do Brazil.

ASPECTOS DA LITTERATURA COLONIAL BRAZILEIRA.

I.

PORTUGUEZ, INDIGENA E NEGRO.

Até meados do seculo XVIII a litteratura brazileira, isto é, a manifestação dos sentimentos da nação brazileira considerada como um aggregado moral, uma familia espiritual ligada por tradições e aspirações communs, não existe. Constitue um méro prolongamento da litteratura da metropole. Afóra as tendencias geraes que em certos periodos teem arrastado o gosto litterario n' uma determinada direcção, por exemplo o movimento culteranista do seculo XVII reagindo em todo o Occidente europeu contra o exaggero da imitação classica, e a renovação romantica do começo do seculo actual indo beber a inspiração nas fontes medievaes; Portugal sobrepunha-se primitivamente á sua colonia com toda a superioridade de um meio educado e culto, pouco

proprio a ser comparado com um campo de lucta physica pela existencia, onde aos batalhadores quasi se não offereciam ocios para emoções poeticas nem para especulações philosophicas.

Os aventureiros rixosos e os colonos laboriosos que abordavam á terra de Santa Cruz sob o commando de cavalleiros sem vintem e de abastados fidalgos empenhados com todos os seus cabedaes n' uma problematica empreza de exploração, desembarcavam ávidos, não de errar contemplativamente pelas magnificas florestas virgens em busca de impressões novas, mas de arrecadar com a ganancia dictada pelo sangue semitico que lhes borbulhava nas veias, uns saquiteis de oiro, ou pelo menos de pedir á terra feracissima productos que os valessem. Na tarefa continua, tanto de manejarem a picareta e a enxada como de desenferrujarem a espada, mareada na enfadonha travessia, no sangue dos indigenas anthropophagos e dos invasores estrangeiros, escasseava certamente o tempo para desfastios intellectuaes. Comtudo n' esta communidade de esforços para o embate offerecido ás flechas e ciladas dos aborigenes, aos canhões e frotas dos europeus desde Villegaignon até Duguay-Trouin; n' esta fraternidade de pensamentos de defeza, ia-se formando nos esparsos nucleos de civilização o sentimento nacional, o qual entra a revelar-se com maior clareza na segunda metade do seculo findo, emprestando desde então á litteratura, começada a florescer com mais palpavel vigor, o seu ar particularista. Até esse ins-

tante as lettras brazileiras apresentam com rarissimas excepções, a de Gregorio de Mattos Guerra por exemplo, uma imagem pouco brilhante das modificações por que passava na metropole a corrente das ideias debaixo da acção de influencias estrangeiras.

Hoje ainda a grande nação sul-americana conserva no seu organismo politico e social a vibração do longo dominio portuguez, não tendo igualmente conseguido distanciar por inteiro a sua litteratura, desabrochada com tamanha louçania, da poderosa influencia ethnica que peza sobre todas as manifestações de vida do paiz. Na composição do forte producto mestiço, typo differenciado que forma o brazileiro, entra o portuguez como factor preponderante. Evidenceia-se physiologicamente no predominio da côr branca, e psychologicamente, entre outras expressões, na explendida irradiação do lyrismo brazileiro, talvez a mais bella prova de emoção da America do Sul, que directamente se filia no doce e melancholico lyrismo portuguez, o qual no seculo XVI produziu Bernardim Ribeiro e Christovão Falcão e recentemente gerou Soares de Passos e João de Deus. De facto os estrangeiros que teem realmente estudado a litteratura portugueza, são concordes em attribuir á sua poesia lyrica um cunho de ternura e á pastoril um ar de suavidade superiores ás dos outros paizes do Meio Dia, e especialmente dissemelhantes da pompa e altivez hespanholas.

Representando o Brazil historica e moralmente

uma nação, com fronteiras delimitadas na sua maioria, constituição peculiar e tradições locaes cimentadas, é justo que a sua vida espiritual tenha deixado de ser uma simples prolação da d'aquelles habitantes da faixa mais occidental da Europa, que descobriram, conquistaram, dominaram, povoaram ou modelaram tantas regiões desconhecidas. Todavia, muito embora a mudança de meio e o cruzamento de raças diversas já redundassem em differenças anthropologicas, e a mesma lingua se haja dialectado por motivos de clima, approximação de idiomas estranhos, divergencia de ideias e sentimentos, e outros, não é por ora completa a emancipação intellectual da antiga colonia portugueza, posto que presentemente libertada de importadas normas politicas e em caminho de funda, comquanto pacifica, reorganisação social. O typo do brazileiro, typo distanciado dos seus factores componentes e em via de realização, diariamente denuncia-se dotado de actividade propria na grande empreza renovadora da sua nacionalidade, que máu grado interrupções momentaneas, alheias á genuina expressão patria, estabelece-se com sympathia e manter-se-ha com vigor. Foi elle que surgiu por entre o facil esboroamento das velhas fórmas bastardas do trabalho servil e do imperio centralizador, transformando os escravos em verdadeiros cidadãos, e firmando a intima federação das provincias da vespera, ciumentas e divergentes, em um pacto confiado e democratico de Estados autonomos. É elle que ha quatro seculos

quasi funde incessantemente as tres raças — branca, cabocla e negra —, retirando do cadinho em que se opera este cruzamento physico, ou pelo menos moral, conforme muito judiciosamente os distingue o Snr. Sylvio Romero, a consciencia de constituir um producto no seu alvorecer.

Sabemos que o portuguez figura como parte principal do brazileiro. Ao colonisador deve a possessão americana a sua civilização lenta, porém segura, os sentimentos moraes que forneceram tenacidade á resistencia contra os dominadores estranhos, e em maxima parte os que emprestaram fervor á campanha da obtenção de regalias liberaes, quando soou a hora das conquistas politicas.

Os aborigenes, ou sejão os que segundo os ethnogenistas mais puro conservaram o caracter autochtone, ou sejão os que mais intimamente foram penetrados pelas tribus mongolicas, pouquissimo influiram na nossa evolução por uma fórma immediata, apezar do vasto e util cruzamento. Eram de um espirito rude. Em religião mal tinham ultrapassado o periodo naturista, em que o divino se presente na natureza magestosa e por vezes inclemente, pois n'elles o culto dos astros era simplesmente uma extensão do fetichismo. Este tambem transparece nos idolos como os de Marajó e Taperinha, alguns dos quaes affectando o symbolo tradicional dos maracás, e nos que, informa o padre Ivo d'Evreux, os indios maranhenses entraram a fabricar no seculo XVI de accordo com as proprias concep-

ções mas sob o influxo do culto catholico, poderosissimo nas modernas ideias religiosas dos selvagens, a ponto de haver-se verosimilmente originado o mytho do Deus Tupán, metaphysico Ente Supremo, no genio da trovoada, habilmente invocado pelos missionarios para incutirem nos indigenas as primeiras crenças theologicas.

Seguindo Augusto Comte *(La Philosophie Positive, Sociologie)*, o fetichismo diviniza qualquer objecto ou qualquer phenomeno susceptivel de attrahir a fraca attenção da humanidade balbuciante. A astrolatria, segunda phase d'este estado, já constitue no emtanto um preparo para o polytheismo, com o qual o principio religioso modifica-se profundamente, sendo a actividade divina primordial, resultante da assimilação de todos os phenomenos com os actos humanos, retirada aos seres reaes para tornar-se o attributo de seres ficticios, susceptiveis para o philosopho de eliminação gradual sob o impulso ulterior da razão. Baseada a rudimentar theogonia (?) indigena, como quer o Snr. Couto de Magalhães, no principio da reproducção, introduz por este facto uma ideia geral symbolizada em fetiches reaes como o sol e a lua, ou figurados como os chamados idolos phallomorphos. Juntando-se a tal principio de vida a crença temerosa nos appellidados espiritos máus, grotescamente anthropomorphos, vemos que manifestamente offerecem um começo de transição religiosa.

Defendidos a custo pelos jesuitas das brutalidades dos conquistadores, os indigenas sumi-

ram-se paulatinamente, já pelo cruzamento, já pela deserção e dizimação, soffrendo em qualquer dos casos a dura applicação da lei de selecção natural. A propria educação cautelosamente manejada pela Ordem, ainda que amoldada á sua intelligencia, tornou-se fatigante para os miseros, os quaes todos os europeus mais ou menos accordavam em elevar no espaço de poucos annos a um nivel de civilização incompativel com a sua estructura cerebral, e que no Velho Mundo era fructo de uma integração de desenvolvimentos parciaes feitos atravez de muitas gerações.

No terreno da arte legou-nos este segundo factor do producto nacional as variegadas ornamentações de pennas e alguns interessantes exemplares ceramicos, como os vasos e pratos da ilha de Marajó, cujos caracteres figurativos e symbolos impressos accusam, segundo foi observado, notavel parecença com os hieroglyphos egypcios, mexicanos, chinezes e indianos — o que para alguns póde porventura, e para outros seguramente explicar-se pela base commum de civilização amarella, que senão como traço principal, pelo menos como feição subsidiaria encontra-se, ou pretende-se encontrar, n'aquelles differentes centros de cultura.

Os objectos ceramicos americanos são singularmente analogos aos dos povos orientaes pela capacidade e modelo, além dos ornatos. Distinguem-se sobretudo pelo bem copiado da figura humana, chegando alguns dos seus desenhos a constituir verdadeiros retratos de uma extraordi-

naria semelhança. Dá-se o mesmo com as estatuas egypcias que, não trahindo a belleza ideial das esculpturas gregas, salientam-se pelo realismo da sua execução. Para alguns archeologos, entre outros o distincto escriptor francez M^r. de Nadaillac, a parecença de capacidade, modelo e ornatos entre os vasos americanos e os do antigo continente, não basta para sobre ella assentar-se com verosimilhança a communicação entre os habitantes do Velho e do Novo Mundo. Si aquelles trabalhos ceramicos apresentam analogias, será sobretudo porque, sendo os antigos habitantes dos dois hemispherios identicos pela estructura ossea e pela intelligencia, deviam consequentemente elaborar os mesmos desejos, iguaes pensamentos, e analogas concepções; conhecer as mesmas necessidades da vida e empregar os mesmos meios de satisfazel-as.

Sabemos por exemplo que os ornatos zoomorphos são communs a toda a ceramica primitiva, e que a urna funeraria anthropomorpha, ou pelo menos anthropocephala, é usada em todos os continentes. Notam-se tambem (Dr. Ladislau Netto, *Invest. sobre arch. braz.*) entre idolos amazonicos e idolos de Troia e Mycenas, entre vasos e urnas funerarias achados n' estes pontos afastadissimos do globo, parecenças até agora inexplicaveis, pois que afigurar-se-ha por certo em extremo arrojado o pretender filiar taes semelhanças em origens e penetrações impossiveis presentemente de comprovarem-se. E comtudo outra analogia, mais do que isto, identidade de fórma,

substancia e trabalho observada pelo marquez de Nadaillac entre os silices encontrados nos *mounds* e florestas da America e os achados nos tumulos da Siberia, nas sepulturas do Egypto, no sólo da Grecia e nos grosseiros monumentos da Scandinavia, poderia um profano empirica mas razoavelmente explical-a pelo fundo geral mongolico. Na Siberia, o elemento dominante é o amarello; no Egypto, foi capital a sua influencia; na Grecia, dizem trabalhos modernos que antes da entrada do elemento proto-arico — a raça pelasgica —, povos selvagens ahi fixaram-se pertencentes á raça kuschito-semita, cuja séde de desenvolvimento foi a bacia do Mediterraneo, sendo innegaveis as suas intimas relações com os bérberes do Egypto, producto do cruzamento mongolico; na Scandinavia finalmente, as tribus laponicas fornecem vestigios evidentes de haver chegado a irradiação da raça essencialmente asiatica áquelles remotos confins da Europa.

Muito embora reconhecendo-se que no terreno de quejandas comparações, como no das approximações glottologicas ou no dos attributos graphicos, é força caminhar com summa precaução; que são faceis os enganos e tentadoras as hypotheses, ha porém motivo para julgar-se exclusiva a maneira de encarar o parallelismo de duas ou mais evoluções artisticas, partindo do principio de que as raças humanas são anatomica e *intellectualmente* analogas. A evolução biologica póde e deve ter sido igual nas varias partes do mundo, mas o positivo é que a acção do meio

— o clima, a alimentação, e outras condições cosmicas — influiu na diversidade dos caracteres physicos do homem, bem como no seu divergente desenvolvimento psychologico. Mesmo admittindo a monogenia do homem, teriamos de reconhecer as discrepancias de raças em virtude do facto apontado por Blainville — de temperamentos levados ao extremo limite das variações normaes de que o organismo correspondente era susceptivel, tornadas estas mais persistentes pela influencia continua de um meio fixo e mais pronunciado durante uma longa serie de gerações sobre uma especie primitivamente homogenea.

A classificação ethnologica do fundador do positivismo nos indica de resto taes differenças. Segundo Comte a raça branca é dotada de um caracter essencialmente especulativo; a amarella de um caracter essencialmente activo; e a negra de um caracter essencialmente affectivo. Tomada em geral, a raça vermelha parece apresentar como elemento autochtone profundamente penetrado pelas gentes mongolicas, uma fusão em que predominam os caracteres da raça amarella, relativamente superior, cujo contingente teria sido valioso na formação das tribus americanas.

A evolução artistica do Novo Mundo foi grande, querem mesmo que superior á da Europa em equivalente periodo de desenvolvimento. Ao passo porém que os Aryas apresentavam na sua disseminação, independente ou não de cruzamentos, um constante e vantajoso progresso; os Americanos, os quaes em remotissima antiguidade,

conforme attestam os raros, e alguns controversos, documentos, tinham evidenciado a sua energia physiologica nas luctas titanicas contra os animaes possantes do periodo quaternario, e na reacção contra os cataclysmos da natureza, esphacelavam-se, debandavam nús e famintos ante poderosas migrações. Pouco menos selvagens, os novos habitantes do vasto continente, a começar pelo homem dos sambaquis, levaram vida igualmente desgraçada. Alguns, mais felizes, dedicavam-se a uma lavoira rudimentar, e chegavam, ao cabo de um gradual desenvolvimento, a executar construcções cyclopicas, como os *mound-builders*, ou a ensaiar uma elementar organização social communista, como os *cliff-dwellers* e os habitantes dos *pueblos* agricolas do Colorado, Novo Mexico, Utah e Arizona. Combatiam outros pela posse de um rio mais piscoso ou de uma floresta mais abundante em caça, como os selvagens do Brazil, ainda os do tempo da descoberta. Crueis sem excepção, quasi todos anthropophagos, devorando-se uns aos outros, e refugiando-se das féras e dos semelhantes em tócas sombrias, rochedos inaccessiveis e palhoças miseraveis.

Da sua marcha intellectual, mesquinha comquanto prolongada, nada nos consta. As ruinas mexicanas e peruanas e os documentos artisticos ahi encontrados testemunham em epochas mais recentes, coevas de outros homens, e em lugares restrictos, civilizações incomparavelmente mais adiantadas, o desdobrar de povos, não mais de

tribus nómadas. Os habitantes da America Central — Mayas e Nahuas —, florescentes nas bordas do Golfo do Mexico, que na historia da desenvolução americana representou o papel do Mediterraneo na da desenvolução europeia, deixaram annaes altamente dramaticos, repletos de terriveis e sanguinolentas discordias e de frequentes e horrorosos sacrificios humanos. A sua historia tambem attesta uma poderosa hierarchia religiosa; uma organização social excluindo a propriedade pessoal e os direitos hereditarios, e comprehendendo a eleição para os cargos e a absorpção do individuo pelo *calpulli*, o qual, reunido a outros agrupamentos identicos, formava a tribu, parcella da confederação nahua; até sumptuosidades que bem merecem o cognome de asiaticas. Os Quichuas e Aymarás, dominados pelos Incas, enriqueceram e preoccuparam os hespanhoes mercê das suas riquezas maravilhosas, da sua cópia de metaes preciosos. Ficaram-nos nas chronicas castelhanas e nos proprios destroços peruanos, lembranças de uma grande classe sacerdotal ostentando-se nas cidades santas; de um verdadeiro communismo social sobrepujado pelo despotismo absorvente do Inca; de monumentos imponentes — espaçosos templos e palacios, admiraveis fortificações e extensissimas estradas — exaggeradamente desproporcionados com a exiguidade dos recursos de trabalho existentes; de uma religião na qual, é quasi certo, os astros eram adorados como manifestações de um poder occulto e superior.

As tradições d' estas civilizações immobilistas, nos seus interessantes pormenores; os hieroglyphos do Yucatan, as pedras pintadas do Mexico e os quipos (systema de communicação e recordação por meio de fios de côres variaveis e cordas com nós separados por distancias desiguaes) do Perú, na sua mudez irritante; os apontamentos dos escriptores coetaneos da conquista, apenas permittem conjecturas sobre a invasão de povos de differente raça no territorio americano, suscitadas aliás por analogias de lendas religiosas e conformidades de intenções artisticas, e consentem divagações sobre as successivas dynastias que disputaram o imperio mexicano, e sobre a inabalavel autocracia dos Incas. Guardam porém silencio desesperador, não só sobre a origem dos referidos immigrantes, si, como é mais que provavel, os houve, mas tambem sobre as contendas barbaras que durante tantos seculos antes d' aquellas civilizações ensanguentaram o vastissimo sólo da America; sobre as migrações forçadas dos bandos mais fracos; sobre as infiltrações constantes que augmentavam a confusão sem diminuirem a desaffeição; n' uma palavra, sobre todo um passado mysterioso de ignorancia, de odio e de violencia.

O rancôr que entre si mantinham as tribus indigenas do Brazil no momento do descobrimento, e que os portuguezes aproveitaram alliando-se com umas contra as outras, revela a tradição viva d' este longo periodo decorrido de pelejas, com armas que do duro silex e do rude

diorito passaram ás flexiveis cannas das flechas e ao inquebrantavel páu-ferro das azagaias e da maça pezada,

> Com que abate no campo os inimigos,
> Como abate a seara o rijo vento.
>
> (Basilio da Gama, *O Uraguay*).

Nem ficaram na transição os primitivos instrumentos desdenhados, pois conta Pero Vaz de Caminha, na relação da descoberta da terra de Vera Cruz enviada a el-rei D. Manoel, que "eles (os indigenas) non teem cousa que de fero seja e cortam sua madeira e paaos com pedras feitas coma cunhas metidas em huũ paao antre duas talas muy bem atadas e per tal maneira que andam fortes....." (1 de Maio de 1500).

Das que até hoje hão fornecido as pesquizas archeologicas em nosso immenso mas apenas explorado paiz, são as antiguidades de Marajó as mais interessantes para o estudo da prehistoria brazileira, tanto pela maior correcção da technica ceramica e do desenho, o qual perdêra n' estes exemplares o puro traço geometrico para apresentar gravuras mais complicadas; como pela revelação que nos trazem de um certo sentimento de hierarchia social, desconhecido entre as demais tribus, com as quaes Cabral deparou, a não ser o relativo respeito prestado ao chefe, e manifestado entre a que algum tempo occupou a ilha amazonica pela variada riqueza de ornamentação das urnas funerarias soterradas no *mound* do

Pacoval, e das tangas de argilla, outrosim denunciadoras de um nascente pudor feminino.

Em todas as tribus que povoavam o Brazil por occasião da invasão portugueza eram os homens combatentes e artifices as mulheres. N' aquella grey desapparecida porém as mulheres, ao que parece, eram mais ainda do que oleiras — arte attribuida ao sexo feminino em todas as tribus selvagens, segundo a opinião do professor Hartt —, impondo-se provavelmente á consideração masculina pela perfeição artistica dos seus trabalhos, cujas figuras humanas quasi sempre as representavam. Seriam, aventa o Dr. Ladislau Netto, sacerdotizas, porventura guardas das tradições nacionaes; a menos que não executassem a sua ceramica monumental debaixo da direcção de sacerdotes, especie de escribas e talvez antes chronistas. O nosso ethnogenista chega a perguntar si a memoria de tão saliente e estranha organização feminina não seria participe da concretização, no magestoso rio, da fabula das Amazonas, espalhada por Orellana após sua aventurosa viagem rio abaixo, do Perú até o Atlantico.

Fallámos do *mound* de Marajó. Preparavam-se estes enormes aterros para variados propositos. Havia-os destinados a templos, a lugares de sacrificios, a necropoles, a habitações dos chefes e postos de observação, além dos defensivos, formando um recinto de fortificações, por exemplo os encontrados na America do Norte, e dos levantados por tribus confinadas pelas guerras em uma limitada esphera territorial e forçadas a

libertarem-se das inundações produzidas pelas cheias, conforme julga o Snr. Couto de Magalhães *(O Selvagem)* que acontece com o aterro de Marajó. Os *mounds*, certamente construidos por milhares de operarios, insensivelmente acarretam outra lembrança do Oriente: lembram as pyramides do Egypto, penosamente levantadas por legiões de *fellahs*. Commandava-as aqui o capricho de um autocrata; ordenava-as alli muitas vezes a crença, soberano não menos despotico. O typo colossal é em ambos os generos de construcção o favorito, e tal typo é caracteristico da cultura amarella. A arte arica distingue-se pelo canon ou medida, pela legitima proporção; a oriental pelo desmarcado, pelo grandioso das suas obras onde, na phrase de um escriptor allemão, a ideia de medida jaz sepultada no extraordinario quantitativo. Impera n' esta o enorme, o immenso: a fórma afunda-se na extensão, na materialidade, na natureza. Allia-se n' aquella "a perfeição qualitativa da fórma com um conteúdo de vida riquissimo".

Apparece-nos para mais identico o destino dos *mounds* funerarios e das pyramides. Recolhiam-se nos primeiros, em vasos de argilla, os ossos dos companheiros fallecidos e, diz-se com relação ao de Marajó, previamente enterrados nos campos. Guardavam-se nas segundas, envolvidas em faixas, as mumias esqualidas dos sacerdotes impassiveis, dos guerreiros valentes e das filhas donosas do Nilo. Patenteava-se pois entre os egypcios, como entre os americanos, o

culto dos antepassados, tão poderoso sempre na China e acompanhado em todos estes habitantes de paizes longinquos da convicção, embora differentemente manifestada, de uma vida futura. Sómente no Novo Mundo, com excepção do Mexico e do Perú, esse culto não exerceu, e isto sobretudo por circumstancias de desenvolvimento intellectual, influencia quanto á constituição da cidade, á semelhança do que aconteceu na antiguidade europeia como magistralmente nol-o descreve Fustel de Coulanges *(La Cité antique)*.

Na America Central e nas costas meridionaes do Pacifico o respeito pelos mortos attingiu com as civilizações aztéca e incásica proporções desusadas. Abundavam no Mexico as cerimonias funebres fundadas na superstição de uma longa e perigosa viagem posthuma, e cruelmente acompanhadas das immolações humanas. Acha-se o Perú coalhado de monumentos mortuarios, necropoles em fórma de pyramides ou *chulpas* em feitio de torres. A veneração dos nossos tupis (extendendo-se como de costume o nome de tupis á raça selvagem do Brazil, posto que com razão se queixe o Dr. Paulo Ehrenreich d' esta *tupimania*) pelos seus mortos exhibia-se no facto de os enterrarem piedosamente, de pé em covas ou dobrados em vasos de barro, e ainda no uso mais raro de os comerem, dispensando-lhes por consideração tão "barbaras exequias", na expressão de um missionario. Quando sepultados, eram com elles subterrados, segundo o costume geral americano, collares, plumas, iguarias, e até, entre

as tribus agricolas, seus utensilios "afim de que possam na outra vida fazer suas plantas e não morram de fome". (Pe. Simão de Vasconcellos, *Chronica da Companhia no Brazil.*)

A raça dos *mound-builders* floresceu em epocha bem remota, impossivel comtudo de poder ser precisada, nas regiões da America do Norte comprehendidas entre os Lagos e o Golfo do Mexico. Em este territorio, violentamente percorrido por essas tribus na direcção norte-sul, são frequentissimos os aterros affectando fórmas animaes e allegorias a acontecimentos da vida da communidade, além de evidentes vestigios de outros trabalhos gigantescos como a construcção de canaes ligando rios a lagos, e a exploração de minas de cobre. Realizaram pois os *mound-builders* no continente septentrional o typo de uma civilização comparativamente superior extincta, tão caracteristica que, máu grado algumas opiniões em contrario, a maioria dos ethnogenistas recusa-se a reconhecer-lhes os representantes nos indigenas que na epocha colombina occupavam o theatro do pristino desenvolvimento d'aquelles povos mais cultos, seus problematicos ascendentes.

Julga-se os exemplares ceramicos de Marajó semelhantes pela composição e factura aos encontrados, bastantemente nos *mounds* da America do Norte e mais raramente na parte da America Central onde existiu uma civilização devéras notavel. Quanto á decoração, observa o anthropologista portuguez Dr. Ferraz de Macedo *(Ethnogenia Brazilica)* que a ceramica e a escul-

ptura americanas distinguem-se da grega e da romana por não usarem os artistas de figuras lascivas, pois como taes não quiz o autor tomar as innocentes, mesmo religiosas reproducções phallicas. Approximam-se todavia da oriental pela fiel representação da realidade physica e especialmente do rosto humano, notando-se ainda que a maneira e expressão das estatuas egypcias, e hindús em suas exhibições buddhicas, além de pormenores de vestuario e outros, encontram-se em documentos não só antigos como dos mais modernos do Novo Mundo, por exemplo os de Palenque no Chiapas (Mexico). Estas analogias, augmentadas com o facto da pyramide truncada servir de base a todas as edificações mexicanas, não obstam a que a arte dos Mayas e Nahuas, tanto a architectura como a esculptura e a ceramica, possúa uma physionomia propria, como que um estylo differenciado.

Explica-se o naturalismo artistico dos Asiaticos e Americanos porque o genio especulativo dos Aryas procura em suas esculpturas e gravuras fixar o typo humano ideial, entrevisto nos devaneios da sua soberba imaginação; ao passo que o Mongol, puro ou em seus derivados, mais comezinho, de uma raça antes activa, desdenha a perfeição imaginosa, contentando-se com copiar a natureza. Uma occorrencia conhecida prova quão meticulosa era a copia da realidade objectiva entre os egypcios, nação cujo typo negro aborigene recebeu uma forte infiltração de sangue mongolico, proveniente das migrações amarellas.

A estatua de madeira denominada *Cheik-el-beled* (chefe de aldeia) recebeu este nome por julgarem os operarios que trabalhavam sob as ordens de Mariette, ao desenterral-a, ser ella o retrato do *cheik* da sua tribu.

Não só esta, como todas as estatuas egypcias apresentam um tom de sincero naturalismo e conservam bem viva a caracterização da individualidade. Os habeis artistas desconhecidos porém, que modelaram em diorito e em basalto tantas esculpturas severas, seriam incapazes de traduzir no marmore, não o vigor másculo, mas a energia dominadora, a serenidade olympica de um Jupiter de Phidias, ou a concepção moral de um Moysés de Miguel Angelo — productos da privilegiada raça arica. Na esculptura e ceramica americanas, como nas creações mythicas dos nossos aborigenes, as evocações anthropomorphas são de preferencia levadas sempre para o grotesco. As opulentas collecções do Museu Ethnographico de Berlim dão-nos d' isto testemunho. Dir-se-hia, ao examinarmos os vasos e estatuetas mexicanas e particularmente as peruanas, que assistimos a um perpassar de caricaturas. E é tal o rebuscado do burlesco que não podemos leval-as á conta de incorrecções artisticas. Predomina o realismo onde se nos não depara a intenção ridicula, devida a não sei que predisposição de espirito. Póde crêr-se que, inapta para elevar-se ao bello, a imaginação d' esses povos procurava no exaggero da fealdade o meio

de incutir, senão a admiração, o terror religioso e a deferencia social.

Menos organizados para a resistencia, ou tendo que ceder ao numero e á ferocidade, — como, apezar da inexpugnabilidade das suas moradias, os *cliff-dwellers* do Oeste norte-americano vencidos pelos Apaches, aliás favorecidos por provaveis accidentes geologicos —, os *mound-builders* de Marajó terião sido batidos e dispersos pelas tribus vizinhas, mais barbaras e mais numerosas. Eram estas porventura, ou antes quasi certamente a elles alheias. Pergunta-se com effeito, ao revêr a diversidade de figuras da ceramica legada pelos constructores do aterro do Pacoval, cujo parentesco com os povos da America Central querem alguns estabelecer, si não seriam essas imagens alguma coisa mais do que méras, inexplicaveis fantasias: reminiscencias de outros meios, influencia de physionomias estranhas? E — comquanto a arte indigena americana mostrasse-se sempre insensivel á natureza vegetal, desprezando as folhas e flôres pelos animaes, como si o dar áquellas apreço devesse evidenciar uma mais alta cultura — interroga ainda o Dr. Ladislau Netto (*ob. cit.*) si o facto dos artistas de Marajó desdenharem em seus desenhos ornamentaes as bellezas florestaes da feracissima região amazonica, indo procurar quasi exclusivamente a inspiração no reino animal, não denunciará igualmente a poderosa tradição de um paiz originario desprovido de mattas opulentas? A preoccupação do mundo zoologico entre os nossos

indigenas era todavia tão espalhada e forte, que ainda em a relação das suas duas recentes explorações no interior do Brazil, narra o Dr. v. d. Steinen o facto dos actuaes selvagens das margens do rio Xingú emprestarem aos bichos das florestas uma organização similar á sua propria, julgarem ter d' elles recebido varias invenções, e nas suas festas disfarçarem-se em varios animaes.

O que de positivo contamos apenas é que taes immigrantes, apezar de seu relativo adiantamento, não actuaram em um qualquer desenvolvimento geral. Talvez mesmo que nos vaivens da fuga a sua intellectualidade mais esclarecida se houvesse abastardado ao ponto de encontrarmos os descendentes d' aquellas tribus em alguns dos povos vencidos, dizimados, esparsos pelo interior — "gente branda e mais tratavel e domestica que o mais gentio que ha na costa do Brazil" (Gabriel Soares, *Roteiro do Brazil*) — que por occasião da descoberta ainda experimentavam a insolencia brutal da raça do littoral. Os indigenas brazileiros estacionaram na verdade todos em uma lastimosa condição de barbarie, sendo pouquissimas as tribus que passaram sequer do primeiro estádio da evolução do homem, o de caçador, para o de agricultor; ou pelo menos que se entregaram a uma lavoira regular.

Nos velhos chronistas peninsulares, áparte perdoaveis exaggeros, deparam-se-nos porventura os mais seguros guias para o estudo dos costumes e das tradições indigenas. As gentes selvagens constituiam no seculo XVI o triplo as-

sumpto capital offerecido pelo Novo Mundo á curiosidade litteraria, á ganancia commercial e ao proselytismo religioso. Recolhiam-se portanto ávidamente todas as indicações tendentes a esclarecer o problema nebuloso da sua origem, as facilidades da sua domesticidade, e os cambiantes dos seus sentimentos e disposições como base de educação. Apóz uma quasi solução de continuidade, desmanchada pelos viajores estrangeiros do principio do seculo e seguidamente pelo nosso romantismo indianista, prosegue ainda a moderna ethnogenia, quanto ás migrações e transplantações dos bandos americanos, no mesmo labyrintho de ha trez seculos. Menos eivada por certo de preconceitos, proclamando empunhar tão sómente o facho da observação directa e desapaixonada, mas tendo visto cercear-se extraordinariamente o campo das suas indagações pela grandissima diminuição dos aborigenes, e desfigurarem-se entre estes ao contacto europeu a singeleza das suas ideias e a transparencia das suas tradições.

A ingenua curiosidade dos primitivos exploradores e missionarios, tanto quanto a subtil pesquiza dos modernos ethnologos e anthropologos esbarram perante centenares de difficuldades, de interrogações cuja resposta provavelmente o passado guardará para sempre, insensivel aos rogos e ás sobrancerias. Em semelhante terreno a lenda espadana livremente; assumem as fabulas um verniz de transmissão, e a realidade e a fantasmagoria tocam-se tão de perto que chegam a

misturar-se n' um mesmo tom confuso, de nevoa e de pesadelo.

Começam os ethnogenistas por discutir si a America povoou a Asia, ou si esta aquella, e tal problema inicial, permanecendo sem solução, dá origem a uma infinidade de hypotheses, algumas incongruentes, outras plausiveis, que todas frequentemente transmudam o campo severo da sciencia em arena de discussão imaginosa. Repetem os menos árduos na defeza de uma opinião preconcebida, os que buscam um terreno de razoavel transacção, que as transformações successivas da monéra deviam em sua escala progressiva ter chegado ao homem em diversos pontos do planeta; que, embóra não se haja exhumado jámais do sólo americano, como tampouco do do Velho Mundo, o devaneado fossil, typo de transição biologica para o homem, é comtudo provavel ter a America possuido a sua raça autochtone; finalmente que a apparição do homem no nosso continente é contemporanea da sua apparição na Asia, si não fôr mais antiga. Opina Worsaae, além de outros, que o homem americano devia ter surgido pouco tempo antes ou immediatamente depois do fim do periodo glaciario, em condições identicas ou pelo menos analogas ás da Europa.

A quasi todos affigura-se porém necessaria a admissão posterior das migrações asiaticas no Novo Mundo, penetração que no julgamento de um já citado anthropologista portuguez, póde ter-se dado pelo estreito, talvez então isthmo, de

Behring, na descida das tribus amarellas em virtude de começar o periodo glaciario boreal, phenomeno que repete-se alternadamente nos dois pólos cada dez mil e quinhentos annos; ou segundo certas opiniões, pelas ilhas polynesicas, partindo da Indo-China, fóco da gente malaia, producto de uma fusão das trez raças — branca, amarella e negra. Alguns ainda relembram a Atlantida de Platão elevando-se outr' óra entre a Europa e a America. Divagam outros pelas mais improvaveis supposições, senão pelas mais audaciosas chimeras, devendo considerar-se dos mais modestos os que referem-se a navegações directas dos phenicios e egypcios, as quaes teriam transportado além do Atlantico, com exito relativamente magro, a civilização do Mediterraneo. Perfilhando esta theoria, o nosso historiador Varnhagen pretendeu até em um de seus trabalhos evidenciar o parentesco existente entre as linguas copte e tupi-guarany por meio de approximações de termos, base bem fragil para quaesquer deducções relativas a linguas primitivas ou suas derivadas immediatas, pois que é commum a origem da linguagem, constituindo-a as interjeições e os sons e ruidos imitativos.

Quanto ao motivo das migrações asiaticas residiria elle porventura no rebuliço causado além dos Uraes pela entrada de populações europeias. Eduardo Schuré professa na *Nouvelle Revue* a opinião, não discutirei si verdadeira, de ter sido recorrente o movimento de transplantação do Oriente para o Occidente, havendo-se a raça

arica formado por uma marcha dos Scythas do fundo da Europa Occidental para o centro da Asia. Os emigrados haver-se-hiam ahi separado em dois grupos: o dos Eranianos que estabeleceu-se na Persia, e o dos Hindús que, escorraçado de toda a Asia Central, procurou refugio no vertice do triangulo invertido onde floresceu a alta civilização vedica, a qual teria sahido da heroica barbarie da raça branca pelos esforços de Rama, celta da Europa, um d' esses homens superiores venerados como iniciadores dos povos.

O typo physico dos americanos não póde effectivamente reputar-se um typo áparte. Differenças profundas o não extremam dos das trez raças dominantes como estes se separam entre si. Zaborowsky, que pugna pela autochtonia americana e até acha no typo indigena do Novo Mundo caracteres proprios de uma raça diversa, não deixa de confessar que elle andava naturalmente muito misturado e soffrêra modificações locaes e infiltrações, as quaes sobrepuzeram-no a um typo infinitamente mais antigo. Alcide d'Orbigny quando em 1839 dividiu, talvez com demasiada facilidade, os aborigenes sul-americanos em trez raças, sendo a ultima a dos brazilio-guaranys, que ainda subdividia-se em Guaranys e Botocudos, achou n' estes maior parecença com os homens do typo mongolico — o que está hoje contestado, preferindo vêr-se nos Botocudos, selvagens para quem a loiça era desconhecida, os descendentes mais legitimos dos autochtones. Sylvio Romero, o qual defende com en-

thusiasmo a opinião de Morton, de que as raças americanas formam um producto do meio americano, observa uma distincção entre as nações encontradas no Brazil por occasião da descoberta e os homens das cavernas. Ao inverso de um ethnographista allemão, que suppõe ter-se dirigido a principal corrente tupi do sul para o norte, o nosso litterato ajunta com certa presteza parecerem indicar os factos que os tupis-guaranys vieram do norte, rechassando as primitivas populações brazileiras, oitocentos ou novecentos annos antes de Cabral. Não são sensivelmente differentes as opiniões de Spix e Martius e de Prichard ao separarem os indigenas do Brazil em Guaranys ou Tupis, raça vencedora occupando o littoral, e Tapuyas, ou raça vencida habitando nas florestas do interior: divisão um tanto empirica pois que, si basearmo-nos na linguistica, fundamento pelas suas divergencias não menos importante que as differenças anatomicas, veremos que se apresentam em nosso paiz numerosas as variedades e diversos os troncos ethnologicos. (Dr. Paul Ehrenreich, *Die Eintheilung und Verbreitung der Völkerstämme Brasiliens.*)

A penetração das raças americanas umas nas outras tambem se reconhece na variedade das fórmas craneanas. Assim, Moreno em suas pesquizas no Rio da Prata — para onde teriam paulatinamente emigrado as tribus de começo repellidas no continente meridional e caminhariam igualmente algumas das subsequentes, porventura já foragidas da America Central — en-

controu grande numero de semelhantes fórmas prendendo-se a raças diversas, sendo a mais moderna a brachycephalica, geralmente deformada porém pelo achatamento do occipital. Notára antes Zaborowsky que os craneos dos *mound-builders* salientavam-se por uma maior brachycephalia, a saber, a relação dos dois diametros horisontaes, antero-posterior maximo e transversal maximo, indica n' elles uma divergencia bastante fraca. Complicam-se taes separações com as frequentes depressões frontaes e com o uso geral, mesmo typico, das deformações artificiaes, a respeito das quaes perguntava Virchow no recentissimo congresso de Stockholmo (1894) si, longe de propositaes, não seriam antes provocadas muitas vezes por causas accidentaes: a depressão do occipital, por exemplo, resultado possivel da posição do craneo da criança durante o repoiso.

Até no Brazil, onde entre a mór parte das tribus selvagens se não encontra o vêzo ou o effeito das deformações craneanas, existiu em tempo muito afastado, na opinião dos anthropologistas Lacerda e Peixoto, uma raça caracterizada por forte depressão frontal. Estes estudiosos, reconhecendo mais a mistura de dois typos differentes nas actuaes variedades indigenas do Brazil, e a consequente ausencia de qualquer typo apresentando os caracteres essenciaes de uma raça inteiramente pura, suppõem que a primitiva raça era dolicocephala, afigurando-se-lhes, como notámos, os Botocudos a tribu moderna que

mais approxima-se do pristino typo transfigurado pela mistura. Entre todas as diversas fórmas craneanas escasseiam no emtanto as differenças fundamentaes, facto que, posto não implicando a monogenia, segundo declara Mr. de Nadaillac, leva-o a crer na unidade do genero humano.

A carencia de divergencias essenciaes fundadas na anthropologia, ou melhor, buscadas na craneometria, conduz o Dr. Ferraz de Macedo á seguinte curiosa conclusão no seu volume *A Ethnogenia Brazilica:* "A analyse craneana nada diz que revele a prioridade autochtonica, por quanto as observações que realizei em mais de 1,300 craneos, contemporaneos, antigos, fosseis, de raças differentes, etc., permittem-me estabelecer que a composição morphologica, o entrecho anatomico, a fórma geometrica, a capacidade, as dimensões, são approximadas, dos craneos de uns fócos ethnicos para outros remotissimos no jazigo; e, o que é mais, em pouco ou mesmo em nada se differenção dos contemporaneos, salvo alguns detalhes individuaes em typos ethnicos, provavelmente oriundos de grandes circulos autochtonicos".

Para mais recordar a fragilidade nos estudos ethnologicos da base craneometrica, além de em toda a parte encontrarem-se misturas dos varios typos definidos pela sciencia anthropologica, basta ter presente o que Gustave Le Bon nos assegura, em parte acompanhando o Dr. Ferraz de Macedo, a saber, que a divergencia craneologica das raças superiores e inferiores reside, não nas fracas variações da capacidade media

das suas series, mas no facto essencial das raças superiores contarem um certo numero de individuos de craneo muito desenvolvido, ao passo que as raças inferiores os não contam. Longe de distinguirem-se portanto as raças pelas multidões, distinguem-se pela somma dos que dentre estas se elevam. D' isto resulta que nas raças inferiores dá-se uma igualdade anthropologica, emquanto que nas raças progressivas os craneos individualmente affectam cada vez uma maior differenciação, voltando comtudo no geral os grandes sujeitos em sua descendencia ao typo commum da raça, o qual progride muito lentamente. (*Les lois psychologiques de l'évolution des peuples.*)

Continuamos a ver quanto nos terrenos d' esta natureza fervilham as hypotheses e as incertezas. A sciencia esforça-se loucamente por arrancar dos minguados e apagados vestigios de um passado que nos apparece geralmente baço, o segredo da primitiva civilização americana, a evocação suggestiva dos tempos pre-colombinos, e não podem á puridade considerar-se por óra bastante proficuos os resultados adquiridos. Analyses anthropologicas, observações philologicas, exames de documentos domesticos ou sociaes e de productos artisticos, a pouco mais attingem do que a testificar no continente duplo o embate continuo e formidavel, não só de tribus como de raças differentes. Restringindo-nos ao Brazil: o que traduzem porém as similaridades de lendas curiosas, como essa do cultivo da

mandioca, tuberculo originado, no dizer dos indigenas, na transformação do corpo de uma criança alva concebida em estado de virgindade pela filha de um chefe selvagem, conforme ao pai da donzella declarou em vizão um homem branco; — recordando o Snr. Couto de Magalhães que a ideia da concepção sem perda da virgindade, bem como o attribuir a um Deus (modestamente substituido no Brazil pelo apostolo São Thomé por autoridade dos missionarios) o ensino do uso do pão, são factos communs a todas as religiões asiaticas? O que significão sobretudo as inscripções pintadas ou esculpidas sobre rochedos, encontradas em serie longitudinal do Amazonas ao Prata, como que a documentarem a peregrinação, aventurosa e provavelmente forçada e dolorosa, de um povo mais adiantado — inscripções que se assegura serem muito anteriores e não terem grande correlação com as figuras decorativas da loiça de Marajó? Para os indigenas encontrados por Cabral e pelos seus successores eram lettra morta essas inscripções. "Taes no Egypto, sob o dominio dos kalifas, arrastavam-se ignaros e semi barbaros os abastardados netos dos escribas, junto aos fustes partidos dos pilones em cujos umbraes de porphyro gravou a sciencia profunda dos seus maiores as chronicas aureas das conquistas gloriosas de Ramsés e de Sesostris." (Dr. Ladislau Netto, *ob. cit.*)

No campo das lettras brazileiras cabe ao indigena, além da contribuição propria, um quinhão na acclimatação das tradições populares portu-

guezas transportadas pelos colonos. Ás antigas serranilhas gallezianas que, como quer o Snr. Theophilo Braga, constituiram as nossas *modinhas* e *lunduns*, deram os aborigenes — ás primeiras pelo menos, pois resentem-se as segundas da-vantagem de influencia africana — uma bôa parte do lascivo encanto e seducção irresistivel que encerram essas arias, verificando-se semelhante acção pelo cruzamento das raças no producto nacional, muito mais do que por influencia directa, conforme criteriosamente explica o autor da moderna *Historia da Litteratura Brazileira.*

Os escriptores do seculo XVI que conviveram com os bandos de indios, domesticados uns, outros bravios, os quaes ajudaram ou embaraçaram as primeiras tentativas de colonização portugueza na America, dão testemunho da predilecção dos selvagens pela musica e pelo canto. "São em geral grandes musicos e amigos de bailar", escreve Gabriel Soares, ajuntando em referencia particular aos Tamoyos, do Rio de Janeiro, que eram "grandes componedores de cantigas de improviso". O senhor de engenho bahiano, tão minucioso nas suas descripções ethnographicas quão meticuloso nas topographicas, póde considerar-se um dos guias mais seguros para o estudo da rudimentar psychologia tupi. Não lhe toldavam o espirito exclusivas tendencias de proselytismo, como aos padres da Companhia, Simão de Vasconcellos por exemplo; nem illusões de uma theologia romantica, como aos capuchinhos francezes do Maranhão, Claude d'Ab-

beville e Yves d'Evreux. Gabriel Soares foi apenas, e é quanto devemos desejar, o observador fiel, despreoccupado, pinturesco, das tribus que de perto conheceu.

Não lhes é a sua critica em extremo favoravel. Discorrendo ácerca dos Tupinambás, da Bahia, diz-nos elle que este grupo tupi viera do norte e rechassára para o sertão os seus irmãos Tupinaens, que por seu turno, emigrados do oeste, já haviam expulsado os Tapuias, alcunha com que significavam os velhos autores os indios que não fallavam a lingua geral. Eram taes individuos de ordinario olhados como raça vencida, mas seus habitos, segundo a descripção legada pelo sabio hollandez Herckmann, apresentam apenas dos dos contrarios ligeiras variantes, como certas manifestações de pudor e, comquanto polygamos, uma maior severidade nas relações conjugaes. Como sabemos, desuniam-se os indigenas com excessiva facilidade. Os proprios Tupinambás vencedores dividiram-se logo em facções inimigas. Luxuriosos, mesmo viciosos, desleaes, amigos de "afeites e bestialidades com que se fazem bizarros", dados á caça, á pesca e particularmente á guerra, esforçados, ageis, imprevidentes: assim nol-os descreve o *Roteiro*, e semelhantes côres quadram sem disparidade aos habitadores da costa brazilica encontrados pelos aventureiros europeus.

No gosto pela musica eram os Tupinambás acompanhados pelas demais tribus. Soiam todas ellas cantar e bailar m' um rythmo uniforme,

monotono, durante vinte e quatro horas consecutivas, por occasião de embriagarem-se com os vinhos que fabricavam ou de immolarem, a meio de crueis cerimonias, os prisioneiros feitos na guerra. A ausencia e a morte eram igualmente motivo de choros cadenciados, saudosos ou lastimosos. "Aussi tost que la pauvre creature a rendu son esprit, vous entendez des hurlemens, cris & lamentations composez d'une musique si diuerse de voix fortes, aiguës, basses, enfantines & autres, qu'il est impossible que le cœur n'en soit attendry." (Père Yves d'Evreux, *Voyage dans le Nord du Brésil.*)

O nosso Gabriel Soares é todavia mais explicito e completo: "Quando morre algum indio, a mulher, mãi e parentas, o choram com um tom mui lastimoso, o que fazem muitos dias; em o qual chôro dizem muitas lastimas, e magoam a quem as entende bem." E immediatamente: "Os Tupinambás se prezam de grandes musicos, e, ao seu modo, cantam com soffrivel tom, os quaes teem boas vozes; mas todos cantam por um tom, e os musicos fazem motes de improviso, e suas voltas, que acabam no consoante do mote, os quaes cantam e bailam juntamente em uma roda, em a qual um tange um tamboril em que não dobra as pancadas; outros trazem um maracá na mão, que é um cabaço, com umas pedrinhas dentro, com seu cabo, por onde pegam; e nos seus bailos não fazem mais mudanças, nem mais continencias que bater no chão com um só pé ao som do tamboril; e assim

andam todos juntos á roda, e entram pelas casas uns dos outros;....." Acham-se estas informações de todo o ponto confirmadas em Fernão Cardim. Ao que affirma o jesuita, eram entre os selvagens tão estimados os cantores de ambos os sexos que, si por acaso tomavam nas ciladas um contrario "bom cantor e inventor de *trovas*" — segundo appellida o autor as cantigas de ausencia, repentes em que celebravam-se tanto os trabalhos padecidos no caminho pelo hospede chegado, como as saudades experimentadas pelos que tinham ficado — poupavam-lhe a vida, calando o seu imperioso appetite de anthropophagos.

Semelhante predicado geral dos indigenas, mais porventura do que expressamente a sua poesia balbuciante e em grande parte desapparecida ou ignorada, influio, na formação do producto nacional, para caracterizar diversamente, pela acção physiologica da hereditariedade, menos pela transmissão oral das cantigas, e muito pelo poder connexo da educação, o pendor natural para a musica cantada, que do portuguez recebêra o seu descendente americano. N' um traço se ajustavam as contribuições prestadas pelos dois factores, a saber, no ar de melancholia que resumbra, quer da infantil poetica aborigene, quer da dolorida expressão da alma luzitana, devendo verosimilmente procurar-se no terceiro factor, o africano, o correctivo e o adubo da jovialidade despreoccupada.

Observa o Snr. Couto de Magalhães que o

povo do Brazil, servindo-se aliás da lingua metropolitana, modificou em frequentes casos a indole da poesia tradicional importada da Europa, mercê da acção da dos indios na qual succedem-se as imagens, supprindo ás vezes um longo raciocinio, visto ser a *lingua geral* — como, abstrahindo dos dialectos e variedades, chamavam os grammaticos jesuitas ao tupi — muito mais laconica e muito menos analytica. Este reparo tem menor alcance do que lhe attribuio o referido autor, mas o que não ha negar é a infiltração sobretudo lexicographica do tupi. Existem nas cantigas populares alguns exemplos de perfeita juxtaposição material dos dois idiomas; outros de reminiscencias tupis trahidas no estribilho; e muitos da influencia exercida pela preservação das toadas originaes e recheio do vocabulario indigena, cujo influxo no portuguez se observa ter sido sempre maior do que o correlativo influxo da lingua europeia no selvagem. O Brazil possue no seu thesouro de cantos e contos populares, pacientemente colligidos muitos d' elles e começados a classificar com escrupulo pelo Snr. Sylvio Romero, sem fallar de varias poesias exclusivamente tupis e das mencionadas de visivel inspiração d' este elemento, um cyclo completo de contos mythicos e lendarios de origem e mesmo de communicação indigenas, alguns primeiramente notados, recolhidos e traduzidos pelo Snr. Couto de Magalhães na sua bella obra — *O Selvagem*.

Estes contos enxertaram-se em as producçõe

anonymas transplantadas pelos antigos colonizadores portuguezes de envolta com os seus usos e tradições, e mantidas pela persistencia da immigração luza; e em as fabulas de introducção africana — o todo amalgamado e transformado ou em via de o ser pela acção do producto nacional, que lhe imprime o seu cunho. Por vezes realizou-se uma intima fusão, quando os elementos mythicos e lendarios eram identicos: pois sabe-se que em virtude da grande dispersão das raças e consequentes infiltrações durante as epochas prehistoricas, as investigações da poesia e novella populares reservam taes surprezas em paizes aliás afastadissimos, favoneando descobertas ou pelo menos curiosas supposições ethnologicas.

Convém entretanto notar que nem sempre serão fundadas semelhantes supposições, pois que ha a contar com a desenvolução parallela e independente de ideias filiadas na natureza, *natura mater*, como tal commum. Outras vezes todavia deu-se na juncção um méro enxerto, na escassa accepção do termo, conservando os contos indigenas todo o sabor particular da sua derivação e a completa originalidade da sua narração, na lingua primitiva ou nos dialectos. Na maioria dos casos porém coexistem na tradição popular, denunciando claramente a sua ascendencia, os contos peculiares aos trez factores. Os europeus com o seu caracter aventuroso ou humano perfeitamente distincto, evocando alguns princezas encantadas, principes formosos e valentes, palacios maravilhosos, todos os productos de uma

imaginação inquieta e opulenta qual a arica; exhalando outros uma rara fragrancia de sentimento e uma persistente preoccupação de heroismo. Os indigenas e africanos com suas ingenuas posto que engenhosas explicações, ou melhor adaptações zoologicas de phenomenos sideraes, transparentes para os folkloristas sob as primitivas concepções animaes de astucia e de manha.

Para a feição differenciada — mais imaginativa e mais ardente, diz o Snr. Sylvio Romero — accusada pelo brazileiro em suas manifestações litterarias particulares, vimos que contribuio, além do indigena, o negro, igualmente dotado de certo sestro musical e poetico, e de justeza de entoação no acompanhamento de suas danças lubricas. Foi sobre o negro, importado em escala prodigiosa, que o colono especialmente se apoiou para o arrotear dos vastos territorios conquistados no continente sul-americano. Robusto, obediente, devotado ao serviço, o africano tornou-se um collaborador precioso do portuguez nos engenhos do norte, nas fazendas do sul e nas minas do interior. Na mestiçagem que infallivelmente se dava nos campos, e tambem nas cidades, onde o serviço domestico andava exclusivamente confiado aos negros, buscou o europeu a energia physiologica bastante para resistir em sua descendencia á acção enervante do clima tropical. O vestigio constante d' essa raça docil e laboriosa, com a qual tardia mas honrosamente saldámos uma divida de gratidão nacional, encontra-se não só na poesia, na novellistica e na musica popu-

lares, como tambem na lingua, na cozinha e nas superstições vulgares do paiz.

A contribuição do factor portuguez é entretanto a dominante, n' este como em qualquer outro campo. O lyrismo das duas raças inferiores reconhecemol-o rudimentar como capacidade e quasi nullo como expressão, e por isso não podiam ellas influir directamente na apropriação das fórmas tradicionaes da poesia popular da metropole: antes receberam em muito maior escala da raça superior uma geral alteração que lhes victimou a originalidade. As canções lyricas e os romances epicos do nosso thesouro poetico, em que predominam o maravilhoso e certos sentimentos, flôres de civilização, taes como o pudor, a piedade e o enthusiasmo moral, accusam evidentemente a importação portugueza, posto que o brazileiro modificasse aquellas producções na fórma, não na essencia. O nacional trai comtudo sua inventiva, sua aptidão peculiar nos chamados *romances de vaqueiro*, de grande belleza e alto valor philologico, e nas numerosas quadras de accentuação pessoal e de referencias politicas ou sociaes, além de haver augmentado o caracter voluptuoso do lyrismo do reino, sentimental quando não erotico. A modinha constitue mesmo uma manifestação brazileira; conforme observa o Snr. José Verissimo *(Estudos Brazileiros)*, ella traduz perfeitamente a indolencia e a luxuria nacionaes n' uma maneira sentida, comquanto monotona por demasiado individual, a qual perpetuou-se em o nosso lyrismo litterario.

II.

SECULOS XVI—VII.

PRIMEIROS ESCRIPTORES.

O seculo XVI, valiosissimo sob o ponto de vista da colonização, é pouco menos de nullo para a litteratura brazileira. O portuguez Gabriel Soares, autor do *Roteiro do Brazil*, e Bento Teixeira Pinto são as figuras quasi unicas da sua galeria de escriptores, e ambos appareceram pelo influxo de circumstancias anormaes. O senhor de engenho da Bahia redigiu o seu curiosissimo trabalho, fructo de demoradas observações, quando, perdido na chusma de pretendentes do alcazar de Madrid, precisou chamar sobre os seus memoriaes a attenção de um ministro poderoso.

Quanto ao pernambucano, educou intencionalmente na metropole as naturaes aptidões litterarias, e afinou-as n' um lugar como a capitania de Duarte Coelho, quasi unico na expansão ultramarina de Portugal nos fins do seculo XVI pelo adiantamento espiritual e pelo espairecimento mundano. A ascendencia do meio americano é aliás n'elle tão forte e manifesta, que Bento Teixeira Pinto deve aos louvores que teceu á natureza tropical o melhor da sua reputação. Das trez obras que lhe andam attribuidas, são os *Dialogos das Grandezas do Brazil* sem duvida a mais notavel. A *Prosopopeia*, unica que sem contestação lhe pertence, é poema exclusivamente inçado do sentimento de heroismo luzitano, ago-

nisante em Alcacer-Kibir, e ordenado na intenção panegyrica de commemorar a bravura de Jorge de Albuquerque Coelho, quando de regresso do captiveiro africano.

O donatario de Pernambuco era o protector do poeta, a quem trouxéra para Portugal a bórdo da famosa náu "Santo Antonio", cujos desastres maritimos tornaram-se quasi tão lendarios quanto os da náu Catharineta. A presença de Bento Teixeira Pinto no meio dos perigos que correu o desgraçado barco é para muitos razão sufficiente — e além das suas incipientes inclinações litterarias pelejam motivos, pouco decisivos embóra, de ordem bibliographica — de baptizal-o autor da conhecida e sentida *Relação*. Tal paternidade é por Varnhagen attribuida a outrem, ao piloto, lembrado talvez o laborioso historiador de que corria como habito frequente entre essa classe o escrever as narrações das suas derrotas e tormentas. A questão, uma vez aventada, é de difficil solução, si bem que a alguns instinctivamente repugne conceder fóros de litterato, não sendo sobretudo a correcção da *Relação* muito inferior ao sentimento descriptivo, a um piloto que máu grado toda a sua provavel pericia nautica se não chamava Americo Vespucio; isto não obstante a importancia capital de que nas primeiras navegações africanas e transoceanicas gozavam aquelles marinheiros, recrutando-se entre elles varios dos mais ousados descobridores como Bartholomeu Dias, e emparelhando todos sem favor a bordo

das náus com o commandante militar e o chefe da expedição.

Por outro lado apresenta-se ainda a extrema mocidade como argumento militando em pról da não verosimilhança de pertencer o escripto a Bento Teixeira Pinto: mas, recordando que a publicação da *Relação* data de 1601, tendo-se o naufragio passado em 1565, admittir-se-ha facilmente quanto é contraproducente semelhante raciocinio, podendo o joven companheiro de Jorge de Albuquerque haver, tantos annos mais tarde, compendiado o seguimento dos trabalhos da "Santo Antonio" com maior presumpção do que um velho piloto. A agudeza das dôres e angustias soffridas constituia em qualquer dos casos excellente garantia contra as surprezas do olvido.

O que sabemos de positivo, senão por informações do mesmo escriptor da Historia Geral do Brazil, por outras tambem autorisadas, é ter Bento Teixeira Pinto, mancebo de cerca de vinte annos em 1565, por tal fórma impressionado pela vivacidade da sua intelligencia a Jorge de Albuquerque, que este de regresso ao reino o conduzira no seu sequito, facilitando-lhe d' est' arte proseguir em Portugal estudos penosamente encetados entre a agitação toda material dos primeiros decennios da capitania. O moço pernambucano viveu tranquillamente em Lisbôa ás sôpas do fidalgo, provavelmente enfileirado nas alas de escudeiros e secretarios que pejavam as antecamaras das casas nobres, vaidosas de uma tamanha concorrencia de dependentes, raras vezes

correspondentes aos seus reditos. Avêsso a basofias, pouco amigo de aventuras galantes, como parece resultar de seus escriptos, ainda que por certo não desdenhando imitar o amante de Verona na escalada da janella rendilhada de alguma Julieta faceira, elle partilhou a sua curiosidade de estudo entre o latim e o hespanhol, linguas respectivamente indispensaveis ao erudito e ao homem de sociedade d'aquelle tempo, e as sciencias naturaes, então n'um crescente favor, dedicando á poesia os momentos mais folgados da sua vida de pensionista laborioso.

No recatado trabalho que não na facil vadiação de Lisbôa, abarrotada de bordeis e tavolagens, despêndeu a juventude. Assistiu ás febris illusões do ultimo rei paladino e da sua nobreza garbosa. Presenciou o embarque ruidoso dos nacionaes e dos mercenarios estrangeiros para a derrocada dos infieis e o saque dos thesouros moiriscos; e paciente aguardou que o seu protector, chefe da casa dos Coelhos pela morte do irmão, voltasse aleijado e envelhecido do doloroso captiveiro. Cantou-lhe então, palpitante de enthusiasmo, as epicas façanhas e as amarguras pungentes.

Em recompensa da fidelidade e gratidão reveladas fêl-o o heroe prosaica mas gentilmente despachar, approximadamente em 1583, cobrador dos dizimos em Olinda. O Mecenas foi, sobretudo nos seculos XVI e XVII, um factor necessario da evolução litteraria. Na Italia, onde a litteratura, brilhando com fulgor intenso a meio

das discordias sangrentas, prostituira-se a exemplo da sociedade, compilando os historiadores narrações sem probidade; cultivando os poetas o genero licencioso; ensinando Machiavel a perfidia; incensando Ariosto com a delicadeza do seu estylo uma casa principesca sem prestigio; evidenciando o Aretino a maior desfaçatez e a mais repugnante venalidade: rivalizavam os escriptores em vileza para obterem a protecção dos grandes, a qual nem sempre exercia-se conscienciosamente, manifestando-se aliás intelligente e sumptuosamente, exaltando os lettrados e artistas a honras vertiginosas.

Diz-se que de regresso a Pernambuco Bento Teixeira Pinto, levando armazenada no animo alguma da muita valentia que enaltecêra, dirigiu em 1591 uma expedição de reprezalias contra os selvagens, mettendo-se apóz estas velleidades guerreiras a fabricante de assucar e cultivador de trigo. Pernambuco atravessava n' aquelles annos a sua phase colonial de maior prosperidade, e o nosso litterato, lembrando-se do seu contemporaneo Luiz de Camões, que havia pouco fallecêra n' um catre de hospital, quasi mendigo, e de outros talentos empallidecidos ou sumidos nos andrajos da miseria, deixou-se ir na corrente

ıbição de lucro que devorava a capitania,
ando-a como consequencia nas scintillações
luxo desenfreado. Vinha ainda tal sestro
o da metropole, onde, antes e depois de
r-Kibir, sob o dominio dos ultimos mo-
ortuguezes ou debaixo da sujeição caste-

lhana, crescêra loucamente a prodigalidade e delirava a ostentação, zombando de todas as pragmaticas e leis sumptuarias.

A vida luzitana concentrára-se especialmente na capital ou nas cidades transitoriamente transformadas em capital, pelas quaes, á moda marroquina, errava a côrte nos tempos de Aviz, fugindo aos rigores da peste ou executando os derradeiros manejos e prévios afagos da finalmente improgressiva centralização absolutista. Nos campos, afóra os raros solares habitados e os numerosos conventos ricamente doados, latejava a mais negra pobreza, incitando á emigração.

A carta escripta de Porto Seguro a D. Manoel por Pero Vaz de Caminha — missiva que em sua ingenua contextura respira a paz idyllica de principio esboçada entre os conquistadores e os naturaes, diante do poetico alçar da tôsca cruz suggestiva, do vôo compassado das rôlas e dos papagaios e da tranquillidade da terra "de muito boos aares e muito chea de grandes aruoredos", paz tão cêdo desmanchada pela cobiça portugueza e desconfiança indigena — refere-se ás habitações dos selvagens: "huũas choupaninhas de rrama verde e de feeitos muito grandes coma damtre douro e minho", aliás a provincia mais povoada e prospera do paiz. Em Lisbôa porém, e algum tanto nas villas aonde chegava com um resto de intensidade a acção official, e a mercancia e a vaidade contagiavam todas as classes, a irradiação do luxo fornecia a illusão de uma nação verdadeiramente rica e florescente,

na qual, além de um larguissimo commercio remunerador, abundassem os braços para a lavoira e as aptidões para a industria.

A *Relação* da viagem emprehendida á Peninsula em 1571 pelo legado papal, cardeal Alexandrino, publicada por Alexandre Herculano no excellente repositorio litterario da geração romantica portugueza — *O Panorama* —, offerece-nos de um tal fausto flagrante e insuspeito testemunho. Acolhido na fronteira, em Elvas, pelo bispo, autoridades judiciaes e varios nobres, acompanhados todos estes personagens de numerosos sequitos de cavalleiros e pagens montados em soberbos animaes, e seguidos de danças populares executadas por nacionaes, moiros e ciganos ao som de gaitas, pandeiros e guizos, e rythmadas por graciosas cantigas; o enviado de Pio V continuou a ser alvo durante toda a travessia do Alemtejo das mais significativas demonstrações de respeito, realçadas por uma singular franqueza e não commum grandeza.

A passagem do Tejo, do Barreiro para Lisbôa, tornou-se particularmente pinturesca pelo grande numero de barcas, mais de quinhentas, embandeiradas e toldadas, no que avultava o vermelho, transportando algumas musicos, cantores e bailarinos, salvando outras ruidosamente com a sua artilheria, varias abarrotadas de flôres, cercando todas a galeota principal vistosamente forrada de pannos de Flandres, "mais parecendo uma magnifica e bem ornada sala". Em Villa-Viçosa tinham recebido o legado e a sua comitiva a

sumptuosa hospitalidade do riquissimo duque de Bragança, o qual foi ao encontro da embaixada á frente de duzentos gentishomens.

O autor da *Relação* não farta-se n' este ponto de elogiar mais uma vez a elegancia, ou antes a pompa das recepções portuguezas: a vastidão do palacio ducal de Villa-Viçosa, que para cá dos Pyreneus era apenas inferior ao Alcazar de Madrid; as tapeçarias flamengas representando assumptos luzitanos, e as pinturas militares da decoração interna; os brocados de oiro, velludos franjados, finissimos tapetes e peças de oiro e prata do serviço da meza, que deleitavam a vista e attestavam a opulencia do poderoso senhor, cuja casa, escreve o italiano com manifesto exaggero, lograva então levantar sessenta mil homens de peleja. O proprio D. Sebastião, tão severo, tão rigoroso na pragmatica quanto cioso de simplicidade, apresentou-se ao legado, no desembarque, singelamente vestido, mas levando a corrigir-lhe a monotonia da capa e do barrete negros, botões e cordões de oiro e de pedras preciosas: os diamantes, rubis, perolas, extendiam-se até sobre a sella de velludo preto e vinham cahir em pendentes da cabeça do ginete.

E é de vêr que n' este momento já Portugal não estava no ponto culminante da sua grandeza, attingida na epocha de D. Manoel e ainda realizada, pelo impulso adquirido, no começo do reinado de D. João III. Nos fins do seculo XV e primeira metade do seculo XVI assumira a architectura uma feição particular, combinando em

um todo harmonico e repleto de sabor local — o estylo manoelino — a infiltração do gothico septentrional, maravilhosamente estampada na Batalha, as tradições moiriscas da Peninsula e a reversão ao classicismo, inoculada pela Renascença; e nem deixára a pintura, genero d'arte em que distinguio-se sempre pouco o reino, de contribuir para o fausto da côrte.

A escola viziense chamada do Grão Vasco, ha pouco estudada pelo marquez de Souza Holstein, Raczynski e Robinson por entre numerosas duvidas, e geralmente filiada com propriedade na bella escola flamenga primitiva; bem como outros artistas mais orientados pela influencia italiana, lançaram n' aquelle tempo em quadros religiosos a manifestação commum do seu fervor christão e do seu enthusiasmo profano, bebidos na propria sensibilidade e no convivio dos pintores estrangeiros attrahidos pela primazia commercial de Lisbôa.

Na collecção do conde de Raczynski, aberta ao publico no edificio da Galeria Nacional de Berlim, encontram-se sob a rubrica de portuguezas tres velhas pinturas sobre madeira. É a primeira um tryptico no qual é visivel o influxo flamengo, póde dizer-se que o dos Van Eyck, na extraordinaria frescura do colorido, na precisão das minudencias, na folhagem a um tempo sombria e nitida dos arvoredos, no contorno azul e distincto das montanhas afastadas fechando a paizagem ampla e sentida, no cuidadoso modelado das figuras. O assumpto principal refere-se

á morte de Christo, cujo corpo macilento repoisa em terra circumdado de um grupo dotado de movimento e superiormente disposto. As physionomias, em que impera a originalidade do artista desconhecido, pois que destoam ellas juntamente na sua expressão da cruciante dôr flamenga e da morbidez italiana, são comtudo artistica e verdadeiramente apaixonadas. Os dois santos das portas do tryptico possuem tal delicadeza de factura que immediatamente lembram o hollandez posterior, Gerardo Dow.

Os outros dois quadros representam os bustos de quatro virgens martyres, sendo n' elles igualmente notaveis a belleza do colorido e a excellencia das vestimentas e dos adornos. Tambem as suas physionomias denotam a permanencia na escola de um estylo peculiar e adiantado, trahindo os accessorios da architectura e da paizagem a origem portugueza. Em uma alcaçova ennegrecida, um andar de construcção manifestamente recente ostenta duas janellas manoelinas, cuja columneta esguia scinde elegantemente o crescente arabe; além, n' um fundo claro e alegre de templos e casaria, junto a uma espaçosa residencia rebocada de branco, o typico parreiral de pilares de cantaria offerece os seus cachos pezados aos beijos ardentes do sol.

As primeiras navegações costeando o littoral africano e semeando ao longo d' elle os resgates do marfim, oiro e escravos, e, pela continuação das descobertas, as maravilhas e especialidades da India tornadas accessiveis á pirataria portu-

gueza, tinham gerado no reino uma tamanha excitação de magnificencia, já introduzida na Italia desde que Veneza fizera-se a corretora das mercadorias orientaes; favorecida pelas condições das industrias locaes além dos Alpes, e logo divulgada no seculo XIV apoz o primeiro alvor do renascimento das tradições classicas, as quaes com seu luxuriante paganismo quebraram os moldes asceticos da Meia Edade monachal.

A reacção da moralidade e da severidade encontrou ainda apostolos impregnados de zelo e desinteresse como o ardente Savonarola: a multidão porém mergulhou nas sumptuosidades dos Medicis e nos explendores da Curia Romana. Sofregos aquelles de asphyxiarem as franquias dos seus concidadãos. Esquecida esta do tempo não muito longinquo em que a Egreja propagára firme mas modestamente, por entre os horrores da invasão barbara, as conquistas moraes do romanismo, tornando-se o unico poder ordeiro e progressivo da Europa e realizando com os seus bandos de frades, acoutados em conventos que eram o refugio das lettras e das sciencias, o que não conseguiram alcançar as orgulhosas legiões imperiaes — a submissão dos germanos.

Em Portugal, tampouco como na Italia, em Flandres e geralmente em todas as terras notaveis pelo rapido desenvolvimento das relações commerciaes e consequente augmento da riqueza e do fausto, postos em desaccordo com as vivas reminiscencias de simplicidade e de humildade, não escasseavam as disposições prohibitivas: re-

gulamentos para as modas, as festas de familia, os funeraes; restricções para os presentes de noivado, as iguarias de meza ou quaesquer actos da vida privada — e eram-n' o todos — susceptiveis de comportar desperdicios. Biagi relatou em uma conferencia recente *(La vita privata dei Fiorentini)* as attribulações dos officiaes florentinos encarregados de zelar pelo fiel cumprimento dos decretos da Communa; as resistencias disfarçadas dos ricos; as cem fórmas engenhosas por que as damas illudiam tantas limitações á pompa quantas fossem lançadas. Desappareceram por fim estas prohibições sob o oiro das gargalheiras atiradas pelos tyrannos ás liberdades populares, adormecendo-as ao som dos clamores festivos; illudindo-as com a vista dos carros e arcos triumphaes e com a protecção dispensada ás artes e ás sciencias; acorrentando-as com os gozos dos combates de animaes, das representações sacras, das mascaradas licenciosamente pagãs, das victorias do amor sensual, da vida epicurea, sobre a gravidade do ideial decahido de abnegação e compostura.

Filippe Sassetti, commerciante e viajante florentino dos fins do seculo XVI, fornece em curiosissimas cartas relativas ao trafico dos portuguezes no Oriente, passageiras indicações sobre a capitania de Pernambuco, baseadas em informações de maritimos que haviam transitado pelas paragens brazileiras. Nem todas as suas contribuições apresentam-se despidas das tintas fabulosas com que a imaginação popular tanto

costumava n' aquelles tempos brindar as terras das descobertas. Falla-se alli com ingenuo horror de monstros enormes e malfazejos que o Novo Mundo na verdade não abrangia em sua riquissima fauna, mais variegada e brilhante do que feroz. Outras coisas comtudo se citam de plausivel realidade: por exemplo, o que nos interessa como documento, a fortuna de Filippe Cavalcanti, compatriota de Sassetti, estabelecido no Brazil com engenhos de assucar, dispondo lá de extensos territorios e gozando de tão dilatada autoridade que até contrastava a do governador. Em Lisbôa conversava-se, ou melhor mexericava-se sobre o grande estado com que Cavalcanti vivia; apontavam-se os seus muitos pagens e cavallos, e orçava-se em mais de cinco mil escudos a sua despeza annual.

Pelo que em outro trabalho relatei*, podemos julgar que não exaggeravam os informantes do arguto florentino. Já sabemos que a industria do assucar e o commercio d'ella derivado tinham emprestado um grandissimo impulso á capitania de Pernambuco, apenas decorrido meio seculo de sua colonização. No porto do Recife, ao escreverem-se os *Dialogos*, baloiçavam-se ancorados sempre mais de trinta navios: náus e galeões de grande tonelagem, com duas e trez levantadas cobertas, altivos castellos de prôa e enfatuadas

---

* Pernambuco, Seu desenvolvimento historico (Leipzig, 1895).

vélas redondas; caravellas ligeiras e modestas ostentando as elegantes vélas triangulares ou latinas; caravellões de uma só coberta usados na cabotagem para o commercio de escravos e a permuta de mantimentos; sem contar os toscos bergantins de remos. A lavoira que Bento Teixeira Pinto, como o primeiro donatario, antepunha ás minas — das quaes, dizia o escriptor, podiam-se ainda descobrir tantas que perdessem as pedras preciosas de valor — sustentava sem soccorro aquella animação contra o debilitante espirito de rotina da administração portugueza.

Graças á agricultura os antigos degredados, enricados pelo trabalho e moralizados pela férula de Duarte Coelho, "tendo despido a pelle velha, como cobra, usando em tudo de honradissimos termos", reviam-se em uma progenie honesta e interessante. A misericordia de Pernambuco despendia annualmente treze a quatorze mil cruzados recolhidos em esmolas dos moradores, gastando os provedores em cada anno de gerencia trez mil cruzados do proprio bolso. N' uma palavra, ao começar o seculo XVII, a capitania dava multipla e bizarra amostra de sua prosperidade economica e de sua excellencia social, mercê das condições de sua fundação, pelas quaes desde o inicio afastou-se da senda de desordem trilhada por varias porções do Brazil sujeitas a donatarios menos escrupulosos. "Como no hallasen, escreve com relação aos capitães da America Hespanhola o jesuita Aguirre n' um manuscripto sobre os successos do Paraguay de-

dicado ao padre Charlevoix, autor de uma extensa historia d'este paiz, e conservado na Bibliotheca Real de Berlim — applicando-se exactamente taes palavras a muitos dos donatarios e governadores brazileiros — en la conquista á que se ofrecieron aquella abundancia de riquezas cuya esperanza los sacó de sus patrias ..... se dividieron entre si en facciones; ivan dos llevados de loca ambicion de ser cada uno superior á los demas y estas pretensiones vanas pusieron repetidas veces en el último peligro, aun á los principios, la causa pública, viéndose aquí con más frecuencia lo que sucedió más de una vez en otras conquistas de la India, perseguidos los leales, ensalzados los rebeldes e triunfante la tirania."

A opulencia de um paiz não traduz-se infelizmente pela fartura de todos os seus habitantes. Da lucta pela abundancia sahem em menor numero os venturosos. Nem todas as actividades recolhem o premio das fadigas immoladas, como em um florido jardim nem todos os arbustos ostentam igual viço: alguns mesmo, plantados n' um canto de terra esteril, ou pouco banhados pelo sol, ou corroidos pela doença, vergam tristemente as suas hastes desguarnecidas. Bento Teixeira Pinto no meio de tantos aventureiros em veia de felicidade e tantos laboriosos recompensados, não parece haver conseguido larga fortuna, victima ignoro si de proprios defeitos si da implacavel fatalidade. Assim pelo menos deve explicar-se com alguma probabilidade a sua brusca partida em 1599 para Portugal, onde

demorou-se oito annos, tendo talvez durante este lapso experimentado si na India menos difficilmente attingiria a riqueza.

O Oriente, força é lembrarmo-nos, então constituia a fascinação. Hoje ainda, nós, filhos de outra epocha, tão ciosa do pormenor exacto, quasi só o comprehendemos envolto em um scenario lendario de sumptuosidade. No seculo XVI não eram por certo os lucros faceis dos emigrantes na Asia Portugueza e o espectaculo novo das prodigiosas tradições indigenas que tinham feitio para modificar a crença occidental. O viajante francez Leval Pyrard, victima da rapace Inquisição de Gôa, apparece-nos como um prolixo narrador da curiosa exhibição a que assistiu durante dez annos, de 1601 a 1611.

Na India, escreve elle, andavam os fidalgos — e todo o portuguez era ou dizia-se lá fidalgo, sendo na realidade óra soldado óra traficante — montados em cavallos persas e arabes, ajaezados com arreios bordados a seda e adornados de prata, oiro e perolas finas, estribos de prata doirada, e redeas enfeitadas de argenteas campainhas cravejadas de pedras preciosas. Quanto ás donas, faziam-se transportar em palanquins pelos escravos, rodeadas de numerosas servas vestidas de cabaias de seda. Todos esses chatins ambiciosos e damas vaidosas gravitavam em volta de um semi-deus — o vice-rei, defraudador principal da fazenda real e pachá poderoso, cujas sahidas annunciavam-se na capital a toques de tambor e de trombeta, e eram acompanhadas

pela inteira nobreza com seus sequitos de pagens brancos de Portugal e lacaios negros de Moçambique.

Bento Teixeira Pinto poude apreciar — o que sem duvida contribuio para o seu posterior enthusiasmo pelo Brazil comparado com a India, n' um tempo em que tal opinião devia passar por um sacrilegio — a imminente decadencia do poder luzitano no Oriente. Com facilidade ajuizou da effeminação dos outr' óra viris costumes dos conquistadores, que nas casas de jogo e em reuniões onde raparigas faceis tangiam instrumentos, cantavam arias e inflammavam-lhes os sentidos, agora abdicavam a sua energia. Avaliou mais o vil habito de mercadejar, não em lojas abertas, occupação julgada desprezivel e deixada aos hindús, mas realizando de mão a mão o producto dos saques. Perscrutou finalmente a gangrena das malversações e concussões invadindo o funccionalismo, entre o qual a fortuna era o fito e os meios toda a casta de ladroeiras; e a fraqueza dos recursos militares, aggravada pelos odios entre os nobres portuguezes e castelhanos e pela intriga que fermentava geralmente, fazendo apodrecer o imperio de Affonso de Albuquerque.

Os companheiros de Vasco da Gama, o intrepido, de D. Francisco de Almeida, o glorioso, de D. João de Castro, o meticuloso, tinham sordidamente passado a cabecear na indolencia e a atascar-se na crapula. Quando não occupados em desfazer-se dos despojos de campanha ou em

procurar no homicidio furtivo o meio de renovar as escarcellas exhauridas, acolhiam-se os soldados ao favor das meretrizes ou á generosidade dos officiaes, distrahindo a constante ociosidade com o soar de guitarras e o lamuriar de canções ao sabor das virações que gracilmente ondulavam os cimos das palmeiras. Entre os gentishomens mesmo era vulgar a pobreza durante os intervallos da guerra, ainda que elles a disfarçassem sob doiradas apparencias e á custa de ridiculos expedientes. Conta Leval Pyrard que os militares sem recursos para possuirem escravos, alugavam-n' os, comtanto que encobrissem tal privação; e que entre os inquilinos de uma vivenda circulavam muitas vezes á moda communista os mesmos fatos de seda, na proporção de um fato para trez janotas. As impressões que o pernambucano trouxe do paiz maravilhoso onde, quaes devastadoras aves de arribação, os portuguezes se não domiciliaram, inhabeis para assumir a posição de senhores da terra actualmente occupada pelos inglezes, devemos indirectamente buscal-as nos *Dialogos das Grandezas do Brazil*, livro que Bento Teixeira Pinto teria composto em 1618, de regresso definitivo á capitania natal.

A paternidade de tão excellente escripto não lhe é de facto attribuida sem duvidas, filiadas não em provas contrarias, mas na ausencia de sérias provas affirmativas. Todavia a tradição representada pela voz judiciosa do grande bibliographo do seculo XVIII, Barboza Machado, con-

fia-lhe semelhante autoria, e o unico argumento adverso que escrupulosamente se poderia levantar contra esta asserção do abbade de Sever, é o da avançada idade do nosso mais antigo homem de lettras, ancião de mais de setenta annos em 1618. A allegação está comtudo longe de ser sufficiente para despojar o pernambucano da honra posthuma que, poucos annos antes de morrer, Varnhagen lhe confirmou no post-facio dos *Dialogos*, que formam o mais valioso subsidio para a reconstituição da physionomia da capitania nos fins do seculo XVI e principios do XVII.

No actual momento da vida europeia, quantos velhos não vemos occupando e conservando eminentes posições politicas e litterarias, sem que a sua actividade physica ou intellectual se resinta do pezo dos invernos? Gladstone acaba de renunciar o poder aos oitenta e cinco annos, tendo evidenciado em um ultimo e brilhantissimo discurso a frescura perpetua das suas convicções e da sua eloquencia. Crispi e Sagasta, approximando-se ambos dos oitenta, presidem na Italia e na Hespanha a melindrosas situações internas dos respectivos paizes. Bismarck aos oitenta annos ainda prorompe em impetos de colera sarcastica; Verdi em igual idade polvilhou de graciosissimas melodias o entrecho buffo do Falstaff. Barthélemy Saint-Hilaire e Jules Simon, tambem octogenarios, não cedem a contemporaneo algum em sympathico liberalismo, solida erudição e levantada philosophia. Cesar Cantu em avançada

velhice deu seguimento á sua admiravel obra historica, encontrando o mesmo latego da virilidade para fustigar as tyrannias e a anarchia. Legouvé, um nonagenario, vingava ha dias o "chansonnier Béranger" dos desdens do austero critico Brunetière. E dominando esta pleiade de anciãos, não só venerandos pelas cans como pelos serviços publicos e pela illustração, não resplandece sempre a figura insinuante e nobilissima do papa Leão XIII, politico sagacissimo, intelligencia preclara e caracter augusto?

Bento Teixeira Pinto não fazia de resto mais nos *Dialogos* com tamanha probabilidade por elle escriptos, do que compendiar as observações sobre as terras brazileiras, costumes dos habitantes, productos do sólo e singularidades da organização social, que lhe haviam sido suggeridas nos annos de maturidade despendidos no funccionalismo e na agricultura. Possuido de amor ao torrão em que nascêra; tendo em larga assistencia na metropole apalpado a frivolidade da côrte portugueza, onde por occasião da sua segunda estada a regencia mantinha em nome do monarcha hespanhol os habitos mundanos e o apparato das cerimonias; e havendo demais verificado a degradação das conquistas orientaes, o escriptor pernambucano refugiou-se na admiração incondicional do Brazil. Elle sabe no emtanto enumerar com intelligencia e habilidade as razões de semelhante sentimento, podendo o seu trabalho com verdade indicar em um subtitulo que encerra a defeza da America Luzitana contra todas as pre-

venções e invenções do Velho Mundo, especialmente de Portugal.

Um dos interlocutores dos animados *Dialogos*, de tão instructiva quão amena leitura, representa a ignorancia e a má fé europeias: o outro a consciencia e a lealdade brazileiras. O que é porém raro apezar do rifão — da pacifica discussão sahe effectivamente a luz, uma luz discreta e agradavel, rendendo-se gentilmente o interlocutor desconfiado ás explicações do companheiro. "E assim estou já de todo arrependido de haver tido o Brazil em differente reputação do que elle merece."

Sem ser um sabio, Bento Teixeira Pinto grangeára durante a mocidade bastante instrucção. Subsequentemente, aos estudos emprehendidos em Lisbôa pudera ajuntar, pelo contacto intimo com o trabalho pouco especificado d' aquelles seculos em que o homem era a um tempo soldado, erudito, viajante, mercador e litterato, e pelo franco intercurso com os homens notaveis da metropole, uma natural facilidade de manobrar com os elementos de que dispunha o seu espirito. Por isso o escripto do pernambucano, não possuindo o valor scientifico dos restrictos *Colloquios* de Garcia da Orta sobre as drogas e plantas medicinaes da India, que porventura pela fórma dialogal de algum modo recorda, tambem não resente-se da aridez d' esse admiravel trabalho, impresso em Gôa em 1563 e a breve trecho espalhado e louvado na Europa. É antes uma obra recreativa, ainda que repleta de annotações cu-

riosas, engenhosas explicações, parallelos sensatos, interessantes descripções, dados valiosos de toda a especie. Em nada parecendo-se com um manual botanico ou therapeutico, deve porém pelo seu aspecto geral emparelhar com o mais completo *Roteiro* de Gabriel Soares, e acharem ambos honroso lugar na lista dos estudos de vulgarização determinados pela reorganização das ideias experimentaes, sob a dupla acção do exame dos classicos gregos, dos quaes os eruditos arabes já tanto se haviam aproveitado na Meia Edade e cuja influencia na Europa latina attingiu justamente o seu apogeu no seculo XVI, e do interesse despertado pelas descobertas e pela copia de novidades que ellas revelaram.

Si no decorrer dos *Dialogos* encontram-se lacunas, imperfeições ou mesmo extravagancias, não devemos precipitadamente incriminar o espirito na verdade culto do autor, e sim taxal-as de simples corollario dos conhecimentos incompletos d'aquelle tempo, em que as recordações do Genesis e da mythologia, bem como as producções da fantasia, baralhavam-se com as acquisições de uma observação tantas vezes superficial. Que podemos admirar que Bento Teixeira Pinto invoque as suas leituras de geographos da antiguidade pagã, e dê até largas á sua imaginação, ao tratar da ethnologia americana, quando ha pouco vimos quanto tal capitulo da sciencia se offerece ainda enxertado de empirismos e maculado de ficções? Que deve surprehender-nos que na avultada e cuidadosa relação de nossas

opulencias vegetaes e de nossas variedades zoologicas, aqui e além, a meio das informações as mais importantes, dê o escriptor entrada a crendices nas virtudes e predicados de certas plantas e animaes; quando era tão presumivel o desenfrear-se a imaginação perante uma Creação estranha, um Mundo Novo que por encanto surgira, provocando pela raridade, abundancia e diversidade das suas riquezas naturaes vivissima admiração, e gerando mesmo algumas chimeras na hypertrophia d' esta surpreza?

O poema epico de Bento Teixeira Pinto — *Prosopopeia* —, muito anterior aos *Dialogos*, nasceu visivelmente da influencia camoneana. A leitura dos *Luziadas*, feita nas frescas sombras de Cintra, oasis corôado de velhas setteiras arabes onde D. Sebastião se aprazia em sonhar com a victoria da fé christã, despertou na sociedade culta um murmurio de admiração, e entre a tribu dos poetastros necessidades de imitação. Comtudo, além das palpaveis, flagrantes lembranças dos *Luziadas*, nota o Snr. Pereira da Costa em um estudo publicado sobre o nosso mais antigo poeta, passagens bebidas directamente na leitura compassada de Virgilio. O suave amigo de Augusto, de cuja obra brotou um manancial de poesia epica e bucolica, era exactamente um dos autores mais em moda no seculo XVI, como já o fôra na Edade Media, encarando-o muitos como propheta e escolhendo-o Dante para seu guia na viagem ás regiões escuras.

Qualquer dos modelos porém, o latino ou o portuguez, aproveitou pouco á *Prosopopeia*. Não existe n' este agglomerado de versos nada que relembre, quer a graciosa factura, a inimitavel elegancia, a vibrante paixão da *Eneida*, quer a magestosa composição, a incomparavel facilidade, a fresca imaginação da epopéa camoneana. Á linguagem hyperbolica, de um arrojo que presagia de muito perto o gongorismo, mas entrecortada de frequentes descahidas, falta absolutamente a uniformidade de elevação e a serenidade de disposição que caracterizam aquelles poemas. Sem que escasseie arrebatamento á acção, tampouco o interesse sustenta-se igual nas differentes partes da *Prosopopeia*. As comparações apresentam vestigios da violencia com que foram empregadas, e as descripções soffrem do fraco desenvolvimento da imaginação physica do autor, comquanto elle falle amorosamente no seu Recife:

> Um porto tão quieto e tão seguro,
> Que para as curvas náos serve de muro.

Entre Camões e Bento Teixeira Pinto existe a mesma diversidade de realização que entre Raphael e qualquer dos seus discipulos menos talentosos. Da harmonia da composição do Mestre, na qual o individuo nunca desapparece na felicidade do conjuncto, derivaria o imitador uma disposição pallida e desequilibrada, sobresahindo em um fundo de figuras embaçadas certo personagem alambazado á força de pretender figurar agigantado: assim na *Prosopopeia* o fantasma,

óra envolto na roupagem mythologica do adivinho Proteo, óra revestido da coiraça empoeirada e salpicada de sangue agareno do *novo Marte* — o heroico Jorge. Do colorido sempre doce, embora variado, do divino artista da Renascença, que empresta ás suas numerosas Virgens um ar de meiguice captivante e á Galathéa da Farnezina um afogueado de discreta paixão, descambaria o copista mediocre n' um empastellado de tons, improprio a reproduzir correctamente os cambiantes dos sentimentos: de fórma parecida praticou o epico pernambucano, tornando-se monotono e confuso, tanto quiz mostrar-se imponente e grandiloquo.

A *Prosopopeia* não se afoita de resto a comparações. Ella visa a ser a apologia de um guerreiro, ao passo que os *Luziadas* celebram a gloria de um povo, ligando as bellas allegorias litterarias do largo classicismo renovador com as tradições peculiares a uma nacionalidade formada no espirito de concentração politica da Meia Edade. Camões impoz o seu poema com a temeridade do espadachim que fôra na mocidade, chamando a attenção europeia para o valor dos seus compatriotas e não derivando, como o Tasso, muito do interesse da sua epopéa da universalidade do assumpto para o mundo christão. E tão portuguez é o poema camoneano, que podemos notar com Sismondi a escassez no seu desdobramento da influencia do clima, dos costumes e da imaginação do Oriente, onde no emtanto Camões residira durante annos. O que respira-se nos ver-

sos dos *Luziadas* é mais que tudo a atmosphera batalhadora, aventurosa, crente da Peninsula, banhada pelo humanismo da Renascença.

Gabriel Soares de Souza foi coevo de Bento Teixeira Pinto. Ainda que natural da metropole considero-o, contra a opinião do Snr. Sylvio Romero, escriptor brazileiro, para o que bastaria o facto de ter residido na Bahia durante dezesete annos na qualidade de senhor de engenho, e haver assim contribuido com o seu trabalho para o desbravar da terra de que fizera a patria querida de adopção. Demais elle alli colleccionou as notas com que poude escrever o interessantissimo tratado descriptivo da colonia, offerecido a Christovão de Moura pelo proprio autor quando pretendeu obter em Madrid concessões de minas, ou melhor, facilidades para sua descoberta, além dos privilegios e honras eventuaes dependentes da felicidade da empreza. Os esforços do arrojado agricultor afim de chamar a attenção da côrte castelhana sobre uma possessão cuja immensa valia em parte perscrutára e no resto adivinhára, si foram pessoalmente bem succedidos, resultaram vãos no sentido geral.

A Hespanha vergava sob o pezo de enormes encargos, provenientes da acção preponderante que por interesses dynasticos havia sido chamada a exercer na Europa, e nenhum lazer encontrava para occupar-se de quasi incultas colonias portuguezas, por mais promettedoras que as certificassem. Podendo ser um paiz prospero; tranquillo dentro da sua legitima esphera de influen-

cia; produzindo, com a applicação simultanea do trabalho christão e da actividade arabe, excellente vinho, azeite, trigo, outros cereaes e mais artigos, em abundancia; explorando com a intelligencia e os capitaes judeus as riquezas mineraes do seu territorio, bem como instigando uma industria auspiciosamente revelada pelas manufacturas de lãs, sedas e velludos — a nação de Filippe II exgottou-se mercê das conflagrações europeias em que a sacudiram a ambição de Carlos V e a necessidade de defender o esparso patrimonio imperial, e mercê tambem das conquistas ultramarinas. Posto que servida pelo espirito audacioso, pela arrogancia reservada e pelo enthusiasmo aguerrido de seus filhos, aragonezes, castelhanos ou andaluzes retemperados nas longas luctas moiriscas, vangloriosos, maniacos pela honra, pouco inclinados ás occupações mechanicas ou mesmo mercantis; a Hespanha não dispunha de recursos bastantes para manter uma posição hegemonica no Velho Mundo, nem de população sufficiente para proseguir indefinidamente no Novo o commettimento glorioso de Colombo.

O celebre historiador florentino Francisco Guicciardini, mandado nos principios do seculo XVI (1512—13) como embaixador junto á pessôa de Fernando o Catholico, afim de preservar a neutralidade da Senhoria na pugna entre o rei Luiz XII de França e a Santa Liga organizada pelo bellicoso pontifice Julio II — missão diplomatica de nenhum effeito positivo, visto a desejada neutra-

lidade ter sido violada pelos francezes, seguindo-se como consequencias a volta dos Medicis e a alliança com o Papado — descreve na sua relação de viagem o aspecto mesquinho e sujo das cidades hespanholas e o limitado cultivo dos campos, circumscripto ás proximidades das raras povoações. Taes impressões acham-se de todo ponto corroboradas cento e cincoenta annos depois, em 1664, por um viajante inglez, Francis Willughby: "As ruas de Madrid são porcas, immundas..... A Hespanha é em muitos lugares, para não dizer na maior parte, escassa de população, quasi deshabitada..... Na distancia de um quarto de legua das cidades começa-se a vêr terras aradas; quanto ao resto são terras incultas, e apenas encontra-se florindo nos campos e sobre as collinas rosmaninho, cisto, zimbro, alfazema, giesta, aroeira, etc."

Pelo tempo em que o proprietario bahiano residia em Madrid, Sevilha já anteriormente famosa entre os moiros, era quasi a unica cidade que prosperava notavelmente. Graças ás relações commerciaes exclusivas com as Indias Occidentaes, tornára-se ella o entreposto das mais ricas mercadorias, e semelhante abundancia reflectia-se n' uma palpavel impaciencia por novas e bellas construcções. A plebe entretanto grunhia por toda a Hespanha na mais negra miseria, buscando no furto e na mendicidade diversão e remedio ás torturas da fome, mas julgando sempre o trabalho abaixo da sua dignidade. Agitava-a tão sómente, sob os farrapos sordidos e no meio

das estrumeiras onde de tempos a tempos abrigavam-se os vagabundos dos ventos regelantes de Castella e do sol abrazador da Andaluzia, a loucura do oiro - d'aquelle oiro que desembarcava, scintillava, e como por encanto sumia-se sem fecundar qualquer desenvolvimento nacional, incapaz de combater a indolencia e a fantasia, drenado pelas guerras e pelas importações.

Os soberbos romances picarescos hespanhoes, como o *Lazarillo de Tormes* e o *Guzmán de Alfarache*, pintam do modo mais realista, mais impressivo, o viver extraordinario de um mundo de mendigos e de desabusados em cata da grosseira codea de pão que os empatasse de cahir inanimados, por todos os meios que não fossem a industria e o trabalho, aguardando com rara constancia os dons imprevistos da fortuna, para com igual indifferença dissipal-os. Explica com aguda comprehensão um escriptor francez que taes desdem pela actividade e impassibilidade perante os vaivens do destino representavam a degeneração das qualidades que singularizavam o hespanhol das classes superiores, repudiando todo serviço, excepto o militar, adornando-se com intenso prazer apenas com os atavios do soldado, susceptivel, meticuloso nas questões de pundonor, heroico na lucta e estoico no repoiso.

O seguimento da vida de Gabriel Soares apóz sua estada em Madrid, offerece seus laivos romanescos como a sociedade que na capital de Filippe II o cercára. Si houvesse partido desacoroçoado nas esperanças alimentadas, o nosso

escriptor teria vegetado na sua fazenda do Jequiriçá, materialmente tranquillo, mas saudoso do perdido socego moral, inhabil para novas contendas com o fado, despeitado com a fortuna ingrata. Nomeado capitão-mór e governador das conquistas e descobrimento do rio de São Francisco, com um apontoado de prestantes attribuições, não lhe correu serena nem remuneradora a existencia.

Nem lhe valeu de talisman contra a adversidade que tenazmente perseguio os pesquizadores de minas brazileiras nos dois primeiros seculos da colonização, o apoio encontrado em D. Christovão de Moura. A expedição, partida de Lisbòa em 1591, fez sua estreia com um naufragio nas costas do Brazil, facto que levou Ferdinand Denis a acreditar no fallecimento de Gabriel Soares por essa occasião. Na verdade porém a expedição, reorganizada na Bahia, internou-se com grandes difficuldades até umas cem leguas do littoral, chegando ás nascentes do Paraguassú. Ahi o chefe expirou de cançaço, regressando para São Salvador os que tinham sido seus companheiros na ingloria exploração. Si a Gabriel Soares fugiu a riqueza, não lhe fugiu comtudo a celebridade, pois que a sua obra litteraria reviveu com toda a limpidez do primitivo deleite, e grangeou-lhe entre os pósteros uma sincera admiração.

Não constitue o *Roteiro do Brazil*, ao inverso dos *Dialogos*, um trabalho com pretenções a elegante: mas si no decorrer d' elle não buscou o autor engalanar o estylo e captivar a attenção pela formosura e correcção da linguagem, soube

no emtanto destacal-o lucidamente em breves capitulos, que methodicamente se seguem e envolvem multiplo attractivo. Começa Gabriel Soares por descrever minuciosamente a costa do Brazil, marcando os seus rios, enseadas, recifes e baixos, e apontando as facilidades e os perigos da sua navegação. Incidentemente passa a narrar os factos historicos até então occorridos, e logo, dedicando especialmente á Bahia muitas paginas carinhosas, enumera com consciencia prodigiosa para a epocha e para o meio, todos os exemplares conhecidos da fauna e flora brazileiras, designando-lhes os habitos e propriedades. Acaba por bosquejar os costumes dos selvagens e informar o ministro a quem dedicava o livro, do assumpto magno na expansão colonial — a existencia no interior do Brazil de metaes caros e pedras preciosas. "Dos metaes de que o mundo faz mais conta, que é o ouro e prata; fazemos aqui tão pouca, que os guardamos para o remate e fim d' esta historia....."

O tratado de Gabriel Soares póde, pois, considerar-se um perfeito manual de propaganda da colonia, para uso dos governantes; e de facto encerra o inventario cuidadoso, circumstanciado, relativamente cabal, das nossas riquezas. Descobrem-se certamente em seu percurso incorrecções e inverdades, que Varnhagen indica e emenda na edição que em 1851 publicou de tão importante estudo, inedito até 1825. Nem n' aquelle tempo abundavam em uma propriedade rural exposta aos ataques dos indigenas, meios de veri-

ficarem-se as versões dos descobridores e exploradores, nem o escriptor possuia um alto criterio scientifico. Devemos em todo o caso agradecer-lhe o não haver mareado o seu excellente tratado, essencialmente descriptivo, compilado na atmosphera sadia dos campos bahianos e apresentado n' uma linguagem tão graciosa pela simplicidade quão seductora pela vivacidade, com algumas das ideias sobrenaturaes, então frequentes mesmo entre reputados escriptores de profissão, e cuja existencia nos é attestada, já pelas graves discussões e pantafaçudas dissertações litterarias, já pelas severissimas disposições penaes e horrorosos processos, que reduziram a um montão de cinzas uma legião de inculpados de feitiçarias.

Além de tudo o senhor de engenho como que teve a intuição do futuro brilhante do Brazil ao escrever com convicção: "Esse reino está capaz para se edificar nelle um grande imperio." A previsão era feita por quem, observando-a, tinha aprendido a admirar e estremecer a explendida natureza americana, não descrendo dos tempos vindouros, nem pelas continuadas aggressões dos naturaes; nem pelo mallogro de varias das tentativas de colonização arribadas com a mira no oiro, ou mesmo nas especulações agricolas baseadas sobre o assucar; nem pelo desazo do governo hespanhol relativamente ás mais urgentes necessidades de uma colonia quasi deserta e parcimoniosa, senão das suas galas, pelo menos dos seus thesouros; nem finalmente pelos repetidos assaltos de inimigos europeus, tornados tão habi-

tuaes que o autor escrevia; "Os moradores estão sempre com o fato entrouxado para se recolherem para o matto, como fazem com a vista de qualquer náu grande, temendo-se serem corsarios."

Bem ao contrario, elle cria no porvir da terra a que tanto se affeiçoára. Quantas vezes, nas interminaveis estações na antesala de D. Christovão de Moura, o não alancearíam as saudades da sua Bahia, "a maior e mais formoza que se sabe pelo mundo", cuja villa erguia-se ainda mesquinha, fracamente defendida, pobremente guarnecida de edificios, é certo: mas estirando-se ao sol, ou á sombra clara das palmeiras, com tão visivel sofreguidão; mirando-se no mar calmo e azul com tão confiada negligencia; enfeitando-se com tanta garridice de quintaes odoriferos, nos quaes sobresahiam na folhagem escura das larangeiras, na alegre ramada das videiras ou nos galhos bravios das figueiras, os opulentos fructos amadurecidos ao calor tropical; decorando-se com tamanha prosapia de uma praça de correr toiros e um terreiro para exercicios a cavallo; provendo-se tão fervorosamente de egrejas, Collegio e conventos, e tão mundanamente de bem fornecidas lojas em que apinhavam-se as joias de atavio, as fazendas de luxo e os vinhos perfumados da Madeira e das Canarias, visto o rendimento dos engenhos alimentar em São Salvador, como em Pernambuco, serios pruridos de ostentação, quando o Sul apenas começava a desenvincilhar-se da desordem das primeiras installações, faltas de uma direcção official ou de um commando efficaz.

No aprazivel reconcavo bahiano, coalhado de muito mais de mil embarcações do serviço das propriedades, alternavam os quarenta engenhos com seus cannaviaes e suas casas de vivenda, com as sessenta e duas egrejas, capellas e ermidas. Externava-se assim a fiel representação d' aquella sociedade, dividida entre os trabalhos da lavoira e os fervores da religião, pelejando energicamente pela abundancia, e encontrando na fé o arrimo moral para algumas decepções, o incentivo perenne para novos commettimentos e a eterna consolação das muitas privações.

O Snr. Sylvio Romero avoluma a lista dos escriptores brazileiros do seculo XVI com os nomes de varios jesuitas, que exerceram entre os indios o nobre officio de missionarios e entre os europeus a penosa tarefa de moralizadores, e que deixaram testemunhos da sua surprehendente observação como viajantes e do seu intelligente esforço como philologos. O rol do distincto critico sergipano poderia até ser alongado, no caso de devermos realmente considerar como escriptores nacionaes aquelles sacerdotes, que abjuravam cégamente nas mãos de um geral toda a preoccupação de patria, vivendo e operando exclusivamente para a sua sociedade, n' um internacionalismo de affeições e communismo de ambições que marcam-lhes dominio á parte na historia das congregações religiosas. Ao evangelico José de Anchieta e ao chistoso Fernão Cardim accrescentariamos o imperioso Manuel da Nobrega, o simples Antonio Pires e outros mais, que todos

illuminaram as mais antigas paginas dos nosos annaes com a doce fascinação das suas palavras de paz e o trabalhoso resultado da sua acção de propaganda christã. Si entendo contrariar tal inclusão, não é portanto em razão de um sentimento mesquinho de animosidade contra a Ordem de Jesus, cujos primitivos serviços á civilização brazileira hei enaltecido, e sim por julgar os seus membros despidos da intenção particularista — e com este termo não pretendo ainda significar impossiveis ideias de independencia politica, mas apenas a sympathia especial, vibrante ao ponto de tornar-se prophetica, pela patria de nascimento ou de eleição — que unicamente póde caracterizar no seculo XVI uma variação da nossa litteratura na evolução da da metropole.

As cartas dos jesuitas enriqueceram de curiosos relatorios os archivos da Companhia, ou trocaram effusões naturaes entre individuos inflammados por um igual proselytismo. N' ellas encontram-se indicações accidentaes, e mesmo descripções propositaes das capitanias, que são de grande utilidade para a reconstrucção da pristina vida brazileira. Fallece-lhes todavia, quando não a côr local, o espirito local dos colonos, que, como Bento Teixeira Pinto e Gabriel Soares, lidaram pelo desenvolvimento da riqueza do paiz. Com que interesse não particulariza o segundo as estranhezas da colonia, e com que accento de certeza se não refere ás minas que se propunha excavar para fortuna propria e luzente prosperidade do Brazil! Com que lucidez não preconiza

o animo emprehendedor do primeiro a variedade da cultura da terra, procurando desligar a industria da tyrannia do assucar, para simultaneamente confiar-lhe outras muitas preciosidades vegetaes do sólo, algumas das quaes ainda esperam seu aproveitamento!

Eis o que falta nos escriptos dos jesuitas, com excepção talvez de Simão de Vasconcellos: essa nota sincera de enthusiasmo, esse tom estimulante de paixão pelo Brazil, que elles substituem pelo cuidado nas vantagens collectivas da Ordem e nos beneficios da introducção ou conservação da ideia catholica entre os elementos da mesclada população. Mais tarde, quando a congregação mudou bastante de rumo e, saciada de poder e mando, deu-se ao luxo de ter emoções pessoaes, é preciso ir buscar em um estrangeiro, o padre Andreoni, que sob o pseudonymo de Antonil escreveu um bello livro descriptivo merecedor das honras do confisco, aquella vibração de sentimento local. No seculo XVI porém era demasiado cêdo para estas exhibições de individualismo na Ordem.

Compete certamente aos padres que distinguiram-se por sua applicação ás lettras tomar lugar, não exclusivamente no meio dos paladinos mais uteis da Companhia, como entre os representantes da lingua que serviu de instrumento á manifestação das suas aptidões intellectuaes mais ou menos notaveis. Alguns ha que merecem assento no cenaculo dos philologos memoraveis e dos classicos illustres. Não lhes cabe porém lu-

gar no numero dos precursores de uma litteratura nova que, não podendo reclamar originalidade, exigia pelo menos o signal da admiração e do carinho pela nação da qual ella tendia paulatinamente a tornar-se a expressão.

III.

SECULOS XVII—XVIII.

A ESCOLA BAHIANA, O JUDEU E O MOVIMENTO ACADEMICO.

Apezar do luxo pernambucano e da abastança bahiana, flôres raras na terra brazileira, verificámos que no tempo dos Filippes a fabulosa extensão do imperio hespanhol impedia o consagrar-se attenção especial a um paiz quasi despovoado, da fórma do nosso. Demais, os ataques hollandezes não tinham ainda posto em completa evidencia a grande valia agricola de um territorio que persistia em mostrar-se avaro de suas riquezas mineraes. Já igualmente vimos que a India encarnava, havia um seculo, o resplendor de Portugal; que representava o seu patrimonio indisputado de opulencia.

Por occasião da viagem a Portugal d' el-rei Filippe III, no anno de 1619, porfiaram os jesuitas com a nobreza e a burguezia da magistratura e das corporações, no brilho com que ficou

assignalado tão excepcional acontecimento. A tragicomedia por titulo *D. Manoel, Conquistador do Oriente*, cuja representação a Companhia offereceu ao monarcha no collegio de Santo Antão, foi levada á scena com fausto deslumbrante, aliás usual nas representações d'aquella epocha, geralmente entremeadas de danças e de animadas apparições de seres fantasticos, producções em que misturavam-se as reminiscencias dos mysterios medievaes e as lições do resuscitado theatro classico. Trezentos e cincoenta personagens pelo menos, e mais de quarenta "animaes, aves e monstros marinhos" desfilaram sobre o tablado, scintillantes de pedrarias, carregados de fazendas custosas.

É por certo de um toque duvidoso o valor litterario d' essa obra latina, a qual destinava-se a ferir os sentidos mais do que a intelligencia, vibrando novo golpe na tradição pouco antes virente do theatro portuguez; isto é, frustrando os vôos sadiamente mysticos e estiolando o humor caustico dos autos satiricos e intencionaes de Gil Vicente. Mesmo quando se arrogaram a direcção da corrente humanista da Renascença, já um tanto pedantesca pelo abuso, os jesuitas calcinaram-n' a, banindo d' ella as seducções do paganismo sensual para confinar a mythologia nos limites estreitos da erudição, substituindo a pouco e pouco as amaveis e peccaminosas figuras do Olympo pelos severos vultos biblicos e pelas seccas abstracções de um aristotelismo avariado.

O interesse da tragicomedia colonial de 1619

reside comtudo em poderem-se fixar através das vistosas allegorias da peça, o predominio de algumas preferencias e a influencia de certos preconceitos. Assim, vemos que a India absorveu toda a attenção do autor — mestre de rhetorica padre Antonio de Souza. São as batalhas e correlativas victorias dos portuguezes nos mares orientaes as que se exaltam. É a dilatação da fé entre os idolatras do Ganges a que merece estimulo e louvor. Como heróes gloriosos apontam-se apenas os conquistadores audazes da Asia, e ainda não os obreiros mais modestos, porém não menos valentes e tenazes da civilização americana.

Apresentava-se no palco o Oriente cercado de quinze provincias: entre ellas o Malabar, com a sua pimenta; a Arabia, com o seu incenso; a Persia, portadora de perolas; o Decan, de diamantes; o Pegú, de esmeraldas; Cambaya, carregando o anil e varios simplices; a canna de assucar, Bengala; a myrrha, Sumatra; recendendo a China ao almiscar encerrado em uma caixa de charão; vergando o Japão ao pezo de barras de prata dispostas n' uma caixa semelhante; escondendo Maluco o cravo n' um cofre de tartaruga; occultando Ceylão a cannela n' um vaso de madreperola; ostentando a Ethiopia o oiro n' um vaso de unicornio. O pobre Brazil não possuia entretanto sombra de tão lindas galas: montado n' um caimão, rodeavam -n' o selvagens semi-nús e escoltavam -n' o em alegre dança trefegos macacos e papagaios palradores. (Lavaña, Viage de la

Catholica R. M. del Rei D. Filippe III, N. S. al Reino de Portugal.)

Não obstante todos os seus explendores e proventos, o Oriente jamais poderia constituir para a metropole uma arena de actividade intellectual. Indirectamente provocaram as façanhas de que elle foi diaria testemunha, os harpejos poeticos mais harmoniosos da litteratura portugueza: mas do proprio sólo hindostanico, onde povos quasi igualmente adiantados degladiavam-se, sem fundirem-se apóz as pelejas n' uma vasta e fecundante absorpção, impossivel seria então brotar uma qualquer florescencia mental, além da que prendia-se com a estrategia dos cercos e com as manhas das ciladas.

Revelava-se no Brazil incomparavelmente mais intensa a acção civilizadora dos invasores. A feitoria tornára-se herdade. O commercio, essencialmente mobil, transmudára-se na agricultura, essencialmente fixa. O theatro de epicos combates assumia por vezes aspectos de bucolicas virgilianas. N' uma palavra, a colonização tomava o lugar da conquista. Máu grado porém a relativa quietação e a verdadeira riqueza, apezar das esboçadas parciaes feições de urbanidade, o adiantamento e a diffusão da educação ainda não chegavam para permittir uma larga, definida e methodica progressão intellectual. Os casos esporadicos de actividade litteraria, como o de Bento Teixeira Pinto, sumiam-se na boçal estagnação ambiente: não logravam honras epidemicas, muito menos a appetecivel qualificação de endemia.

As pugnas subsequentes — repulsa da invasão e revoltas contra a occupação hollandeza, — tampouco vieram offerecer margem para qualquer desenvolvimento das lettras. Volveu a lucta durante alguns lustros a ser de novo toda physica, como nos primeiros tempos da colonização. As espadas inimigas golpearam os escassos in-folios das livrarias pernambucanas, e a incipiente sociedade da capitania mergulhou inteira no marasmo da dôr e nos lances do pavor.

A Reforma, importada pelos vencedores, era em si, mercê de uma natureza immovel e cruel, e como o talmudismo ou o buddhismo, fraca estimulante de uma desenvolução espiritual. A aridez do credo e a violencia dos processos do protestantismo bastariam para contrariar-lhe a expansão, si a não annullasse o fulgido sentimento religioso transplantado de Portugal. Não apparecia este sentimento além do Oceano, como aquém o italiano, acalentado por uma ampla concepção da vida nos seus aspectos de prazer e nas suas faces de estudo, prestando culto com o paganismo ás forças da natureza e irradiando com o christianismo liberdade e altruismo; mas surgia como a expressão sincera, até ingenua, antes céga, da fé, servida pelos methodos de reacção a que a Egreja teve de recorrer no combate dado á dissolução catholica prégada na Allemanha.

Tal como desenrolou-se na Peninsula Iberica pela falta de uma base de cultura bastante larga e bastante solida, pelas consequentes e particulares condições de um meio aberto ás suggestões

externas, a Contra-Reforma assumiu feições de intolerancia destruidora da sciencia e de fanatismo perturbador do progresso moral. E todavia o impulso geral da Renascença, agindo sobre singulares disposições nativas e actuando sobre a longa e fecunda fermentação medieval, determinou uma gloriosa phase da intelligencia e da sensibilidade, periodo litterario e artistico em que os nomes de Camões, Calderon, Velasquez e Murillo sobresahem com estranho brilho.

Na Italia a reacção religiosa desvaneceu-se alegremente na magnificencia humanista. Na febre de individualismo que o estudo dos modelos classicos despertára em corações e espiritos cuja uniforme subserviencia politica, outr' óra creada pelo despotismo romano, já fôra corrigida pela independencia germanica, varrida pela altaneria das communas, e tão sómente apresentava desde a Meia Edade trechos de consciente corrupção, residiu o derivativo do mal. Escoou-se este pelos mil póros do adiantado organismo da cultura transalpina, deixando apenas viva para a posteridade a tradição immorredoura da sua litteratura e da sua arte no *Trecento* e no *Cinquecento*.

Nem podiam achar segura guarida os sentimentos de virulencia religiosa onde a comprehensão do catholicismo era nitida; perfeita a distincção entre a pureza da doutrina e os erros dos seus representantes contemporaneos; bem temperada a tendencia exclusivamente idealista de concentração medieval pelas correntes experimentaes, positivas, vivas da Renascença. Assim

como na pintura os traços duros, o desenho incorrecto, a preoccupação sentimental levada até a languidez, o colorido juxtaposto dos Primitivos transformam-se paulatinamente, graças ao estudo da anatomia e da perspectiva, ao contacto da realidade humana e á applicação dos achados technicos, na factura poderosa de Miguel Angelo, na suave composição de Raphael, no vigor e naturalidade de effeitos do Ticiano, no doce e harmonioso fundido de tons de André del Sarto — da mesma fórma na sciencia e na litteratura a inclinação ao maravilhoso e o gosto do mystico transmudam-se em amor pela observação exacta e em sympathia pelo heroismo vivido. No lugar de Marco Polo, Galileu; no do Dante, Ariosto.

A poesia é certo que declinou, cedendo o passo á arte e á sciencia, porque no passado idealismo, na triste decomposição dos grandes ideiaes medievaes — o Imperio e o Papado universaes — encontrára ella a sua atmosphera conveniente, encarnando com o Dante as sensibilidades e as angustias de toda uma geração. Posteriormente, quando no extremo Occidente latino Camões condensava, não mais revoltas da alma, mas os orgulhos de uma consciencia nacional, a agitação geralmente supprira a aspiração do animo italiano.

Aos sonhos illusorios e contradictorios da unidade germanica ou romana, vivazes ainda nas luctas dos guelfos e gibelinos, em cujos arraiaes tinham-se sentado dois seculos antes Petrarcha e o Dante — oppuzéra-se o fragmentado da Italia,

a principio em communas, as quaes, vencedoras do feudalismo porém dilaceradas pelas facções, haviam-se transformado em senhorias sob o impulso de tyrannos na sua maioria perfidos, brutaes, criminosos até á medulla, mas aduladores da multidão contra os oligarchas concorrentes; e convertido finalmente em principados pelos manejos de antigos podestás, gonfaloneiros ou outros magnates, mais habeis ou mais felizes. A omnipotencia de Carlos V foi o ultimo clarão do germanismo, apóz as sanguinolentas disputas estrangeiras que taláram o sólo italiano, sendo contra todas estas intervenções impotentes as tentativas de unificação nacional, as quaes surgiam allucinadas; sem prestigio; enredadas em crimes; compromettidas em carnificinas; corroidas pelos bandos de aventureiros assoldadados; portadoras na sua origem desleal do germen da sua impossibilidade; a braços além de tudo com o particularismo, que é o individualismo dos estados.

Sabemos que nem mais feliz havia jamais sido o Imperio, agora esphacelado pela Reforma, ou o Papado, finalmente refugiado das dissensões nas pompas humanistas, consolando-se com os primores artisticos das perdas de autoridade, e arrimando-se á intransigencia ao aperceber-se da realidade do perigo espiritual do protestantismo. Quando tal succedeu, foi realmente o individualismo, vivo na claridade do seu paganismo dissolvente, o facho que na peninsula bordada pelo Mediterraneo e pelo Adriatico afugentou o mais

sombrio da treva da intolerancia proclamada pela Egreja ameaçada de asphyxia theologica.

Por certo não representava ainda o individualismo, conforme aconteceu sómente depois da Revolução Franceza, a plenitude da personalidade humana. Era um individualismo todo de superficie, ou antes de vertice, permittindo a florescencia de grandes figuras de artistas, de cortezãos, de philosophos, de caudilhos — não agitando porém a massa popular debaixo do influxo de reivindicações que a dignidade do cidadão impellia. Individualismo de pensamento e de acção, lhe poderemos chamar; mas nunca, em absoluto, individualismo de consciencia politica e de importancia social. Singularizavam-se os predicados brilhantemente antes de integrarem-se n' um conjuncto harmonico, e nivelador á força de aberto o accesso a todas as capacidades.

Escreve Romualdo Bonfadini *(Le Fazioni)* que a violencia collectiva, caracteristica da tradição italiana desde a lucta das communas, não constituia senão a legitima filiação do excesso individual. Nascia-se faccioso. Bebia-se o sestro com o leite materno. Recebia-se o conselho de envolta com as lições do preceptor. No seculo XIV as contendas de familias ensanguentavam continuamente as ruas das cidades, e quando o conceito utilitario, não menos violento, substituio-se em plena Renascença áquelle ardor politico, gerador de monstros e de martyres, o individualismo já completamente invadira as differentes classes, mercê da anterior extensão das franquias munici-

paes e da pugna actual pelas primazias senhoriaes; e o livre exame, d'elle oriundo, antepunha victoriosamente o seu dique ao duplo atrazo intellectual e moral da Reforma e da Contra-Reforma.

Entre o sexo feminino até forneceu o individualismo productos admiraveis de energia, de erudição e de civismo: mas foi no terreno da arte sobretudo notavel a sua acção, desprendendo a pintura da monotona uniformidade primitiva, toda catholicamente vaporosa, e permittindo a distincção das escolas, marcadas com o sello das nacionalidades, e a separação dos artistas, diversificados pela garra do genio. Em Flandres as telas impregnaram-se com Rubens de um explendoroso sensualismo religioso; com Van Dyck de uma delicada expressão humana. Na Hollanda seguiram prestemente a orientação caseira e naturalista de um povo pratico e amante do lar. Na Hespanha elevar-se-hiam com Velasquez á psychologia mais subtil de que é capaz o paiz dos maravilhosos analystas do coração humano que chamaram-se Santa Thereza de Jesus e Santo Ignacio de Loyola. Na Italia finalmente adquiriam ellas no meio de uma grande variedade de escolas um tom geral de tranquillidade, de verdade, de commoção, enternecedoras sem serem ridiculas, repletas de equilibrio e de naturalidade sem por isso abandonarem o dominio felicissimo da actividade interna.

Jesus, o grande protogonista da arte medieval e da da Renascença, deixa na pintura italiana de traduzir os soffrimentos physicos sob que o pincel

de Rubens o faz extorcer-se, para exprimir a agitação moral, gozando como Deus da volupia do martyrio voluntario pelas suas creaturas. Tambem n' essa pintura prodigiosa deixão as divindades mythologicas de ser os personagens triviaes de dramas e comedias corriqueiras, para representarem as abstracções serenas e levantadas do genio hellenico, comprehendidas por um povo irmão na intelligencia. Por aquelle seu primeiro distinctivo, a escola italiana ainda hoje attrai os maiores enthusiasmos; hoje sobretudo que a reversão para o ideial revelada por um pronunciado mysticismo, repudia a realidade na sua nudez por vezes anti-esthetica, e faz com que surja, senão uma recrudescencia de fervor religioso, pelo menos o que François Coppée definiu "um dilettantismo dos espiritos delicados em reacção á intolerancia e grosseria do livre-pensamento official". Pelo seu segundo caracteristico, a arte italiana conseguio arrastar proveitosamente para o campo da especulação medieval os primores quasi esquecidos de duas civilizações extinctas como fócos de irradiação, mas vivazes sempre nos impereciveis monumentos architectonicos e litterarios que legáram.

É ainda na Italia, onde nunca desapparecêra a pura e harmonica arte classica, antes havia modificado na sua adaptação a confusa e desigual architectura gothica, que a architectura ponderada da Renascença encontra a sua realização mais admiravel. Repugnou sempre o exaggerado mysticismo septentrional ao velho equi-

librio latino. Nos edificios da Peninsula Italica em que o gothico estampou-se, é facil de descortinar a influencia local: no sumptuoso Duomo de Milão por exemplo, as portas possuem o cimbre em vez da ogiva, e as altas columnas marmoreas que dividem as naves, sustentam em ogivas a abobada arrojada, porém sem esfarelarem-se no cimo em um fantasioso remoinhar de detalhes, antes substituindo-os por um simples capitel ornado de estatuetas.

A escola veneziana distancia-se um tanto dos traços geraes da pintura italiana. A propria republica do Adriatico occupou um lugar á parte na Peninsula, encerrada em sua oligarchia ciosa; desinteressada por este exclusivismo aristocratico das luctas das communas contra os tyrannos, as quaes constituem a summula da historia da Italia nos seculos da maior actividade politica e social; cooperando comtudo intermittentemente nas ligas guelfas contra o Imperio; mas mórmente occupada, primeiro na arrecadação de riquezas, e depois na exhibição de opulencias, sempre visando á sua expansão oriental.

Veneza foi um dos baluartes europeus contra a absorpção turca, e em algum tempo o centro do mais lucrativo trafico exotico. Nas suas lagunas encontrava-se um mundo de chatins, christãos e infieis, e a physionomia byzantina da magestosa basilica de São Marcos, cujas cupulas e minaretes deixam coar pelas frestas uma luz resplandecente que vai pallidamente reflectir-se sobre os magicos mosaicos, os bellissimos por-

phyros, os ricos marmores e os pezados bronzes da decoração interior, offerece-nos um verdadeiro antegosto do Oriente.

A pintura florescente em semelhante meio devia forçosamente ser a menos christãmente religiosa, a mais pagã das desabrochadas ao sol fulgurante do Meio Dia. Não póde confundir-se com nenhum outro o seu colorido — pastoso, quente, recendente a incenso, a myrrha, a sandalo, a todas as especiarias perfumadas importadas da Asia; possuindo, e emprestando até aos vidros delicadissimos de Murano, o tom pallido da perola, o negro do ebano, o verde da malachite, o roxo da amethysta, e particularmente o vermelho rosa do coral, soberbamente reproduzidos. Os brocados fastosos, as sedas irisadas, os velludos solemnes, vemol-os tratados pelos pinceis venezianos com uma mestria unica. Todos estes estofos caros harmonizavam-se de resto tão bem com a magnificencia da architectura e do viver da cidade dos Doges, que a pintura prodiga-os alli com inalteravel liberalidade: desde os trypticos medievaes que elles se ostentam n' uma incontinencia de doirados.

É de uncção que carecem os quadros religiosos de Veneza, mesmo os que destinavam-se a satisfazer encommendas de conventos e irmandades. São taes quadros em verdade extraordinarias reproducções de scenas contemporaneas, de banquetes, festividades de egreja, expansões de familia, esboçadas com largueza e realçadas por um colorido brilhante. A pompa do Vero-

neso e a finura de modelado do Tintoreto, combinadas com menos opulenta fulgencia, maior robustez e superior expressão nas telas do Ticiano, as mais profundamente intencionaes da escola, não nos fornecem entretanto a nota intima, a vibração moral que se nos depara nas outras escolas, desde as Virgens recamadas de oiro, hieraticas e sobrehumanas de fra Angelico, até ás Madonas dulcissimas de Raphael, umas ineffaveis, immaculadas como a açucena, adoraveis outras no seu arrebatamento materno.

Não é raro que até nos quadros mais essencialmente religiosos achassem os pintores venezianos meio de furtarem-se ás exigencias exclusivistas do assumpto, quer retratando algum doge em oração pela patria, quer esboçando alguma allusão ás glorias maritimas ou militares da republica, alcançadas nas cruzadas contra o islamismo ou nas contendas pelo Papado.

E é relativamente pena para a arte que a religião não fizesse murchar totalmente em Veneza a pujança peculiar da sua pintura semi-profana, semi-catholica; pois que teriamos então visto surgir no Sul, ao lado das telas exclusivamente sagradas, uma monumental pintura de genero, correspondente no Norte á hollandeza. Transmittiu-nos esta nas vastas telas das confrarias civis a vida burgueza em sua mais distincta expressão; aquella ter-nos-hia legado, mesmo como recordação si o ascetismo houvesse sobrepujado o luxo, a vida aristocratica na sua exhibição espectaculosa, nas suas particularidades suggesti-

vas, sem que a nós nos fosse mister adivinhal-a atravez das roupagens agiologicas.

São com effeito sensivelmente raros na Italia os quadros de interior, e talvez semelhante escassez haja redundado na visivel predilecção concedida pelo nosso seculo á *Virgem da Cadeira* de Raphael, existente na galeria Pitti de Florença, a mais *humana* das Madonas do genial artista, a representação, não mais de um ideial de santidade e de pureza, mas de uma real e adoravel camponeza das margens do Arno ou do Tibre que acalenta o seu *bambino*, fatigado de rolar na lama da viella ou sobre os seixos polidos da borda do rio. O convencionalismo da pintura italiana é ao contrario tão poderoso que chega a extender-se ás marinhas e ás paizagens, as quaes adquirem com Salvador Rosa a nota grandiloqua e o aspecto theatral.

Forneceu portanto a Italia da Renascença, durante um a dois seculos pelo menos, a expressão dominante da cultura europeia. Demais, inscreveu no rol das aspirações sociaes conquistas que coube á França realizar muito mais tarde, para si porém e para a humanidade. A igualdade politica das classes, verificamol-a nas communas transalpinas apóz a destituição do feudalismo estrangeiro pelo espirito municipal, ainda que não com a ampliação desenfreada que emprestou-lhe a Revolução Franceza; nem mesmo com a latitude e o respeito das actuaes transacções; nem ainda sem as desconfianças e temores das situações mal amparadas; todavia com uma

notavel sobranceria e uma violenta consciencia objectiva dos proprios direitos, infelizmente suffocadas pelo absolutismo dos thronos, servido pela reacção religiosa.

A doutrina progressista do catholicismo tendo tido que executar diante da Reforma um brusco movimento de regressão com o fim de assegurar a conservação das conquistas realizadas, á sombra d' esta intolerancia, modelando-a, dirigindo-a, firmaram os principes a sua omnipotencia. Na Peninsula Iberica especialmente, onde o organismo nacional, depauperado pelo exodo para as colonias; enervado pela constante prégação fradesca, da palavra que não do exemplo, commandando o arrependimento e a penitencia em frente aos excessos das conquistas e ás riquezas que borbulhavam do trafico, não encontrava no seu amollecido temperamento energia e altivez sufficientes para affirmar, como o italiano, o predominio da sua vontade, da sua individualidade, em face mesmo da Egreja — a beatice e a prepotencia ligaram-se estreitamente, juntas luctaram contra o pensamento, para depois degladiarem-se entre si e ambas sumirem-se n' um vortice commum de sangue e de irrisão.

Si a apathia hispano-portugueza, palpavel desde os reinados de Filippe II e D. João III e necessariamente reflectida nas colonias, não foi imitada na Italia, é porque na gloriosa Peninsula Romana o povo, intellectualmente mais adiantado, mais educado em tradições de grandeza e ao mesmo tempo de liberdade, exacerbado pelas dis-

putas intestinas, não supportava tão de bòamente que o segregassem do poder, o qual elle havia penosamente grangeado. O futuro lhe não trouxe comtudo vantagens immediatas d' esta excitação.

Na França e na Hespanha o principio da autoridade fortalecêra-se pela união monarchica de reinos independentes, e apenas na primeira nação aguentava nos embates calvinistas as ultimas ameaças de preponderancia da nobreza. Em Portugal tornára-se o mar o largo campo de actividade do paiz, e tambem o facil engodo da corôa. Preparava-se a Inglaterra para herdar o predominio colonial da Peninsula Iberica. Na Allemanha a população soffria os golpes da miseria a meio de uma debilitante organização feudal. A Italia entrementes, escaldada pelas reminiscencias da antiguidade; sem destino, quer de hegemonia europeia, quer de supremacia ultramarina; orgulhosa da sua litteratura e da sua arte primorosas; dividida entre um Pontifice eleito á força de intrigas e de peculato, rapaces vice-reis estrangeiros, e potentados nacionaes, ambiciosos de mando perpetuo e ciumentos das derradeiras burguezias, debatia-se em uma crise de pura agitação politica, da qual resvalou por fim, esfalfada, em um longo periodo de atonia, quando outras nações, de menos levantada natureza, erguiam-se, prosperavam e dominavam.

Parecida tradição de cultura qual a europeia fallecia, segundo vimos, além mar, por nem possuil-a em alta dose a raça conquistadora, nem lhe ser favoravel o nosso momento historico;

mingoando portanto as condições de qualquer continua manifestação litteraria ou artistica. Si porém o meio social transudava diminuto prestigio mental, sobravam-lhe em uma maior salubridade espiritual e no viço da juventude elementos para um progredir constante, de que devia resultar uma expressão intellectual dotada de caracteres proprios, cuja franqueza compensasse a falta de agudeza e cuja espontaneidade resgatasse a carencia de requinte.

O traço distinctivo dos primeiros escriptores brazileiros, no seculo XVI, assignala igualmente e mais pronunciadamente a magra litteratura do seculo immediato. Notam-se n' esta um apego crescente dos autores ao torrão natal, uma comprehensão cada dia mais clara da importancia da colonia, já considerada em seu organismo nacional, e uma convicção progressivamente arraigada dos seus brilhantes destinos. As circumstancias haviam de resto variado muito.

Não precisavam mais os escriptores de limitar-se, como Bento Teixeira Pinto e Gabriel Soares, a listas das magnificencias do sólo, entrecortadas de passageiras allusões a acontecimentos dignos de registro. No começo do seculo XVIII caberia ainda a um poeta, frei Manoel de Santa Maria Itaparica, descrever e enaltecer, mas por simples desfastio litterario, em versos graciosos, a flora brazileira; assim como se lembraria Nuno Marques Pereira, o autor do insulso *Peregrino da America* (livro que aliás encerra paginas interessantes como subsidio para a psychologia

do seculo), de orchestrar em um seguimento de versos reunidos sob o titulo de *Romance*, as entoações e trillos das mais conhecidas aves nacionaes. Por contra nos principios do seculo XVII, em 1627, já as afortunadas e as malaventuradas fundações de capitanias, instinctivamente apreciadas no seu conjuncto e como resultado geral de civilização; as luctas contra os indios e os progressos das missões religiosas olhados, talvez inconscientemente, não apenas em seus effeitos de proselytismo christão, mas em seus resultados sociaes, davam pasto á prosa de frei Vicente do Salvador.

Por este tempo sobreveio a prolongada e gloriosa guerra dos hollandezes, manifestação robusta da vitalidade da possessão, e a sua volumosa bagagem de recordações marciaes não sómente provocou a facundia de apologistas profanos e fradescos da metropole ou vivendo na colonia, como contribuio principalmente para despertar a penna altaneira do nosso historiador Rocha Pitta. Chronologicamente pertence este homem de lettras a um periodo posterior ao seculo XVII, a saber que nos primeiros decennios do seculo XVIII exerceu sua mais proficua actividade. A escola bahiana de que elle foi ornamento abrange aliás no Brazil todo o lapso de tempo que se extende dos meados do seculo XVII aos meados do seculo XVIII, produzindo entre varios distinctos engenhos Gregorio de Mattos Guerra, o mais antigo escriptor brazileiro — brazileiro mais do que na intenção panegyrica

ou no patriotismo incipiente, brazileiro no irritante sabor local e no espirito desaffectadamente differenciado.

Representou a Bahia até 1762 alguma coisa além de um méro nucleo de administração. Constituio a séde da côrte do governador geral ou do vice-rei do Brazil, transferida n' aquella data para o Rio de Janeiro. Assim pois, pelas já seculares tradições officiaes inherentes a tão saliente situação na colonia; e tambem pela riqueza das terras de seu apanagio e movimento do seu commercio, passou sempre a régia capitania por uma das mais prosperas. Faltou-lhe apenas, mesmo nos seculos XVII e XVIII, a despeito da grande abastança e da florescencia litteraria, a nota peculiar, senão de elegancia, pelo menos de policia, de sociabilidade, de nobreza, que a familia de Duarte Coelho e outras que seguiram o donatario, tinham com persistencia logrado imprimir a Pernambuco, antes que a invasão bátava transformasse o auspicioso feudo em theatro de duradoiras carnagens. E tanto é isto verdadeiro que, sendo o sólo tão prodigamente dotado pela natureza e o clima tão saudavel, escasseava na cidade de São Salvador a bôa alimentação, symptomatica do desafogo e conforto da população, posto que não faltassem as guloseimas, denunciadoras dos ocios da estabilidade. Varios viajantes francezes concordam, apezar de trazerem das compridas travessias de outr' óra, tão cheias de privações, o appetite aguçado para mediocres petiscos, em achar a carne magra,

talvez pela distancia que o gado tinha de percorrer desde os campos de criação, e ausencia, nas cercanias da cidade, de pastos reparadores; as aves poucas e duras; os legumes raros e sem trato. Sómente o peixe apparecia abundante e delicado, supprindo na alimentação a pobreza das carnes.

Não se pense comtudo por este indicio que era a Bahia uma mesquinha cidade. Nos começos do seculo XVIII contava approximadamente duas mil casas bem edificadas e limpamente mobiladas, distinguindo-se, como de suppôr, a do vice-rei. Formava um dos portos de destino da frota annual que de Lisbôa transportava, além de vinho, azeite, farinha, carnes salgadas etc., sedas de Genova, linhos e algodões da Hollanda e Inglaterra, tecidos de oiro e prata de Pariz e Lyão. (La Barbinais, *Voyage autour du monde.*) Tornára-se finalmente o centro do trafico negreiro com a fronteira costa d' Africa, aportando cada anno a São Salvador mais de vinte e cinco mil desgraçados e encerrando a propria cidade uma população de escravos superior a quinze mil, empregados ou alugados pelos donos. Tudo significa que devia existir na Bahia fartura de meios, ainda que se não mostrasse fartura de commodidades; e que até o fausto não podia julgar-se desconhecido.

Conta Frezier que vigoravam sempre as disposições sumptuarias, sendo modestos os fatos tanto masculinos como femininos pela ausencia de galões de oiro e prata, o que todavia não condiz com a introducção de fazendas ricas. Em

todo o caso as prohibições, si buliam com os estofos, figuravam como lettra morta para os adornos de oiro massiço que usavam as proprias negras sob a fórma de collares de repetidas voltas, grandes arrecadas, cruzes, placas para cobrir a testa e outros pezados enfeites.

Nas egrejas então o luxo denotava-se consideravel, tendo a ostentação sobretudo ganho a casa dos jesuitas, o maior e melhor edificio da cidade, cujo templo fôra levantado com marmore europeu e cuja sacristia merecia unanime admiração, já pelo custoso tecto de jacarandá e soberbos armarios de preciosas madeiras com embutidos de marfim e tartaruga, já pela delicada obra de tartaruga que revestia as paredes, e telas de certo merecimento que aformoseavam o lugar. Outras egrejas — a Sé e as dos varios mosteiros de carmelitas, benedictinos, capuchinhos e mais ordens religiosas — não conseguindo rivalizar em explendor com a da Companhia, tratavam de pelo menos com a profusão do trabalho de talha doirada, não desmerecer em extremo no confronto e não entibiar a sympathia dos fieis. Nas naves de todas ellas resoavam eloquentes vozes de prégadores, respondendo ao echo retumbante da palavra grandiosa do padre Antonio Vieira as orações parecidamente gongoricas dos padres Antonio de Sá (1620—1678), Euzebio de Mattos (1629—1692) e muitos mais sacerdotes brazileiros.

Ficavam esses templos na quasi totalidade situados no alto, dominando com seus campana-

rios o encantador panorama do porto, pois que dividia-se a cidade em duas partes, tão separadas pela ingreme encosta dos montes quanto pela diversa natureza da população. Na cidade alta viviam as autoridades, os fidalgos e os mercadores de amplos recursos. Nos quarteirões ruidosos e pouco asseados da baixa moravam os pequenos traficantes, os artesanos em grande numero empregados nos estaleiros, os maritimos e a ralé, e ás suas viellas desciam durante o dia todos os que entregavam-se á mercancia ou eram chamados pelas chegadas e partidas das embarcações, emprestando sua presença notas discordantes á harmonia variada da agglomeração popular.

Predominava em ambas as secções da cidade a gente de côr, pretos e mestiços. Alguns d' estes, a darmos credito ao autor do *Journal d'un voyage sur les costes d'Afrique, etc.*, entregavam-se socegadamente ao mester de valentões: quando não assoldadando seus serviços, insultando e perseguindo os estrangeiros que por acaso aproavam á Bahia, o que fez um d' elles, já por outro lado enfadado com a ganancia dos funccionarios, escrever no auge do agastamento que não era o Brazil outra coisa mais do que um covil de ladrões e assassinos, terra em que se desconheciam por completo a subordinação e a obediencia.

Presumo que se não conservavam alheios á manifestação de tão violentos sentimentos os ciumes, os quaes igualmente grassavam muito entre os brancos, ao ponto de narrar o citado

Frezier haverem sido trucidadas pelos maridos, no anno anterior ao da sua estada em São Salvador, mais de trinta mulheres, não obstante dever o sequestro feminino operar como um obstaculo ás diabruras do adulterio. Tamanho morticinio, si verdadeiro, depõe sómente contra a moralidade dos costumes da classe superior. Entre a população de côr a depravação era inquestionavelmente notavel, e não pouco a ajudavam os portuguezes, sacrificando fervorosamente no altar do amor exotico pela razão que em Roma observára o poeta das *Metamorphoses:*

Est etiam fusco grata colore Venus.

Dos religiosos, de quem deviam apenas partir lições de compostura e honestidade, vinham os peores exemplos, não sómente de ignorancia, o que ainda se perdoaria resgatada como era por honrosissimas excepções, mas de devassidão. Recebiam elles meretrizes em seus conventos; sahiam disfarçados pela calada da noite em expedições galantes; e nem respeitavam, custa a crêr, o tribunal da penitencia, que alguns transformavam em vestibulo das alcovas.

Perante tanto desregramento clerical, para que morigerarem-se os seculares? Entre os santos e as amantes dividiam em sacrilega partilha seus lazeres e seus ganhos. No calor vivificante do dia seguiam humildes os andores das procissões, e até flagellavam as carnes sem compaixão nos publicos e crueis disciplinamentos da quaresma. Na fresca viração da noite soluçavam

ardentes a sua luxuria. Pelas ruas divagavam sempre com um rosario na mão, o escapulario ao pescoço, e dependuradas da cinta uma durindana hespanhola e uma adaga franceza — curiosa mistura de devoção, que occultava por vezes christãos judaizantes, e de paixão bellica, malbaratada em rixas que a lascivia atiçava.

Nos conventos de freiras mesmo, o amor divino estava longe de empolgar exclusivamente as imaginações. O amor profano, quasi sempre platonico segundo quer-se suppôr, contribuia para distrahir as reclusas do mysticismo catholico. Relata La Barbinais que em noite de Natal as monjas de Santa Clara convertiam pouco edificantemente a sua egreja conventual em palco de charivaris musicaes, jocosidades maledicentes e mellifluidades namoradas, que tudo passava como moeda corrente nos habitos pouco recatados da côrte do vice-rei.

Quanto ao convivio, não podia taxar-se de desagradavel o das pessoas de bom tom. Elogia-lhes um a civilidade, o asseio e a facilidade do trato. Encarece-lhes outro os expansivos offerecimentos, posto que apodando-os de mais enganadores que sinceros. No que, parece, cuidavam sobremodo todos era em atravessar da fórma mais suave e commoda esta pobre e attribulada vida temporal: já pelo lado material, fazendo-se carregar em rèdes, ao abrigo da oppressão do sol; já pelo lado moral, procurando desfastio nos divertimentos, que tinham revestido um aspecto mais popular do que fidalgo. Confirma-se assim

a anterior observação sobre o caracter muito menos aristocratico e guindado da sociedade bahiana, apezar de servir-lhe de centro de gravitação o elevado personagem do governador geral, frequentemente paramentado do titulo de vice-rei do Brazil.

Andavam as toiradas estimadas a par dos sermões, mas a animação de regosijo algum emparelhava-se com a que reinava na festa de São Gonçalo d'Amarante, celebrada a pouco distancia da cidade. Nas danças desenfreadas em derredor da venerada imagem tomava parte o vice-rei de parceria com os cavalleiros de sua casa, os monges e os negros. Desappareciam as distincções sociaes n'essa saturnal christã, á qual serviam de incomparavel scenario as mattas frondosas, onde á pallida claridade das estrellas e ao som mavioso das violas o amplexo dos sexos attingia proporções de demencia animal. Trez dias acampava o governador do Brazil n'uma linda parte do bosque, e em sua presença festivalmente alternavam-se com as copiosas refeições os hymnos sacros e as comedias profanas. La Barbinais assistiu no anno em que aportou á Bahia á representação da peça hespanhola *La Monja Alférez*, cujas maravilhosas aventuras mundano-guerreiras acabam de ser vertidas para francez pelo novo academico e impeccavel sonetista José María de Heredia.

Lance-se de subito no meio da sociedade que tentei esboçar ligeiramente, seguindo o testemunho de viajantes forçados em suas divagações

maritimas a arribar á Bahia, um individuo dotado da veia satirica de Gregorio de Mattos Guerra, e calcule-se a violencia do temporal por elle desencadeado, flagellando os ridiculos e castigando as presumpções que alli pacatamente se conchegavam. Com o "desapego aos grandes" que o Snr. Sylvio Romero diz com sobeja razão ter sido uma das feições salientes do seu espirito, como é aliás o "desprendimento das formulas" uma particularidade do caracter brazileiro, encontrou effectivamente Gregorio de Mattos (1623—96) vasto campo para exercitar o seu estro caustico. Congregaram-se contra elle as vaidades beliscadas, os vicios irritados, as hypocrisias desmascaradas, e o poeta pagou com a animosidade e o exilio a liberdade, ou antes a licença da sua penna, que todavia nunca corrigiu.

Não o detinham por certo considerações de amizade, de gratidão ou de respeito. Era mais do que um independente — era um desabusado. Entre a sua vida e a sua obra não se dá absolutamente o phenomeno frequente appellidado pelos francezes de *dissociation littéraire*, a saber, do homem, não obstante o apophthegma de Buffon, agindo diversamente do que denuncia o escriptor, ou do escriptor apparentando em suas producções predicados que fallecem ao particular. Haverá linguagem mais firme, mais viril do que a do *Elogio de José Bonifacio*, e terá ao mesmo tempo existido espirito mais concentrado, mais timido que o de Latino Coelho? Em Gregorio de Mattos porém condiziam o bacharel libertino

e o poeta mordente. Tendo-se-lhe deparado na vida todas as facilidades: nascido de uma familia abastada; educado em Coimbra, então uma das primeiras universidades europeias; gratificado em Lisbôa par causa de seus talentos juridicos com cargos importantes na magistratura, e na Bahia, mercê de poderosas amizades, com dignidades rendosas — tudo sacrificou ao desregramento dos seus habitos e á incontinencia da sua lingua.

Prodigalizou a fortuna paterna; renunciou aos lugares publicos, e em chacotas semeou o melhor dos dons litterarios que o adornavam. Chacotas — é o termo, pois que nem envolveram as suas chufas um látego de fogo como as verrinas de Juvenal, nem descripções realistas como os epigrammas de Marcial. Foram remoques azedos como o espirito que os concebêra, mesquinhos como o meio que os engendrára, analogos na baixeza a muitos que Portugal produziria no seculo posterior com José Agostinho e outros, e de que deixaria rasto nos versinhos insolentes da nossa imprensa politica constitucional.

Poucas vezes elevou-se Gregorio de Mattos da descabellada allusão pessoal á satira de costumes, como por exemplo na satira dos *Gatos*, valiosa pelos typos allegoricos, e a cujo espirito, posto que cruel, desejariamos vel-o circumscripto. Menos vezes ainda abandonou elle a porcaria de linguagem. A obscenidade litteraria não é por certo privativa d' elle. Era um mal da epocha, mas no poeta bahiano, que o Snr. Alencar Araripe compara felizmente com Aretino e não com Ra-

belais, chegou a ser uma paixão, uma necessidade do espirito.

Não fallando já nos costumes, que como disse só accidentalmente apparecem como taes criticados em sua obra, os proprios typos geraes lhe não desafiam de ordinario o chiste, a não ser o do portuguez, o *maroto*, o *unhate*, que insulta de modo soez, esquecido de que, em troca do lucro, o reinol dava á colonia o melhor da sua actividade. Fazem comtudo alguns a Gregorio de Mattos uma honra e uma gloria d' este odio invejoso, de bohemio vadio contra o burguez laborioso; rancor que o romantismo modernamente resuscitou, mas com uns toques de graça mais alada do que as acres referencias do bahiano. Veem assim n' elle um ascendente dos actuaes nativistas, não se lembrando de que o poeta com igual facilidade injuriava o mestiço em versos tão malcreados quanto desopilantes.

Máu grado os seus defeitos, é entretanto Gregorio de Mattos uma das figuras preponderantes das lettras coloniaes, sobresahindo dentre o bando de poetastros que em seu tempo pullulavam na Bahia, para onde, como sabemos, emigrára de Pernambuco, depois das desgraças da occupação estrangeira, o coração da cultura nacional. A sua notavel promptidão poetica realça-se para mais aos olhos dos criticos, dos Snres. Sylvio Romero e Valle Cabral por exemplo, com o prestigio particularista que a enfeitava, isto é, com o aspecto novo e picante que a linguagem portugueza n' elle assume pela adopção de termos

estranhos, proprios da possessão, e pelo feitio original do seu espirito, óra contrapondo os elementos desiguaes da ainda informe população brazileira, óra aguçando suas pilherias ao capricho de uma orientação peculiar.

Uma pagina de qualquer dos seus contemporaneos da Bahia poderia tão bem passar pelo escripto de um natural da metropole. Uma satira de Gregorio de Mattos ao contrario não engana: traz estampado um cunho desconhecido — a marca brazileira —, que dentro em pouco o reino teria de admirar em producções lyricas, mais aptas por sua natureza a serem especializadas, pois que derivam das mais puras e crystallinas nascentes da sensibilidade. E a sensibilidade, conforme observa excellentemente Ferdinand Brunetière, distingue tanto mais facilmente as personalidades, quanto diverge de uns para outros individuos na qualidade, na essencia; ao passo que as variantes da intelligencia e da vontade residem nos gráus, na maior ou menor dóse de clareza e de energia em que entram no espirito.

Não que a obra de Gregorio de Mattos seja toda ella satirica. Na sua bagagem litteraria contam-se não raras paginas lyricas; de um lyrismo um tanto affectado, deformado pelo culteranismo da epocha, mas em todo caso vibração de individualismo provocada pela belleza, pela dôr, pela morte, pela natureza, pelas varias cathegorias da sensibilidade. Da epocha especialmente de suas peregrinações de parasita pelos engenhos do Reconcavo, a convite forçado do

governador Camara Coitinho, pouco agradado da presença de um tal caustico na cidade, datam os versos ás mulatas, o seu lyrismo libertino, a um tempo recheado de larachas, de imprecações e de ternuras pelintras. Este tom afadistado das poesias não lhes rouba entretanto a fluencia, posto que maculada pelos trocadilhos e conceitos, nem o rythmo, não obstante o arrebicado e o confuso.

E é justamente curioso de notar-se que o lyrismo desponta na litteratura brazileira com o seu primeiro genuino escriptor, como que a incutir-lhe a feição predominante que de futuro a illustraria. Logo apóz Gregorio de Mattos depára-se-nos Antonio José da Silva, o *Judeu* — ainda que este mais propriamente autor dramatico do que poeta —, preparando ambos a escola mineira, ambos, comquanto retidos pelos liames convencionaes dos gongoricos figurinos em moda ou da nascente moderação e regularidade da imaginação, cultivando o subjectivismo poetico. Isto ao tempo que na Europa o lyrismo, que no seculo XVII lográra resistir aos excessos da rhetorica, expirava no mesmo seculo e no immediato suffocado pela uniformidade collectiva do pensamento, ousarei dizer pela geral banalidade do classicismo já pouco original, porquanto a sua originalidade consistia então "em exprimir superiormente as ideias de toda a gente."

O pseudo-classicismo, estimulo da Arcadia portugueza em guerra contra o seiscentismo culteranista, foi pois na sua essencia negativo com respeito ás livres emoções lyricas, como aliás o fôra, posto

que em menor escala, o gongorismo, reacção litteraria fundada na natureza porém transviada da direcção primitiva; perdida nas subtilezas do *concettismo* e nas pompas das imagens; corrompida pelo prurido da cultura espiritual; estiolada pela carencia de um seguro apoio na tradição nacional, nas fontes vivas da litteratura, nas quaes modernamente firmou-se o brilhante romantismo.

Sem portanto attribuirmos ao poeta bahiano uma figura exaggeradamente desproporcionada no merecimento em relação ás dos que parallelamente na colonia o acompanham em outras divisões litterarias, podemos com toda segurança prestar-lhe uma calorosa homenagem, visto que o nosso seculo XVII acha-se n' elle personificado, em seus ridiculos, suas tristezas e suas inquietações pelo menos.

O que julgo tambem excessivo é o pretenderem varios criticos dal-o como antepassado espiritual de quasi todos os escriptores que se lhe seguiram entre nós. Além de Gregorio de Mattos representar um typo de negação, como tal não só devendo acabar por tornar-se tedioso como ficando de todo o ponto improprio para fecundar qualquer corrente de renovação litteraria, suas obras só foram parcialmente (as satiricas) publicadas em 1882, graças aos esforços do mallogrado Valle Cabral e juntamente com a vida do poeta escripta pelo licenciado Manoel Pereira Rebello. Até então corriam quasi todas manuscriptas, sendo limitadissimo o numero dos que as conheciam integralmente, não apenas por tradição.

Demais, si as preoccupações de Gregorio de Mattos mostram-se sempre eroticas ou aggressivas, falta tambem ao poeta o sentimento objectivo da natureza, o amor da paizagem, comquanto no Brazil, para onde já regressou maduro, o circumdassem os mais bellos panoramas. Avesso ás abstracções, elle foi essencialmente o pintor de figuras grotescamente realistas, na sua qualidade de cantor da pandega baixa. Mercê porém d' este contacto perenne com as classes inferiores, de resultados valiosos n' um tempo academico, de cultismo litterario palavroso e futil, conservou-nos muita locução plebeia. A par do estylo guindado usou de um rico vocabulario popular, que alliou ao castiço, pois que possuia o grande conhecimento da lingua vernacula commum aos litteratos de então, tanto mais quanto frequentára a universidade e a côrte de D. Pedro II. O poeta tambem emprega com gosto os termos indigenas e africanos, comquanto de certa fórma juxtapostos e não fundidos como posteriormente apparecem.

A satira reinol e o lyrismo creoulo — como appellida o Snr. Araripe o erotismo de Gregorio de Mattos no carinhoso estudo que lhe dedicou ha pouco — eis os dois pólos da actividade poetica do bahiano, sempre pessimista por causa do caracter infeliz que o distinguia, e não só, como insinua o seu citado biographo, consequencia do meio ingrato. Si a sociedade em que Gregorio de Mattos viveu constituia ao mesmo tempo que um incentivo ás suas pilherias, um obstaculo a

que o poeta subisse além da chalaça, convertendo-se n' um moralista ou n' um transmissor de impressões geraes, a verdade tambem é que lhe cabe a designação de um triste personagem, de um comparsa bem antipathico d' aquella sociedade.

Igual homenagem de sympathia litteraria reclama-nos Antonio José da Silva (1705—39), o fluminense educado na metropole e que ahi espargiu, em mais de uma duzia de composições dramaticas, o sal do seu engenho tão cêdo destruido pelas labaredas da Inquisição. Contava o *Judeu* apenas trinta e quatro annos quando o fanatismo roubou-o ás lettras, que o acatavam como um activo cultor do theatro portuguez, cuja tradição apóz as felizes apparições de Gil Vicente e Jorge Ferreira de Vasconcellos em grande parte se obliterára.

As composições de Antonio José são operas, genero no qual deslizára a tragedia quando n' ella introduziu-se o elemento lyrico, realçado pelo nosso poeta, que nunca possuio a suavidade nem a elegancia de um Metastasio, por meio das melodias deliciosas das modinhas patrias. Em Portugal nunca existira aliás na qualidade de genero explorado a tragedia classica, ou por outra, esta, a não ser na peregrina *Castro* do doutor Antonio Ferreira, jamais se havia desligado dos seus generos similares: tragicomedia, comedia heroica, tragedia pastoral, etc. Sómente na segunda metade do seculo XVIII foram as magnificas composições francezas de Corneille e de Racine vulgarizadas pela Arcadia, e, quando seduzida a

sociedade pelos novos ideiaes de renovação, veio a ser pressurosamente recebida a tragedia philosophica de Voltaire. Enganar-se-hia de resto muito quem na obra do *Judeu* procurasse o resquicio da nobreza e da vehemencia tragicas:

> Les héros surmontant en des efforts suprêmes
> L'excès des passions déchaîné dans eux-mêmes.
> (Jacques de Nittis, *Les deux Cid.*)

Baixa comedia chamaram o genero litterario creado por Antonio José (Th. Braga, *Hist. da litt. port.*), e com effeito baixa a devemos chamar se attendermos á ausencia n' esse theatro, já não direi de ligado entrecho psychologico, quer n' uma tragica lucta com a fatalidade divina ou interna, quer n' uma dramatica ou comica peleja da vontade com obstaculos superaveis — mas pelo menos de genuina vibração humana ou de completa polidez de locuções. Shakespeare descurou frequentemente a linguagem, obrigando o *cant* britannico ás edições expurgadas, e Molière offerece não raras lembranças de um comico pouco limpo; ambos porém foram optimos analystas, possuiram em subido gráu a intuição da alma. Na obra do *Judeu* entretanto o conflicto dos sentimentos, si bem que sempre esboçado em suas transições, é posto em jogo e tornado mesmo interessante por alheios artificios do enredo, apparecendo d' est' arte quasi todo superficial. Poucos traços encontramos de legitima evolução affectiva, como nas *Variedades de Proteo* a approximação da meiga *Dorida* e do irascivel *Nereo*, desdenhados os dois,

consolando-se mutuamente, e acabando por enamorarem-se sinceramente.

Quanto ao estylo, na parte que o culteranismo não macúla, cingiu-se o escriptor em extremo ao preceito de Horacio:

Versibus exponi tragicis res comica non vult.

Assim, introduziu em suas peças, a par de um formidavel e louvavel desrespeito pelas estafadas tradições mythologicas, que só corre parelhas com o das modernas operas buffas da collaboração Meilhac-Halévy-Offenbach, uma linguagem chula, da qual todavia deriva bôa porção da popularidade do autor. Este, valha a verdade, de antemão defende-se de qualquer increpação dos delicados:

Nome não busco excellente
Insigne entre os Escritores,
Os applausos inferiores
Julgo a meu plectro bastantes.

Semelhante condescendencia com o gosto grosseiramente adubado do seu publico não significa comtudo que Antonio José n' ella repoisasse exclusivamente o exito das operas que escreveu. As composições do *Judeu* teem outros merecimentos que as fazem hoje ainda ser lidas sem enfado, antes com prazer; e depois, porque não confessal-o? aquella propria tendencia de alguns personagens para as estimulantes locuções plebeias dá-lhes um sainete particular, mercê da vantajosa contraposição aos guindados *palan-*

belais, chegou a ser uma paixão, uma necessidade do espirito.

Não fallando já nos costumes, que como disse só accidentalmente apparecem como taes criticados em sua obra, os proprios typos geraes lhe não desafiam de ordinario o chiste, a não ser o do portuguez, o *maroto*, o *unhate*, que insulta de modo soez, esquecido de que, em troca do lucro, o reinol dava á colonia o melhor da sua actividade. Fazem comtudo alguns a Gregorio de Mattos uma honra e uma gloria d' este odio invejoso, de bohemio vadio contra o burguez laborioso; rancor que o romantismo modernamente resuscitou, mas com uns toques de graça mais alada do que as acres referencias do bahiano. Veem assim n' elle um ascendente dos actuaes nativistas, não se lembrando de que o poeta com igual facilidade injuriava o mestiço em versos tão malcreados quanto desopilantes.

Máu grado os seus defeitos, é entretanto Gregorio de Mattos uma das figuras preponderantes das lettras coloniaes, sobresahindo dentre o bando de poetastros que em seu tempo pullulavam na Bahia, para onde, como sabemos, emigrára de Pernambuco, depois das desgraças da occupação estrangeira, o coração da cultura nacional. A sua notavel promptidão poetica realça-se para mais aos olhos dos criticos, dos Snres. Sylvio Romero e Valle Cabral por exemplo, com o prestigio particularista que a enfeitava, isto é, com o aspecto novo e picante que a linguagem portugueza n' elle assume pela adopção de termos

estranhos, proprios da possessão, e pelo feitio original do seu espirito, óra contrapondo os elementos desiguaes da ainda informe população brazileira, óra aguçando suas pilherias ao capricho de uma orientação peculiar.

Uma pagina de qualquer dos seus contemporaneos da Bahia poderia tão bem passar pelo escripto de um natural da metropole. Uma satira de Gregorio de Mattos ao contrario não engana: traz estampado um cunho desconhecido — a marca brazileira —, que dentro em pouco o reino teria de admirar em producções lyricas, mais aptas por sua natureza a serem especializadas, pois que derivam das mais puras e crystallinas nascentes da sensibilidade. E a sensibilidade, conforme observa excellentemente Ferdinand Brunetière, distingue tanto mais facilmente as personalidades, quanto diverge de uns para outros individuos na qualidade, na essencia; ao passo que as variantes da intelligencia e da vontade residem nos gráus, na maior ou menor dóse de clareza e de energia em que entram no espirito.

Não que a obra de Gregorio de Mattos seja toda ella satirica. Na sua bagagem litteraria contam-se não raras paginas lyricas; de um lyrismo um tanto affectado, deformado pelo culteranismo da epocha, mas em todo caso vibração de individualismo provocada pela belleza, pela dôr, pela morte, pela natureza, pelas varias cathegorias da sensibilidade. Da epocha especialmente de suas peregrinações de parasita pelos engenhos do Reconcavo, a convite forçado do

governador Camara Coitinho, pouco agradado da presença de um tal caustico na cidade, datam os versos ás mulatas, o seu lyrismo libertino, a um tempo recheado de larachas, de imprecações e de ternuras pelintras. Este tom afadistado das poesias não lhes rouba entretanto a fluencia, posto que maculada pelos trocadilhos e conceitos, nem o rythmo, não obstante o arrebicado e o confuso.

E é justamente curioso de notar-se que o lyrismo desponta na litteratura brazileira com o seu primeiro genuino escriptor, como que a incutir-lhe a feição predominante que de futuro a illustraria. Logo apóz Gregorio de Mattos depára-se-nos Antonio José da Silva, o *Judeu* — ainda que este mais propriamente autor dramatico do que poeta —, preparando ambos a escola mineira, ambos, comquanto retidos pelos liames convencionaes dos gongoricos figurinos em moda ou da nascente moderação e regularidade da imaginação, cultivando o subjectivismo poetico. Isto ao tempo que na Europa o lyrismo, que no seculo XVII lográra resistir aos excessos da rhetorica, expirava no mesmo seculo e no immediato suffocado pela uniformidade collectiva do pensamento, ousarei dizer pela geral banalidade do classicismo já pouco original, porquanto a sua originalidade consistia então "em exprimir superiormente as ideias de toda a gente."

O pseudo-classicismo, estimulo da Arcadia portugueza em guerra contra o seiscentismo culteranista, foi pois na sua essencia negativo com respeito ás livres emoções lyricas, como aliás o fôra, posto

que em menor escala, o gongorismo, reacção litteraria fundada na natureza porém transviada da direcção primitiva; perdida nas subtilezas do *concettismo* e nas pompas das imagens; corrompida pelo prurido da cultura espiritual; estiolada pela carencia de um seguro apoio na tradição nacional, nas fontes vivas da litteratura, nas quaes modernamente firmou-se o brilhante romantismo.

Sem portanto attribuirmos ao poeta bahiano uma figura exaggeradamente desproporcionada no merecimento em relação ás dos que parallelamente na colonia o acompanham em outras divisões litterarias, podemos com toda segurança prestar-lhe uma calorosa homenagem, visto que o nosso seculo XVII acha-se n' elle personificado, em seus ridiculos, suas tristezas e suas inquietações pelo menos.

O que julgo tambem excessivo é o pretenderem varios criticos dal-o como antepassado espiritual de quasi todos os escriptores que se lhe seguiram entre nós. Além de Gregorio de Mattos representar um typo de negação, como tal não só devendo acabar por tornar-se tedioso como ficando de todo o ponto improprio para fecundar qualquer corrente de renovação litteraria, suas obras só foram parcialmente (as satiricas) publicadas em 1882, graças aos esforços do mallogrado Valle Cabral e juntamente com a vida do poeta escripta pelo licenciado Manoel Pereira Rebello. Até então corriam quasi todas manuscriptas, sendo limitadissimo o numero dos que as conheciam integralmente, não apenas por tradição.

Demais, si as preoccupações de Gregorio de Mattos mostram-se sempre eroticas ou aggressivas, falta tambem ao poeta o sentimento objectivo da natureza, o amor da paizagem, comquanto no Brazil, para onde já regressou maduro, o circumdassem os mais bellos panoramas. Avesso ás abstracções, elle foi essencialmente o pintor de figuras grotescamente realistas, na sua qualidade de cantor da pandega baixa. Mercê porém d' este contacto perenne com as classes inferiores, de resultados valiosos n' um tempo academico, de cultismo litterario palavroso e futil, conservou-nos muita locução plebeia. A par do estylo guindado usou de um rico vocabulario popular, que alliou ao castiço, pois que possuia o grande conhecimento da lingua vernacula commum aos litteratos de então, tanto mais quanto frequentára a universidade e a côrte de D. Pedro II. O poeta tambem emprega com gosto os termos indigenas e africanos, comquanto de certa fórma juxtapostos e não fundidos como posteriormente apparecem.

A satira reinol e o lyrismo creoulo — como appellida o Snr. Araripe o erotismo de Gregorio de Mattos no carinhoso estudo que lhe dedicou ha pouco — eis os dois pólos da actividade poetica do bahiano, sempre pessimista por causa do caracter infeliz que o distinguia, e não só, como insinua o seu citado biographo, consequencia do meio ingrato. Si a sociedade em que Gregorio de Mattos viveu constituia ao mesmo tempo que um incentivo ás suas pilherias, um obstaculo a

que o poeta subisse além da chalaça, convertendo-se n' um moralista ou n' um transmissor de impressões geraes, a verdade tambem é que lhe cabe a designação de um triste personagem, de um comparsa bem antipathico d' aquella sociedade.

Igual homenagem de sympathia litteraria reclama-nos Antonio José da Silva (1705—39), o fluminense educado na metropole e que ahi espargiu, em mais de uma duzia de composições dramaticas, o sal do seu engenho tão cêdo destruido pelas labaredas da Inquisição. Contava o *Judeu* apenas trinta e quatro annos quando o fanatismo roubou-o ás lettras, que o acatavam como um activo cultor do theatro portuguez, cuja tradição apóz as felizes apparições de Gil Vicente e Jorge Ferreira de Vasconcellos em grande parte se obliterára.

As composições de Antonio José são operas, genero no qual deslizára a tragedia quando n' ella introduziu-se o elemento lyrico, realçado pelo nosso poeta, que nunca possuio a suavidade nem a elegancia de um Metastasio, por meio das melodias deliciosas das modinhas patrias. Em Portugal nunca existira aliás na qualidade de genero explorado a tragedia classica, ou por outra, esta, a não ser na peregrina *Castro* do doutor Antonio Ferreira, jamais se havia desligado dos seus generos similares: tragicomedia, comedia heroica, tragedia pastoral, etc. Sómente na segunda metade do seculo XVIII foram as magnificas composições francezas de Corneille e de Racine vulgarizadas pela Arcadia, e, quando seduzida a

sociedade pelos novos ideiaes de renovação, veio a ser pressurosamente recebida a tragedia philosophica de Voltaire. Enganar-se-hia de resto muito quem na obra do *Judeu* procurasse o resquicio da nobreza e da vehemencia tragicas:

> Les héros surmontant en des efforts suprêmes
> L'excès des passions déchaîné dans eux-mêmes.
> (Jacques de Nittis, *Les deux Cid.*)

Baixa comedia chamaram o genero litterario creado por Antonio José (Th. Braga, *Hist. da litt. port.*), e com effeito baixa a devemos chamar se attendermos á ausencia n' esse theatro, já não direi de ligado entrecho psychologico, quer n' uma tragica lucta com a fatalidade divina ou interna, quer n' uma dramatica ou comica peleja da vontade com obstaculos superaveis — mas pelo menos de genuina vibração humana ou de completa polidez de locuções. Shakespeare descurou frequentemente a linguagem, obrigando o *cant* britannico ás edições expurgadas, e Molière offerece não raras lembranças de um comico pouco limpo; ambos porém foram optimos analystas, possuiram em subido gráu a intuição da alma. Na obra do *Judeu* entretanto o conflicto dos sentimentos, si bem que sempre esboçado em suas transições, é posto em jogo e tornado mesmo interessante por alheios artificios do enredo, apparecendo d' est' arte quasi todo superficial. Poucos traços encontramos de legitima evolução affectiva, como nas *Variedades de Proteo* a approximação da meiga *Dorida* e do irascivel *Nereo*, desdenhados os dois,

consolando-se mutuamente, e acabando por enamorarem-se sinceramente.

Quanto ao estylo, na parte que o culteranismo não macúla, cingiu-se o escriptor em extremo ao preceito de Horacio:

Versibus exponi tragicis res comica non vult.

Assim, introduziu em suas peças, a par de um formidavel e louvavel desrespeito pelas estafadas tradições mythologicas, que só corre parelhas com o das modernas operas buffas da collaboração Meilhac-Halévy-Offenbach, uma linguagem chula, da qual todavia deriva bôa porção da popularidade do autor. Este, valha a verdade, de antemão defende-se de qualquer increpação dos delicados:

Nome não busco excellente
Insigne entre os Escritores,
Os applausos inferiores
Julgo a meu plectro bastantes.

Semelhante condescendencia com o gosto grosseiramente adubado do seu publico não significa comtudo que Antonio José n' ella repoisasse exclusivamente o exito das operas que escreveu. As composições do *Judeu* teem outros merecimentos que as fazem hoje ainda ser lidas sem enfado, antes com prazer; e depois, porque não confessal-o? aquella propria tendencia de alguns personagens para as estimulantes locuções plebeias dá-lhes um sainete particular, mercê da vantajosa contraposição aos guindados *palan-*

frorios dos heróes, fartamente recendentes a gongorismo.

Os "cenotafios de meus suspiros" e o "liquido monumento das minhas lagrimas" de que falla *Thezeo* no *Labyrintho de Creta;* os "conceitos que aos borbotões chovem da bocca" de *D. Tiburcio* nas *Guerras do Alecrim e da Mangerona;* outras innumeras passagens faziam por um lado as delicias das plateias educadas no sestro rhetorico do seculo XVII. Por outro lado no emtanto desannuviavam tão pomposo horizonte as liberdades de expressão dos typos comicos, cuja representação cabe nas operas — *vaudevilles* lhes chamariamos na terminologia hodierna — de Antonio José aos confidentes da antiga tragedia, agora simplesmente denominados criados e decorados de alcunhas burlescas que sobremodo indicam a sua orientação jovial. São nos *Encantos de Medéa* (1735), *Sacatrapo* e *Arpia; Esfuziote, Taramella* e *Sanguixuga* no *Labyrintho de Creta* (1736); *Sevadilha, Fagundes* e *Simicupio* nas *Guerras do Alecrim e da Mangerona* (1737); *Caranguejo* e *Maresia* nas *Variedades de Proteo* (1737); *Chichisbeo* e *Chirinola* no *Precipicio de Faetonte* (1738).

Monopolizam estes graciosos todas as desventuras picarescas; põem em relevo todos os ridiculos dos cerimoniaes palacianos e dogmatismos realengos, dos palacios e reis da antiguidade pagã, já se entende; e animam a cada momento a acção, falha de um interesse intimo, com as chufas pezadas que descarregam, e com o grotesco das situações que as tramoias auxiliam.

Porque é força lembrarmo-nos que nas operas de Antonio José desempenham os machinistas um papel importante. Algumas até são verdadeiras magicas, em que uma nuvem, um alçapão ou um feitiço põem fecho a um lance embaraçoso ou abreviam a chegada de uma scena esperada.

É evidente que, pelo que diz respeito á contextura dramatica, deparam-se-nos nas producções do Judeu uma architectura pouco complicada e pouco subtil, e um pessoal limitado de typos que se repetem; mas taes faltas acham-se suppridas pela veia comica com que nos apparecem tratados os assumptos. A fluencia e a permanencia do riso são realmente notaveis. A gargalhada resalta amplamente dos ditos dos criados, que encarnam o bom senso popular fustigando as pieguices de sentimento e os exaggeros de estylo dos personagens classicos.

"Monumento de crystal", appellida *Thezeo* o mar. "Aquillo não he crystal, Senhor, são aguas vivas que matão a gente", replica *Esfuziote*. "Deixae voar a minha esperança", accrescenta aquelle heróe atheniense. "Ficarás então sem ella", observa o magano confidente. "Por que motivo se apagaria aquella luz?" pergunta o *Rei* vendo extinguir-se a luz do Hymeneo. "Porque se acabou a torcida", retruca *Chichisbeo*, disfarçado no magico *Fiton*.

Antonio José escrevia em um periodo de transição litteraria, no qual o sestro culteranista entrára a ser apodado de "espirito de máu gosto."

Não ousaria o *Judeu* reagir abertamente e por si contra a disseminada linguagem *discreta;* porém os debiques que lhe occorriam, fêl-os visivelmente transparecer na ironia do vulgacho verberando sem piedade os trocadilhos, as hyperboles, as assonancias, os muitos despauterios rhetoricos do seculo de Antonio Vieira. Por vezes mesmo o abuso das extravagancias gongoricas — de que elle usava em satisfacção á corrente ainda dominante e tambem pela educação litteraria que recebêra — é feito com intentos satiricos, tal como no soneto de *D. Tiburcio* ás primas *D. Nize* e *D. Cloris:*

> Primas, que na guitarra da constancia
> Tão iguaes retinis no contraponto,
> Que não ha contraprima nesse ponto,
> Nem nos pospontos noto dissonancia,
> . . . . . .

Mesmo si buscarmos no escriptor a influencia contraria do neo-classicismo, sómente a encontraremos na quasi total escola dos argumentos das operas. D' esta relativa independencia de escolas é que aliás provem para a obra do *Judeu* uma physionomia diversificada da do commum da litteratura portugueza no seculo XVIII.

Ao neo-classicismo faltava então a realidade ambiente da Renascença quinhentista, e com a sua sujeição era peculiarmente incompativel a espontaneidade que o nosso poeta bebêra com o leite na terra natal. A poesia popular brazileira, ou antes a adaptação differenciada da portugueza, irrompia facil da activa fusão das raças consti-

tuintes do producto nacional. Si a reversão "ás lendas, ás tradições, ao sentir, á vida intima do povo" ainda se não tornára possivel, e apenas a tentaria com felicidade o romantismo apóz serios esforços philologicos e profundas commoções sociaes; d' aquella condição especial da mentalidade ultramarina, solicitada em suas artificiaes direcções litterarias pela elaboração de uma nova psychologia nacional, devia em todo o caso brotar uma tendencia, inapreciavel a principio e paulatinamente caracterizada, para a singeleza e naturalidade das manifestações espirituaes. Nas producções de Antonio José allia-se por isso de quando em quando ao elemento maravilhoso da fabula antiga, a fantasia anonyma da novellistica popular.

Nos *Encantos de Medéa* v. g., si *Jason* affronta perigos em procura do vellocino, *Sacatrapo* enthusiasma-se pela realidade do burro c....-dinheiro. "Eu já ouvi fallar nisso do burro c....-dinheiro, que minha Mãy o contava, quando eu era pequeno", exclama elle ou antes o escriptor, com o accento de uma reminiscencia rica das imaginativas com que lhe embalaram os primeiros somnos, n' uma fertilidade de creações augmentada pela concorrencia de outros factores ethnicos, e pela seducção da terra mysteriosa enxertando-se sobre a inventiva aventurosa do factor principal, o portuguez.

Denotando o *Judeu* por esta face do seu talento, mais espontaneo, a origem do seu berço, revela nas outras a influencia da residencia cons-

tante na metropole. Recordações concretas, voluntarias, do Brazil, não as offerece, nem na escolha dos typos, nem nas referencias aos costumes. Quando raramente allude á colonia, é sempre por motivo das minas, opulencia do reino. "Mina temos? pergunta *Esfuziote* n' um dos costumados jogos de palavras. Grande fortuna nos espera". E como documento de fortuna introduz-nos nas *Guerras do Alecrim e da Mangerona*, *D. Lancerote*, velho somitico que na industria do oiro juntára seu cabedal.

Por contra, é portugueza a qualidade da graça de Antonio José, a natureza da sua ironia: isto é, não possuem geralmente um alcance maior do que o méro valor das locuções e modismos por que se traduzem; não encerram na maior parte qualquer sentido occulto, qualquer chiste menos á superficie, agradando certamente por tal simplicidade ao publico a que eram destinadas. Degenera por vezes a graçola em porcaria, e até na obscenidade. Negocio de pouca monta; razão mesmo de estimação. A plateia saboreava não só as expressões mais sujas e as mais apimentadas, como as lembranças mais despropositadas, comtanto que lhe não atormentassem a imaginação com intricados problemas moraes, e lhe não desnorteassem a attenção com demasiadas subtilezas de estylo.

Só exigia que a opera conservasse bem a sua feição decorativa, pomposa, e a sua mescla de episodios sentimentaes e burlescos. Linguagem culteranista, com gosto a acolhia dentro dos

limites difficeis do intelligivel, que aos engenhos em justa litteraria era dado ultrapassar á porfia. Os ouvidos dos espectadores andavam afeitos a um seculo de comedias de capa e espada, e recebiam com agrado as imagens em prolongada associação, os calembures, as assonancias, os equivocos, as comparações, as antitheses, todas as baldas rhetoricas do gongorismo que soassem como uma musica cheia e variada, mas perceptivel.

O *Labyrintho de Creta*, uma das operas do *Judeu* melhor engendradas, de intriga mais desenvolvida e de mais vehemente collisão de affectos, é igualmente das mais inçadas d' essas figuras e formulas em uso. Até *Esfuziote* se mette em algumas scenas a expressar-se nobremente, um pouco por mangação, pois que chega a reputar descortezia o emittir conceitos; mas não o entendendo *Taramella*, abandona os tropos e mais galas com a seguinte observação: "Já que não entendes de estylos crespos, te fallarei em frazes estiradas."

O *estylo crespo* parecia sobretudo apropriado aos personagens da tradição classica, e inseparavel dos galans e damas requestadas nas scenas de galanteio: como si, para realçar o tom affectivo, tornasse-se mister recorrer á pompa da linguagem. Nas epochas parecidas de plethora de estylo, na decadencia romana e nos assomos do ultra-romantismo, nota-se igual persistencia das fórmas rebuscadas ou empolladas, encobrindo com flôres litterarias a ausencia de um sentimento verdadeiro, de uma franca manifestação de amor.

Por isso, na sua ingenuidade intencional, *Caranguejo* muito chanmente retruca ás phrases bombasticas de *Proteo:* "Eu cá no meu amor sigo outra filosofia mais natural; a formosura cá para mim ha de ser clara, palpavel que todos a entendão, como as pastoras do tempo antigo."

Si as demasias rhetoricas maculam-lhe os dialogos de maior effeito, a preciosidade, ostentando-se aliás nos sonetos, não affecta muitas das arias na obra dramatica de Antonio José. Perante tal qualidade, o Snr. Sylvio Romero considera sobretudo a memoria litteraria do escriptor sob o ponto de vista lyrico, que entretanto me não parece ser o mais solido esteio d' ella. O *Judeu* possue muito mais habilidade scenica, a saber, facilidade de alimentar e conduzir por meio de engenhosas invenções os enredos esboçados, do que profundo sentimento poetico.

Todavia nos seus versos a affectação é limitadissima si a compararmos com a generalidade das tediosas producções contemporaneas em Portugal; e pelo menos a espontaneidade, posto que em algumas composições recitadas deixe-se vencer pelo amaneirado, despe ordinariamente das roupagens complicadas do culteranismo a parte lyrica das operas que a musica colonial devia sobrelevar com a doçura dos seus compassos. A inspiração não é larga, nem afoita a expressão. A naturalidade, acostumada ás pezadas vestimentas do seculo, resistia a expor-se sob mais ligeira tunica. Denuncia-se porém a transformação do gosto pessoal pela acção de agentes

alheios á exclusiva tradição da metropole, na conseguida singeleza, em harmonia com a musica encantadora. A simplicidade e a sinceridade, primeiras condições do sentimento, revelam-se já em varios accentos, ou de franca ternura como os de *Tebandro*, no *Labyrintho de Creta:*

O navegante,
Que combatido
De huma tormenta
Logo experimenta
Quieto o vento,
Tranquillo o mar.

Como eu, nem tanto
Se alegra, vendo,
Que vai crescendo
Minha ventura,
E vai cessando
De meu gemido
O suspirar.

Ou de ciume, como os de *Lidoro* na mesma opera:

Qual Leoa embravecida,
Que se vê destituida
Do filhinho tenro, e caro,
Que com furias, e bramidos,
Rompe a terra, e fere o ar:
Assim eu em meus gemidos
Bramo, peno, sinto, e choro,
Vendo (oh Deos!) o que eu adoro
Noutros braços descançar.

Ou de amor, como os de *Faetonte:*

Deixa que eu morra
Desta ferida,

Que he melhor vida
Morrer por ti.

Se me desejas
Da morte izento,
Não te retires;
Pois só me alento
Com ver-te aqui.

Ou ainda de melancholia, como os de *Ismene* no *Precipicio de Faetonte:*

Ditosa Pastorinha,
Que alegre em verde prado,
Só cuida no seu gado
Ao som da melodia,
Que inspira a rude frauta
Do amante seu Pastor.

Politicas não usa,
Nem maximas inventa,
Ufana se contenta
Das flores, que tributa
Á fé de hum casto amor.

Ou finalmente de duvida e desconfiança, como os de *Dorida* nas *Variedades de Proteo:*

Não tenhas por delirios
Meus temores,
Que em amores
Em duvida he melhor
Temer, que confiar.

Oh credula não sejas
De amor no cégo engano,
Que em tal damno
Dos males o peior
Devemos esperar.

Si as modinhas brazileiras podiam preencher com a sensualidade das suas melodias o que porventura escasseava ao *Judeu* em suavidade lyrica, não logravam por contra encobrir a falta de intenção moral das comedias do fluminense. A falta explica-se comtudo, tanto mais quanto os moralistas ainda constituiam no seculo de Antonio José uma classe litteraria á parte. Apenas por uma demorada evolução chegariam o romance e o theatro a englobar aquella *sciencia da vida*, que deixou de occupar especialmente um La Rochefoucauld, um La Bruyère ou mesmo entre nós um marquez de Maricá, para ser igual apanagio de um romancista como Balzac, de um poeta como Victor Hugo ou de um dramaturgo como Dumas filho. O peor porém é que na obra do *Judeu* a ausencia de intenção moral repercute-se na fraqueza do desenvolvimento psychologico dos personagens, cerceando a este desenvolvimento o seu campo de actividade e precipitando por vezes bruscamente a intriga.

As situações nem sempre acham-se bem preparadas quando são apresentadas. Si *Ariadna*, lembrada talvez da rabugice do pai *Minos*, resiste dengosamente ás preces de *Thezeo;* si *Cyrene* só não accede de prompto aos rogos de *Proteo* por temer desarranjar a ambiciosa e desleal combinação do seu progenitor *Polipio*, o qual, fazendo dos mais beocios, a faz passar pela princeza da Beocia; si finalmente *Maresia*, para não enamorar-se de *Caranguejo*, invoca meio arrependida o casto juramento feito a Diana — não guiando-se

qualquer d' ellas pelo formoso sentimento subjectivo do pudor, pois que a primeira até appellida de *dura* a lei objectiva do decóro —: *Ismene* muda de derriço á medida que crê ser ou não *Faetonte* o filho de Apollo, e *Medéa* desfecha a *Jason* uma declaração de amor imprevista. "Quem sente, explica ella, he força que se queixe, que para amar, basta ter alma." Faz-lhe symetria em outra opera o incendido *Proteo* ao perguntar "qual he o amor que não tem por azas o atrevimento?" O leitor porém surpreso com aquella aggressão, por mais que queira render-se ás razões da paixão e procure transportar o seu juizo critico para a atmosphera litteraria do Portugal de 1735, involuntariamente applaude o commentario laconico e expressivo de *Sacatrapo* á phrase de *Medéa:* "Ah bom arrocho!" A observação apparece-nos de resto inteiramente cabida quando, no final, vemos que a impetuosa heroina, longe de proceder com violencia analoga á do começo, vale-se serenamente dos proprios feitiços e "vae vagar pela região do ar" para não assistir ás infidelidades do amante.

As numerosas sahidas comicas, como a de *Sacatrapo*, compensão para o valor do theatro de Antonio José, o que no terreno da evolução dos caracteres nos não é dado encontrar de muito interessante, além de alguns felizes contrastes no desenho como o ardor de *Fedra* e a languidez de *Ariadna*, ou o orgulho de *Nereo*, antepondo na mulher a nobreza á belleza, e a expansão arrebatada de *Proteo*, deixando-se abrazar nas

chammas de quaesquer lindos olhos. Perdoam-se ao autor os seus eventuaes exaggeros burlescos, porque elles ajudam a manter-nos em quasi constante hilaridade. E o riso não só é de todos os tempos, como é das manifestações da sensibilidade a mais radicalmente humana. Os animaes nas torturas do soffrimento choram, escreveu algures a illustre hespanhola Pardo Bazan; ninguem porém os viu jamais rir nos delirios da alegria: ao homem só coube este privilegio.

As paginas joviaes de Antonio José são as que ligam de certa fórma as suas operas aos autos graciosissimos de Gil Vicente e lhes asseguram a estima dos que buscam nas producções espirituaes o pulsar vigoroso da alma popular com suas franquezas, crendices e espertezas, mais do que a fria exposição das convenções classicas.

Shakespeare não só é grande pelo seu maravilhoso conhecimento do coração humano, pelo seu ideial levantado de nobreza de caracter, pela immensa variedade da sua objectividade; senão tambem pelo interesse que as suas peças recebem da identificação com o espirito nacional. O poderoso dramaturgo inglez amava com enthusiasmo a sua patria; sentia as paizagens que na menice o tinham cercado; participava das aspirações dos seus concidadãos; gozava como estes, e usava litterariamente como qualquer romantico, das allegorias, das abusões, de todas as creações fantasiosas da imaginativa popular. (Karl Frenzel, *(Die Persönlichkeit Shakespeare's.)*

Ao contacto do elemento plebeu Antonio José

não só ensaia nos trechos affectivos fallar desassombradamente a linguagem do bom senso, como aventa mais abertamente as suas observações da vida, as suas analyses de typos, as suas satiras de costumes contemporaneos, adquirindo até uma independencia de expressão desusada na sua epocha e no seu meio. Recordemo-nos como exemplo d' esta liberdade de elocução, da excellente scena I da parte II do *Labyrintho de Creta*, em que *Sanguixuga* adverte a sobrinha que se adestre bem para princeza alliando a severidade e o carinho, porquanto "temperar a aspereza com affagos he a verdadeira maxima de reinar", e recebe de *Taramella* a soberba resposta de que "se não cansará com isso; porque sendo Princeza, quer seja azeda, quer doce, assim a hão de tragar." Por seu lado *Faetonte* exclama com emphase que "muitas vezes a tyrannia he o primeiro degrau para subir ao throno." E como estas, outras phrases se nos deparam vibrantes de ironia, infelizmente muito menos frequentes do que as graçolas grosseiras ou ruidosas, que tanto lisonjeavam a bonhomia intellectual dos frequentadores dos theatros portuguezes.

Tenhamos não obstante sempre em vista, ao apontarmos tal senão, que além do gosto do publico e de outras condições dominantes, o *Judeu*, quasi constantemente perseguido pelo Santo Officio — o qual não admittia como a *Egeria* do *Precipicio de Faetonte* que "o privilegio da Razão é de poder entrar no mais iniquo Tribunal" — e afinal victimado em plena mocidade, não achou

tranquillidade, nem occasião, nem tempo, para afinar a sua grande veia comica, manifesta mesmo nos seus versos picarescos, e dar-lhe uma mais elevada applicação. Das vantagens que essa veia alcançaria n' um campo de mais directo exame social que o da antiguidade mythologica, fornecenos garantia o mais reputado trabalho do escriptor — as *Guerras do Alecrim e da Mangerona* —, no qual, lidando exclusivamente com personagens burguezes e plebeus, o engenho de Antonio José sente-se á vontade; augmenta a sua perspicacia de commentador; cresce o interesse do entrecho dramatico, commummente vivaz; e humanizam-se em uma mais subida escala as luctas de affectos e as emoções da alma.

Funda-se a citada farça nas rivalidades que separavam em arraiaes emulos os partidarios das duas profusas e aromaticas plantas, tradicionalmente cuidadas em Portugal com zeloso carinho: antagonismos de que conservamos uma lembrança nas contendas de *cordões* dos nossos presepios.

> Por ti desprezo, só por te querer,
> Jacyntho, gyrasol, roza, e jasmim

— declamavam simultaneamente, para angariarem as boas graças das duas sacerdotizas do alecrim e da mangerona, os seus namorados, peralvilhos "fartos de palavras já que no mais são famintos, não morrendo de fome por não terem onde cahir mortos", delineados com felicidade pelo autor.

Aos traços de contribuição original, Antonio José juntou n' esta intitulada opera joco-seria

algumas reminiscencias das suas leituras de famosos escriptores de theatro estrangeiros; facto que sem empallidecer a sua fecundidade creadora, abona a sua cultura intellectual. Seria curioso, embora enfadonho talvez, e seguramente moroso e difficil, respigar na obra completa do *Judeu* as passagens denotadoras de alheia influencia. De duas lembro-me entretanto que são imitações palpaveis, posto que empregadas muito a proposito: as transformações de *Simicupio*, analogas ás do *Crispim* do *Légataire universel* de Regnard, e os discursos de sciencia burlesca proferidos pelo mesmo personagem, a exemplo do *Sganarello* do *Médeçin malgré lui.*

As recordações francezas e quaesquer outras, não diminuindo, tampouco accrescentam o valor litterario de Antonio José. Independente d' ellas cabe-lhe entre a pequena pleiade de nossos escriptores coloniaes um dos mais distinctos lugares, ja pela sua sciencia profissional, que faz do *Judeu* um predecessor de Scribe, o mais inventivo dos dramaturgos do seculo XIX, já pelos accentos espontaneos do seu lyrismo.

Como autor dramatico, vimos que o *Judeu* effectivamente salienta-se pela habilidade com que sabe carregar a desbotada urdidura de uma peça, não permittindo que fraqueje nunca o interesse; sacudindo, um tanto empiricamente é certo, mas com tino e discreção, uns contra outros os sentimentos humanos, os vis mais que os bellos, como que denunciando a vida do escriptor amargurada pela delação, pela inveja e pela crueldade;

manejando emfim com pericia as occasiões de commover a plateia, e despendendo a mãos largas os meios de provocar-lhe a hilaridade. Sem ser um sagaz observador de costumes nem um destro dissector de corações, ha n' elle alguma coisa mais do que a enganadora facilidade de um rabiscador fertil. Espalhadas na sua obra existem verdadeiras intuições de caracteres, transparentes criticas á sociedade ambiente, claras intenções de audaz pensamento, vigorosos encontros de paixões, peccando quiçá por convencionaes, porém de que derivam-se situações attrahentes e impressivas, as quaes attingem quasi o drama. Domina sobretudo toda aquella obra uma real, uma forte imaginação.

Como poeta, verificámos que encontrou o *Judeu* na ardencia do seu sangue, hereditariamente estimulado por um longo *habitat* tropical, notas singelas e tocantes que annunciam, bem que de longe, um renascimento litterario. A naturalidade da sua emoção, irmã da naturalidade do seu chiste, é qualidade que se não encontra na litteratura portugueza do seculo XVIII, excepto quando d' além mar a bafeja a briza saudavel do Brazil. O amor perde immediatamente nos seus personagens a insipidez, a fatuidade luzitana, para assumir uma garrula juvenilidade: "Amor que foi, sempre he, pondera *Albano* no *Precipicio de Faetonte;* pois não tem mais que hum tempo, e por isso se pinta menino."

A sanguinolenta beatice da metropole não consentiu todavia que por longo tempo chilreasse

o expansivo genio do colono, sem que o devorassem as fogueiras do Santo Officio. Perseguio, brutalizou, e ao cabo da malvadez consumiu o misero, sem mesmo um olhar de compaixão para a sua mocidade, para o seu talento, para a sua mansidão. O tribunal mostrou-se ferozmente surdo á prece delicada que pelos labios carminados de *Ismene* e de *Cyrene* murmurára a victima:

Fortuna que inconstante
Te ostentas rigoroza,
Quando serei ditosa?
Quando serei feliz?

Suspende por hum pouco
Teu moto acelerado,
Não seja sempre o fado
Cruel a huma infeliz.

Ainda no seculo XVIII, antes que em sua segunda metade se deslocasse para a capitania do oiro o primado litterario, merece nossa attenção, e mais do que esta, nossa consideração uma certa classe de engenhos, senão notaveis como o poeta satirico de São Salvador e Pernambuco ou o autor comico de Lisbôa, na verdade recommendaveis pela sua gravidade, ponderação e labor. Refiro-me aos academicos da Bahia e do Rio de Janeiro, de cujo typo Rocha Pitta nos fornece excellente representação.

As academias do Velho Mundo tiraram sua razão de ser da rareza do publico litterario, a saber, do publico apto para ler e comprehender as producções litterarias. Reunidos em permanente

e regulamentado convivio, os socios mais facilmente trocavam suas impressões intellectuaes e uns dos outros recebiam a precisa animação, que teria fatalmente de descambar a breve trecho no elogio mutuo. Não se perverteu comtudo o caracter d' essas congregações mundanas antes de haverem ellas prestado verdadeiros serviços nas variadas cathegorias espirituaes. Tanto mais quanto, não absorvendo então a politica nem as applicações das sciencias experimentaes, modernamente exploradas, um grandissimo numero de mentalidades, existiam os largos ocios que a multiplicidade das occupações hodiernas e a consequente indulgencia da disciplina commum tornam actualmente impossiveis, condemnando á quasi absoluta esterilidade os trabalhos academicos. (Lavisse, *Conferencia.*)

Na murada colonia americana lograram as modestas academias dos *Esquecidos* e dos *Renascidos* (Bahia), dos *Felizes* e dos *Selectos* (Rio), medrar ao ponto de passarem na realidade de fastidiosas companhias de louvaminhas insulsas e debiques anodinos; si bem que não conseguindo equiparar-se a uma instituição pomposa como a *Academia de Historia* do reino, fundada por D. João V, ou a um estabelecimento proveitoso como a *Academia de Sciencias* de Lisbôa, dando impulso no seculo findo, apezar da hostilidade do poder publico, aos assumptos economicos, financeiros, agricolas, industriaes e theoricamente scientificos.

O isolamento brazileiro era demasiado rigoroso para permittir que, conforme aconteceu

em paizes mais adiantados com as academias do seculo XVII, e mesmo no atrazado Portugal durante o seculo XVIII com as antigas e insipidas tertulias, as nossas companhias alcançassem transmudar inteiramente a sua roupagem farfalhuda, quasi exclusivamente litteraria, em uma mais sobria vestimenta scientifica. D' ellas resultaram em todo o caso um perseverante incitamento espiritual e um consagrado respeito pelas manifestações do pensamento, devéras apreciaveis em uma sociedade pouco familiar com os assumptos da intelligencia. Demais a academia dos *Felizes* por exemplo, fundada pelo medico Saraiva em 1736, dirigiu para a botanica as suas conferencias, e a dos *Renascidos* encaminhou para as pesquizas historicas a actividade dos seus associados.

Esta academia, em cujo espolio encontram-se não sómente versos avulsos como planos de epopéas e dissertações narrativas, visou, longe de contentar-se com o trabalho identico de Rocha Pitta, publicar uma historia da America Portugueza, para o que chegou a distribuir o encargo entre os seus membros, não se verificando todavia tão nobre intento. (Dr. G. Studart, *Notas para a hist. do Ceará.*) Na repartição coubéra parte da tarefa ao pernambucano Borges da Fonseca (1718—86), o qual, tendo seguido a carreira militar, occupou o lugar de governador do Ceará, e em proficuas investigações costumava empregar os seus ocios. É elle autor, além de varios escriptos estatisticos, de uma compacta e diz-se que interessante *Nobiliarchia* das familias da sua

capitania natal. Como no Sul Pedro Taques, fallecido em 1777, outro espirito dado ao mesmo genero de indagações e que sobre as familias paulistas compoz um volume de memorias, deixando tambem sobre a capitania de São Vicente um apontoado de noticias minuciosas e fidedignas, Borges da Fonseca fazia dos estudos genealogicos base para esclarecimentos historicos.

Partiam ambos do excellente principio, verdadeiro até á epocha da Revolução, de que na lista de feitos das familias nobres achava-se na maxima parte representado em sua fórma mais brilhante o desenvolvimento nacional, visto que, pela sua situação unica de classe predominante da hierarchia social, eram os gentishomens parte obrigada dos principaes eventos. Accresce que, pondo em relevo a descendencia e as glorias de familia dos principaes possuidores do desbravado sólo brazileiro, o pernambucano e o paulista contribuiam em não pequena escala, no seu limitado circulo de amigos e apreciadores das lettras, para a estimulação de um orgulho local, e indirectamente para a formação de um sentimento de particularismo.

Os mais acabados e importantes productos academicos que nos legou o seculo XVIII foram o já por mais de uma vez mencionado bahiano Rocha Pitta e o pernambucano Santa Maria Jaboatão, socios ambos da academia dos *Esquecidos* de São Salvador, posto que separados por alguns annos que assistiram a uma remodelação do gosto litterario. Traçou o primeiro a historia

da America Portugueza de 1500 a 1724; delineou o segundo a chronica na provincia ultramarina da ordem religiosa a que pertencia: dois escriptos que nos prestam aproveitaveis contribuições historicas e nos dão uma larga amostra da expansão attingida pela prosa brazileira no auge do periodo colonial.

Era Rocha Pitta (1660—1738) um fazendeiro abastado, bacharelado em Coimbra, e que, começando por entregar-se ás lettras como passatempo, dedicou-lhes a pouco e pouco o maximo do seu fervor espiritual, sobretudo quando o empolgou o pensamento, levado a cabo, de compendiar os acontecimentos e enaltecer os heroismos de que o Brazil fôra até então theatro. O enthusiasmo inicial da ideia sustentou-se durante toda a sua execução e floresce no estylo em excesso imaginoso da obra, na qual, debaixo das exaggerações rhetoricas, sentem-se pulsar uma commoção sincera e um patriotismo, ou melhor um americanismo eloquente.

Rocha Pitta tem sido accusado de não mostrar-se bastante brazileiro, no sentido de render convicta dedicação ao dominio portuguez. O proprio titulo do seu livro parece indicar tal tendencia, que o Snr. Sylvio Romero qualifica de *lusismo:* Historia da America Portugueza e não do Brazil, escreveu o socio da Academia de Historia de Lisbôa. Acho comtudo fraco motivo para censuras semelhante ausencia em um escriptor dos principios do seculo XVIII, de um sentimento de patria, o qual na realidade era ainda forçosamente embryonario, vago ou

pelo menos mal definido, portador para mais de poucas esperanças e reclamando, para adquirir consistencia e intenção, a suggestiva atmosphera das sedições. No nosso historiador impera entretanto a sympathia pelo que é da sua terra. Leiam-se na exposição da então recentissima guerra dos mascates, os doestos sentenciosos por elle lançados ao governador e aos mercadores portuguezes, e a defeza da nobreza pernambucana — á qual aliás pertencia a familia do escriptor — senão exercida com parcialidade ou mesmo com desassombro, energica quanto lh' o permittiam a gravidade e cortezania do seu estylo.

Esta e outras narrações historicas são geralmente esboçadas no livro de Rocha Pitta com escrupulosa exactidão, e com uma fluencia e elevação de estylo que o gongorismo não corrompe em demasia. Nas descripções é que as imagens se agrupam mais cerradas, as hyperboles se desentranham mais facilmente, as comparações e antitheses esgrimem com maior presteza. Comparações e antitheses que são constantemente bebidas no manancial classico mercê do sestro da erudição, porquanto no humanismo entronca sempre o culteranismo do seculo XVII, ao inverso da moderna reacção romantica, que pede directamente á natureza o melhor da sua inspiração.

Não deixava no emtanto o autor de perceber que sob a influencia da corrente neo-classica, transladada da côrte de Luiz XIV e facilmente acclimatada na de D. João V pelos esforços do conde da Ericeira, o elegante traductor de Boileau,

os seus figurinos já iam passando de moda. Por isso no prologo da *America Portugueza* destacam-se estas palavras *ao leitor discreto:* "Se em alguns termos o estylo te parecer encarecido, ou em algumas materias demasiado o ornato, reconhece que em mappa dilatado a variedade das figuras carece da viveza das côres e das valentias do pincel....."

Com effeito si, como creio, merece desculpa o gongorismo, deve Rocha Pitta ser um dos seus discipulos mais perdoados; não sómente por ter fugido, no meio da sua exhuberancia rhetorica, ás extravagancias em que degeneraram as primordiaes subtilezas dos culteranistas e que assemelham-se sensivelmente com as actuaes excentricidades do symbolismo, decadismo e outras escolas poeticas anarchicas, de desesperadora esterilidade, como pela razão que elle justamente invoca — a da magnitude do assumpto escolhido, ou para melhor dizer, do scenario em que o assumpto tinha de ser tratado.* O estylo do ba-

---

* O Snr. Dr Salvador de Mendonça, Ministro brazileiro em Washington, possue na sua rica bibliotheca um inedito de Rocha Pitta intitulado *Tratado Politico.* O manuscripto, encadernado em seda vermelha, conta 53 paginas em 8º, divididas em trez discursos, e é offerecido a D. Pedro de Noronha, conde de Villa Verde e marquez d'Angeja, vice-rei da India e do Brazil. O prefacio, assignado pelo autor, traz a data de 7 de Setembro de 1715. A obra, tendente a louvar e apoiar em fundamentos classicos e modernos a resolução do rei de Portugal de romper a paz com Castella, é feita no mesmo estylo

hiano forceja por acompanhar os explendores do meio physico, por ostentar as galas da natureza ambiente, e em taes tentativas de méro caracter exterior, de pura execução technica, busca os effeitos pinturescos que á historia modernamente empresta um distinctivo romantico: o sentimento da diversidade das epochas historicas.

Foi este distinctivo que, junto com a comprehensão nitida do progresso pelo desenvolvimento geral humano, não mais pela acção providencial das grandes individualidades, representantes todavia das acquisições e das aspirações de um dado periodo, revolucionou a sciencia á qual Vico fornecêra no seculo findo aquelle alcance philosophico, de representar a obra da humanidade sabiamente dirigida pela Providencia "não mediante leis positivas, mas servindo-se dos usos que nós livremente seguimos". No meio intellectual porém em que trabalharam Rocha Pitta, Jaboatão, Pedro Taques, o paulista frei Gaspar da Madre de Deus e outros chronistas mais do nosso seculo XVIII, apenas continuavam a fixar-se no dominio das sciencias moraes as filiações historicas que precedem as syntheses sociologicas, isto é, a inventariar, relacionando-as entre si, prendendo-as com os elos da evolução na-

---

gongorico dos outros trabalhos conhecidos do escriptor, porventura mais recheada do que o principal de divagações de um gosto duvidoso e de uma correcção problematica, e tresandando ao costumado luxo de erudição historica.

cional, as peripecias bellicas e as raras manifestações de cultura de que o paiz ia sendo campo.

Critica historica propriamente, é inutil buscal-a, ainda mesmo nos mais completos e valiosos d' entre esses trabalhos: na declamação sonora do fazendeiro, ou na chronica muito menos florida no estylo, mais diffusa talvez no assumpto, porém igualmente estimavel como repositorio de memorias brazileiras, tecida pelo prégador franciscano para gloria da sua ordem monastica e divulgação das bellezas da sua patria. E bem presentes as tinha Jaboatão, pois que no Norte nasceu em 1695 e nunca do Norte se ausentou, n' um apêgo á terra devéras louvavel, visto a disseminação da congregação religiosa a que pertencia poder-lhe facultar, como a outros, uma transferencia para o reino, miragem ainda de grandeza e de intellectualidade para a pobre colonia opprimida, quasi segregada da civilização.

IV.

SECULO XVIII.

COLONIA E REINO.

Nos fins do seculo XVII a marcha geral da civilização brazileira ou mais precisamente a expressão principal d' esta marcha, mudou inteira-

mente de orientação, desdenhando o pristino caracter agricola, regular, methodico, pouco aventuroso apóz a completa dispersão dos indios do littoral e o commum abandono das loucas investigações do El-Dorado, para abraçar a feição problematica, apaixonada, febril das pesquizas mineiras. Uma população turbulenta, em parte composta dos audaciosos exploradores paulistas, internados á caça do gentio e assim levados a resuscitar e dar corpo ás faiscantes fantasias e imaginosas tradições do seculo XVI, proseguidas como que em um sonho no seculo immediato, e em parte de reinóes que lhes seguiam o rasto d' óra avante seguro de proventos, transplantou-se para os sertões de Minas onde surgira o oiro, e logo depois para os de Matto Grosso e Goyaz. Era toda essa população ambiciosa de lucro, despida na amplidão das florestas virgens dos preconceitos sociaes mais rudimentares, entregue corpo e alma á allucinação da riqueza.

A historia das suas primeiras installações nas soberbas paizagens de Minas, opulentas de magestade, admiraveis pelos contrastes imprevistos de mattas quasi impenetraveis, rios impetuosos, montes escarpados e profundos valles sombrios, é uma historia de sangue. A lucta pela existencia perdia no seio da natureza as convenções, as hypocrisias dos meios cultos, para revestir uma apparencia perfeitamente animal, um aspecto essencialmente anarchico, na concorrencia feroz pela obtenção do appetecido metal. Estão presentes na memoria de todos os que conhecem,

mesmo medianamente, a historia brazileira, as contendas cruentas entre os paulistas, descobridores das minas, e os forasteiros por elles denominados emboabas, attrahidos pela fascinação do oiro. Caminhou lentamente a pacificação de tão desordeiros elementos: realizou-a porém a metropole com firmeza, e, esboçada a constituição das novas capitanias interiores, entrou a affluir ao reino uma corrente cada dia mais volumosa de riquezas.

A colonização de Minas Geraes effectuou-se absolutamente ao sabor das descobertas dos seus veios e jazigos auriferos e diamantinos. Segundo aqui ou alli as terras dos morros, as gupiaras dos sopés dos montes ou o cascalho das margens e dos leitos dos rios annunciavam-se mais abundantes do metal cobiçado e das pedras maravilhosas, assim se encaminhavam para os lugares apontados e n' elles acampavam os copiosos bandos de immigrantes, chamados pelo deslumbramento das diversas capitanias, mesmo das mais prosperas, e do longinquo Portugal. Mudavam-se estas tribus nomadas carregando penosamente as suas pobres trouxas e magros farneis e enxotando diante de si rebanhos de negros escravos, requeridos pelos duros trabalhos das lavras. Villa Rica e outras cidades tiveram semelhante e singela origem. Nasceram espontaneamente de um acampamento mais prolongado motivado pela opulencia mineira do lugar.

Justifica-se d' est' arte o facto da principal povoação da capitania, arvorada em capital, le-

vantar-se n' um tão improprio local. Em Villa Rica se encontraram algumas das primeiras minas de oiro nos annos de transição do seculo XVII para o XVIII, e foi por tal fórma rapida a agglomeração de colonos que em 1711 recebia o lugarejo o titulo de villa, burocratisando-se a sua organização e regulamentando-se a extracção do metal. Parallelamente edictaram-se severissimas disposições fiscaes para evitar o contrabando, o qual entretanto exerceu-se sempre em grande escala, apezar das patrulhas que vigiavam as estradas e dos registros inquisitoriaes estabelecidos nos confins da capitania. Sobre as mercadorias importadas do Rio ou de São Paulo, em cujo numero entravam os negros n' uma vasta proporção, simultaneamente se lançaram fortes direitos.

Conforme a descripção do illustre botanico e incançavel viajante Auguste de Saint Hilaire, membro de uma familia na qual o saber e o trabalho são tradicionaes, acha-se Villa Rica edificada sobre uma serie de morros que bordam o rio de Ouro Preto, desenhando-lhe as sinuosidades tão abundantes quanto são parcas as suas aguas. As casas foram-se extendendo por grupos desiguaes sobre as encostas e quasi sobre os cabeços dos morros menos alcantilados.

O pinturesco de uma situação tão propicia aos formosos golpes de vista é porém infelizmente desmanchado pelo tom sombrio da paizagem. O ceu as mais das vezes nublado; a vegetação espessa e escura dos jardins; as côres carrega-

das do sólo e dos telhados, paredes e gelosias da maioria das habitações; finalmente as brenhas que se offerecem aos olhares, alternando com os oiteiros estereis, despidos de arvores e de vivendas, revolvidos pelas lavras, contribuem poderosamente para a melancholia que se desprende do aspecto geral d' essa villa de escaladas, á qual ainda um semi-circulo de montanhas estreita o horizonte.

Nunca de resto, nos seus momentos de maior vida e explendor, quando vinte mil habitantes amontoavam-se nas casinhas que marinham pelos morros, foi Villa Rica outra coisa mais do que uma poisada de aventureiros partindo cada manhã para a ardua conquista do vellocino de oiro, a mudarem cursos de rios, sondarem-lhes os leitos a descoberto, baterem as areias, rebuscarem os terrenos, n' uma extraordinaria azafama e dispendio de energia. A edificação resentia-se da pressa e descuido com que era emprehendida, com o fito exclusivo de servir de abrigo passageiro a uma população febrilmente sequiosa de riqueza.

E para prova da escassa fixidez d' esta população, logo que o oiro entrou a diminuir pelos arredores de Villa Rica, succederam-se as mudanças, estando em 1816 a cidade outr' óra tão animada e florescente reduzida a oito mil habitantes, e conservando sobretudo vestigios do passado movimento por continuar a ser a séde da administração provincial. As moradas abandonadas enfileiravam-se, e o ar sorumbatico da paizagem communicára-se de todo, francamente,

áquella producção açodada de uma méra estação na cruzada inquieta das minas.

São João d' El-rei, para onde os mansos conspiradores da Inconfidencia desejariam transladar a capital, apresenta mais graciosa posição em um largo valle fresco e risonho, modestamente sombrejado por montanhas, louçãmente enfeitado de jardins e banhado por airoso rio que divide a villa. Subsistindo mais pelo commercio que pelo movimento das lavras, São João d' El-rei em lugar de decahir, cresceu, tornando-se nos fins do seculo XVIII o mercado mais importante da capitania e o centro das mais dilatadas transacções com o porto do Rio de Janeiro. Si um viajante aliás benevolo notou èntre a sua população menos urbanidade do que a proverbial em Minas, elle proprio attribuio a differença á influencia do grande numero de negociantes a retalho portuguezes, cuja falta de polidez censura rispidamente.

Os immigrantes do seculo XVIII entregavam-se sem excepção ás pesquizas mineiras. Atravessando desdenhosos uma região de grande fertilidade, e lugares relativamente proximos da costa como a serra da Mantiqueira, onde, mercê da elevação, o clima é perfeitamente temperado, permittindo o cultivo dos fructos e legumes da Europa, iam estabelecer-se para além — aonde a concessão de uma data de terreno, por vezes de sáfara apparencia, fizesse espelhar ante seus olhos fascinados a miragem da fortuna repentina. Máu grado pois a uberdade de muitos pontos da nova

capitania central, a agricultura, attentos os seus lucros vagarosos, andava desprezada dos povoadores. Só muito mais tarde, minguada a colheita do oiro, acalmada portanto a primitiva excitação, e tendo ganho em valor pela liberdade do commercio os artigos coloniaes, cogitaram elles da lavoira, e não sómente entraram a exercel-a, como tambem a aproveitar para a criação de animaes as excellentes pastagens que possuem. Dentro em pouco remettiam para o Rio gado vaccum e suino, e rapidamente contribuia a provincia em elevada proporção com o producto de suas terras para a riqueza do Brazil.

Deram-se aquella crise de abatimento e a immediata reviviscencia antes da Independencia. Os viajantes contemporaneos de D. João VI ainda pintam o abandono extremo da mór parte das villas, povoados e fazendas de Minas em razão da diminuição do oiro. Não se tendo os habitantes até então resignado aos trabalhos ruraes, a transição da phase puramente metallurgica para o periodo sedentario, agricola e pastoril, era penosa de vêr-se. Nos primeiros tempos os arraiaes, e mesmo posteriormente as villas, forneciam-se dos generos necessarios comprando-os por preços fabulosos ás caravanas de vivandeiros que punham em constante communicação os lugares de Minas com o porto do Rio de Janeiro e com as povoações paulistas. Levantando no verão nuvens de pó ou atolando-se nos lamaçaes invernosos pelas accidentadas estradas reaes — si é que mereciam este pomposo nome os carrei-

ros antes formados pelo continuo passo das mulas do que por iniciativa da administração —; descançando debaixo dos telheiros dos ranchos; ou entoando cantigas ao som da viola na atmosphera toldada de fumo e de cachaça das vendas, avistavam-se as tropas de mercadores ambulantes e arrieiros transportando toda a casta de fazendas.

O mercado do interior era amplo e pouco regateador. As fortunas subitamente realizadas pelos achados occasionaes do metal em maior profusão, obravam como ruins conselheiras da parcimonia. O oiro gastava-se com facilidade ainda superior áquella com que ganhava-se. Corria a prodigalidade tão commum quanto o relaxamento dos costumes e a consequente perniciosa educação moral das gerações novas. Luxava-se por ingenua vaidade, por exaggerada ostentação, por vangloria de enricados, por tedio sobretudo: não pelo amor em si, frivolo mas comprehensivel, discreto especialmente, da opulencia, natural nos individuos bem nascidos. É que a abundancia géra vulgarmente nos seus eleitos necessidades bruscas e imperiosas de fausto, caprichos fantasticos de desperdicio.

Os centros mineiros, Villa Rica mórmente, tinham-se portando tornado no seculo findo theatro de fastosa vida. Em Marianna, séde do bispado, apparece-nos, a exemplo de Pernambuco, como um fóco de instrucção e polidez o seminario, fundado e largamente gratificado com terras e escravos pelos proprietarios mais abastados que

miravam ao ensino de seus filhos, alguns dos quaes iam comtudo cursar aulas em Coimbra. Exercida pela disciplina ecclesiastica, prudentemente dirigida e manejada, esta benefica influencia sobre a ignorancia dos espiritos e a depravação dos costumes, Minas Geraes poude, sem que d' ellas destoasse em excesso o meio mental, orgulhar-se de um grupo de brilhantes intellectualidades, cuja florescencia forma a phase mais notavel da nossa litteratura colonial.

Á guisa de scenario para um tão vivo desenvolvimento litterario, deparam-se-nos cem manifestações de bem estar social — formosas cerimonias religiosas, cavalhadas espectaculosas, rivalidades de irmandades sacras disputando-se a feitos de espalhafato e amostras de magnificencia, romarias a eremiterios edificados com devoção e sustentados com liberalidade, paixão das baixellas e serviços de toucador em prata, trabalhados na propria capitania. Durante longos annos viveu-se alli n' uma absoluta embriaguez de riqueza; e outra coisa mais do que embriaguez, doce e generosa embriaguez de liberdade, não seria a sonhada rebellião que tantas calamidades arrastou sobre aquella Terra da Promissão dos portuguezes expulsos da India, o Egypto esvaecido d' estes novos Israelitas, peregrinos do Oceano.

Não quero entretanto dizer que fosse Villa Rica um centro modelo de cultura. As intelligencias privilegiadas moviam-se n' um limitado circulo, isto é, abria-se-lhes em volta um curto espaço de adaptação mental. Modificára-se, é

certo, a pristina rudez: amoldára-se a condições mais francas de sociabilidade. Dissipára-se sem duvida o obscurantismo em sua maior densidade.

O elemento feminino porém, cuja acção é indispensavel em toda a desenvolução espiritual para polil-a e garantir-lhe a duração dos effeitos, si mais tarde ainda jazia encerrado no interior das vivendas, sahindo raramente na capital da provincia para insipidas partidas officiaes, e deixando-se apenas lobrigar no campo por occasião de bodas ou outras festas extraordinarias de familia, não podia ter estado n' um periodo immediatamente anterior em guerra aberta contra prejuizos, que certamente offereciam-se mais enraizados pela carencia de intercurso com os estrangeiros. O jogo, os namoros mysteriosos e ardentes, os prazeres sensuaes e as mesquinhas intrigas, posteriormente apontados como os divertimentos favoritos dos habitantes das villas de Minas Geraes, estiveram, é força crêr, no seculo XVIII em seu periodo de maximo favor.

Bem em face das pompas da capitania do oiro, as quaes mascaravam uma pobreza real posto que quasi inacreditavel no meio de tão seductoras opulencias mineraes e agricolas, quantas miserias e quantas atrocidades se não erguiam dolorosas e soturnas, como que a porfiarem em tornar infecundo aquelle fausto mal ganho! Quantas victimas de paixões mal contidas, de invejas mal suffocadas, de deshumanidades mal refreadas não cahiram — espectros ensanguentados que nas noites escuras e tormen-

tosas das montanhas assombravam numerosas consciencias salteadas de remorsos! Quantos escravos se não dobravam a um trabalho esmagador e mortifero que os dizimava, mesmo quando se lhe não juntavam as saraivadas de máus tratos!

A colheita do oiro, realizada pelos processos menos scientificos, demandava no seu grosseiro empirismo grande copia de braços robustos e incessante energia. Nas minerações de morros era mister cortal-os perpendicularmente ao sólo, ou perfural-os, cavando e revestindo galerias. Encontrado o metal; extrahido com a alavanca; reunido em montões com o almocafre; fragmentado de envolta com as materias estranhas, no caso d' estas serem compactas, por meio da percussão de maços de ferro, e mais tarde por imperfeitos machinismos: procedia-se a uma primeira lavagem no proprio lugar, em um corrego discrecionaria e fartamente provido de agua e complicado com um systema ulterior e annexo de canniçadas, pequenos canaes ou bolinetes, reservatorios forrados de coiros crús, conjuncto baseado todo no pezo especifico do oiro e sua habitual tenuidade. Quando a lavagem fazia-se em conductos arredados e especiaes, como acontecia na mineração de cascalho, remechia-se ahi o mineral, transportado tal qual era encontrado, sob a acção da forte corrente d' agua destinada a separar o oiro, arrastando as substancias grosseiras que a elle adheriam. Seguia-se uma segunda e identica lavagem, dita de apuração, e

ainda uma terceira, repetida e indispensavel em qualquer das fórmas de mineração, executada em gamellas ordinariamente de cedro, chamadas bateias ou carumbés.

Differia pois a mineração de cascalho, unica nos primitivos tempos, apenas quanto ás operações iniciaes da penosissima serie praticada nas lavras. Em lugar de excavarem-se os morros, desaterrando-os ou carunchando-os, punham-se a descoberto as misturas de seixos e areias que nos terrenos de alluvião dos sopés dos montes e margens dos rios, e nos leitos fluviaes continham parcellas auriferas em pó, em grão, em palhetas ou em laminas maiores, e realizavam-se as primeiras lavagens em regueiras adrede preparadas nas lavras de gupiaras, ou nos mencionados conductos especiaes e afastados. Os desmontes ou residuos das lavagens effectuadas do modo rudimentar que fica descripto, constituiam a occupação e o lucro dos colonos pobres conhecidos pelo nome de faiscadores.

Uma outra industria mineira representou durante o seculo XVIII, a partir de 1730, ampla fonte de rendimento para a monarchia portugueza, que foi a extracção dos diamantes, considerados como propriedade exclusivamente real. Arrendada primeiramente por contracto, ella passou finalmente em 1772, no governo pombalino, a andar explorada por conta da Corôa. O districto diamantino na elevada comarca do Serro do Frio, ao norte dos districtos auriferos, fechou-se ás vistas estranhas, constituindo um estado se-

parado dentro da capitania, arbitrariamente governado por um intendente. A extracção das preciosissimas pedras, dividida em *serviços*, confiava-se a negros alugados aos proprietarios.

Sobre ella pezava a mais rigorosa fiscalização no intuito de impedirem-se os roubos, communs entre os escravos, e as malversações, possiveis entre os numerosos funccionarios. Ainda assim bandos de garimpeiros, acoutados nos montes ingremes, desciam furtivamente a dar buscas aos rios cujos leitos encerravam diamantes, fugindo apressadamente para seus esconderijos ao divisarem-se os vultos das patrulhas, espreitadas por alguns do bando; e contrabandistas ousados chegavam, protegidos pela escuridão da noite e trilhando atalhos desertos, ás choupanas dos negros com o fim de traficarem nas pedras por estes escamotadas com admiravel destreza, mesmo debaixo dos olhares desconfiados dos feitores. Os lucros eventuaes de tal natureza e a esperança de, achado um diamante de uma oitava, recobrarem a liberdade, animavam os trabalhadores na pezada tarefa que lhes era quotidianamente distribuida.

Desviado momentaneamente o curso dos rios para leitos artificiaes, carregava-se o cascalho para canaes onde mais facilmente se procuravam as pedras sob a acção de uma limpida corrente de agua que eliminava a terra adherente, constantemente remechida pelos negros, patinhando quasi nús e enregelados. Nas margens dos rios e ribeiros tambem o cascalho per-

mittia o feliz encontro de diamantes, correndo porém os trabalhadores o risco imminente dos desabamentos de rochedos e morros excavados nas suas bases.

D. Pedro II, em cujo tempo, apóz uma longa serie de tentames especialmente executados pela população paulista, se descobriram as primeiras minas de importancia, morreu desconhecendo a prodigiosa valia de tão singular fortuna. Serviria esta para insufflar a natural vaidade de seu filho D. João V, alimentar-lhe a faustuosa prodigalidade, servil-o nos sonhos inquietos de magnificencia acalentados na atmosphera erotica de conventos, vigiados de perto como serralhos mysteriosos, para onde o soberano transportára a sua sensualidade, deixando a comitiva aos botes ás grades depois das conversações mystico-voluptuosas com as reclusas. Acudiria o oiro do Brazil ao levantamento em Portugal de edificios sumptuosos, ao conseguimento para Portugal de favores pontificios, até á alliança disparatada com a Santa Sé e Veneza n' uma cruzada extemporanea contra os turcos, ganhando as esquadras combinadas a tão gloriosa quanto inutil batalha do cabo Matapán. Nem poderia aquelle oiro, por vezes tincto de sangue nas angustias da sua extracção, sempre arrancado sem dó ao trabalho dos escravos e, quando cobrado o quinto, entregue sem vontade aos fiscaes e exactores da Corôa, fomentar uma real prosperidade da metropole.

Debaixo do pezo de tamanhas maldições o oiro da colonia, áparte o que malbaratava-se em

orgulhosas manifestações do luxo soberano, corria todo para a Inglaterra a saldar as importações do reino. Desde o tratado de Methwen e ainda muito depois de Pombal, cujas tentativas industriaes formaram apenas um episodio economico, ephemero e ficticio, as manufacturas inglezas póde dizer-se que monopolizavam o mercado portuguez, ao ponto de tornar-se tão commum na Grã Bretanha a nossa moeda exotica como a do paiz. A effigie de D. João V, chega a escrever o autor da *Relation historique du tremblement de terre de Lisbonne*, impressa na Haya em 1756, é mais conhecida em Londres do que a de Jorge II. O Banco Real achava-se atulhado de oiro luzitano: quasi todos os pagamentos dos particulares, a distribuição do soldo pelas tropas e outros muitos serviços da monarchia britannica, faziam-se com *lisboninas*. Tinham estas moedas curso em todo o estado, mesmo entre o povo miudo, por indole rebelde a innovações pecuniarias e geralmente desconfiado de outro dinheiro que não o da propria nação.

Os reinados de D. João V, D. José, e mesmo de D. Maria I até a regencia do principe D. João, pontoam o periodo de maxima prosperidade das minas. Accresceu, para a apregoada felicidade da administração pombalina, que na segunda metade do seculo parecia haver-se dissipado o a principio vigoroso espirito de rebeldia, evidenciado já nas desavenças dos immigrantes entre si, já na resistencia contra o fisco, o qual mostrava-se uniformemente exigente, oscillando só-

mente quanto á fórma da cobrança do oiro, isto é, passando da contribuição por bateias para as fintas, e da capitação para o quinto. Este, por final desejo dos povos, hesitantes como a metropole na escolha do meio de pagamento, antes detestando-os igualmente a todos, ficou estabelecido sobre a base fixa de cem arrobas annuaes. Ficando a producção aquém do tributo, fazia-se a derrama; havendo excesso, descontava-se o saldo nas derramas posteriores.

Segundo os calculos do barão de Eschwege no *Pluto Brasiliensis*, a importancia total do quinto nos tempos coloniaes foi de perto de 162 milhões de cruzados, o que eleva a producção, contando-se com o metal extraviado por contrabando, confiscado etc., a um total de mais de 970 milhões de cruzados ou perto de 400 mil contos em valor e de mais de 63 mil arrobas em pezo. O citado viajante, que por algum tempo administrou as minas brazileiras, avalia precisamente em 35.687 arrobas o oiro extrahido e escripturado em Minas Geraes de 1700 a 1820; em 9.212 arrobas a producção de Goyaz nos dez annos de 1720 a 1730; em 3.107 a de Matto Grosso e em 4.650 a de São Paulo durante todo o periodo colonial.

Por occasião do fallecimento do rei D. José e consequente destituição do marquez de Pombal representava a capitania de Minas Geraes, conforme apontámos, uma importantissima divisão, tanto sob o ponto de vista economico como sob o intellectual, do territorio, podia já dizer-se da patria brazileira. Não só n' aquella capitania, em

todas as outras da grande e activa colonia não lograva passar indifferente um acontecimento de natureza tão magna quanto o afastamento do poder do eminente ministro cuja energia de acção e lustre de governo haviam-se reflectido em uma mais levantada expressão nacional; a quem os poetas mineiros tinham decantado como reformador incançavel e engenho incomparavel:

> Que o seu nome enche a terra, e o mar profundo;
> *(Soneto de Basilio da Gama.)*

e que, sem ser nem uma alma misericordiosa nem um espirito revolucionario, introduzira na gestão dos negocios ultramarinos processos mais adiantados. Assim, concedêra elle por lei aos indigenas a igualdade civil que anteriormente lhes era ultrajantemente negada; retirára de sobre os hombros dos christãos novos a pezada e aviltante inferioridade que possuiam em relação aos velhos romanos; e tornára mais effectiva a vergonhosa administração da justiça transatlantica.

Os rigores de Pombal, a sua inexoravel severidade para com aquelles que de leve o offendiam, o seu rancor e crueldade para com os inimigos, defeitos que tão popular lhe tornaram a quéda na metropole, escapavam pela distancia á população brazileira, a qual apenas os viu revelados na expulsão dos jesuitas, acto aliás acolhido antes com satisfacção do que com compaixão. No terreno da clemencia pelo contrario, e n' um ponto particularmente sensivel, fizéra sentir-se

com alguma efficacia a acção do illustre estadista. O mais que poude, procurou ella cohibir os desmandos dos governadores enviados da côrte para as possessões, e que alli chegavam ebrios de autoridade, sequiosos de riqueza alguns, outros de folgança; tão duros e intrataveis na maioria quanto improficuos.

Os mandões remettidos de Portugal constituiam verdadeiramente a peste das colonias, e tanta consciencia conservavam elles dos seus desregramentos, que refere o botanico Link, autor por signal o mais benigno de todos quantos sobre a metropole escreveram no fim do seculo XVIII, um facto significativo passado alguns annos antes da sua estada em Lisbôa. A pedido de fidalgos que tinham exercido cargos administrativos no Brazil fôra retirada de scena, depois de trez representações, a peça intitulada *O Duque de Borgonha*, traducção de um original francez provavelmente inspirado nas ideias do abbade Raynal, na qual pintavam-se os abusos da autoridade e nomeadamente as injustiças dos governadores nas provincias e colonias. "Aquelles fidalgos, ajunta o ponderado collaborador da *Flora Lusitanica*, não sentiram pejo em queixarem-se da peça e encabeçarem as allusões que na mesma abundavam". *(Voyage en Portugal.)*

Sabemos por que fórma traduziu-se no reino a deposição pombalina. A nobreza, refreada pela mão possante do ministro, refluio sobre os degráus do throno, ávida de dignidades e de lucros; e o clero, a parte reaccionaria e a frac-

ção absorvente do clero, que ambas o marquez calcára aos pés com as suas theorias regalistas e jansenisticas, alcunhadas pelo nuncio Pacca de anglicanismo disfarçado, agitou sobre a fraca cabeça da soberana as azas negras do escrupulo e do temor pela salvação paterna. A sociedade portugueza, tonificada por alguns annos de renovação politica e economica, mas sempre combalida do velho immobilismo e continuo despotismo, cambaleou ao sentir a falta do forte braço que a amparava, e recahiu por fim na primitiva estagnação.

A epocha de D. Maria I é felizmente abundante de testemunhos estrangeiros, e portanto mais facilmente susceptivel de ser caracterizada do que outras. São em grande numero os livros publicados fóra de Portugal sobre este periodo da vida luzitana que vai de 1777 a 1807, durante o qual a beatice e a tradição absolutista deram-se novamente as mãos para resistirem ao embate dos ideiaes sanguinariamente affixados pela França, conseguindo manter temporariamente a nação n' uma indifferença assombrosa pela revolução que ao seu lado rugia, feroz e gloriosa. Alguns, muitos mesmo d' esses livros, respiram uma evidente má fé, ou pelo menos preconceitos enraizados. Os autores protestantes teem facil a ironia quando tratam de paizes invadidos pelo monachismo e quejandas instituições catholicas. Os inglezes, particularmente, possuiam então pelo estrangeiro um manifesto desdem, ainda não desvanecido, de povo educado nas maximas de

liberdade politica, que no continente só o terror ia conseguindo disseminar. Accresce que, atravessando a peninsula, varios viajantes adquiriam na convivencia hespanhola juizos erroneos ácerca dos antipathisados vizinhos do occidente; e que outros se contam dos que folgam em manejar constantemente, com justiça ou sem razão, a arma leve do ridiculo. Ainda assim, descontados os prejuizos e reduzidos os exaggeros, é aquelle instante historico da metropole dos que, mercê da quantidade dos deponentes, se me afigura de mais prompta e segura evocação.

Affirmam todos uniformemente que imperava no velho reino o despotismo mais ignáro. Em volta da realeza adejavam uma aristocracia sem conhecimentos nem altivez, um clero na maioria estupido e devasso, e uma burocracia cupida, venal e indigna. Rojada aos pés das classes dominantes, por estas explorada, sugada até pelas extorsões do commercio inglez, novamente todo poderoso apóz a queda de Pombal, formigava uma população privada de qualquer instrucção, escravizada pelo temor e pela fome.

As qualidades d' este povo — trabalhador, pois que toda a sua forçada indolencia desapparecia no Brazil n' uma lucta valente e proveitosa pela fortuna; sobrio, ao ponto de excitar a emphatica e significativa admiração britannica; bravo, chegando o reverendo Kinsey em 1829 a chamar a contas a sombra do patricio Byron e bradar-lhe o quanto na guerra peninsular o *Lusian slave, the lowest of the low*, avantajára-se na valentia

resignada e na resistencia disciplinada ao castelhano orgulhoso,

For proud each peasant as the noblest duke — escondiam-se na degradação ambiente.

Por esta circumstancia e pelo facto de, permanecendo ainda mais obscura e miseravel a hospitaleira e estimavel gente do campo, avultar sobretudo aos olhos estrangeiros a canalha da capital com todas as suas baixesas e vicios, tratam certos com demasiada severidade o caracter portuguez. Costigan vai ao ponto de taxar a sociedade contemporanea da mais vil e corrupta das sociedades *(Sketches of society and manners in Portugal)*. A obra mencionada é porém toda ella escripta com intencional e implacavel mordacidade, além de que perdeu muito da consideração da qual andava rodeada depois que soube-se não ser o tão espirituoso "capitão da brigada irlandeza ao serviço da Hespanha" senão o provavel pseudonymo de um brigadeiro Ferrière, despeitado com a administração portugueza. Convém igualmente não esquecer que si por exemplo a officialidade do reino, como quer Ferrière e parece demonstrado, deshonrava-se por latrocinios e assassinatos, no resto da Europa, apezar de tentar elle a apologia dos militares hespanhoes, não apresentava-se mais alto o nivel da moralidade.

O escriptor francez Fernand Giraudeau n'um estudo recentissimo intitulado *Les vices du jour et les vertus d'autrefois (La Lecture, 1893)* inventaria sem rebuço as mazellas patrias nos seculos XVII e XVIII. Faz-nos o autor assistir ao des-

filar de gentishomens prezos e decapitados pela balda de salteadores, de magistrados e conegos encarcerados como falsificadores e moedeiros falsos; emquanto que outros criminosos, réus de identicas culpas, eram recebidos e estimados na côrte. Perpassam mais aos nossos olhos n' um abjecto kaleidoscopio fidalgos incriminados de cynicas escamoteações de bolsas, relogios e talheres; muitos, mestres nos dolos ao jogo; altos influentes manchados pela concussão, vulgarissima posteriormente durante a Revolução, e até pela venda do seu valimento a potencias estrangeiras; pequenos funccionarios mergulhando aos bandos nas malversações como pardaes dentro de fresco tanque, em escala tal que n' uma sessão annual da camara de justiça perto de dois mil foram condemnados a restituições; officiaes rapinantes como invasores; senhores de castellos brutaes como féras; magistrados venaes como prostitutas; damas da nobreza faceis e caras como cortezãs de luxo, exercendo outras a corretagem politica como traficantes descarados; aristocratas despidos de escrupulos como vulgares rufios, dos que em França obedecem hoje ao mellifluo nome de *Alphonses*; financeiros immoraes espargindo oiro em troca de consciencias e de brios; grandes senhores ajustando injurias recebidas por meio de homicidios encommendados, a ferro, ou a veneno conforme a usança italiana.

A hierarchia social baseava-se em Portugal, como em qualquer paiz, na tradição e na subordinação, mais comtudo n' esta do que n' aquella,

ao inverso do que se dava em outras nações. Semelhante particularidade basta para demonstrar o rebaixamento a que haviam chegado os sentimentos de altivez e dignidade pessoal. Pareciam-se as casas fidalgas com colmeias, menos no trabalho. Dentro d'ellas apinhava-se uma multidão de dependentes de ambos os sexos, parasitas cujas occupações, além das praticas religiosas, dividiam-se entre a intriga e o namoro.

A exemplo das fazendas brazileiras, no tempo em que a escravaria abundava, reunia-se de tudo n'essa população heterogenea: valentões (*bravi*, ou *rascals* segundo se exprime Costigan) empregados pelos amos em baixos desforços, uma vez que nem d'um nem do outro lado do Atlantico o duello entrára nos habitos para liquidação summaria das offensas, dispensando assim da galeria portugueza o typo classico do espadachim francez; truões cujo emprego consistia em, mediante esgares e facecias, afastarem das frontes dos donos o tedio immenso da vida ociosa ou desprovida de divertimentos.

Beckford descreve nos seus interessantissimos esboços peninsulares o velho marquez de Marialva, venerado fidalgo e picador celebre, regressando de uma romaria ribatejana n'um barco de cincoenta remadores a bordo do qual amontoava-se uma comitiva de musicos, poetas, toireiros, frades, capitães de guias, lacaios, anões e crianças vestidas de anjinhos. Serviam a merenda ao ancião cincoenta criados, dos trezentos que viviam no palacio, casarão onde resoavam a toda

hora toques de guitarra, vozes de ladainha e sons de modinhas, e a que dava ingresso um pateo cheio de mesquinhas seges e de montes de estrume, refocillamento de uma porca com a grunhidora progenie.

De muitos outros quadros de um precoce naturalismo somos devedores ao opulento inglez, a quem o poeta symbolista Stephane Mallarmé appellida no prefacio de uma moderna edição do *Vathek* (1876) de figura igual, senão superior á de Brummel. A sua residencia em Portugal nos fins do seculo XVIII lançou para mais uma nota de elegancia — digamos de *dandysmo* pois que trata-se de um rival, soberbo ainda que concentrado até á solidão, do primeiro *dandy* da Europa, do typo imperecivel da mundanidade — e uma nota de distincção na nojosa sociedade que de joelhos se agrupava em derredor da anafada e bonacheirona figura do arcebispo de Thessalonica, confessor da Rainha e alto dispensador das graças do poder.

William Beckford era neto de um riquissimo plantador da Jamaica. O pai, criado e domiciliado na Inglaterra, occupou no mundo politico da mãi patria uma situação invejavel: por duas vezes o elegeram *lord mayor* e por varias deputado de Londres. De uma natureza energica, independente, mesmo vehemente, arrastando até á côrte a liberdade de palavra das reuniões eleitoraes, generoso de dinheiro sem jactancias de millionario, o velho Beckford podia ufanar-se de estar enfileirado entre os que na linguagem de

seus compatriotas se chamam *popular favourites*. Amicissimo do primeiro Pitt, que serviu de padrinho ao joven William, refere-se que elle nunca dobrou diante do ministro, do camarada ou do *lord* o seu orgulho democratico, ajudando comtudo dedicadamente a politica patriotica do estadista, a qual com criterio julgava convir ao predominio da Inglaterra. Occupando-se principalmente de assumptos commerciaes, não fechára todavia o espirito ás suggestões artisticas, realizando em tudo o typo ideial do insular sadio, forte, ousado, intelligente, equilibrado, profundamente nacional, que tem logrado com taes qualidades conquistar o mundo.

Aos onze annos ficou William Beckford orphão de um tão honrado pai e herdeiro de uma fortuna de cem mil libras esterlinas de renda. O conde de Chatham e lord Littleton suppriram a perda experimentada pelo moço ricaço, fiscalizando vigilantemente a sua educação na intenção de o lançarem, homem, no terreno turbulento da politica. Beckford porém entrou cêdo a revelar disposições avessas ás luctas praticas da existencia. Por um phenomeno vulgar de atavismo, a influencia tropical exercida sobre os avós surgiu no descendente espontanea e poderosa.

A imaginação impetuosa, ardente, desprezava os assumptos triviaes que dão pasto ao jornalismo para lançar-se sem moderação, primeiro no campo meio fabuloso da heraldica, e depois de estudados o arabe e o persa na absorpção das coloridas e fantasiosas litteraturas orientaes. O *Vathek*, conto

terrifico-grandioso que tornou-se a sua obra mais conhecida, é fructo d' esses momentos nunca esvaidos de morbida excitação. Como quasi todos os filhos do Sul possuia mais o franzino inglez uma extraordinaria facundia oratoria e uma viva affeição pela musica, aliás repartida com outras bellas-artes.

Do sangue e educação britannicos recebeu elle no emtanto a predisposição para a satira, que aos dezesete annos resalta n' uma mystificação compilada sob o titulo de *Memorias de pintores extraordinarios* — diatribe contra a prosapia dos artistas e a vaidade dos protectores — e que ainda depois dos setenta conserva-se fresca e juvenil nas impressões de viagem no Meio Dia europeu, apenas coordenadas na velhice.

Beckford mostra-se em ambos os escriptos dotado do genuino *humour* de além-Mancha: uma ironia que não parece-se com nenhuma outra, que não é estonteadora, recheada de effeitos como o espirito francez, nem grosseira, mal educada como a graça portugueza, mas que é acerada, discreta comquanto pungente, visando bem o alvo e nunca falhando-o, porque á dicacidade allia-se uma forte dóse de bom senso. Tão manifesta inclinação mordaz não tornou comtudo arido o singular temperamento litterario de Beckford.

A grande porção de idealismo que o seu espirito encerrava, preservava-o da sequidão resultante da critica, da atrabilis moral oriunda da censura. Até á morte conservou esse espirito o

culto quasi pagão da natureza, que desde a mocidade impellira o ardego estudioso a demoradas digressões pelo continente e a prolongadas meditações sobre as litteraturas pantheistas do Oriente; que o determinou a fixar-se, quando casado, nas margens calmas e encantadoras do lago Léman, bem em contacto com a terra fecundante, as arvores frondosas, os riachos murmurantes e os musgos viscosos; e que de regresso definitivo á patria fez brotar ao seu aceno os scenarios maravilhosos da abbadia de Fonthill, e depois da torre de Bath.

A natureza e a arte — eis as duas paixões dominantes d' aquella intelligencia formosamente prendada, mas infelizmente de escassa productibilidade porquanto a riqueza dispensava-a da necessidade de procreação, e a soberba afastava-a de outro terreno que não fosse o da expansão solitaria no meio de thesouros accumulados por um gosto apurado e um discernimento seguro.

Porque Beckford era essencialmente orgulhoso. A educação aprimorada, os mimos de uma mãi extremosa, as attenções talvez subservientes dos amigos, alimentaram-lhe semelhante tendencia e compuzeram o seu ar de superioridade, que não chegava a ser fatuo mas que envolvia affectação; o seu desdem, não insupportavel ou descôrtez porém perceptivel, por tudo quanto não fallava á sua imaginação ou chocava a sua comprehensão particular, exclusiva, da vida. Formára-se esta comprehensão de fantasia, de elegancia, de horror á banalidade, de amor pelo natural decerto

avolumado na convivencia em Genebra com os apostolos de Rousseau, sem que entretanto chegasse nunca a desmanchar-lhe a fleugma ingleza e a altivez fidalga.

Foi pena, devo repetir, que condições diversas de vida não sacudissem para a arena quasi sempre cruenta mas tantas vezes gloriosa das pugnas intellectuaes, uma mentalidade do quilate da de Beckford. O seu talento de escriptor era real. Possuindo em alta escala a justeza da expressão servida por um copiosissimo vocabulario, alliava-lhe uma graça inexgottavel posto que concisa, e uma pujante imaginação physica. D' est' arte as paginas que legou são primorosas pelo estylo, levantado sem requinte, pinturesco sem degradação; captivantes pelo chiste afinado e certeiro que distillam, não raro entremeado de notas calorosas e tocantes de emoção; interessantes pela descripção suggestiva dos lugares percorridos, e dos typos entrevistos e observados com uma pouco vulgar personalidade de vistas.

Esmaltavam-se todos estes predicados da feição scismadora, contemplativa, de intimo devaneio, que constituia o fundo da natureza complexa de Beckford. Natureza sobretudo cálida e impressionavel, diria nervosa si o termo na sua simplicidade não parecesse fóra de moda para qualificar um temperamento de tamanha receptibilidade de impressões, tão accessivel aos phenomenos cosmicos como ás influencias moraes, alheio embora o escriptor ao mysticismo perigoso que, como auréola sobrenatural, parecia envolver

o nascente romantismo e julgava-se forte para sonegal-o: assim como presentemente esconde o estrebuchar de tendencias postas demasiado em contacto com a realidade apparente, transformando essa agonia, de reacção delicada em feixe de inclinações vaporosas. Pela independencia da sua posição social o inglez teve ainda a felicidade pouco frequente de não carecer, como tantos outros, de afivelar sobre aquella sua physionomia sympathica de idealista, a mascara de indifferentismo debaixo da qual occulta-se muitas vezes um coração facilmente vibrante de enthusiasmo e de ternura, compellido a encobrir qualidades que seriam talvez nocivas no meio em que o misero se debate.

Beckford esteve por duas vezes em Portugal. A primeira em 1787 logo apóz o fallecimento de sua mulher, andando á cata de sensações novas que escurecessem a incisiva crueldade do terrivel golpe domestico, experimentado a meio de uma radiante ventura. A segunda sete annos depois, escreveu um autor portuguez que obrigado a deixar a Inglaterra por motivo de grave accusação, cujo olvido o principe regente D. João obteve do rei Jorge III. Esta supposição não acha-se porém confirmada nos dois volumes consagrados em 1859 por piedosa penna á memoria de William Beckford, dizendo-se ahi com singeleza que o faustoso inglez voltou ás margens do Tejo por méra distracção, no intuito de visitar amigos a quem muito prezava, particularmente a

familia Marialva, e revêr uma natureza luxuriante que exercia sobre elle poderosa fascinação.

De facto Beckford comprazia-se tanto no campo que, quer em uma quer em outra viagem habitou sempre nos arredores de Lisbôa, óra em São José de Ribamar, ao lado da praia bem exposta ao sol rutilante, a excessiva claridade do qual chegava a dar-lhe a nostalgia dos nevoeiros patrios; óra na fresca e umbrosa Cintra, no Ramalhão e em 1794 na propriedade de Monserrate, o *paraizo* cujo abandono annos depois Byron deplorava em sentidos versos do seu *Childe Harold:*

Thy fairy dwelling is as lone as thou!

Os esboços peninsulares, posto que no geral evitando modestamente quaesquer referencias ao explendor das accommodações do autor, explendor conta-se que olhado de soslaio pela Corôa, fallam do mirante asiatico do Ramalhão onde elle passava horas esquecidas, "cercado de fidalgos com seus chambres mui garridos e de musicos vestidos de roxo com largos chapeus de palha á semelhança de bonzos, ou talapões", reza a traducção de Rebello da Silva.

Curado do gosto excessivo pelas viagens, que o fizéra correr á laia de vagabundo os mosteiros portuguezes, os theatros italianos, os palacios hespanhoes, as estalagens allemães e os temiveis ajuntamentos demagogicos do Pariz da Revolução e do Terror, Beckford occupou-se finalmente em levantar na patria um solar mais digno da sua magnificencia e do seu gosto do que a aliás

ostentosa casa paterna, edificada n' um local pouco salubre do dominio de Fonthill. A abbadia foi a manifestação do seu explendido sonho de ocioso genial. Na execução do plano, de um caracter severo e genuino, para o qual convergiam sem discrepancia todos os pormenores architectonicos e todas as minudencias da decoração, consumiram-se sommas enormes.

Quando serios revezes de fortuna — a perda de propriedades excellentes por falta de titulos rigorosos de posse, a diminuição do valor de outras fazendas, e a negligencia na gestão de capitaes longinquamente empregados — forçaram posteriormente o vaidoso solitario a separar-se da sua thebaida, desligou-se d' ella sem apêgo apparente e lá foi aos sessenta e trez annos erguer em Bath nova, ainda que mais modesta, residencia, e jardins quasi igualmente sumptuosos. O melhor das suas collecções bibliographicas e artisticas, dispersas no momento da alienação de Fonthill, acompanhou-o na mudança e perfumou-lhe os ultimos annos da longa e moralmente placida vida, partilhados entre demoradas digressões pelas alamedas assombradas e vistosos campos de relva do parque, e o manusear paciente e deleitoso dos livros bem amados, anichados no meio de um numero sempre crescente de gravuras, porcelanas e galanterias da mais apurada authenticidade.

Aos oitenta e quatro annos morreu o incorrigivel amador, despreoccupado como sempre vivêra, levando comtudo o pezar secreto de não

haver podido impôr-se indiscutivelmente pelo fausto e pela excentricidade, e a consciencia da vacuidade do seu destino social. A dicacidade mesmo a mais attrahente, e sabem-n' a os inglezes apreciar em sua tradicional liberdade de educação civil; a franqueza mesmo a mais seductora; a critica mesmo a mais despida de preconceitos, não bastam para occupar uma actividade, mórmente quando esta se sente de um estofo capaz de arrostar a onda da imbecilidade e os embates da rotina: dão apenas a illusão de um destino cumprido e na verdade mallogrado.

A sociedade portugueza que Beckford conheceu e frequentou era sem duvida alguma mais typica, mais nacional, do que a hodierna; inferior no emtanto, sob não importa que aspecto de cultura, a qualquer outra sua contemporanea da Europa Occidental. Na vizinha Hespanha, semelhantemente subjugada por um despotismo inepto, não seria a media da illustração da nobreza e do clero superior á luzitana, mas existia entre a primeira classe uma pronunciada hombridade, como entre a segunda um mais sincero fervor religioso.

Ao passo que em Lisbôa a fidalguia fincava os joelhos em terra para entregar os seus humildes memoriaes ao antigo soldado convertido em carmelita, tão corpulento, jovial e comilão quanto pouco fanatico, bondoso, sensato, grato aos beneficios recebidos e despido de presumpção, que exercia o cargo de director espiritual da Rainha e assumira a contragosto o primeiro

papel na administração do estado: em Madrid a aristocracia recusava curvar-se diante do favorito real, o famoso duque de Alcudia mais tarde principe da Paz, obrigado, posto que de distincta familia, a procurar a sua roda de familiares entre pretendentes esfomeados e individuos de baixa origem. "Poucos exemplos, escreve Beckford, encerra a historia de um desprezo mais tenaz exercido contra um governante inteiramente patrocinado pelo favor real, da parte de homens intellectualmente tanto ou mais degradados."

É evidente que, máu grado a condemnação em globo, eximem-se alguns em Portugal áquellas pechas de subserviencia e ignorancia. O architecto Murphy na sua nunca desmentida bôa vontade refere-se com louvor á frugalidade, intelligencia e saber de muitos frades com quem travou passageiras relações por occasião da sua estada no reino, nos annos de 1789—90. O bispo de Beja frei Cenaculo, o arabista padre Souza, o abbade Corrêa da Serra são exemplos notaveis do favor com que as lettras eram acolhidas e tratadas n'um circulo ecclesiastico restricto, pouco conhecido mercê da pequenez do mercado litterario, porém valioso. Entre a nobreza o duque de Lafões, que Beckford nos apresenta já septuagenario com côr e signaes, "especie de camareira velha com eguaes ninharias e melindres", fornece um modelo pouco banal de erudição e amôr da sciencia.

No movimento de renovação dos estudos, a medo afagado pelas academias litterarias do seculo XVII, com custo mas palpavelmente infil-

trando-se no reino no seculo XVIII pela pressão das doutrinas encyclopedicas, e que as guerras napoleonicas e o consequente livre intercurso das ideias fariam avolumar, o Brazil ia agora representando um papel saliente. Seria por certo impossivel a apparição além-mar, ou dentre a turba de colonos vindos a educar seus espiritos na metropole, de um d' esses grandes genios creadores da litteratura que trabalham sobre exposições das ideias correntes no seu tempo.

A elevada poesia synthetica e impessoal de Shakespeare e de Goethe por exemplo, não a podemos conceber sem uma extraordinaria fermentação de vida ou sem um ingente esforço critico anterior, porquanto, conforme nota com razão o escriptor inglez Matthew Arnold, a cultura critica do paiz substitue como meio a epocha de renascimento em que surgem os poetas eminentes. Goethe, o qual hombreia com Shakespeare, possuia uma vasta illustração e vivia n' uma atmosphera essencialmente educada: d' ahi proveio a sua força. Os seus genios aliás differiam de natureza.

O inglez foi o poeta das paixões ruidosas e dos sentimentos absorventes; o allemão o cantor da duvida, da indifferença, da negação, de todo o esphacelo do periodo de mais pronunciada transição que o mundo presenciou depois da accessão ao christianismo das gentes aryanas. A frieza olympica, a insensibilidade soberba de Goethe, destoantes da virulencia commum aos derrocadores, não significam apenas o fructo de uma alma orgulhosa e senhora de si. Constituem

tambem a expressão do que realmente symboliza essa figura principal da transformação germanica, por outros parcialmente preparada e executada, emquanto elle, erguido sobre um pedestal, a todos sobrelevava pela magia da sua linguagem, pela universalidade da sua educação intellectual, pela concretização das suas impressões syntheticas, pelas abstracções oriundas das suas observações da natureza e da vida.

A Allemanha de então offerecia-se-lhe de resto como um terreno eminentemente favoravel e adequado para a impersonalidade do seu genio. Em tempo do laureado Frederico estivéra a França na moda, qualquer que fosse a cathegoria espiritual exercida pela actividade dos escriptores. O scepticismo gaulez do seculo XVIII inoculára-se perigosamente no organismo teutonico, e tornou-se preciso que resurgissem com energia todas as ardencias do velho mysticismo germanico, appellando para as sociedades secretas e produzindo até illuminados, antes que a incredulidade religiosa cedesse da sua prosapia. A poesia christã de Klopstock embalsamada de crença e de piedade, e n' outra esphera a philosophia nobre e levantada de Kant exprimem a formosa desforra tirada pela Allemanha das impiedades e frivolidades do seculo de Voltaire.

A influencia d' esta reacção salutar, seguida de perto no terreno politico por um movimento de pronunciado liberalismo, filiado na Revolução de 1789, extendeu-se á historia que deixou de andar deturpada ao sabor de raivas e pre-

juizos para ser encarada com justiça e tratada com serenidade, levando Herder a indagação meticulosa das causas ao exaggero de uma finalidade providencial; á critica artistica e á litteraria que com Winckelmann e Lessing receberam uma orientação nova, idealista a primeira e naturalista a segunda conforme a justa distincção de um generoso pensador italiano; ao theatro onde Schiller deu entrada ás aspirações avançadas, ao desprezo das convenções estreitas, á exhibição dos grandes caracteres e das grandes collisões sentimentaes de que o romantismo usaria até á esterilidade. Preparou-se d'est'arte a nação, naquelle tempo tão amesquinhada politicamente quanto dotada de solidas e bellas qualidades, para exercer a hegemonia do pensamento que lhe é hoje attribuida a despeito das pechas mal cabidas de estylo confuso e de metaphysica nebulosa, e que o era antes mesmo que os seus triumphos militares lhe assegurassem a unidade e a preponderancia, quiçá ephemera, na Europa.

Na forçada ausencia de parecidos agentes geniaes de renovação, o que o favor que entrára a dispensar-se ao espirito de observação exacta nas sciencias mathematicas, physicas e economicas despertou entre os colonos brazileiros, foram especialistas considerados — mineralogistas como o paulista José Bonifacio e os mineiros Ferreira da Camara e Vieira Couto; chimicos como Vicente Coelho de Seabra; botanicos como o fluminense Conceição Velloso, o parahybano Arruda Camara e o mineiro Velloso de Miranda; explo-

radores de merito não só aventuroso, mas scientifico, como o bahiano Alexandre Rodrigues Ferreira; hygienistas como Francisco de Mello Franco; economistas como o bahiano Silva Lisbôa (Cayrú) e o bispo de Pernambuco Azeredo Coutinho. São nomes todos estes que supportam bem a comparação com os portuguezes dos botanicos Brotéro e Corrêa da Serra, dos mathematicos Anastacio da Cunha e Borja Garção, do jurisconsulto Paschoal José de Mello e do erudito Antonio Ribeiro dos Santos.

No campo litterario, na poesia nomeadamente, a geração brazileira a que alludi avantaja-se manifestamente á do reino, além do merito de avocar uma feição espontanea, sem artificios, de visivel particularismo, deixando palpitar nos seus versos a alma de uma nova nacionalidade. Em Minas Geraes, deslembrada a velha fama luzitana pelo brilho da Arcadia Ultramarina, temos de ir procurar, entre os poetas que tão cálidas tornaram as emoções pessoaes e tão pinturesca a linguagem, os precursores da transformação romantica portugueza, os primeiros espiritos em que prevaleceu a comprehensão da natureza, caracteristico verdadeiro da crise litteraria nascida da reacção individualista do seculo passado. É sempre o sentimento de vida que irrompe de todos aquelles falsos árcades, quer soluçem as intimas queixas dos seus corações doloridos, quer expandam os seus desejos patrioticos nos quaes borbulha a seiva intumescente da vegetação brazileira. Elles até conseguiram, com Caldas Bar-

boza por exemplo, ferir a alma popular pela resurreição das tradicionaes fórmas lyricas portuguezas.

Vemos quanto o Brazil contava no organismo da metropole, não só como productor da riqueza, mas tambem como cooperador do progresso intellectual. Economicamente, o reino vivia de um modo exclusivo da colonia americana, e não ha escriptor coévo que não exclame que, sem o Brazil, Portugal não poderia subsistir. Esta asserção apenas apparentemente se acha desmentida pelos factos posteriores, pois que o depauperado Portugal entrou indirectamente a sustentar-se do capital accumulado pelos emigrantes regressados á patria, da mesma fórma que antigamente, quando toda uma população industriosa e ávida de liberdade vergava impaciente além-mar aos caprichos de governadores na maioria desapiedados, elle alimentava-se sem subterfugios nem hypocrisia porém, dos milhões arrancados aos indefessos trabalhadores agricolas e mineiros, aos rudes operarios do desenvolvimento americano.

Desprezando comtudo tão suggestiva consideração, foi-lhes sempre a metropole madrasta. Queixava-se já Gabriel Soares nos primeiros tempos da colonização de que andassem esquecidos os serviços dos moradores bahianos, em guerra constante com o gentio e não se poupando a contribuir para afugental-o em outras capitanias, com perda de seus bens e vidas. "E todos foram fazer estes e outros muitos serviços á sua custa, sem lhe darem soldo nem mantimentos, como se

costuma na India e nas outras partes, e a troco d' estes serviços e despezas dos moradores d' esta cidade, não se fez até hoje nenhuma honra nem mercê a nenhum d' elles, do que vivem mui escandalizados e descontentes." Mais tarde a Corôa convertêra a colonia no seu ganha-pão, e com os proventos auferidos nutria a indolencia das classes superiores, abandonando ao commercio um farto quinhão no monopolio das exportações e sacudindo ao povo o problema da sua propria sorte na loteria da emigração. As relações mercantis com o Oriente tinham-se dissipado. No anno de 1789, ao passo que no porto de Lisbôa entravam sómente quatro navios chegados da India, fundeavam cento e quinze procedentes do Brazil, sendo trinta e trez de Pernambuco.

Não se acreditaria que, dadas semelhantes condições de intima ligação, a colonia deixasse de projectar sobre a sociedade metropolitana do tempo um clarão da sua physionomia, cada dia mais differenciada. O brazileirismo estava na ordem do dia em Portugal, alguma coisa como o parizismo na côrte de Frederico o Grande, ou o slavismo na França de hoje. Aos divertimentos por exemplo, cuja lista completava-se com as explendorosas festas de egreja, os theatros, e as toiradas ruidosas de exhuberante alegria, juntára-se o laçar do gado á nossa moda sertaneja.

Murphy assistiu ao primeiro espectaculo d' este genero na praça de Lisbôa. O heróe da festa, um pernambucano côr de cobre, musculoso e desempenado, apresentou-se de cabeça descoberta, tendo

lançada sobre os hombros uma capa solta, diversa do poncho riograndense. O fogoso cavallinho arabe por elle montado trazia á guiza de sella a pelle de um animal selvagem, e duas cordas serviam de estribos aos pés do cavalleiro. "*The whole appeared quite in character*", commenta o inglez. Do curro largaram-lhe um toiro. Sustentou o sertanejo com grande sangue frio o primeiro choque do bicho, e entrou logo a cançal-o, livrando o cavallo com summa habilidade da perseguição furiosa do seu contendor. Levou isto algum tempo, e quando o cavalleiro viu o toiro, esfalfado de correr, parar arfando no meio da arena, laçou-o magistralmente pelos cornos, enrolou-o seguramente pelos pés, percorreu a praça n' um doido galopar levando a corda preza nas mãos ambas e a redea apertada entre os dentes, e acabou, desmontando, por matar certeiramente com um facão de caça o valente animal que elle destramente subjugára.

No adorno das habitações accrescentára o Brazil o seu contingente áquelle que havia muito o Oriente fornecia. Ao que diz-se, valendo algumas pela magnificencia, não primavam de todo pelo conforto as residencias portuguezas. Os moveis commodos que formam o conchego e predispõem ao trato, e mesmo os necessarios, eram suppridos nas casas dos fidalgos e dos mercadores ricos por inutilidades de luxo, entre as quaes avultavam as preciosas colchas da India ostentando em custosa bordadura uma galeria de animaes fantasticos; as esmeradas porcelanas da

China exhibindo uma serie de scenas de fresco idyllio no meio de flôres caprichosas; e as tradicionaes baixellas de prata que, si nem todas sahiam das destras mãos dos irmãos Germain, traziam pelo menos estampadas pelo cinzel dos habeis aurifices portuenses a solemnidade donosa do estylo de D. João V ou a maior gracilidade de fórmas do de D. Maria I.

Contrastando todavia com os salões symetricos, hirtos, pezados, ermos de fantasia, vazios de decoração, forrados das admiraveis madeiras brazileiras, por onde a aristocracia beata e vadia passeava o seu tedio, reunindo-se pomposamente em jantares interminaveis, cita Beckford um delicioso locutorio de convento, perfumado de jasmins e povoado de vistosos papagaios e de pombinhas, como elle qualifica as meigas rôlas das nossas mattas. Um visitante subitamente transportado do estrangeiro poderia ainda surprehender um recanto do Brazil — mais depressa lembrado para o caso do que as selvagens colmeias africanas — na numerosa população de côr que se alastrava pela capital do reino, e particularmente nos moleques agaloados que no Paço portuguez, como aliás na côrte versalheza, andavam em grande estimação, emparelhando alli com os criados marroquinos. É muito conhecido o facto da propria Rainha dispensar especial affeição a uma preta anã a quem chamavão Dona Roza, e que por toda a parte a seguia.

A influencia da colonia revelava-se porém ampla e genuinamente no dominio da musica, á

qual mostravam-se os portuguezes em extremo dedicados. A orchestra da capella real era primorosa; excellentes os cantores italianos. Já em tempo de D. José, Haydn e Jomelli costumavam encantar os regios amadores em concertos religiosos dirigidos por David Peres. A opera italianna attrahia singular concorrencia, quer ao theatro de Belem, annexo ao Paço, vedado ás espectadoras e onde os papeis femininos eram distribuidos a castrados; quer ao de Lisbôa, em cujo palco garganteava a Zamperini, constellada de joias. Os nobres, aquelles pelo menos que possuiam rendas proporcionadas a tal desfastio, faziam-se ordinariamente acompanhar de rabequistas e outros instrumentistas. Nos salões mais frequentados esmeravam-se em grangear applausos o tenor Polycarpo, e o nosso patricio Caldas Barboza entoando ao som da viola os repentes satiricos, pouco maldosos e nada immoraes, que condiziam com o seu caracter manso e discreto, ou suspirando as cantigas melancholicas que tanto se casam com a idiosyncrasia luzitana.

O fulo capellão, ao que parece sempre envergonhado da sua côr na roda em que o atirára a protecção de um gentilhomem, o marquez de Bellas, e onde o seu talento de versejador e os seus amaveis improvisos lhe tinham dado reputação e grato acolhimento, sustentou galhardamente na capital portugueza os creditos da escola brazileira de poesia. Entre os membros da *Nova Arcadia*, por elle instituida no domicilio do seu Mecenas, e na qual salientaram-se Curvo

Semedo, o traductor de La Fontaine; Alvarenga Peixoto; Bocage, a quem Beckford desenha óra esfuziando ditos sarcasticos, óra recitando sentidas composições, obsceno e triste como a sociedade que o cercava; e o invejoso e iracundo José Agostinho de Macedo: Caldas Barboza, o repentista gracioso, delicia dos saráus lisboetas, disputado pelos curiosos da galhofa recatada, conservou a naturalidade de expressão e a singeleza de pensamento.

Ambos estes predicados contrastam vantajosamente com a rhetorica empolada e pedantesca da quasi totalidade dos collegas, cujos epithalamios bombasticos, extravagantes nenias e elegias, producções infallivelmente destinadas a celebrar acontecimentos occorridos em familias importantes, o livro de Costigan flagella sem compaixão. Por causa do seu lyrismo despretencioso, a que foi mesmo sensivel a emoção popular, guardando-lhe varias cantigas de memoria; pelo sabor brazileiro, de linguagem e de sentimento, que se desprende de muitos dos seus versos; e tambem pela docilidade de caracter que o distinguia, soffreu *Lereno Selinuntino* (conforme nas reuniões arcadicas Caldas Barboza se appellidava) a hostilidade aberta de Bocage, José Agostinho de Macedo e Felinto Elysio, os quaes publicamente o maltrataram em immundos epigrammas e diatribes fracas abonadoras da benignidade d' esses espiritos.

Escreve mais de uma vez o Snr. Theophilo Braga que as modinhas da colonia, tão gostadas em Portugal no decorrer do seculo XVIII, repre-

sentam a persistencia ultramarina das velhas e transportadas fórmas das serranilhas gallegas. É sabido que até o seculo XI a Galliza abrangia o então separado e organizado condado de Portugal, e que por este proprio facto o dialecto portuguez tornou-se lingua integrada, ao passo que o gallezíano, absorvido o antigo reino germanico pelo movimento de unificação peninsular, cahia no desuso e era apenas artificialmente resuscitado para desfastio dos lettrados. Não deu-se comtudo aquella scisão, nem a subsequente paralysia de um dos dialectos em face da evolução do outro, sem que ambos exercessem reciproca influencia sobre a sua constituição; e especialmente sem que o galleziano se mantivesse em fórmas litterarias, designadamente poeticas.

O grande merecimento dos poetas mineiros consiste para o Snr. Theophilo Braga em haverem alentado essas fórmas "achando o veio tradicional para a renovação do lyrismo". As modinhas brazileiras acordariam pois aquém do Atlantico o echo adormecido das canções entoadas outr' óra, antes mesmo da formação da nova nacionalidade iberica, pela população da metropole ao gosto, ainda que não á imitação provençal: da mesma fórma que ter-se-hiam acclimatado tão pertinazmente no Brazil mercê da correspondencia ethnica que encontraram em as tribus de cruzamento mongolico, correlativas com a população asiatica constituida pelos iberos e celtas que na Peninsula sobrepuzeram-se á primitiva raça.

Regressaram em todo caso as modinhas no

seculo XVIII com um caracter differenciado, fructo da fusão physiologica e espiritual de raças que por um lapso superior a duzentos annos quotidianamente e em crescente actividade se estava operando no continente americano, e da impressão sobre o producto mais ou menos directo do cruzamento, de uma natureza virgem e de uma consciencia propria. Tinham-se ellas tornado, como todos os cantos e contos portuguezes modificados na adaptação, a manifestação peculiar do rebento promettedor de um tronco exhausto, revigorado em seu rebento pela infiltração de seivas estranhas e pela acção de um céu diverso.

O encanto das modinhas brazileiras é attestado com eloquente unanimidade pelos estrangeiros que no reino as ouviram cantar. Não sómente a impressionabilidade de Beckford excitava-se ao extremo com a cadencia, languidez, enlevo e sensualidade d'estas melodias: a propria pacatez do reverendo Kinsey — clerigo que visitou Portugal logo apóz o fallecimento de D. João VI, quando regente a infanta Izabel Maria (1827), e plagiou de Link um livro de impressões artisticamente editado — gozava voluptuosamente da "indolencia melancholica" de musicas tão originaes, lastimando sensatamente que a imitação italiana as fosse eclypsando. Nem era novo nem exclusivo aos compositores tal sestro. O *Judeu* na primeira metade do seculo XVIII tentára vulgarizar no tablado as modinhas patrias, não logrando todavia a grande popularidade das suas operas facetas vencer a guindada mania do estrangeirismo.

No theatro em geral imperava o espirito de imitação, além do gosto pelo maravilhoso oriundo das tragicomedias jesuiticas, e pelo burlesco que alimentavam as farças, genero pouco asseado no qual até descambára a opera portugueza. Os repertorios francez, hespanhol e italiano suppriam na maxima parte o theatro de declamação com traducções e adaptações, sendo sobremodo applaudidos os barulhentos entremezes castelhanos, metade feitos de dislates e metade de pancadaria.

Intermittentemente exhibia-se uma ou outra comedia original como a intitulada *O Anno de 1798*, revista ousada da decadencia miseravel da sociedade portugueza, que provocou celeuma; ou revivia a estafada *Ignez de Castro*, continuadamente carpida pelas gerações luzitanas desde o doutor Antonio Ferreira até o idyllista Quita e o laborioso dramaturgo Manoel de Figueiredo. Passando por fim, em virtude da extensão a todos os theatros da capital da estulta prohibição régia, o sexo feio a monopolizar os papeis femininos, diluira-se porém no ridiculo, pelo menos aos olhos dos estrangeiros, o pathetico d' aquella tradicional representação historica, cuja emoção chegára a contagiar os conventos insensiveis, acampando dentro dos muros do mosteiro de Alcobaça na presença benevola do abbade glutão, de Beckford, e da congregação inteira attenta e lacrimante.

A uma semelhante e desgraciosa exposição nos palcos lisboetas de marmanjões enroupados com leves e elegantes trajes de damas, devia o espectador intelligente preferir as caracteristicas ma-

gicas vistosas, de ordinario sacras, umas bebidas nos mysterios da Paixão, sahidas outras do Antigo Testamento com um inesperado cortejo de bailados, a que não faltava sequer a licenciosa fôfa, popularissima no reino. O facto é que diante d' esse desfiar monotono de declamações emphaticas, facecias equivocas e partituras hybridas, procuraram as nossas mimosas modinhas refugio na atmosphera diversamente tepida e conchegada dos salões, passando a serem ahi cantadas pelas mais limpidas e juvenis gargantas do sexo amavel.

A convivencia na sociedade de então, si não existia com a liberdade moderna, produzia-se entre a classe superior com relativa facilidade. Beckford recorda saudosamente uma ceia no palacio real, á qual o convidaram gentis senhoras, e foi presidida por uma camareira-mór, certamente pouco parecida com a que Victor Hugo esboçou no seu *Ruy Blas*. Refere-se ainda o inglez aos olhos negros "em que scintillavam amorosas tendencias, ás tranças exhuberantes de cabello azevichado, aos beicinhos de côr das rozas" e aos picantes ademanes das açafatas do Paço, com quem, fazendo pouco caso dos clerigos e sopranos vigilantes, elle palestrava em um ameno jardim fronteiro ao Tejo, e de quem recebia depois no Ramalhão collectiva e alegre visita. Isto comtudo não significa que os exemplos citados fossem seguidos sem discrepancia.

Em casa do marquez de Penalva, onde foi offerecido a Beckford o mais appetitoso e completo almoço, sem privação nem de concerto, nem de

flôres viçosas, nem de magnifico serviço, nem de bôa roda litteraria e artistica adrede congregada no palacio cujas capella, livraria e galeria de quadros estavam patentes — as senhoras da familia comeram em camarins contiguos á sala do banquete. Alli, no que elle com razão appellida o harem, as foi o hospede saudar, concessão que traduzia um signal de distincção em extremo lisonjeiro, encontrando-as sentadas no chão, á moda oriental, em volta de um personagem que, apezar das apparencias designarem-n' o como o eunuco, era nem mais nem menos do que o bispo do Algarve.

A reclusão feminina, praticada parcialmente pela fidalguia e em larga escala pela burguezia, representa um symptoma apreciavel das ideias dominantes, e forma um traço peculiar do caracter nacional. No seculo XVI o intercurso social dos dois sexos baseára-se na franqueza, e exercêra-se na luxuosa côrte manuelina sob o influxo de uma cultura notavel, dando formosa expansão ao lyrismo pelo incremento emprestado ao amor. São lembradas como specimens illustres de intelligencia e instrucção femininas varias damas d' aquella epocha, da mais alta linhagem, impondo particular veneração a figura melancholica e generosa da Rainha D. Leonor, viuva de D. João II e irmã de D. Manuel, protectora desvelada da imprensa, das artes e do theatro, e dedicada cultora da caridade.

Tanto na metropole como nas colonias, estava nos habitos seiscentistas o sahirem as mulheres

frequentemente a passeio e partilharem das distracções em uso. Os embaixadores venezianos Tron e Lippomani, vindos a Lisbôa durante a assistencia de Filippe II, quando já a intolerancia religiosa de D. João III obscurecêra o pristino fulgor cortezão, e o ascetismo de D. Sebastião derramára no Paço a sua sombra merencoria, começam sua narração de viagem rendendo preito á formosura das lisboetas. Algumas, dizem elles, tingiam o cabello de loiro, o que não podia deixar de sorrir aos agudos diplomatas, afeitos na patria a procurar nas cabelleiras fulvas das elegantes patricias a restea de sol que allumiava a atmosphera soturna de uma administração suspicaz e implacavel, qual era a da republica do Adriatico. Ajunta a relação que as damas da capital portugueza "com o seu manto grande de lã ou de seda cobriam o rosto e o corpo inteiro e iam onde queriam tão disfarçadas, que nem os proprios maridos as conheciam, vantagem esta que lhes dá maior liberdade do que convém a mulheres bem nascidas e bem morigeradas."

A situação mudára muito no seculo XVIII: completamente para a classe média. A diminuição do fausto, consequencia de uma errada orientação colonial na India e dos geraes desastres ultramarinos, accentuados apóz a absorpção hespanhola; a vergonha do dominio estrangeiro, coroando tristemente a infelicidade patria de Alcacer Kibir e magoando sobretudo as classes alheias á nobreza vendida a Castella; a bisonha educação fradesca actuando pela soledade; e finalmente

as praticas sombrias da religião introduzidas pelas perseguições do Santo Officio e pelas severidades da propaganda jesuitica, em obediencia ao movimento enervante da Contra Reforma, foram outras tantas causas que hysterizaram o elemento masculino, augmentando-lhe a desconfiança domestica e dando vigor á tradição moirisca da clausura feminina. As burguezas do seculo XVIII andavam perfeitamente segregadas do convivio social.* A espionagem exercida pelos pais e maridos sobre as filhas e esposas era de tal genero, que fazia crêr na existencia por parte d' ellas de faceis tendencias peccaminosas, escreve Desotteux de Cormartin, verdadeiro autor, segundo lê-se em uma nota manuscripta do exemplar da Bibliotheca Real de Berlim, do *Voyage du ci-devant Duc de Châtelet en Portugal*, revisto por Bourgoing, ministro da Republica Franceza em Hespanha (1797).

Cormartin — ou Châtelet, si não quizermos excluir de todo a hypothese de ser o citado tra-

---

* *Simic.* Já que se vão, advirtão de caminho, que segundo as noticias, que tenho, bem pódem desistir da empreza; porque o velho he tão cioso das sobrinhas, como do dinheiro; a casa he hum recolhimento; as portas de bronze; as janellas de encerado; as frestas são oculos de ver ao longe, que nem ao perto se vem; as trapeiras são zimborios tão altos, que nem as nuvens lhe passão por alto; as paredes do jardim são mestras, e as chaves das portas discipulas, porque ainda não sabem abrir; mas só hum bem ha, e he, que tendo tudo tão forte, só o telhado he de vidro. (Antonio José, *Guerras do Alecrim e Mangerona.*)

balho obra do filho da sabia dama a quem Voltaire cognominou de douta Urania — affirma de resto que as portuguezas primavam no galanteio: sómente, mercê do encerramento em que as mantinham, fingiam a mais não poder. Alcunha-as outro autor, o do *Tableau de Lisbonne*, de verdadeiros Proteus. Com effeito, constituindo o amor carnal a distracção maxima de uma sociedade privada de recreações intellectuaes, afóra as reuniões de raros fidalgos e homens de lettras em companhias de desenfado espiritual, e portanto roida pelo aborrecimento; e ajudando o clima festivo e a prolongada intimidade das creadas na reclusão dos gyneceus a florescencia das inclinações lascivas, toda a grande vivacidade mulheril empregava-se nos estratagemas amorosos.

Trocavam-se signaes convencionaes n'um formulario apenas comprehensivel para os namorados, escolhendo-se as egrejas para scenario da profana prestidigitação. Os meninos de côro com artificios beatos ahi permutavam as epistolas inflammadas. Ao tomarem os fieis a agua benta encontravam-se e apertavam-se furtivamente os dedos, fallando, ainda que mudos, pelo coração. Desgraçadamente porém todos estes ternos preludios eram com frequencia embaraçados pela excessiva previdencia do chefe da familia, o qual abolia com a consagração de uma capella privativa o pretexto quasi unico de sahida offerecido ás pobres tuteladas, felizes na rua debaixo da vigilancia, facilmente illudida, de uma aia empertigada ou de uma velha e folgazã famula negra.

A convivencia espirituosa e licenciosa da côrte de Versalhes projectando-se galantemente sobre Pariz, ou a independencia da educação britannica traduzindo-se por uma ampla existencia ao ar livre, tão ampla que, segundo uma escriptora ingleza, descambou na baixeza e libertinagem, procurando as mulheres rivalizar com os homens nos trajes indecorosos e nos modos desabridos *(riotous manners)*, eram, já vê-se, um impossivel, dados semelhantes distinctivos do temperamento portuguez. No seu amor ciumento, hypocondriaco, e ao mesmo tempo voluptuoso, palpitava a alma semitica, pois que a propria nobreza não escapou á grande infusão na Peninsula Iberica de sangue judeu, em uma raça já misturada em remota antiguidade com os elementos phenicio e punico, e posteriormente com os invasores bérberes.

Notou algures o Snr. Ramalho Ortigão que hoje mesmo os seus patricios, quando apaixonados, em vez de manifestarem excitação e jubilo, ficam cabisbaixos e ariscos. Imagine-se estes traços de caracter operando n' um meio social como o da epocha de D. Maria I. Recordemos que sociedade era essa, barricada no seu progresso pela falta de proveitosas communicações com outros centros europeus, visto que os portuguezes tinham horror pelas viagens, habituados como andavam na terra a serem sacudidos em incommodas seges por estradas pedregosas e perigosas, e encontrarem uma pouco attrahente guarida e um negativo repoiso nas pessimas estalagens. Tenhamos presente que ella nos apparece deprimida

por uma longa e esterilizadora educação politica e religiosa, e que tornára-se egoista ao ponto de, na phrase aguçada de um viajante, a propria caridade exercer-se no interesse pessoal de fazer penitencia dos peccados e resgatar as culpas, não no intuito altruista de alliviar as penas alheias. Só assim avaliaremos a veracidade da seguinte observação do livro de Costigan: "Tudo quanto refere-se ao amor ou tem relação com o trato sexual é aqui manobrado com mysterioso sigillo."

As brumas do segredo envolviam a um tempo os mosteiros de freiras e as habitações particulares, sendo que n'aquelles o amor, assucarado como os doces e frivolo como as glozas dos parlatorios, andava muito menos peado do que no interior das familias. Aqui e além, mórmente aqui, os namoros duravam ás vezes annos*, e morreriam fatalmento os amantes consumidos pelo desejo, si o amor de Musset,

> Amour, fléau du monde, exécrable folie,
> Toi qu'un lien si frêle à la volupté lie,
> Quand par tant d'autres nœuds tu tiens à la douleur!

---

* *Sevad.* Bem aviada estou eu! Bom amante tenho! Bonito eras tu para aturar vinte annos de desprezos, como ha muitos que aturão, levando com as janellas nos narizes, dormindo pelas escadas, aturando calmas, soffrendo geadas, apurando-se em Romances, dando descantes, feitos estatuas de amor no templo de Venus, e com tudo estão mui contentes da sua vida; ..... (Antonio José, opera cit.)

não fosse na Peninsula o sentimento superficial, de uma volupia toda physica, com arrancos de galhardia vaidosa, mas commummente inerte, musulmano, que Guevara conceituosamente esquissou: "Arde e não queima; alumia e não damnifica; queima e não consome; brilha e não offusca; purifica e não abraza; e até aquece e não angustia."

Como tal, o amor peninsular participava, posto que não inteiramente, por faltar-lhe para completar a semelhança a dissoluta expansão franceza, da physionomia geral do amor no seculo XVIII, segundo a surprehendeu o fino psychologista Edmundo de Goncourt dissecando-lhe a duplicidade, a qual gerada no prazer extinguio a sinceridade, transformando a paixão em arte e o proprio amor em tactica habil ou em fingida violencia.*

A moda, cuja amavel tyrannia em todos os periodos se pavoneia, despotismo unico que não provoca rancores nem doestos, antes exerce um prestigio irresistivel, tinha forçosamente pouco que ver com a mór porção de uma sociedade tão zelosamente fechada ao intercurso que é a emulação, e portanto a vida. Murphy vai ao ponto de escrever que não existiam em Lisbôa no ultimo decennio do seculo passado nem mo-

---

* *Chich.* Filha, isso de amor Platonico he cousa ideada, que não existe *in rerum natura*; he huma capa, que se deita sobre os olhos de Cupido, para o cegar mais, e para cegar tambem aos circumstantes; e não me puxes tu pela lingua, que eu direi o que sinto nessa materia. (Antonio José, *Precipicio de Faetonte.*)

distas, nem perfumistas, nem lojas de artigos de fantasia: no emtanto Beckford falla de certas esbeltas costureiras francezas e inglezas, as quaes, parece, mais se empregavam em encaminhar os jovens fidalgos nas suaves veredas do galanteio do que faziam assistencia em suas officinas, onde a freguezia devia escassear. Transitando pelas ruas não se viam geralmente outras damas além das que dirigiam-se para as festas religiosas. No theatro entravam ellas em infima minoria e sentavam-se em lugares separados dos dos homens. Apenas na côrte, que era de cerimoniosa etiqueta e grande ostentação, a convivencia, enfadonha muito embora, impressa de um affectado servilismo simulador de refinada cortezia, dava ensejo a salientarem-se os caprichos da moda.

Justamente a faceira, em seguida a uma phase prolongada de limitada inconstancia, adquirira no norte da Europa pela rapidez dos acontecimentos politicos uma extrema versatilidade, attingindo o cumulo do grotesco e o cumulo do indecente nas suas metamorphoses inexplicaveis. No terreno luxuoso do paço portuguez, tão luxuoso que as estribarias reaes, rivaes nas dimensões dos estabulos de Augias, accommodavam quatro mil muares e dois mil cavallos, a excessiva piedade da Rainha oppunha-se comtudo a quaesquer exaggeros de garridice da ordem dos que grassavam na França e Inglaterra, desafiando o lapis sempre satirico dos caricaturistas d' este ultimo paiz.

Na presença de tão palpaveis ridiculos, a

imaginação dos desenhadores britannicos desentranhou-se com effeito em invenções do mais alto burlesco. Uma serie inteira de caricaturas foi dedicada ás cabelleiras trazidas nos lustros que precederam a Revolução, sobretudo entre 1760 e 1780, ás quaes tambem consagraram-se volumes de graves instrucções para uso dos artistas novatos na sua confecção. Eram essas cabelleiras verdadeiros edificios, arrojados e pouco limpos, construidos com lã, pomada, pó, insecticidas absolutamente necessarios ainda que não absolutamente infalliveis e ..... algum cabello.

A fantasia dos artistas, francezes no geral, mesmo em Londres, dava a estes productos destinados a durar trez mezes pelo menos, aspectos imprevistos como os de um jardim no genero dos de Le Nôtre, um templo de Cupido, uma allusão apparatosa á guerra da independencia americana, ou uma recordação do sestro pastoril da epocha. Por isso figuravam os cabelleireiros como personagens importantes, passeados de casa em casa em coche particular, afivelando á cinta o espadim e dando um geito gracioso aos caros bofes de rendas. (M^rs. Parr, *The follies of fashion.*)

Mesmo em Portugal o cabelleireiro era typo que não passava despercebido. O renome do collega Quita, admittido na Arcadia Ulyssiponense mercê das suas composições poeticas repassadas de doçura, espargia gloria sobre toda a corporação. Murphy esboça a silhueta de um cabelleireiro em trajes domingueiros: pendente o espadim, um tope de fita no chapeu e, escravo da

derradeira moda, duas correntes de relogio brilhando sobre o collete. Nos camarins da côrte portugueza porém a sua tarefa apparecia menos imaginosa, comquanto por airosa vencesse a dos confrades parisienses.

As fidalgas lisboetas usavam os penteados muito altos, mas o proprio e opulento cabello, avolumado por innocentes ardis, calados pela tradição, apenas se enfeitava de flôres e pedras preciosas, não exhibindo os variados e comicos aspectos das cabelleiras estrangeiras. Recordo-me de haver visto entre outros um retrato da soberana, senhora tão pouco formosa quanto sympathica e de um porte magestoso, trazendo um d' esses penteados altos estrellado dos mais puros brilhantes dos nossos jazigos de Minas. A Revolução na sua louca faina de tudo transformar substituiria a breve trecho as pezadissimas cabelleiras por toucados menos extravagantes, rematados durante o Directorio pelo simples e bello penteado grego, companheiro das vestes desafogadas, leves e até por fim diaphanas.

A Revolução ainda trazia no bojo outras e mais serias consequencias para a Peninsula. Ella e Napoleão, o seu poderoso amante, que mesmo violando-a e esmagando-a continuou-lhe a obra gigantea de libertação politica, ao accenderem o facho da guerra nos quatro cantos da Europa, porião em evidencia as reaes qualidades do soldado portuguez, amesquinhado por uma deploravel organização militar. A incuria subira a tanto — na Hespanha de resto como em Portu-

gal, confiança bem de molde para socegar o reino, — que o exercito não contava estado maior, nem cartas topographicas, nem planos de campanha para as guerras eventuaes, nem commissarios, nem intendentes, nem regulamentos de viveres e forragens, nem sequer armazens.

Camponezes arrancados a uma vida de privações ou cidadãos transplantados de uma existencia de vicios, os recrutados não estavam destinados sob as bandeiras, nos casebres arruinados pomposamente appellidados de quarteis, a maiores folganças nem a exemplos mais moralizadores. Mesmo durante o reinado de D. José frequentemente encontravam-se esmolando pelas ruas soldados quasi nús, desenfiando com uma das mãos o rosario e extendendo com a outra o chapéu esfarrapado. Em tempos mais chegados, no final do seculo, os transeuntes nocturnos viam-se não raro importunados por dinheiro, n' um tom mais intimativo do que humilde, pelas patrulhas e sentinellas.

Todo entregue aos seus planos economicos e solicitado a cada passo por questões apaixonadas ou intricadas de politica e administração, o marquez de Pombal, apóz a promulgação de varias providencias urgentes de um caracter mais disciplinar que innovador, descurára o exercito, affeiçoando-o até pouco por descortinar na occupação dos seus postos superiores uma das bases da nobreza, que elle odiava como classe preponderante. Compellido no emtanto em 1762 á necessidade de uma guerra com a Hespanha e a

França ligadas pelo pacto de familia, e pouco efficazmente ajudado pela Inglaterra, falha em poder terrestre, o intelligente ministro não só executou prodigios de actividade para augmentar em larga escala o effectivo e preparar para a lucta as desmoralizadas forças patrias, como teve a ideia excellente de chamar para Portugal um illustre militar allemão, o conde reinante de Lippe-Schaumburg, e confiar-lhe a direcção da campanha, que foi curta, e a subsequente inadiavel reorganização dos assumptos militares.

Posto que ferrea, a obra do official estrangeiro, habituado na Prussia á disciplina meticulosa do grande Frederico, foi vasta e proficua, não só technicamente, no que diz respeito a trabalhos balisticos, construcção de fortalezas e levantamento de outros meios de defeza, como principalmente na parte theorica e regulamentar, organizando scientificamente a artilheria, insufflando ás outras armas educação e firmeza militares, e perfazendo serias tentativas de regeneração moral do exercito. Com a retirada porém do conde de Lippe, as mutilações infligidas ás suas reformas pelo proprio Pombal, e o natural relaxamento de todas as classes da sociedade portugueza, affluiram as primitivas vergonhas. Tornou-se mais tarde preciso, por occasião das luctas peito a peito com a França napoleonica, que um outro estrangeiro, o inglez Beresford, novamente rehabilitasse no paiz a carreira militar, restaurando a olvidada disciplina e confiando os postos a pretendentes com mais

titulos do que o de serem apaniguados dos fidalgos.

Até ás invasões francezas por tal fórma se havia rebaixado a nobre profissão das armas, que os cargos de officiaes eram distribuidos entre os criados das casas aristocratas. Narrava o conde de Lippe que jantando logo ao chegar ao reino na habitação de um gentilhomem, coronel de cavallaria, reconhecêra com estupefacção e viva indignação que um dos serventes da mesa usava a farda e possuia o posto de capitão de infanteria, arma naturalmente mais vilipendiada por esses lastimaveis abusos. Cavalleiros de Christo mesmo prestavam-se sem repugnancia ao serviço domestico das grandes familias.

Teve o severo allemão que arcar com difficuldades quasi insuperaveis para temporariamente incutir, não valentia que esta facilmente encontrava-se, mas brios de corporação e respeito da disciplina a militares que traziam tão deslembrados semelhantes sentimentos. Entre a officialidade particularmente, as brigas e intrigas substituiam o trabalho e a instrucção. Os militares estrangeiros, inglezes em grande numero, que em 1762 tinham acudido a fazer serviço no exercito portuguez, pelo facto na verdade injusto de receberem soldo dobrado, pela superioridade da educação tanto profissional como moral que quasi todos possuiam, talvez tambem pelo desdem com que tratavam os camaradas nacionaes, viam-se o alvo favorito da sua inveja e villania.

A indisciplina tomou maior incremento, si

possivel, com a subida ao throno de D. Maria I, cujo animo compassivo mostrava-se de uma vulgar e funesta indulgencia para com os militares culpados, ainda que o fossem de deshonrosas ladroeiras. Pena é que uma tão admiravel clemencia da soberana não lograsse posteriormente extender-se por completo aos réus, estes altamente sympathicos, de uma rebellião mais devaneada do que tentada, ás victimas illustres da Inconfidencia mineira. A loucura, derivada de estimulados escrupulos de consciencia depois que a morte roubou o sizudo arcebispo de Thessalonica, sempre disposto a remover os exaggeros de fé da sua confessada, entenebreceu o espirito da Rainha no mesmo anno em que a alçada ultramarina pronunciou a sentença cruel que feriu tantas intelligencias eminentes e honrados caracteres, gloria e lustre da colonia. Como que prevendo a deshumanidade dos juizes, a magnanima senhora havia-lhes todavia recommendado desde 1790 a maxima tolerancia e compaixão na applicação das penas, abstendo-se quanto possivel o tribunal de proferir sentenças de morte, mesmo contra os chefes da conspiração. Em virtude d' esta ordem real, dos onze condemnados á forca um apenas foi executado — o alferes Tiradentes —, sendo os restantes degredados para a Africa.

O principe regente D. João, destituido dos extremos de sentimento maternos, tampouco possuia a energia sufficiente para sobrepôr-se aos prejuizos contemporaneos; e estes exigiam um

excepcional rigor para os delictos politicos, bem como para os crimes de leza-magestade, antes mesmo que os horrores incipientes da Revolução inspirassem ás realezas ameaçadas o instincto excessivo, tornado mais feroz pelo pavor, da sua conservação. Em França, no tempo de Luiz XIV, a publicação de um libello contra o monarcha fizéra condemnar á morte, pena aliás comminada na legislação para um sem numero de crimes, um typographo, um encadernador e um livreiro, execuções sempre precedidas de medonhas torturas, que nivelavam os tribunaes civis mais adiantados com a sombria Inquisição peninsular.

Annullaram-se, vimos, pela acção dissolvente da decadencia geral do reino as sabias reformas militares do conde de Lippe. Houve mister um fundo rebuliço como o das invasões francezas, para que o soldado portuguez reconquistasse o bom nome a que lhe dão direito a sua sobriedade, bravura, paciencia, obediencia, desinteresse e confiança, tornando-se digno dos elogios de Bonaparte e de Wellington. Convém entretanto observar que os veteranos de caserna foram n' esse momento angustioso absorvidos por uma enxurrada de novos combatentes, forçados a pelejar pelos seus lares e pelas suas familias. As fanfarronadas que de ordinario excitavam a ironia de Beckford, levando-o a escrever que em patrioticas jactancias e gabos nenhuma nação levava a melhor aos portuguezes, tinham-se convertido em ineluctavel necessidade.

Tambem as desesperadas pugnas peninsulares

avultam brilhantemente ao lado da subserviencia e passividade com que a Allemanha Rhenana e a Italia, faltas de um vibrante sentimento nacional, dobraram-se ao dominio de Napoleão. O general Junot ao entrar, facil triumphador, na capital que sua mulher, a engraçada, desperdiçada e estouvada duqueza de Abrantes, descreve nas conhecidas *Memorias* como uma cidade porca, escura, pejada de negros, invadida por matilhas de cães uivando, sujeitos os habitantes a assaltos nocturnos e a cobardes assassinatos executados por desfastio ou por encommenda, fornecendo as numerosissimas egrejas asylo inviolavel aos homicidas, não adivinharia certamente que no paiz subjugado pela sua espada começaria a eclypsar-se a estrella fulgurante do Imperador; que nos serros portuguezes, e mais adiante, nos desfiladeiros hespanhoes, cahiriam ingloriamente dizimados os soldados orgulhosos de tantas campanhas, os vencedores lendarios de Marengo, de Austerlitz e de Iena.

V.

SECULO XVIII.

ESCOLA MINEIRA.

Acabamos de examinar com certa minudencia quanto, nos ultimos decennios do grande seculo de transformação mental que foi o seculo XVIII, apresentava-se eivada de atrazo, minada pela ro-

tina, corroida pela miseria, mais real ainda do que apparente, a sociedade do reino. Em taes condições comtudo ousou o paiz arcar, unido a outras potencias, com a expansão irresistivel das ideias que o famoso intendente Pina Manique muito bem capitulava de *francezas*: ideias de subversão, de destruição, de tyrannia popular, de final e radiante aurora liberal. Igualmente pretendia Portugal, embora em semelhantes condições de decadencia, mas seguindo bem á risca a asserção estrangeira de que "do Brazil dependia especialmente a sua existencia como nação e n' elle residia o immediato sustentaculo do throno", conservar indefinidamente debaixo da sua tutela ignara e despotica um povo que já sentia pulsar-lhe nas veias um novo sangue, rico de energia, exhuberante de calor.

Tutela ignara e despotica escrevi, porquanto, longe de n' aquelle intuito egoista acompanhar os processos mais francos e generosos da Inglaterra, sua alliada ou melhor mal disfarçada protectora, o reino proseguia o systema mesquinho, emmaranhado, atormentador, inepto de governo ultramarino, que tão pessimos fructos já produzira na India. Esta era todavia possessão exposta a luctas repetidas com os naturaes e a rivalidades com os estrangeiros, e não, como o Brazil, ampla fazenda explorada sem contestação apóz o desbarato dos hollandezes e a crescente desapparição das tribus indigenas, aliás socegadas desde longos annos. Nas relações officiaes da metropole com a sua colonia, tirado o escasso

intervallo pombalino, ainda assim inçado de prepotencias economicas, constantemente imperava a cobiça, porventura toleravel quando não escoltada pela brutalidade. Os precedentes benevolos firmados pelo grande marquez tinham de novo e prestemente cedido o passo ás exigencias iniquas:

> De que serviráõ tantas
> Tão saudaveis leis sabias e santas,
> Se em vez de executadas
> Fôrem por mãos sacrilegas frustradas?
> (Alvarenga Peixoto, Ode ao marquez de Pombal.)

Nas relações dos particulares com o estado, vigorava a indifferença, apenas combatida pelo empenho.

Aguardando durante mezes, por vezes annos, nas regeladas antecamaras das repartições de Lisbôa o bel-prazer de ministros impertinentes ou negligentes, agrupavam-se numerosos pretendentes desprotegidos pela falta de relações, avultando entre elles os que da longinqua colonia brazileira vinham á metropole na enganadora esperança de receberem justiça, reparação ou soccorro dos altos poderes publicos. Felizes ainda quando á meza hospitaleira de um convento encontravam a subsistencia diaria que a chupada bolsa lhes não poderia dispensar, e a atmosphera affavel e conchegada que supprisse limitadamente a ausencia dolorosa da familia, dos amigos e da patria.

As mais das vezes tinham esses infortunados fugido á perseguição injusta e deshumana de um

governador folião até á crapula, cynico até ao olvido do recato do lar alheio, insensivel até ao desespero, tirado pelo arbitrio soberano da turma de fidalgos educados n' uma roda de criados intromettidos e toireiros devassos; empobrecidos por um amor do apparato exaggerado e incompativel com as rendas das suas casas; espoliados por mordomos e tavolageiros; endividados e desbriados, que escalavam o throno mendigando collocações em lugar de procurarem honradamente constituir uma forte e illustrada nobreza territorial, capaz de influir decisivamente nos destinos patrios nas horas de mais franco accesso das posições.

A dissipação, estupida em uma capital desprovida de distracções interessantes e dispendiosas como as corridas de cavallos inglezas, ou as mimosas pastorelas do Trianon, gentilmente presididas por Maria Antonietta; incomprehensivel em uma sociedade fechada ás amantes espalhafatosas e prodigas; apenas fomentada por um culto pueril do fausto pessoal, inutil senão ridiculo, explica que tantas casas opulentas do reino se houvessem arruinado sem que o paiz tivesse atravessado uma crise temerosa, um periodo de confusão como o da Revolução em França.

As invasões francezas repellidas com exito; a guerra civil e as consequentes reformas constitucionaes, como a abolição dos grandes morgadios, não encerraram desordem bastante para justificar tamanho abatimento. Torna-se preciso appellar para a má gestão dos bens, para o espectaculo

das magnificas propriedades ruraes amanhadas fóra das vistas dos possuidores, indolentemente occupados na côrte em terços, ladainhas, sermões, musica de capella e quejandas santimonias, quando não embevecidos dos fogos de artificio e das toiradas, reminiscencia unica e adulterada pela embolação dos animaes, dos bellos exercicios physicos de outr' óra, escola exclusiva de equitação e de destreza.

Reuniu-se então um novo factor aos aggravos persistentemente recebidos da metropole, para estimular nos seus sonhos de emancipação a colonia, sacudida pela reacção apathica de D. Maria I em uma crise mais pronunciada de improductividade laboriosa e marasmo social. Foi esse factor a independencia dos Estados Unidos.

Constituira-se a grande colonia britannica de modo inteiramente diverso do das possessões ibericas. Nem se deu alli uniformemente a colonização official, ou antes, a colonização disciplinada de companhias ultramarinas; nem se atiraram unicamente á terra bandos anarchicos de aventureiros á caça de fortuna. A povoação do paiz americano — falto de um nome peculiar por justamente representar um agrupamento de estados differentes — realizou-se pausada e progressivamente nos fins do seculo XVI e com efficacia no decorrer do seculo XVII, de accordo com a conquista do territorio occupado pelos indigenas e correlativa installação dos nucleos esparsos de emigrantes: uns attrahidos pela cobiça dos metaes preciosos, outros pela sêde de liberdade para

suas crenças politicas ou religiosas, outros ainda pela modesta intenção de fixarem-se n' um sólo mais fertil e remunerador que o patrio. Encontramos d' est' arte parallelamente os aventureiros e mais tarde plantadores de fumo da Virginia; os catholicos perseguidos de Maryland; os refugiados puritanos de Massachusetts; os puritanos dissidentes ou congregacionalistas do Connecticut; os proprietarios discipulos de Locke, recebendo das mãos do celebre philosopho inglez a constituição por elle elaborada da Carolina; os *quakers* da Pennsylvania; os miseraveis arrebanhados pelos philantropos da Georgia.

Baltimore, Boston, Philadelphia, entre outras antigas cidades dos Estados Unidos, conservam ainda hoje, apezar da prodigiosa e constante assimilação de elementos estrangeiros, a impressão nitida da sua primitiva colonização. Cada um d' aquelles centros desenvolveu-se isolado, alimentando e dando mesmo maior incremento ao espirito de independencia que haviam transportado da Inglaterra; acalentando com enthusiasmo os seus pios fervores: n' uma palavra, fazendo germinar a um tempo a fórma politica federativa, de futuro estabelecida espontaneamente, sem necessidade de discussão, e, máu grado a intolerancia puritana, a liberdade de cultos mais ampla que o mundo tem presenciado, e que toda parece reverter hoje em proveito do catholicismo pelo superior poder de adaptação d' esta religião.

O governo local, servido pelos diversos typos de organização e divergentes orientações, existiu

pois realmente nos Estados Unidos desde os inicios da sua povoação. Contra elle, robustecido por uma desafogada florescencia no seio de um novo continente, nada puderam, quer os exclusivismos commerciaes de Cromwell, quer as repressões, pouco tyrannicas mas mal soffridas, dos Stuarts, quer as concessões mercantis de Guilherme de Orange, quer a longa serie de hesitações, teimosias, violencias e immediatos palliativos dos ministerios *tories* e *whigs*, empenhados em sustentar os interesses do negocio inglez, unica e poderosa vantagem que a metropole tirava da dependencia colonial.

Augmentada com acquisições feitas pela metropole quasi sempre em detrimento de potencias estranhas — taes como as do Maine e do Canadá francezes, da Nova-Amsterdam rebaptizada em Nova-York —, e tendo dado continua expansão aos sentimentos geralmente liberaes com que se tinham formado os seus diversos nucleos, a vasta e forte possessão tornára-se no seculo XVIII um organismo dotado das condições mais seguras de independencia. Com excepção do Canadá, privado de administração propria, e por motivo do lançamento de contribuições aduaneiras reveladoras da contestada ¡soberania do Parlamento britannico, a grande porção do continente norte americano sujeita á Inglaterra, desprendeu-se da mãi patria apóz uma lucta cruenta, com a altiva convicção do proprio vigor. Coadjuvou-a n' esta lucta a França, anciosa por vingar passadas affrontas coloniaes e imprudentemente levada a pro-

longar além do Atlantico a porfiada contenda com a Grã Bretanha que, na phrase conceituosa de um grande historiador, fornece o caracter politico da historia europeia no seculo findo.

Inaugurada a marcha para a emancipação pela famosa e digna Declaração dos Direitos no congresso de Philadelphia, seguiram-se logo a Confederação das colonias (1775) e a declaração da Independencia (1776). Fiados nas suas ardentes milicias, commandadas por Washington, proprietario da Virginia, os novos Estados Unidos encetaram simultaneamente a guerra contra os soldados inglezes e mercenarios allemães a soldo da Corôa britannica, destacados além-mar apezar das objurgatorias eloquentes do velho Pitt, de Burke e de outros notabilissimos ornamentos da tribuna de Westminster, defensores enthusiastas das franquias conspurcadas. A intelligencia, honestidade e perseverança do general americano, cujo nome glorioso ficou como o symbolo do heroismo modesto e desinteressado, fizeram face a todas as contrariedades militares, bem como ao exaggerado espirito de individualismo dos soldados, ás susceptibilidades das colonias, á moderação excessiva de um congresso de acanhados poderes; mesmo ao desanimo e indisciplina do exercito e á desordem das finanças. Em 1783 a Inglaterra reconhecia finalmente perante o gabinete de Versalhes a libertação da sua colonia secular.

O resultado fôra completo, e o exemplo tentador para o Brazil, posto que tivesse de ficar

temporariamente limitado ao campo especulativo, atiçando apenas pela sua felicidade as illusões dos conjurados em suas conferencias. De facto, aos pedidos eloquentes de apoio formulados pelo estudante José Joaquim da Maia ao ministro americano Jefferson nas ruinas do amphitheatro romano de Nîmes, mostrou-se surda a nascente republica, contentando-se muito platonicamente com ser o *farol mostrado* aos outros povos do continente; preferindo desde então as conveniencias commerciaes aos devaneios do proselytismo.

A estes dois factores da insubordinação brazileira — o resentimento e a propaganda pelos factos no Novo Continente — alliava-se um terceiro, não menos importante e suggestivo, que era a propaganda pelas ideias no Velho Mundo.

A litteratura philosophica do seculo XVIII tomou rumo diverso da do seculo anterior. Na França, vergada ao absolutismo, o qual manietára as sombras de parlamentos aliás mais judiciarios que legislativos, quando na Inglaterra a representação nacional vingava-se estrondosamente em Carlos Stuart do demorado, ainda que doirado jugo dos Tudors; esfalfada das guerras ambiciosas de Luiz XIV; gangrenada pela miseria das classes trabalhadoras: a magestade do estylo e sobretudo a elevação affectada do pensamento do seculo de Bossuet cederam o lugar á facilidade da linguagem e ao scepticismo das opiniões do seculo de Voltaire. O individualismo que reagiu contra a grave e sentenciosa uniformidade da grande epocha classica, degenerou

n' um ataque a tudo quanto representava a tradição e a autoridade, isto é, á realeza, á religião, á hierarchia social, ás crenças.

Cresceu tanto a audacia politica e por tal fórma contagiou o elemento litterario, e o que é mais notavel, o elemento conservador da magistratura e da nobreza, que a revista bibliographica da epocha encyclopedica torna-se um desfilar de reformas propostas com desembaraço, senão com acrimonia, subindo das mais ponderadas ás menos realizaveis. Tem-se dito com summa verdade que 1793 foi o legitimo corollario de 1789: e realmente o Terror, a saber, a negação não só de todas as supremacias, mas tambem de todas as liberdades debaixo do cutello nivelador da guilhotina, derivou naturalmente da abolição subita de todos os privilegios e da balda renovadora que, levada á alienação, apoderára-se collectivamente da França.

As Memorias de Talleyrand recentemente publicadas e sofregamente recebidas por um publico impaciente, si para muitos amadores de escandalos e farejadores de peccados encerraram uma formidavel decepção, apparecem comtudo interessantissimas, entre outras contribuições, como documento desapaixonado d' aquelle estado espiritual da aristocracia e do clero gaulezes, decennios antes da Revolução. Em seus annos de juventude o perspicaz e desabusado prelado que veio a ser o mais arguto, mesmo cynico diplomata do Directorio, do Consulado, do Imperio, da Restauração e do Governo burguez de Julho, dava fé de uma pronunciadissima evolução mental,

abastardando-se não raro, do liberalismo na incongruencia.

As aspirações sociaes revestiram effectivamente os ouropeis das utopias mais disparatadas, e o arrojo das proposições sinceramente enunciadas roçou, mesmo antes da Assembléa Nacional, pelos limites da igualdade sediciosamente convencional, precursora do desmoronamento da ordem e da falsificação do progresso — males de que a França e com ella a civilização apenas se salvaram pelo momentaneo despotismo e passageiro predominio da força em toda a sua brutalidade, encarnados na espada gloriosa de Napoleão. No seculo XVIII, si o presidente Montesquieu e o seu culto do parlamentarismo britannico representavam a moderação e o doutrinarismo, já Voltaire retratava no seu estylo vivo e elegante, a satira impia e perversa; na sua clareza de exposição eminentemente franceza, o desengano religioso, historico e social.

A philosophia, arrastada até á natureza, ultrapassou a parcial negação do espiritualismo anteposta por Locke ás ideias innatas de Descartes; chegou ao sensualismo de Condillac, ao materialismo de Cabanis, ao selvagismo exaltado e doentio de Jean Jacques Rousseau. A sciencia, em grande parte edificada sobre factos insufficientemente investigados, hypotheses abstrusas, inducções apressadas, generalizações faceis, teve tanto de dogmatica quanto de fragil, tanto de atrevida quanto de alinhavada. A Encyclopedia foi certamente mais do que o simples inventario das

conquistas experimentaes realizadas: foi um marco milliario collocado com desusada cerimonia e singular presumpção na senda indefinida do desenvolvimento espiritual; foi ainda o alvorecer da sciencia exacta.

Mas tão ennevoada esta aurora; tão recheada de pretenção; tão preoccupada de demolição; tão despida portanto de uma serena e elevada imparcialidade; tão falta de uma gradação apreciavel dos conhecimentos e de uma discriminação segura das acquisições que, apezar do valor de um Diderot e de um d'Alembert, até á classificação rigorosa, o methodo severo e a disciplina systematica do positivismo de Augusto Comte, em bôa parte derivado do kantismo apezar de suas discrepancias, a verdade e a duvida, o preconceito e a realidade abraçaram-se estreitamente, desnorteando os entendimentos e complicando o balanço intellectual. A meio de grandes esforços individuaes, de resultados que ainda hoje reputamos admiraveis, a indisciplina mental geralmente esgrimia nos meados e fim do seculo ao sabor de absurdos perigosos, de virulentas e criminosas negações da divindade, da virtude, da instrucção, de tudo quanto havia até então constituido o ideial mais puro da humanidade.

Em Portugal, e muito menos no Brazil, as ideias não circulavam livremente, como na França ou na Inglaterra. Semelhantes assumptos do pensamento, só era licito o occupar-se d'elles nos mais intimos conciliabulos. Por isso os espiritos ultramarinos, menos peados pelas tradi-

ções, mais desligados da dependencia que os do reino, refugiaram-se na conspiração, transmudando em politicas as "conferencias litterarias e palestras poeticas." Já haviam os mais illustres d'elles encaminhado os seus estros vibrantes, desgostados da banalidade metropolitana, para o lyrismo sadio das sociedades virgens ou remoçadas por crises profundas, quando ainda a litteratura quasi toda escapava da immoralidade para eriçar-se com a declamação:

> E o aldeão prudente, que afflicto e só se vê
> Deixa a cidade, foge do luxo e desconcerto,
> Para viver honrado no seu feliz deserto.
>
> (Silva Alvarenga, *Os Vicios.*)

É curioso de notar-se que, tendo vivido os dois mais conhecidos epicos da escola mineira sempre fóra da capitania, trahindo embora os seus versos o cunho original, foram justamente os lyricos, honra principal da pleiade, representantes mais directos da manifestação litteraria da colonia, os que, apóz seus estudos superiores nas "praias do Mondego amenas", regressaram para o Brazil. Gonzaga apenas era nascido em Portugal, mas de familia brazileira.

Em Minas e no Rio continuaram esses poetas a cultivar seus espiritos, dando ahi largas ás suas emoções lyricas e ás suas illusões liberaes até verem-se enleados nos fios de perseguições judiciarias. Claudio e Gonzaga occuparam elevados cargos no governo e na magistratura da capitania de Minas Geraes. Alvarenga Peixoto, depois de

abandonar o lugar de juiz, fizéra-se minerador, e possuia, além das lavras de oiro, fazendas de cultura. Silva Alvarenga finalmente foi professor régio de rhetorica e poetica, e advogado conceituado na côrte dos vice-reis.

Ainda que não podendo ostentar o brilho e o vigor das producções de antigas civilizações, recebendo porém d' ellas o impulso e aproveitando-lhes o influxo, as lettras e as artes deviam, conforme anteriormente notei, necessariamente accommodar-se com uma atmosphera tão pronunciada de abundancia quanto a da aurea capitania, e medrar com certa franqueza n' aquelle farto meio. Seguindo n' uma esteira apenas sulcada na Europa, os lyricos mineiros, em virtude das suas condições mais desafogadas de desenvolvimento intellectual, isto é, ao contacto de uma natureza que mal fôra deflorada pelos arroubamentos; instigados por antecedentes de caracter que um meio novo e um cruzamento constante, de sangue e de impressões, haviam activado; agitando-se n' uma sociedade moralmente mais nobre e espiritualmente mais subjectiva que a da metropole, ousaram expôr o seu eu, verificar-lhe as dôres e as alegrias e cantal-as com sinceridade: quando tal irradiação de personalidade constituia uma perfeita novidade no precedente dominio convencional, e só no seculo actual receberia a sua plena consagração.

De todos os escriptores francezes do seculo XVIII, escriptores objectivistas, si bem que amoldando suas theorias a factos desconnexos

em vez de procurarem deduzir d' estes as leis physicas e moraes, sómente Jean Jacques Rousseau e Bernardin de S^{t}. Pierre entregaram-se áquelle prurido de individualismo inteiramente interno. Escreveu incessantemente o primeiro, na sua maneira orgulhosa, irascivel, açacalada, cortante, para se descrever a si, á sua infancia, aos seus amores, aos seus vicios, aos seus sonhos philosophicos e ás suas utopias sociaes, dolorosamente elaboradas estas fantasias sob a pressão do isolamento e do odio aos dissertadores regalados da Encyclopedia. Rendeu o segundo um tocante preito á natureza e ao sentimento no idyllio delicado de *Paulo e Virginia*, cujo pathetico um tanto pautado, si o compararmos com a descomposta commoção romantica, assemelha-se ao de *Clarisse Harlowe*, á parte a rigida e eloquente moralização d' este romance typo.

A litteratura ingleza do seculo findo, desabrochada apóz a revolução parlamentar, vinha impregnada do perfume de liberdade e da tranquillidade da victoria, quer se distinguisse pelo espito critico como em Johnson ou Sheridan; quer pelo gosto das aventuras como em Daniel de Foë; quer pelo estudo dos caracteres e analyse do coração como em Fielding e Richardson; quer pela ironia das observações como em Sterne; quer ainda pelas divagações historicas, scepticas ou eruditas, como em Hume e Gibbon.

A lingua portugueza adquiriu com os nossos poetas do seculo passado, mercê de sua innovação litteraria, uma plasticidade e uma malleabi-

lidade mais pronunciadas. Não realizaram elles por certo, mas adivinharam, denunciaram em sua obra semelhante intuição, e assim iniciaram a posterior idade do romantismo pleno em a qual, philologicamente, o sentido proprio do termo toma o lugar do sentido commum geral em todas as accepções da palavra, deixando d' este modo a lingua, pobre e ligada, de ser a equação do pensamento puro.

A lingua franceza, que no seculo XVIII era uma lingua propria a ser comprehendida, adequada á propaganda philosophica, valendo as suas palavras como signaes convencionaes, transformou-se assim modernamente, mórmente com Victor Hugo. O grande lyrico e poderoso prosador substituio, na phrase de Pellissier, a imagem á abstracção, o termo proprio á periphrase, o pinturesco ao descriptivo. Em uma conversação que tive com o Snr. Theophilo Braga, o notavel professor e litterato portuguez, referindo-se ao então recente fallecimento de Victor Hugo, comparou judiciosamente o papel do autor dos *Miseraveis*, em relação ao estylo, com o desempenhado por Sophocles na antiga Grecia.

Sophocles marca um largo passo na evolução da tragedia grega, que Eschylo cultivára quando apenas desabrochada dos seus elementos tradicionaes. Como os escriptores dramaticos medievaes, Eschylo dirige-se sobretudo á vista. Nas suas producções, o terror do remorso não apparece moral: apparece sómente visual. As Eumenides invadião a scena torturando o desgraçado

culpado de algum crime, da mesma fórma que nas representações da Edade Media o dragão atemorizava o delinquente escancarando as fauces enormes onde pullulavam demonios e ardiam labaredas.

Sophocles, pelo contrario, empresta sobretudo relevo ás situações moraes e desenha com sentimento a collisão entre os affectos. Não se prestando porém a linguagem grega do tempo a todas as interpretações philosophicas, o autor do *Edipo* e da *Antigona* teve, por assim dizer, de inventar uma linguagem. N' este intuito aproveitou-se das palavras vulgares, e deu-lhes sentido figurado afim de poder expôr as suas observações psychologicas. Victor Hugo — commentava o Snr. Theophilo Braga — surgindo em epocha na qual já existiam claras noções sobre as ideias moraes com significação scientifica, foi forçado a augmentar os effeitos pinturescos para envolver as ideias abstractas: por isso a sua prosa admiravel, arrebatadora, regorgita de tropos, e especialmente de metaphoras arrojadas.

Refere-se aquella allusão philosophica do escriptor portuguez á formula da concepção positiva, de intima relação entre a moral e a sciencia com exclusão da metaphysica, a qual formula não logra todavia com tal exclusão banir a ideia de Deus, conceito, segundo Kant precisou admiravelmente, muito mais moral do que metaphysico. O estylo de Victor Hugo, convem observar, nada tem de commum com os exaggeros de linguagem emphatica que caracterizaram a decadencia do

romantismo. O proprio esmero exclusivo da linguagem, predominante quando a revolução litteraria de 1830 exgottou as fórmas estheticas, já serviu para encobrir a falta de sentimentos naturaes e disfarçar a ausencia de concepções syntheticas.

A arte não ostenta em Minas Geraes uma expansão tão fecunda quanto a litteratura, posto que não devamos em extremo ampliar a importancia numerica da Arcadia ultramarina, considerando debaixo d'este nome quer uma sociedade de real existencia, infelizmente não comprovada, quer uma ficção poetica, uma extensão abstracta das Arcadias romana ou ulyssiponense. Além da sua natureza essencialmente delicada, mais directamente falante ao espirito que a das lettras, e por isto mesmo exigente de uma larga comprehensão ambiente, a arte nunca fôra cultivada na metropole com o brilhantismo por exemplo da vizinha Hespanha. Nem mesmo quando em tempo de D. João III artistas portuguezes verdadeiramente distinctos soiam ir estudar á Italia e alli conviviam, salientando-se pelo proprio merito, com a pleiade de nomes radiantes na historia do bello que adornaram de fama eterna a sua patria. Sob D. João V, como desse para tudo a riqueza do Brazil, pensou o magnifico monarcha na fundação em Roma de uma Academia Luzitana, analoga á que a França ainda hoje possue installada na Villa Medicis.

Vieira Luzitano e posteriormente Vieira Portuense e o celebre Sequeira illustraram com effeito

a pintura da sua epocha, mas o acolhimento da sociedade portugueza contemporanea não revelou-se dos mais animadores. A começar pelo notavel Pombal, os engenhos da metropole eram refractarios á paixão, e mesmo algo insensiveis á admiração das formosuras das telas e esculpturas. Os talentos artisticos viram-se isolados na sua faina graciosa e mal recompensados em seus esforços generosos:

> Quem mais quer distinguir-se, não é quem mais repousa,
> Pois juizo entre loucos é perigosa cousa.
> (Silva Alvarenga, *Os Vicios.*)

Conta o cardeal Pacca, antigo nuncio em Portugal, no seu pequeno volume de memorias que, tendo os alumnos da Academia finalmente creada na capital pontificia por D. Maria I, sido expulsos de Roma em 1798 pelas tropas francezas conjunctamente com o papa Pio VI, como subditos de uma soberana inimiga, refugiaram-se na patria, onde todavia viram-se cercados de tão manifesta indifferença que em parte transladaram-se para a Inglaterra, costumado salvaterio do reino.

Si conseguintemente a arte mineira não legou obras estimaveis como as suas lettras, deixou comtudo transparecer, por entre o gosto equivoco das suas ricas egrejas do typo jesuitico, no estylo pseudo-classico, interiormente abarrotadas de doirados, decoradas com as estatuas polychromas vulgares na metropole, apreciaveis e aproveitaveis disposições nativas por parte de

alguns pintores e esculptores, os quaes em suas obras não desconheceram sequer o valor da expressão. Falla-se sobretudo n' um estatuario, Antonio José da Silva, alcunhado o *Aleijadinho;* no pintor José Joaquim da Rocha que trabalhou particularmente na Bahia, deixando porém discipulos em Minas; e em Valentim da Fonseca, o qual manifestou especialmente no Rio as suas variadas aptidões de desenhador, esculptor, cinzelador e ourives.

Os viajantes que durante o reinado americano de D. João VI invadiram sofregamente o Brazil, fechado por seculos ás investigações scientificas da Europa, não concedem ás supracitadas vocações artisticas, dignas aliás de serem notadas, mais do que passageiras referencias. O palacio do governador em Villa Rica, construcção acastellada, feia e pezada, encerrava pinturas grosseiras nas cornijas e tectos apainelados das suas salas pouco mobiladas, diz Auguste de S^{t}. Hilaire. A pretenção dos artistas parece entretanto ter sido vulgar na capital mineira, pois que nem lhes escapou, pintada com mais profusão do que merito, a acanhada e escura sala do theatro, em cujo tablado uns actores mulatos de gestos desengonçados e fatos anachronicos representavam no segundo decennio d' este seculo tragedias e quejandos atrevimentos litterarios. Até uma egreja distante, a da aldeia da Penha, situada no termo que já no principio d' este seculo era mais agricola que mineiro de Minas Novas, e que pela distancia do centro aurifero fôra a principio de-

pendente da capitania da Bahia, pavoneava-se com os ramalhetes exhibidos sobre as suas paredes, e cujos tons rosa e azul claro casavam-se mui garridamente, produzindo um agradavel conjuncto.

Vivendas mesmo de proprietarios de lavras mais opulentos, perdidas nos valles ou dependuradas nas encostas dos montes, ainda que quasi despidas de moveis, concentrando todo o conforto nas camas de cortinas e colchas de damasco e nos macios lençoes bordados de rendas, revelavam o vezo artistico nas grandes figuras e arabescos que em pintura adornavam os tectos, condizendo com as portas de hombreiras imitando marmore.

A escola mineira gerou dois poemas epicos de valor: o *Uraguay* de Basilio da Gama e o *Caramurú* de Santa Rita Durão, tanto mais merecedores de estima ambos, quanto no momento da sua apparição este genero litterario decahia sensivelmente, não logrando insufflar-lhe vida quer na metropole as pedantescas epopéas de José Agostinho de Macedo, quer fóra de Portugal a fria e raciocinada *Henriada* de Voltaire. Evidentemente, dada a coexistencia de trez elementos ethnicos em via de procrearem um producto differenciado de cada um dos seus factores, derivava-se a impossibilidade de surgir no Brazil uma epopéa organica, formada como a *Iliada* pela coordenação de cantos dispersos. Isto quando mesmo qualquer dos factores apresentasse as con-

dições adrede requeridas: pois os portuguezes já tinham sua epopéa nacional e estavam em decadencia, e os indios e negros não possuiam cantos heroicos a concatenar. Fazia-se portanto mister entre nós á epopéa litteraria procurar o seu assumpto na proxima realidade historica, ou quando muito no passado heroico da nação. Foi o que emprehenderam os dois epicos mineiros.

Basilio da Gama (1740—85) celebrou as justas de 1754 entre as forças portuguezas do conde de Bobadela e os indios das Missões sublevados pela suggestão dos jesuitas. Admirador frenetico de Pombal, o poeta censura violentamente as intenções theocraticas da Companhia e os seus correlativos processos de educação destinados a manter os aborigenes na inferioridade social, que lhes era aliás imposta pela rudimentar e pouco progressiva intelligencia de que davam testemunho. Os louvores dos seus versos fluentes e calorosos guarda-os Basilio da Gama para os invasores luzos e castelhanos e, n' um intimo pensamento palpavelmente manifestado, para os tupis esmagados na invasão. Póde-se até aventar que o autor previu a feição indianista posteriormente dominante no romantismo brazileiro ainda além de José de Alencar e que, mesmo falsa no seu exclusivismo de reversão a supposstas tradições nacionaes e pouco original na sua immediata derivação litteraria, forneceu grande parte do encanto áquella phase, a mais brilhante da nossa litteratura. Exclama um dos heróes indigenas ao general portuguez:

. . . . . ., e todos sabem
Que estas terras, que pizas, o Ceo livres
Deo aos nossos Avôs; nós tambem livres
As recebemos dos antepassados.
Livres as hão de herdar os nossos filhos.

O principal merito do poemeto, como technica litteraria, reside talvez no abandono das convenções sediças, inclusive no quasi total esquecimento das referencias mythologicas; posto que as figuras predominantes se não achem reduzidas das empoladas proporções da epopéa aos chatos lineamentos do romance de costumes. No decurso do *Uraguay* offerecem-se de resto notaveis descripções, e interessantes episodios narrados com um grande sentimento da realidade e uma graciosa sequencia, que substitue o entrecho, na verdade escasso. Salienta-se assim a revista das tropas no canto I, de um pronunciado sabor coevo, commemorando naturalmente um periodo da historia militar no qual a victoria mais se fiava da bravura pessoal do soldado que das applicações scientificas aos armamentos.

Emparelhando deparam-se-nos, no canto IV o pinturesco desfilar das esquadras selvagens, realizada com um pronunciado senso ethnographico; no canto II o combate singular, admiravel de energia, entre o indio *Cepé* e o governador hespanhol de Montevidéo, já ao findar da desesperada batalha; no canto III o incendio do acampamento portuguez, matreiramente atiçado pelo indio *Cacambo* apóz haver atravessado o caudaloso rio, protegido pela escuridão da noite: final-

mente e ainda no canto III a evocação magica da velha feiticeira indigena, fazendo reflectirem-se na taça encantada os actos da gerencia pombalina: a reconstrucção de Lisbôa em seguida ao terremoto, a expulsão dos jesuitas e o supplicio do padre Malagrida.

Sobretudo, e o facto é tanto mais digno de nota quanto o poeta mineiro passou a mór parte da sua curta vida na Europa, em Roma como professor e em Lisbôa como funccionario, anima a todos os cantos, dá-lhes vigor, empresta-lhes enthusiasmo e eleva-lhes a cadencia, o sopro de americanismo que claramente transparece, por exemplo, na invocação dos ultimos versos do canto IV:

> Genio da inculta America, que inspiras
> A meu peito o furor, que me transporta,
> Tu me levanta nas seguras azas.
> Serás em paga ouvido no meu canto,
> E te prometto, que pendente hum dia
> Adorne a minha lyra os teus altares.

Santa Rita Durão (1737—84) viveu igualmente sempre longe do Brazil. Como Basilio da Gama, estudou primeiramente no Rio; cursou depois aulas em Coimbra e entrou para a ordem monastica dos Agostinhos, facto que por si bastava para afastal-o da capitania natal, onde ás congregações religiosas não era licito existirem. Apóz uma demorada residencia em Hespanha e em Roma, regressou o frade ao reino, leccionando theologia na Universidade que na mocidade frequentára. Pouco antes de fallecer publicava o

poema epico que lhe perpetuou o nome em a nossa litteratura.

O *Caramurú* baseia-se n' uma lenda historica, despida hoje dos seus elementos ficticios. Segundo as indagações, sempre conscienciosas, do historiador Varnhagen, expressas na *Memoria* premiada pelo Instituto Historico do Rio, aquelle portuguez semi-fabuloso por nome Diogo Alvares, viveu com effeito longos annos na Bahia, a cujas plagas aproou em 1510, poucos annos depois da sua descoberta, realizada pela esquadrilha de D. Nuno Manoel, a bordo da qual achava-se Americo Vespucio e que bordejou pela costa oriental do continente sul americano. Diogo Alvares acolheu com sympathia Martim Affonso de Souza por occasião da conhecida viagem d' este guerreiro, em 1532; e em 1536, prestou o seu mais efficaz auxilio ao donatario Francisco Pereira Coutinho, a quem coubéra na partilha do Brazil as terras bahianas. Havendo-se mallogrado esta doação em razão da indisciplina dos colonos, das contendas com os selvagens e das intrigas dos companheiros do fidalgo, Francisco Pereira refugiou-se na vizinha capitania de Porto Seguro, onde Diogo Alvares o foi mais tarde buscar, despachado pelo gentio.

Conta o autor da *Historia Geral* que ao voltarem ambos para São Salvador, naufragaram na ilha de Itaparica, sendo o donatario victima dos anthropophagos, e escapando o velho forasteiro mercê de uma arma de fogo que salvou do desastre e com a qual atemorizou e seguidamente

captou os selvagens. Tão feliz acaso valeu-lhe a vida e o alcunha de *Caramurú* — isto é, *homem do fogo* ou *dragão do mar*, conforme seguirmos uns ou outros etymologistas — com que os selvagens o mimosearam. Diogo Alvares, que casára com uma tupinambá, ainda teve ensejo de prestar os seus bons officios a Thomé de Souza, quando o primeiro governador do Brazil desembarcou no escolhido centro da administração brazileira.

Sobre a primitiva anecdota, já bastante interessante, enxertaram-se posteriormente fantasiadas narrações, como a de uma viagem emprehendida á côrte de Catharina de Medicis pelo *Caramurú* e sua mulher *Paraguassú*,

> De côr tão alva, como a branca neve.

A exclusão das inexactidões ainda deixaria no emtanto a Diogo Alvares os contornos de uma figura impressiva, facilmente embellezada pela licença poetica; e frei José de Santa Rita Durão, quando mesmo tivesse reduzido a lenda aos seus reaes lineamentos, haveria escolhido perfeitamente para heróe do seu poema esse typo de portuguez, aventuroso, leal, cheio de fé e de bravura, representante de uma civilização superior, procurando avassallar pacificamente os selvagens brazileiros e mestiçando com elles o seu sangue:

> Do Filho do Trovão denominado,
> Que o peito domar soube á fera gente;
> O valor cantarei na adversa sorte,
> Pois só conheço Heróe quem nella he forte.

Litterariamente, é sem duvida alguma o *Caramurú* bastante inferior ao *Uraguay*: possue menos fluencia, menos facilidade poetica, menos inspiração, menos colorido, menos harmonia, n' uma palavra muito menos seducção. O plano é porém mais largo no primeiro poema. Apresenta um arcaboiço arrojado que o segundo desconhece, debatendo-se com visivel angustia do leitor na estreiteza de um episodio historico em demasia succinto. O episodio de Diogo Alvares é isoladamente de importancia inferior ao da guerra das Missões; mas passa-se em compensação n' um scenario mais espaçoso; tira da legenda grande parte da sua attracção; augmenta-se de um sem numero de referencias curiosas; evoca uma multidão de feitos gloriosos; resuscita picturescamente um passado no qual o elemento fabuloso já enfeitava a verdade com as lentejoilas da sua vestimenta brilhante. Tudo isto antes de voltar ao ponto inicial, para descrever a fundação de São Salvador por Thomé de Souza depois que *Paraguassú*, abdicando os seus direitos, decide os antigos companheiros de vida selvagem a reconhecerem a fé christã e o dominio portuguez, constituindo-se assim o traço gentil da união entre a sociedade civilizada dominadora e o mundo gentilico dominado.

Pena é que o autor esteja abaixo da missão que a si proprio traçou. Ha na sua expressão alguma cousa de forçado que não condiz com a excellencia da intenção. Existem em seus versos uma prolixidade de estylo, um luxo de porme-

nores inuteis para a suggestão do entrecho, uma falta de concisão artistica e por vezes uma obscuridade quasi enigmatica de sentido que tornam essa leitura muito menos deleitosa que a do *Uraguay*. As discordancias entre a familiaridade da linguagem e a elevação do assumpto, tão frequentes em Durão e pelo contrario desconhecidas em Basilio da Gama, são todavia e conjunctamente com os outros defeitos resgatadas — senão para o epicurista das lettras, ao menos para o critico nacional — por um fervor sincero pelo *precioso* Brazil,

> Paiz de gentes, e prodigios cheio,
> Da America feliz porção mais rica;

por um sentimento de orgulho pela extensão da colonia; por uma recordação desvanecida das proezas das antigas pelejas com francezes e hollandezes, praticadas, é força não esquecer, pelas proprias valentes tropas da possessão.

Os trechos de prosa rimada do monge agostinho acham desculpa diante da impressão de que já palpitam nos cantos do *Caramurú* as tradições de uma nacionalidade nova: de uma nacionalidade na qual os portuguezes entravam com justiça como factor principal, dominante, ainda que não unico. Ao appellar para a bondade do principe do Brazil D. José, no intuito de livrar os indigenas dispersos do exterminio e da barbarie, Durão os não considera sómente como entes racionaes, conforme outr' óra o haviam feito com exito os jesuitas afim de excitarem nos con-

quistadores o escrupulo e o dó — encara-os "como parte integrante da população brazileira." D' est' arte elle ajunta a nobreza da sua compaixão e do seu interesse na reparação de uma deturpada obra de colonização, e indirectamente no preparo da obra futura da preeminencia do indianismo:

> Feliz gente, se unisse com fé pura
> A sóbria educação, que simples teve!

Por outro lado, o sentimento exterior da natureza recebe no *Caramurú* nova consagração poetica, a mais valiosa incontestavelmente do periodo colonial, pois que se não prende nos limites didacticos, antes traz o seu contingente para a formação do quadro epico. No canto VII, por exemplo, ha uma descripção das serras, rios, productos agricolas como o assucar, o tabaco e a mandioca, ou naturaes como as plantas aromaticas, os balsamos e as madeiras de tinturaria, das flôres, fructos, legumes, hervas medicinaes e animaes do Brazil, declamada perante Henrique II de França,

> Méta então do Germano fulminante,

a qual liga-se com Rocha Pitta e toda aquella escola de ingenua e extatica admiração pela opulencia do paiz, oriunda dos primeiros chronistas e que depois irradiou da Bahia para a peripheria do organismo nacional. É que uma e outra das epopéas da escola mineira derivam já de uma consciencia historica propria á colonia; encerram

a interpretação heroica e suggestiva dos antecedentes do povo brazileiro; traduzem a expressão poetica externa do nacionalismo, como o lyrismo estava traduzindo a sua expressão intima.

Nota-se em Durão um abandono das tradições mythologicas quasi igual ao de Basilio da Gama: quasi digo, porquanto no monge ainda revivem recordações pagãs, filhas porém da educação classica, não mais essenciaes á contextura e indispensaveis á formosura do poema. É a Christo que o poeta pede inspiração, em vez de imploral-a das Musas e das Naiades. É o dogma da existencia de Deus que se estabelece no canto I, no episodio cantado na cithara por um dos companheiros de naufragio de Diogo Alvares e relativo á conversão por intermedio de santo varão de um gentio, cujo corpo transforma-se na lendaria estatua da ilha do Côrvo, a qual dizia-se indicar o caminho da America. É ainda a fé divina que resumbra dos castos juramentos de amor trocados entre *Paraguassú* e o portuguez, symbolo de uma projectada civilização do gentio pela dupla acção do temor e do afago. É sempre a crença no Creador que transpira das declarações de *Gupeva* no canto III:

> Sei que he quem tudo faz, e humilde o adoro.

No ultimo canto até, ao tecer-se a apparição sobrenatural tradicional nas epopéas, não é mais uma deusa sensual do Olympo que desponta d'entre as nuvens, mas a Virgem Maria, typo ideial de peregrina belleza que o monge esboça

com o mais delicado mysticismo da sua alma de asceta.

Esta preoccupação religiosa, estranha ao genero epico e que entretanto corresponde e mesmo antecipa-se — o *Caramurú* data de 1781 — a uma reanimação do espirito christão, renascendo como a Phenix das cinzas da Inquisição, que pareciam havel-o consumido nas chammas da sua intransigencia, conduz o autor a fantasiar em parte as suas claras noções ethnographicas e inteiramente as psychologicas das tribus brazileiras. O subjectivismo da observação, a qual é em outros casos bem fiel, e o proposito metaphysico fazem-n' o dar ao indio *Gupeva*, por uma orientação analoga no fundo á que mais tarde teria feito algum dos nossos romanticos dar-lhe porporções de heróe sentimental, fóros de theologo "infinito em pensar":

> E vejo q˜ ha em mim mesmo occulto, e interno
> Entre a mête, e a verdade hũ laço eterno
> . . . . . .
> Que sem fim, e principio eu nada entendo.

A concepção religiosa dos selvagens, transcripta no *Caramurú*, é quasi a christã. Os exaggeros e erros dos chronistas do seculo XVI apparecem ainda avultados pela ficção poetica. Deparamos com todo o cortejo das nossas crenças: a immortalidade da alma; as recompensas e castigos em uma vida futura; os espiritos máus e tentadores concretizados em *Anhangá*, anjo cahido; o limbo ou lugar de remanso para os gen-

tios justos, no qual as doçuras materiaes da existencia, esquissadas no poema com particular naturalidade, são comtudo mareadas pela ausencia de Deus; a creação do mundo, o diluvio e a barca de Noé; finalmente o apostolado de São Thomé.

E da mesma fórma que a concepção religiosa, todo o viver indigena, aliás bastante exacto nos seus pormenores, transfigura-se quanto á significação social, revestindo-se de côres tão attrahentes quão pouco merecidas. O conselho da tribu, que decidia da guerra, toma aspectos de "Senado sabio e prudente", e dos infantis cantos selvagens diz o autor:

> Que em Poetico estilo doces soão
> Feitas por Sabios de sublime estudo.
> Que alguns entre elles com tal estro voão,
> Que involvendo-se o harmonico no agudo,
> Parece que lhe inflamma a fantasia
> Algum Nume, se o ha, da Poesia.

Não exaggerarei affirmando que no *Caramurú* devemos ir procurar a mais caudal das fontes tradicionaes do nosso romantismo indianista: não que para esta phase litteraria deixassem de concorrer poderosamente outros elementos, estrangeiros; mas no poema de Durão reside a primeira consagração da importancia, mais tarde ampliada, do factor indigena no producto nacional. Grande parte dos seus dez cantos é dedicada ao aborigene, e os episodios que se lhe referem são os tratados com mais accentuado vigor e mais pronunciado colorido litterarios: por exemplo, no

canto I os preparativos de sacrificio dos naufragos; no canto IV a variada e animada relação das legiões selvagens levantadas pelo chefe *Jararáca*, amante desprezado de *Paraguassú* formosa, typo feminino sustentado com tanto mimo quanta paixão resalta do de *Moema*; e no canto V o ataque naval dos *cahetés* depois de pelejarem em terra com admiravel tenacidade e energia, sempre vencidos porém pelo armamento vantajoso do invasor europeu.

Diogo Alvares é quem ergue a coragem do gentio alliado, entre o qual proseguia pacifico, semeando ideias humanitarias como a extirpação do cannibalismo; e, pela sua industria, quem faz frente á selvatica multidão inimiga, lançando no meio d' ella a confusão e obrigando-a á rendição perante o victorioso senhor da terra:

> As Nações do Sertão já convencidas,
> Põe a teus pés os arcos, e as espadas:
> Suspende o raio teu; protege as vidas
> Desde hoje ao teu imperio sujeitadas:
> E se tens, como creio, submettidas
> As procellas, as chuvas, e as trovoadas,
> Não espantes com fogo a humilde gente;
> Mas faze-nos gozar da paz clemente
> . . . . . .
>
> Faze com o favor que haja de amar-te,
> Como a tens com terror feito obediente;
> Que se troveja o Ceo na esfera escura,
> A Luz manda tambem formosa, e pura.

D' este episodio o frade mineiro, ganho pelo enthusiasmo, parte a condensar a nossa historia

de trez seculos nos decasyllabos da sua epopéa. Nunca perde elle de vista o indigena, pois que, apezar do seu limitado talento poetico, percebe ser esse, historicamente, o elemento particular e pinturesco de um poema brazileiro; e pela inherente introducção de termos já nacionaes, o correctivo necessario da sua linguagem diffusa, pouco firme, sem plasticidade, da sua pobreza de rimas, da sua falta de originalidade obrigando-o até a valer-se de versos de Camões, finalmente da sua compostura classica opposta ás comparações inesperadas e aos effeitos rhetoricos que pelo menos dão uma nota juvenil e guerreira ás composições epicas de Magalhães, Gonçalves Dias, Porto Alegre e outros romanticos.

Durão entretanto encara, tanto como o indigena o *Luso pio*, e por uma noite clara, á pôpa da náu franceza de Du Plessis, leva Diogo Alvares a entoar, qual outro Enéas, os louvores da sua gente. Relata o heróe — e para a execução conseguio o poeta accentos constantes de facilidade e emoção — a chegada á tranquilla enseada das náus de Cabral; a surpreza confiada dos naturaes; o primeiro sacrificio divino legitimando a posse da terra magnifica de "clima doce e campo ameno"; o abandono dos degredados com o fim de praticarem a lingua, e a pueril curiosidade selvagem em face das ninharias que serviam para as permutas por mantimentos; as derrotas de reconhecimento de Americo Vespucio, Gonçalo Coelho e Christovão Jacques, e a audaz descida fluvial de Orellana. Aos olhos cobiçosos do fran-

cez, *Caramurú* desenrola em seguida as provincias brazileiras, desde

> O Grã Pará, que hum mar nos representa,
> Emulo em meio á terra do Oceano:

passando por Pernambuco, cujo

> ... prospecto, que os olhos arrebata
> Na verdura das arvores frondosa,
> Faz que o erro se escuse a meu aviso,
> De crer que fora hum dia o Paraiso;

até chegar

> Onde o termo Hespanhol, e o Luso fica.

O heróe jamais perde a sua linha de dignidade e de altivez, nem quando em Pariz, *summa do Universo*, presta fidalgamente ao rei de França o symbolico tributo de respeito de um latino á nação mais culta da sua raça, invocando adrede a origem borgonheza da primeira dynastia de Portugal:

> He bem que a Mãi primeira o Brazil veja,
> Donde a gente nasceu, que lhe he Senhora;

sem deixar de alludir ao futuro renovador da possessão:

> O Brazil, Sire, infunde-me a confiança,
> Que alli renasça o Portuguez Imperio,
> . . . . . .
> Tempo virá, se o vaticinio o alcança,
> Que o cadente esplendor do nome Hesperio
> O seculo, em que está, recobre de ouro,
> E lhe cinja o Brazil mais nobre louro.

Não me furto a repetil-o. É este permanente elogio da colonia que fornece ao *Caramurú* o seu maior valor; é toda essa vibração de confiança no porvir desannuviado do Brazil, de honesta e sincera vaidade á ideia da sua grandeza territorial e da sua riqueza de producção, que vigora e empresta brilho ao estro mais caseiro do que epico do bom frade, fornecendo-lhe atravez da fórma desaffectada da narração uma verdadeira expressão patriotica.

A visão de Catharina Alvares *(Paraguassú)* a bordo da náu que a reconduz de França á sua Bahia, a qual ella vê no sonho edificada e prospera, compendia os eventos mais notaveis do que poderemos intitular com propriedade o passado heroico do Brazil, a saber, o periodo que medeia entre os primitivos ensaios de colonização e a expulsão dos hollandezes, e onde, já que não possuimos uma Edade Media, isto é, uma epocha abrangendo um typo anterior á Renascença, se devêra ter buscado em maior escala, si bem que de partilha com as tradições indigenas, o typo de *caracter* que o romantismo assegurava ter sido anniquilado por aquella inundação de classicismo. Em versos que particularizam-se pela fluencia e pela sonoridade, e com uma escrupulosa exactidão historica, a qual denota em Durão um erudito consciencioso, são previstas e largamente descriptas, com energia, vivacidade e interesse, as aggressões francezas; as expedições dos jesuitas,

> . . . . . Operarios santos,
> Que com fadiga dura, intenção reta,
> Padecem pela Fé trabalhos tantos;

o recobramento da bahia do Rio de Janeiro, de Villegaignon e seus companheiros por Mem e Estacio de Sá ajudados pelo indio Ararigboia, que o poeta cognomina pomposamente de *Marte do Brazil*, emfim as variadas peripecias da occupação hollandeza, desde a primeira defeza de Furtado de Mendonça,

> . . . . . que não víra
> Já mais do medo vil a fronte escura,
> . . . . . .
> E sem mais que o seu peito a praça mura:

até á reconquista do territorio,

> Mercê clara do Ceo, patente graça,
> Que a tão poucos, e miseros paizanos
> Cedesse huma Nação, que enchia em guerra,
> De Armadas todo o mar, de espanto a terra.

O Snr. Ferdinand Brunetière, um dos escriptores francezes contemporaneos que gozam de mais prestigiosa autoridade, aliás bem merecida pela sinceridade das suas convicções e pelo acerto dos seus juizos, applicou á critica litteraria em momentos de analyse feliz, a sagaz e admiravel theoria de Darwin. Segundo elle, existem uma evolução, uma transformação e uma adaptação dos chamados generos litterarios, cuja distincção em superiores e inferiores reconhece e defende com ardor; assim como existem uma evolução, uma transformação e uma adaptação das especies animaes. No terreno das lettras, da mesma fórma que no da zoologia, á florescencia de certas especies corresponde a decadencia de outras, cujos carac-

teres ou são annullados na lucta pelos das especies mais aptas para ella — e esta lucta é sempre mais viva entre especies vizinhas —; ou modificam-se de sorte a garantirem ás especies ameaçadas a subsistencia, adaptando-as ao meio ambiente. O facto da modificação dá-se debaixo da acção de influencias internas e externas sempre que "a somma dos caracteres instaveis da especie sobrepuja a dos seus caracteres estaveis."

Uma especie desapparecida nunca deixa porém de legar os seus elementos á especie em vigor que lhe succede na preeminencia correlativa, isto é, metamorphoseam-se as especies como organismos, e não se esvaem como sombras. Explicar-se-ha talvez melhor este phenomeno dizendo que o observador encontra, senão na sua plenitude, pelo menos na sua essencia, os distinctivos de uma especie vencida na especie vencedora, afóra os novos que esta trouxe para a contenda e que determinaram a sua victoria: um genero póde mesmo constituir-se em bôa parte com os despojos de varios outros. A fortaleza do mastodonte ou do megatherio por exemplo, já não fallando em pontos mais estreitos de semelhança anatomica, depara-se-nos, posto que diminuida, no elephante ou no rhinoceronte modernos, além das qualidades proprias, a nós desconhecidas como factor de comparação, talvez entre outras uma maior complexidade de funcções e uma intelligencia portanto mais desenvolvida, que certamente asseguraram aos segundos d' esses typos zoologicos a permanencia, perdida pelos primei-

ros na transição geologica do planeta com a simultanea eliminação de determinadas condições climatologicas.

De igual fórma a nobreza da epopéa, abafada na Europa, e especialmente em Portugal pela depressão do orgulho nacional, do humor batalhador e do sestro aventuroso, si rejuvenesceu na Italia, segundo a opinião de um critico, na inspiração musical da grande opera, entre nós podemos dizer que veio a resaltar com mais felicidade no lyrismo. Não começou este lyrismo por desabrochar no reino, porque ao desapparecimento das condições que tinhão determinado a epopéa, não correspondeu immediatamente a formação de uma nova atmosphera adequada á poesia subjectiva. Desabrochou comtudo além-mar e ainda no seculo findo, em uma capitania habitada por uma população oriunda dos ousados bandeirantes, batida pelo ar estimulante do sertão e solicitada pelo espirito de emancipação politica que estonteára a America Ingleza e estava prestes a irromper na França, a saber, n' um meio que á herança accumulada de independencia e arrojo reunira o sentimento da natureza e o espirito de individualismo, tornando-se assim de todo o ponto apropriado para o desenvolvimento do lyrismo.

A escola mineira, e mais do que os epicos os lyricos d' esta escola, Alvarenga Peixoto e Silva Alvarenga sobretudo, deram agasalho em seus versos ao gosto pela elevação e á predilecção pelo grandioso dos epicos da Renascença,

ainda que concentrando na parte intima do individuo o que fôra outr' óra apanagio da sua parte de actividade exterior:

Ah! tambem quanto
Dirceo obrára,
Se precisára
Marilia bella
Do esforço seu!
Rompêra os mares
C' o peito terno,
Fôra ao Inferno,
Subíra ao Ceo.
(Gonzaga, Lyra XIV.)

O desvendar da alma, das suas aspirações generosas, dos seus enthusiasmos crentes, mesmo dos seus fervores cortezãos, e particularmente das suas illusões amorosas, substituio-se n'uma sociedade predisposta para tal transformação ao puro elogio objectivo, o qual tornar-se-hia enfadonho, de heróes pelejadores que já não executavam façanhas ultra-homericas como a descoberta de novos continentes, nem mesmo mais modestas como o desbarato de legiões numerosas de inimigos aguerridos:

Anima pois, ó Musa, o instrumento,
Que a voz tambem levanto,
Porém tu déste muito acima o ponto,
Dirceo não póde tanto:
Abaixa, minha Musa, o tom, qu' ergueste,
Eu já, eu já te sigo.
Mas, ah! vou a dizer *Heróe*, e *Guerra*,
E só *Marilia* digo.

Deixemos, ó Musa,
Empreza maior,
Só posso seguir-te
Cantando de Amor.
(Gonzaga, Lyra XI.)

Em Minas Geraes fallava, senão apparentemente, na realidade mais alto do que as resurreições classicas, o fermento da fusão physiologica e psychologica de raças, que nos seculos anteriores progressivamente se estabelecêra em um meio estranho — o qual só por si explicára uma differenciação — primeiro com os indios e depois com os negros. Caracterizára peculiarmente aquella dupla mestiçagem o derivado brazileiro. Revestira-o de um aspecto physico e de uma consciencia singulares. N' uma palavra provocára primeiro aquella sensação pessoal e em seguida aquella noção do eu, que se tinham extraviado na longa repetição humanista. Em Minas Geraes fallava além d' isso mais alto do que a imitação da metropole definhada, o apogêo da impressão de nativismo exterior oriunda da realização do tradicional El-Dorado, e cuja influencia nos epicos já ficou estabelecida.

O oiro e os diamantes tinham brotado alli, do sólo abençoado da capitania, apóz duzentos annos quasi de pesquizas pouco fructuosas em todo o Brazil, e o reino recebia agora da colonia o melhor dos seus rendimentos. Porque tambem se não inverteriam politicamente os termos? Porque, como insinuava Alvarenga Peixoto, não iria a rainha D. Maria I fundar o Imperio Brazileiro,

empunhando o sceptro de oiro massiço que os seus subditos ultramarinos lhe offereciam:

"Real, real, primeira!"
Só esta voz na America se escute;
Veja-se tremular uma bandeira
. . . . . .
Das serras da Araucana
Desção nações confusas differentes
A vir beijar a mão da soberana
. . . . . .
Vinde a ser coroada
Sobre a America toda, que protesta
Jurar nas vossas mãos a lei sagrada.
(Alvarenga Peixoto, Ode a D. Maria I.)

N' uma atmosphera semelhante, em que a um tempo concorriam a ebullição da mestiçagem; o consequente espontaneo particularismo, já não simplesmente exterior, bebido na admiração das riquezas vegetaes e mineraes, mas resultante de uma expressão natural e outrosim baseado na certeza da propria valia:

Eu, Marilia, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado;
. . . . . .
Tenho proprio casal, e nelle assisto;

e finalmente a expansão da vida, então ciosamente refreada na litteratura: a poesia lyrica devia forçosamente assumir um aspecto lisonjeiro. Era um novo individuo litterario o que surgia, criado n' um paiz virgem; sentindo em si reunidos um velho pendor ancestral para o lyrismo

e um moço sangue de violentas exigencias sensuaes; conscio de ser filho de uma nação a que só faltava para ser grande a independencia politica; ancioso por alcançar esta liberdade collectiva, porém não confiando demasiado nos resultados das suas tentativas. D' esta desconfiança provinha muita da sua transparente melancholia:

> Junto desta corrente contemplando
> Na triste falta estou de hum bem, que adoro;
> Aqui entre estas lagrimas, que choro,
> Vou a minha saudade alimentando.
>
> (Claudio, Soneto LXXXI.)

O colono brazileiro recordava-se de ter expulsado o hollandez para defender a sua fé, o seu lar e o seu Rei. Lembrava-se de haver reivindicado em epocha mais proxima o sólo patrio, já regado com o seu sangue, contra os emboabas e os mascates. Contava diarios e cada vez mais vehementes assomos de nativismo, o qual representa uma extensão do individualismo. Todavia falleciam-lhe os meios materiaes de com fortuna arredar a mão pezada da metropole: fallecia-lhe sobretudo, não direi o espirito commum, mas a ligação nacional precisa para de um só arranco ficar debellado o dominio portuguez. Não apenas á tradição local, vigorosa na colonia, devemos attribuir a feição isolada das revoltas brazileiras, do movimento pernambucano de 1710, da conjuração mineira de 1789, da rebellião de 1817 em seu começo pelo menos; é mister ter em conta as difficuldades que apresentava o con-

certo de uma sedição perante a separação physica e a soledade moral das capitanias, diante da falta absoluta de um centro nacional de resistencia.

Antes comtudo de concretizar-se politicamente na Independencia, vindo a coincidir com a victoria dos ideiaes autonomicos o romantismo, phase a mais brilhante das lettras patrias, o particularismo brazileiro revela-se na escola mineira, e já como o producto interno de um inicio de integração, não mais como o effeito externo da acção de circumstancias physicas ou mesmo historicas. É por isso que no campo litterario diverge profundamente a segunda metade do nosso seculo XVIII das epochas anteriores. Mais uma vez insistirei na distincção.

Si no seculo XVI encontramos o cunho das impressões cosmicas, produzindo primeiro o enlevo e originando aos poucos o amor da terra; si no seculo XVII até meados do XVIII assistimos por um lado ao fortalecimento da affeição patria, palpavel n' um sentimento historico peculiar e orgulhosamente culminante em Rocha Pitta, e por outro lado á differenciação das lettras nacionaes, mais philologica nas satiras originaes de Gregorio de Mattos, mais poetica nas sentidas modinhas de Antonio José, denunciadoras de um elemento lyrico atavico provocado pela fusão ethnica e pela serenidade do meio ultramarino, quer o physico quer o espiritual: nos lustros mineiros depara-se-nos em Claudio, Gonzaga, Alvarenga Peixoto e Silva Alvarenga, além do

traço agudo de patriotismo que trai a conspiração de 1789 debuxada antes de conhecido o grande exemplo francez, o caracter litterario singular e reformador, mais do que proprio a uma nova familia intellectual, annunciador de uma geral transformação do gosto dominante.

É certamente de grande conveniencia que se não exaggere o alcance d'esta asserção, avançada por mais de uma vez no decorrer do presente estudo. Os lyricos mineiros são na verdade os precursores do romantismo brazileiro mercê das duas qualidades de que adornaram a nossa poesia — o individualismo e o sentimento da natureza. O primeiro é manifesto; o segundo não póde porém considerar-se genuino, no sentido de nacional, a não ser limitadamente em Silva Alvarenga. Constitue antes a impressão da natureza em geral, da natureza entretanto attrahente, creadora, providencial; impressão que com effeito faltava na litteratura classica, onde tomára aspectos de scenario de opera. Aquelle sentimento aliás, comquanto privado de côr local, apparecia tanto mais inevitavel quanto a natureza apresentava na colonia uma physionomia suggestiva e um calor virgem. Só mais tarde daria a natureza brazileira, com toda a sua pujança e com todo o seu pinturesco, entrada nas lettras, exercendo uma acção clara e definida.

Para o movimento de 1830 cooperaria comtudo davantagem o espirito de imitação estrangeira do que a evolução da tendencia mineira. Chateaubriand veio ao Novo Mundo em busca do

sentimento profundo, vibrante, da natureza que lhe exigia o animo melancholico, divagante pelas charnecas bravias e pelas costas escarpadas da Bretanha. Elle o recebeu realmente na America, das immensas savanas de uma placidez inquietadora; dos rios caudalosos apertados entre massiços de verdura ou de flôres; da vegetação sempre exhuberante; da fauna sempre brilhante.

Para lançar as grandes bases do romantismo, o primoroso escriptor casou admiravelmente um tal sentimento com a proclamação da personalidade affixada por Jean Jacques Rousseau; com a comprehensão das bellezas naturaes attingida por Bernardin de Saint-Pierre; com o influxo de que na emigração o proprio escriptor fôra objecto — o das litteraturas do Norte, com o seu quê de original e de selvatico, de estranho e de individual, exhibido nos poemas de Ossian, de tão vasta repercussão, e desvendado nos cantos medievos da Allemanha, cujos castellos feudaes apontavam outr'óra numerosos e insolentes, como recifes perigosos, dentre o pélago murmurante das communas e dos conventos —; finalmente com a renovação das crenças religiosas, que refloriram com todo seu perfume no *Genio do Christianismo* apóz uma longa epocha successiva de duvida, negação e destruição, como rompe viçoso o arbusto depois dos ventos e das tempestades do inverno.

A nossa geração romantica bebeu na amalgama franceza aquillo que entretanto, á parte o rejuvenescimento catholico, se encerrava no des-

envolvimento da litteratura patria; e chego mesmo a desconfiar com razão que o indianismo do autor dos *Natchez* foi mais poderoso sobre os Magalhães e os Gonçalves Dias do que a contemplação da tradição historica e do que o echo da realidade ethnologica. Isto todavia os não impediu de haverem assumido uma feição propria e de terem fornecido ás lettras patrias um brilho vivaz, infelizmente desapparecido.

O seu papel lyrico, com relação aos antecessores da escola mineira, foi o de fortificarem os themas geraes — o amor, a coragem, a morte, a natureza — sobre que se tinham exercitado os estros dos poetas do seculo XVIII, e emprestar-lhes o *caracter*, o qual, segundo a observação suggestiva de Victor Hugo no famoso prefacio do *Cromwell*, é o distinctivo do romantismo. Esta segunda Renascença, define o grande poeta, exprime "a realização da belleza pela expressão do caracter": e justamente commenta Ferdinand Brunetière que o anterior classicismo procurava a belleza na eliminação, ou melhor na depuração do caracter.

É mesmo por semelhante deficiencia que os lyricos mineiros prendem-se aos poetas classicos, e offerecem uma physionomia que mais rigorosamente devemos classificar de transição litteraria, comparavel em França com a de André Chenier, cuja sensualidade no emtanto frisou frequentemente a licença e algumas vezes a luxuria, n'um prolongamento da corrente favorita do seculo de Luiz XV. Nos sonetos de Claudio, nas lyras de

Gonzaga, nos rondós de Silva Alvarenga, lidamos com os costumados pastores, Glauceste, Dirceo e Alcindo; embora se sinta que o poeta empunha o cajado e falla na choça para sacrificar ao gosto dominante:

Se de soneto és amante,
Seja sempre pastoril,
Que sem cajado e rabil,
O soneto mais galante
Não tem valor de um ceitil.
(Silva Alvarenga, Quintilhas.)

Esse gosto, como é sabido, invadira até a pintura, produzindo em França o genero delicioso, posto que convencional e amaneirado de Watteau. Si porém a cada passo revivem as allusões mythologicas e classicas:

Quero ver a mão robusta
D'Alcides, encaixe ou não,
E alguma comparação,
Ainda que seja á custa
D' Annibal ou Scipião.
(Silva Alvarenga, Quintilhas.)

— as barbas de Jove, os despeitos de Juno e os furores de Marte já pouco receio inspiravam; as façanhas gregas e lacias de decantadas já tinham perdido o lustre. Os deuses tinham-se humanado, como abastardado os heróes:

Estão os mesmos Deoses
Sujeitos ao poder do impio Fado:
Apollo já fugio do Ceo brilhante,
Já foi Pastor de gado.
(Gonzaga, Lyra XIII.)

O amor nivelava todos, deuses e mortaes; e amor como o sabe descrever e póde sentir um filho do Brazil, amor ardente, voluptuoso e ao mesmo tempo tristonho, que para tudo isso trazia a balda original da filiação portugueza, e só recebêra incentivo, cantante explendor e picante sabor da mestiçagem, a qual, aguçando a sensibilidade, vinha por seu turno apressar o franquear da alma e portanto o triumpho do natural:

Da simples natureza guardemos sempre as leis
Para mover-me ao pranto convem que vós choreis.
Quem estuda o que diz, na pena não se iguala
Ao que de magoa e dôr geme, suspira e cala.
(Silva Alvarenga, Epistola a Basilio da Gama.)

O amor é o thema favorito da escola mineira:

Todos amão: só Marilia
Desta Lei da Natureza
Queria ter isenção?
(Gonzaga, Lyra IX.)

Por este lado ainda o seu lyrismo enlaça-se com a poesia carnal e pagã commum ao seculo XVIII. O amor é em ambas as poesias, a europeia e a brazileira, incontestavelmente vivo: possue arrebatamentos delirantes e desanimos plangentes. Falta-lhe em todo o caso a scentelha de paixão sincera; infeliz, profunda, devoradora, allucinada, que distingue no romantismo um Alfredo de Musset ou um Alvares de Azevedo.

Comtudo o conchego, o exclusivo d'aquelle thema affectivo não permittiu que do thema superior da religião, por exemplo, fossem derivadas

as possiveis correntes de sentimento poetico. Verdade é tambem que a religião encontrava-se em Portugal e suas colonias na situação de planta enraizada, emmaranhada até com os liames estreitos do fanatismo, não havendo occorrido eclypse algum da fé, para que se pudesse ter sentido a sua ausencia desconsoladora. O lyrismo religioso só um pouco mais tarde appareceria com Souza Caldas (1762—1814), frei Francisco de São Carlos (1763—1829), Eloy Ottoni (1746—1851) e alguns mais, em guiza de repercussão dos preludios christãos do romantismo francez tangidos por Chateaubriand, Bonald e de Maistre, e de fortalecimento dos espiritos contra a dissolução do jacobinismo:

Piedade, Senhor, de mim piedade
Tende, que em vós confio.
A sombra esperarei das vossas azas,
Da iniquidade o termo.
(Souza Caldas, Psalmos de David.)

Conforme observei já, com os poetas mineiros adquire a lingua portugueza modernas inflexões. O grangeio do natural e o numero mais consideravel de sensações fornecem-lhe uma maior elasticidade; bem como a franqueza das impressões experimentadas e transmittidas dá-lhe uma vehemencia e uma eloquencia desusadas. N' uma palavra, de guindada e habilidosa torna-se a linguagem mais facil e animada: a preciosidade e a dignidade cedem com frequencia o passo á suavidade e á espontaneidade. É no emtanto

evidente que a transformação da lingua na escola mineira não póde ter alcançado a perturbação que subsequentemente lhe traria o romantismo.

Em França foi Victor Hugo, succedendo a Lamartine, quem, na graciosa expressão de Brunetière, orchestrou os grandes themas lyricos desfiados pelo poeta das *Meditações*, combinando-lhes as sonoridades com aquelle duplo poder de imaginação e de estylo que tornou-se o desespero, quando não o ridiculo dos seus imitadores. No Brazil os lyricos mineiros trabalharam differentemente no seculo findo sobre o thema quasi unico do amor, ao qual Alvarenga Peixoto juntou algumas effusões patrioticas e Silva Alvarenga varias notas bucolicas, heroicas e ironicas.

O amor, não só elles o trataram principalmente, como debaixo das suas multiplas faces: da esperança, do desejo, da posse, do desalento, da saudade, do desespero mesmo, posto que este se mantivesse dentro do commedimento classico. O thema sensual sobretudo ficou brilhantemente bordado de melodias encantadoras, que quasi o exgottaram.

Todas essas sensações acham-se porém traduzidas em um vocabulario relativamente limitado, si bem que destramente manejado. A escola mineira póde até ser justamente arguida de não haver contribuido por assim dizer para a modificação nacional da lingua, mercê sem duvida da ponderação e medida que a confinavam no arcadismo, livrando-a do desgrenhado litterario que André Chénier previa. N' este ponto Gregorio

de Mattos, tendo vivido com a plebe, fallando e escrevendo a linguagem popular, prestou maior contribuição.

Feitas as restricções enumeradas, resta ainda á escola mineira um grandissimo valor. Devemos sempre recordar-nos; mais, deve a poesia portugueza ter sempre na lembrança que os velhos lyricos da colonia restabeleceram o esquecido contacto, a perdida harmonia entre o estro e a sensibilidade. Elles renovaram o lyrismo immergindo-o na natureza, não na natureza fria e convencionalmente recortada que Delille celebrava com uma impassibilidade calculada e uma simplicidade forçada, mas na natureza real, empregada n' uma obra férvida de fecundação constante:

Se me vês enternecido
Ao rolar o pombo, attende,
Que a minha alma a voz lhe entende;
Pois Cupido me ensinou.
Frio peixe, bruta féra,
Veloz ave ... ah quanto existe
Ao amor em vão resiste,
Que na esfera triumfou.
(Silva Alvarenga, Rondó *Os Segredos.*)

Claudio Manoel da Costa (1729—89) é o mais antigo dos poetas da escola mineira. Formado em canones pela Universidade de Coimbra, viveu alguns annos no reino, e conta-se que entrementes viajou demoradamente na Italia. D' estes dois paizes europeus transportou para a capitania natal o gosto da poesia arcadica. Garção e Metastasio de perto e ao longe Petrarcha dizem

ter sido os seus mestres e modelos. Na verdade Claudio mostra-se tão fervente admirador dos neo-classicos e, como é de ver, dos classicos portuguezes quanto dos grandes engenhos poeticos italianos, e até compoz na lingua do Dante varios sonetos e cantatas, não das menos legitimas abonações do seu estro notavel.

No Brazil permaneceu elle sempre um árcade transplantado, saudoso das "delicias do Tejo, do Lima, e do Mondego", e comtudo ligado ao sólo patrio por uma naturalidade de expressão litteraria que debalde procurariamos no admiravel Bocage, o mais talentoso dos poetas luzitanos do seculo XVIII, ou em Garção e Quita, os mais fecundos, correctos e melodiosos representantes da Arcadia de Lisbôa. Entretanto Claudio possue como qualquer dos portuguezes a perfeição da fórma, tão buscada pelo neo-classicismo; a versificação suave, harmoniosa, musical, que nas producções d' esta escola substitue a espontaneidade e quasi sempre o sentimento.

Só chegou porém Glauceste Saturnio a burilar os seus esmerados sonetos, dos melhores da lingua portugueza na imaginação como no conceito, apoz uma trabalhosa evolução do seu estylo. A principio inquinavam-lhe as producções resquicios evidentes de gongorismo, que o proprio autor confessa no prologo da edição de Coimbra (1768): "Pudera desculpar-me (da falta de simplicidade), dizendo; que o genio me fez propender mais para o sublime: mas temendo, que ainda neste me condemnes o muito uzo das metaforas;

bastará, para te satisfazer, o lembrar-te, que a mayor parte destas Obras forão compostas ou em Coimbra, ou pouco depois, nos meus primeiros annos; tempo, em que Portugal apenas principiava a melhorar de gosto nas bellas letras. A lição dos Gregos, Francezes, e Italianos sim me fizerão conhecer a differença sensivel dos nossos estudos e dos primeiros Mestres da Poezia. He infelicidade, que haja de confessar; que vejo, e approvo o melhor; mas sigo o contrario na execução."

Claudio Manoel da Costa representa no desenvolvimento da escola mineira o primeiro degrau da transformação litteraria por ella iniciada. A melancholia é o seu terreno de actividade espiritual. É por tal predicado que o poeta será sempre lembrado entre os precursores do romantismo portuguez, e que involuntariamente repelle a censura que a si propria assacou a sua penna, accusando as *Obras* de *elegancia*, ainda que protestando não lhe ser de todo estranho o *estilo simples*.

A melancholia em Claudio apresenta-se constante, porquanto deriva da fatalidade:

> E bem que o peito humano as forças prove,
> Que hade fazer o temerario empenho,
> Onde o rayo he do Ceo, a mão de Jove?

Regressa elle para a patria intimamente pezaroso de deixar o velho reino e magoado de uma paixão mal retribuida, e logo exclama, dirigindo-se ás *brandas ribeiras:*

Recebei (eu vos peço) hum desgraçado,
Que andou thé agora por incerto giro
Correndo sempre atrás do seu cuidado.

A ausencia e o infortunio amoroso, si não toldaram-lhe a lembrança dos lugares em que deslizou sua adolescencia, pelo menos roubaram-lhe todo o prazer de contemplar esse scenario de um passado sempre doce:

Onde estou! Este sitio desconhêço:
Quem fez tão differente aquelle prado?
Tudo outra natureza tem tomado;
E em contemplallo timido esmoreço.
. . . . . .
Eu me engano: a região esta não era:
Mas que venho a estranhar, se estão prezentes
Meus males, com que tudo degenera!

Persistentemente triste o poeta, de uma tristeza amarga, de um quasi pessimismo sombrio que ainda mais o liga á corrente litteraria de 1830:

Que hey de dizer, se esta alma, que te adora,
Só costumada as vozes da agonia,
A fraze do prazer ainda ignora!

— succedem-se os seus sonetos sem o menor lampejo de alegria, ostentando a desillusão de todos os sentimentos affectivos de uma alma, por fórma a deixar até assombreados os graciosos quadros pastoris, que de quando em quando esmaltam aquellas producções.

Como a tristeza em Claudio não é affectada, bastaria a sua sinceridade para dotar de maior naturalidade a linguagem, si esta a não recebesse

tambem da intenção philosophica do autor, muito dado á leitura de Jean Jacques Rousseau, além de outros reformadores francezes e inglezes do seculo XVIII:

Quem deixa o trato pastoril, amado
Pela ingrata, civil correspondencia,
Ou desconhece o rosto da violencia,
Ou do retiro a paz não tem provado.
Que bem he ver nos campos trasladado
No genio do Pastor, o da innocencia!
E que mal he no trato, e na apparencia
Ver sempre o cortezão dissimulado!
. . . . . .

É pois a melancholia, traço principal da physionomia *litteraria* de Claudio, que sobretudo dá-lhe originalidade, salvando da banalidade as suas composições de um estylo não raro primoroso, mas privadas de pinturesco, destituidas de grande vigor e soffrendo de uma certa timidez da imaginação. Graças áquelle caracteristico, ganham ellas em discreta commoção o que perdem talvez em monotonia: a compensação é porém fartamente remuneradora, chegando para lustrar as cançadas figuras arcadicas:

Não de Tigres as testas descarnadas,
Não de Hyrcanos leoens a pelle dura;
Por sacrificio a tua formozura,
Aqui te deyxo, ó Lize, penduradas:
Ancias ardentes, lagrimas cansadas,
Com que meu rosto em fim se desfigura;
São, bella Ninfa, a victima mais pura,
Que as tuas aras guardarão sagradas.

Deixa-se todavia o poeta de tal modo vencer pela melancholia, que os seus movimentos de impaciencia, os seus assomos de rebeldia contra o jugo do amor ingrato apparecem antes desalentados que energicos:

> Mas se na incontrastavel, pedra dura
> De teu rigor não ha correspondencia,
> Para os doces affectos de ternura;
> Cesse de meus suspiros a vehemencia;
> Que he fazer mais soberba a formozura
> Adorar o rigor da rezistencia.

Os mais bellos dos seus sonetos proveem aliás da mesma nascente espiritual, encerrando uma delicadeza merencoria, uma moderação sentida, um bem acabado singelo, que na verdade os tornam quasi sem excepção encantadores. Entre as demais composições classicas do poeta — nobres epicedios, amaneiradas eglogas, queixosas epistolas, ligeiros romances, engenhosa fabula, elegantes cantatas — salientam-se de resto os sonetos, porque assumem entre tantas poesias apreciaveis a fórma mais harmonica, e permittem uma mais franca manifestação do coração torturado do amante, particularizando-se por semelhante caracter magoado que os eleva acima das outras producções, expressões vulgares da corrente litteraria predominante. E além d'isso não nos assegura José Maria de Heredia, que a França considera um dos seus actuaes poetas mais illustres, que o soneto pelo solido garbo da sua estructura e por sua belleza mystica e mathe-

matica, é sem contestação o mais perfeito dos poemas de fórma fixa?

Parece-me talvez inutil accumular muitas novas citações, por mais interessantes que estas sejam. A uniformidade do sentimento em Claudio destinge a acção da critica, ameaçando tornal-a fastidiosa á força de insistir na mesma impressão. E não ha possibilidade alguma de varial-a. Quando mesmo Glauceste procura desfastio em outros passageiros amores, arrasta comsigo a calceta do seu desanimo:

> Que feliz fôra o mundo, se perdida
> A lembrança de Amor, de Amor a gloria,
> Igualmente dos gostos a memoria
> Ficasse para sempre consumida!

Nem a formosura consegue destruir-lhe a desconfiança, e os rarissimos minutos de prazer que a sua alma logra encontrar afundam-se rapida e irremediavelmente no desengano distinctivo do seu estro, e cuja causa em vão indaga do amor:

> Mas se fugir não pude ao golpe activo,
> Buscando por meu gosto tanto estrago,
> Porque te encontro, Amor, tão vingativo?
> Se hum tal despojo a teus altares trago,
> Siga a quem te despreza, o rayo esquivo;
> Alente a quem te busca, o doce affago.

Em sonho apenas consegue o poeta ver realizada sua felicidade:

Traidoras horas do enganozo gosto,
Que nunca imaginei, que o possuia;
Que ligeiras passastes! mal podia
Deixar aquelle bem de ser supposto.

E n' esta maneira vai-se radicando cada vez mais em seu espirito a tristeza, a ponto d' elle já nem acreditar na existencia do amor sem soffrimento:

Foi sonho; foi quimera; a hum peito amante
Amor não deo favores hum só dia,
Que a sombra de hum tormento os não quebrante.

É no emtanto curioso que, devendo parecer monotono em extremo o seguimento dos sonetos de Claudio mercê do perenne pezar que destillam, nos não causa semelhante tedio, tanta é a variedade de cambiantes que dentro da orbita intima do espirito a sua lyra traduz; tanta é a facilidade com que de uma comparação banal brotam suggestivos os versos; tanta é a melodia da sua linguagem, aprumada e comtudo donosa, plangente e mesmo assim palpitante, nunca deixando corromper a emoção pelo exaggero da afflicção. Desdenhando o campo da visão externa, mantem-se Claudio no dominio genuino do lyrismo amoroso, que é o estremecimento animico; conserva-se sempre absolutamente pessoal, de um subjectivismo que presagiaria o egotismo, si a par de muito atormentado não fosse muito terno e muito tocante.

A melancholia de Claudio conduz-nos por um natural contraste á paixão desoppressa de cons-

trangimento, esperançosa e vibrante de Gonzaga (1744—1807). É a Dirceo que cabe ajuntar á atribulada correcção litteraria de Glauceste Saturnio a flôr plenamente desabrochada da emoção communicativa, e reunir ao aroma acre da saudade exulcerada dos *Sonetos* o perfume penetrante da sofreguidão, que alternadamente com a confiança irradia das *Lyras* endereçadas a Marilia, tornadas mais impressivas pelo innocente desvanecimento d' estes sentimentos.

Ao subjectivismo quasi sempre despretencioso — tal é a attracção do meio e a força da hereditariedade — de Claudio, reune ainda Gonzaga a percepção da natureza, que o seu intimo amigo desdenhou bastantemente n' uma perdida nostalgia da terra onde educára a intelligencia e onde, ainda que sem illusões, sentira pronunciar-se o coração; cerrando em todo o caso qualquer d' elles o estro ás viragões das patrias mattas, para guardarem suas effusões para a primavera que vence em Portugal o "engelhado triste inverno", desconhecido da colonia.

Si não com a angustia de Claudio, Gonzaga tampouco amava com a tranquilla confiança que encontraremos em Alvarenga Peixoto, ou com o dominante appetite ardente que enxergaremos em Silva Alvarenga. Elle é todo ternura reservada, todo meiguice supplicante. A sua alma é perfeitamente estranha ao desespero de amar, ao fadario ingrato de perseguir um ideial devaneado, qualquer coisa como a miragem enganadora que atormentava *Réné*. O ideial, e não a miragem

que o occupava, resplandecia até realizado, alli, ao seu alcance: todavia não tão perto que lhe não fosse mister implorar pertinazmente a sua posse.

As effusões dos nossos lyricos são muito menos complicadas do que as paixões romanticas. Concretizava-se sem desfallecimento o seu sonho, longe de sumir-se ao contacto da realidade, e de estimular-se com esta desillusão para novas fantasias. A amante conservava o seu poder de fascinação, quer se mostrasse surda á voz do adorador como Nize, quer esquiva como Marilia, quer dedicada como Barbara Heliodora, quer faceira até cahir fulminada pela morte como Glaura. De qualquer modo permanecia ella sempre a encarnação da chimera da mocidade, o facho seductor da vida do poeta, quando não igualmente a consolação de suas maguas:

Vê quanto póde
Teu bello rosto;
E de goza-lo
O vivo gosto!
Que, submergido
Em hum tormento
Quasi infernal,
Porqu' inda espero,
Resisto ao mal.

E com que perenne doçura se não dirige Gonzaga a Marilia! com que carinho não impetra d' ella um manso olhar de affecto! como sem nunca cançar-se entôa embevecido as graças que a enfeitam! como sabe elevar essa creatura

ao anhelo de toda a sua alma, á aspiração de todos os seus esforços, porquanto o seu amor é activo, não apenas contemplativo! É d' este modo, possuido da imagem de Marilia, preoccupado em captivar-lhe a fugitiva attenção, que Gonzaga, longe de manter-se, a exemplo de Claudio, no puro terreno do sentimento, não só baixa felizmente á sensação, repudiando o subjectivismo em demasia confinado do amigo para cantar, fóra dos seus unicos lamentos, a belleza physica da mulher amada:

Lizas faces côr de rosa,
Brancos dentes, olhos bellos,
Lindos beiços encarnados,
Pescoço, e peitos nevados,
Negros, e finos cabellos,

Não valem mais que cingires,
Com braço de sangue immundo,
Na cabeça o verde louro?
Do que teres montes de ouro?
Do que dares leis ao mundo?

— como descobre nos quadros da vida animal occasiões para frequentes encantadoras comparações e descripções de um delicado realismo. N' este ponto é Gonzaga unico na escola mineira, encontrando-se até entre as suas lyras esboços do viver patrio, que emparelham na novidade com as allusões á natureza brazileira que em Silva Alvarenga se notam. Vejam-se na Lyra XXVI da Parte I os interessantes esboços dos nossos trabalhos mineiros e agricolas:

Tu não verás, Marilia, cem cativos
Tirarem o cascalho, e a rica terra,
Ou dos cercos dos rios caudalosos,
Ou da minada serra.

Nõo verás separar ao habil negro
Do pezado esmeril a grossa areia,
E já brilharem os granetes de ouro
No fundo da batêa.

Não verás derrubar os virgens matos;
Queimar as capoeiras ainda novas;
Servir de adubo á terra a fertil cinza;
Lançar os grãos nas covas.

Não verás enrolar negros pacotes
Das seccas folhas do cheiroso fumo;
Nem espremer entre as dentadas rodas
Da doce cana o sumo.

E tudo é executado por Dirceo com uma graça tão facil e tão singela, que o tornam o mais deleitoso dos poetas da pleiade. A popularidade da *Marilia de Dirceo** tanto no Brazil como no estrangeiro, onde conta o volume, a meu conhecimento, traducções em francez, hespanhol e italiano, basêa-se n'este predicado essencialmente latino — a clareza, ou por outra, a simplicidade; uma simplicidade de nenhuma maneira parecida com a ingenuidade forçada de alguns mal geitosos imitadores do estro popular,

---

* Era o livro de cabeceira do grande lyrico portuguez, ha pouco fallecido, João de Deus.

senão uma simplicidade composta, como a de Garrett, de muita paciencia e de muita arte.

Toucada sempre com garridice, a linguagem não é vulgar, nem tambem piégas; como não é preciosa ou sobrecarregada a emoção, proclamando elle

> Que, quanto mais corre o pranto,
> He mais doce, e mais sonoro
> Meu terno, e saudoso canto.

Em tudo guarda o autor um sadio equilibrio, que lhe permitte despender muito mais poder imaginativo do que Claudio, adaptar com ligeira e infinda airosidade o guarda-roupa classico ás urgencias do seu naturalismo, e insufflar novos accentos ás cançadas figuras da fabula, sem transmudar em pomposa a expressão transparente, nem quebrar a unidade do seu panegyrico feminino.

Porque as lyras constituem um hymno de amor ininterruptamente suave. As mais das vezes desannuviado — predicado pouco commum no lyrismo portuguez e brazileiro; porém de quando em quando levemente queixosas: principalmente tão humanas sempre, que ninguem lhes resiste á seducção:

> Se mostro na face o gosto,
> Ri-se Marilia contente:
> Se canto, canta commigo,
> E apenas triste me sente,
> Limpa os olhos com as tranças
> Do fino cabello louro.

Que Marilia — essa Marilia a quem mesmo Venus cedia o primado, segundo narra o poeta em seu habito de subordinar as recordações mythologicas e pastoris ao objecto exclusivo da sua inspiração — era esquiva, resulta das proprias composições de Gonzaga. Afim de tentar prendel-a, precisa elle de despertar-lhe a vaidade, insistindo por varias vezes na gloria que se inclue para uma mulher no facto de passar á posteridade celebrada por um engenho poetico:

Que bellezas, Marilia, florecêrão,
De quem nem se quer temos a memoria!
Só podem conservar hum nome eterno
Os versos, ou a historia.

Se não houvesse Tasso, nem Petrarca,
Por mais que qualquer dellas fosse linda,
Já não sabia o mundo, se existirão
Nem Laura, nem Clorinda.

ou ainda:

Minha Marilia,
Se tens belleza,
Da Natureza
He hum favor.
Mas se aos vindouros
Teu nome passa,
He só por graça
Do Deos de amor,
Que tanto inflamma
A mente, o peito
Do teu Pastor.
. . . . . .
Ah! não se manche
Teu brando peito

Do vil defeito
Da ingratidão!
Os versos beija,
Gentil Pastora,
A penna adora,
Respeita a mão,
A mão discreta,
Que te segura
A duração.

Já uma vez referi-me á predilecção litteraria dispensada por Dirceo ao mundo animal, sobre o vegetal. Esta promptidão de receber impressões essencialmente moveis varia n' elle desde os espectaculos da natureza até os desenhos da vida affectiva. Assim quando de antemão traceja a viagem a Lisbôa com a sua Marilia:

Verás que o grande monstro se apresenta,
Hum repuxo formando com as aguas,
Que ao ar espalha da robusta venta;
Verás em fim, Marilia,
As nuvens levantadas,
Humas de côr azul, ou mais escuras,
Outras de côr de rosa, ou prateadas,
Fazerem no horizonte
Mil diversas figuras;

quando sonha com o seu casamento; ou ainda quando imagina-se chegado á capital do reino:

Agora, agora sim, agora espero
Renovar da amizade antigos laços;
Eu vejo ao velho Pai, que lentamente
Arrasta a mim os passos;
Ah! como vem contente;
De longe mal me avista
Já vem abrindo os braços.

Dóbro os joelhos, pelos pés o apérto,
E manda que dos pés ao peito passe:
Marilia, quanto eu fiz, fazer intenta;
Antes que os pés lhe abrace
Nos braços a sustenta;
Dá-lhe de filha o nome,
Beija-lhe a branca face.

A prisão e o torturante processo de Gonzaga produziram naturalmente nas lyras uma mudança da expressão subjectiva, isto é, entrou Dirceo a lamentar n'uma nota persistente a propria desventura, que, em vez de representar-se-lhe na masmorra ou nos tormentos, não era outra senão a separação da sua amada. Para com esta, entretanto, nunca se altera a manifestação: conserva-se carinhosa e timida em seu enlevo, o que, contrastando com a afflictiva situação do poeta, ainda mais provoca o interesse e a compaixão.

Nós sabemos quanto o infortunio descripto nos versos de Gonzaga está longe de ser um artificio litterario, como os que tantas vezes embaraçam e transviam a critica; mas a traducção de uma atroz realidade, infinitamente mais dolorosa em sua verdade do que innumeros ideados dramas romanticos. Por isso constrangem-nos devéras o coração a segurança do poeta no final reconhecimento da sua innocencia:

Succede, Marilia bella,
Á medonha noite o dia:
A estação chuvosa e fria
Á quente secca estação.
Muda-se a sorte dos tempos;
Só a minha sorte não?

. . . . . .
Ha-de, Marilia, mudar-se
Do destino a inclemencia;
Tenho por mim a innocencia,
Tenho por mim a razão.
Muda-se a sorte de tudo;
Só a minha sorte não?

e o discreto desejo em que não cessa de envolver a pouco sensivel, quasi enigmatica Marilia, de quem elle rogava uma lagrima para allivio do seu martyrio:

Se queres ser piedoso,
Procura o sitio em que Marilia móra,
Pinta-lhe o meu estrago,
E vê, Amor, se chora.
Se a lagrimas verter a dor a arrasta,
Huma dellas me traze sobre as pennas,
E para allivio meu só isto basta.

Como acontece com as personalidades de provada tempera, afinou-se e não azedou-se na adversidade a nobre sensibilidade de Gonzaga, guardando suas queixas contra o destino um tom commedido, uma elevação moral que mais enternecidas as torna, e chegando o triste encarcerado na sua bondade ao ponto de articular desculpas para os juizes:

Se á innocencia denigre a vil calumnia,
Que culpa aquelle tem, que applica a pena?
Não he o Julgador, he o processo,
E a lei, quem nos condemna.
. . . . . .

Por outro lado elle, que amava a sua Marilia não sómente pelos dotes physicos que a realça-

vam, como pelos predicados espirituaes que julgára tambem extremarem-n' a — haja vista o *retrato de Marilia*, composição que defrontada com o *retrato de Anarda*, de Alvarenga Peixoto, marca bem a diversidade d' estes dois temperamentos poeticos:

Mal retratares do rosto
Quanto julgares preciso,
Não dês a cópia por feita;
Passa a outros dotes, passa,
Pinta da vista, e do riso
A modestia, mais a graça.
Ah! pinta, pinta
A minha Bella!
E em nada a cópia
Se afaste della.

— redobra de esperançosa confiança no futuro da sua affeição, ardendo apenas por saber a amante consolada, livre das suas penas d' elle.

As habituaes qualidades litterarias de Dirceo reflectem uma tão pura excitação espiritual; augmentando, por exemplo, a vivacidade de evocação physica que o distingue, ao ponto de deixar-nos do seu estado no carcere pinturas impressivas, que bem mereciam pela sua recatada emoção dar, como as de Silvio Pellico, a volta ao mundo da sensibilidade:

Já, já me vai, Marilia, branquejando
Louro cabello, que circula a testa;
Este mesmo, que alveja, vai cahindo,
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas côres,
E vão-se sobre os ossos enrugando,
Vai fugindo a viveza dos meus olhos;
Tudo se vai mudando.

Se quero levantar-me, as costas vergão;
As forças dos meus membros já se gastão;
Vou a dar pela casa huns curtos passos,
Pesão-me os pés, e arrastão.

Demais, clareando o isolamento do captivo, ergue-se continuamente nas *Lyras* — posto que sem nunca importunar-nos semelhante insistencia, pelo contrario attrahindo-nos, dominando-nos em seu exclusivismo espontaneo e sincero —, a imagem da mulher amada, consolação unica do desgraçado;

Mal te vir, me dará em poucos dias
A minha mocidade o doce gôsto;
Verás burnir-se a pelle, o corpo encher-se,
Voltar a côr ao rosto.
. . . . . .
Se dão esses teus meigos, vivos olhos
Aos mesmos Astros luz, e vida ás flores,
Que effeitos não farão, em quem por elles
Sempre morreo de amores?

Degredado mesmo, não se empanna a admiravel mansidão das queixas de Gonzaga:

Leo-se-me em fim a sentença
Pela desgraça firmada;
Adeos, Marilia adorada,
Vil desterro vou soffrer.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

. . . . . .
Da desgraça a lei fatal
Póde de ti separar-me;
Mas nunca d' alma tirar-me
A gloria de te querer.
Ausente de ti, Marilia,
Hei de amar-te até morrer.

E não se diga que era o seu espirito vergonhosamente submisso ás prepotencias, pois que o poeta que em uma extensa lyra protesta com habilidade de jurisperito, a que dá relevo o ardor do namorado, contra a realidade da conspiração, escreveu em outra, da fortuna, esta quadra, a qual manifesta no seu desassombro a alma independente do nacional:

A quem não tem virtudes, nem talentos,
Ella, Marilia, faz de hum Sceptro dono:
Cria n' um pobre berço huma alma digna
De se sentar n' um Trono.

A Alvarenga Peixoto (1744—93) cabe na evolução da escola mineira a tarefa de augmentar o numero dos themas lyricos e de mais directamente incutir-lhes a elevação e o grandioso, herdados na decadencia da epopéa. A sua obra é pouco volumosa porque nos vaivens de um destino ingrato dispersou-se e perdeu-se a mór parte das suas producções; mas as que nos restam, piedosamente editadas pelo laborioso Norberto de Souza, bastam para permittir a determinação dos traços geraes d' aquella interessante physionomia litteraria.

Alvarenga Peixoto é um lyrico objectivista, isto é, que prefere as mais das vezes a auscultar e definir as pulsações intimas do proprio e carinhoso coração, celebrar n' uma bella fórma, cheia, sonora, harmoniosa, os themas geraes, alheios como objecto á sua personalidade. Assim, enaltece, com o mesmo enthusiasmo que varios dos companheiros, a fama de Pombal:

Fructos do teu suor, do teu trabalho,
São todas as emprezas;
Unicamente á sombra de Carvalho
Descansão hoje as quinas portuguezas.
. . . . . .
Vale mais do que um reino um tal vassallo.

Deplora a morte de monarchas e vice-reis:

Injusta morte, soffre o nosso pranto,
Que ainda que és lei a toda a creatura,
Parece não devias poder tanto.

Exalta a belleza e a bondade da soberana, cujo governo é

Freio de rosas posto em mãos de neve.

Louva os administradores coloniaes, um dos quaes, Luiz de Vasconcellos e Souza, elle ainda nos interrogatorios collocaria acima de Augusto. Glorifica emfim as façanhas dos portuguezes:

Honradas sombras dos maiores nossos,
Que estendestes a lusa monarchia,
Do torrado Equador á zona fria,
Por incultos sertões, por mares grossos.

Casado com uma senhora distinctissima, pai de familia extremoso e feliz, o poeta desdenha os amores illicitos, tão ardentes quão travosos, para em descanço gozar das alegrias do lar. O amor conjugal e o amor paterno accordam sómente no seu estro as notas captivantes da confiança e da ternura; e quando por acaso, entre os versos dedicados a Barbara Heliodora, sua mulher, e a Maria Iphigenia, sua filha, intromette-se sorrateiro algum elogio de estranha deidade, achamol-o sempre feito n' um tom ligeiro e picante que traduz bem a superficialidade do sentimento. O *Retrato de Anarda* é n' este genero uma composição graciosissima: não a repudiaria qualquer dos mais afamados e requintados poetas-cortezãos da velha Europa, sendo que ao gosto Regencia, á facilidade seculo XVIII, em que sem roçar na obscenidade o artista entôa as perfeições do capricho dos seus sentidos, ha a juntar uma enorme diminuição do amaneirado, uma espontaneidade realmente deliciosa, que são o brazão da poesia mineira:

A minha Anarda
Vou retratar,
Se a tanto a arte
Puder chegar.
Trazei-me, amores,
Quanto vos peço,
Tudo careço
Para a pintar.
. . . . . .
Vagos desejos
Da boca as brasas

As frageis azas
Deixão queimar.
Trazei-me, amores,
Coraes subidos,
Rubins polidos,
Para a pintar.
. . . . . .
Do peito as ondas
São tempestades,
Onde as vontades
Vão naufragar.
Trazei-me, amores,
Globos gelados,
Limões nevados
Para o pintar.
. . . . . .
Porte de deosa
Spirito nobre,
E o mais, qu' encobre
Fino avental.
Só vós, amores,
Que as graças nuas
Vedes, as suas
Podeis pintar.

Tanto tem de sensual e de exterior esta lyra erotica quanto de tocante e de sentida a que do carcere o poeta dirigiu á esposa:

. . . . . .
Tu, entre os braços,
Ternos abraços
Da filha amada
Pódes gozar;
Priva-me a estrella
De ti e d' ella,
Busca dous modos
De me matar!

O espirito activo e emprehendedor de Alvarenga Peixoto — que, conforme apontei, desprezára os proventos pacatos do funccionalismo para lançar-se nas especulações aleatorias da mineração, por cuja causa se endividára, posto que importantes bens territoriaes garantissem a sua solvabilidade — formava mesmo da effusão affectiva um conceito differente do acalentado pelo melancholico Claudio ou pelo sentimental Gonzaga. O amor constituira sempre para elle um desfastio loquaz, não uma paixão merencoria. O casamento e a estima leal e profunda por Barbara Heliodora tinham-n' o mais tarde defendido contra as tristezas do desejo mal recompensado e os desvarios da irregularidade. Nem Alvarenga Peixoto que, sceptico em tal assumpto como um Lauzun ou um Richelieu, sorri indeciso n' um conhecido soneto entre a linda Estella e a bella Nize, comprehendeu jamais, embora de outra vez mais vivamente empolgado o coração do que então por aquellas duas faceiras, o facto do amor conduzir á vergonha e ao desespero:

> Não cedas, coração; pois n' esta empreza
> O brio só domina; o cego mando
> Do ingrato amor seguir não deves, quando
> Já não pódes amar sem vil baixeza.

Em vez de dispersal-os ao sabor de ephemeras, e quando não ephemeras, torturantes paixões, guardava assim o poeta os seus mais cálidos enthusiasmos para outros objectos: para a familia, para o trabalho e para o sentimento patrio.

A natureza n' elle exercia uma acção benefica e duplamente estimulante. Com suas opulencias incitava-o á labutação; com suas pompas impellia-o a uma mais sadia concepção litteraria:

> Para nós só queremos
> Os pobres dons da simples natureza,
> E seja vosso tudo quanto temos.
> (Ode a D. Maria I.)

Traduz-se essa concepção não só no vigor da fórma, na fluencia da linguagem, nas locuções imaginosas si bem que peccando ainda por convencionaes, isto é, faltas do *caracter* romantico, n' uma palavra nos predicados externos. Traduz-se mais no particularismo da comprehensão nacional que Alvarenga Peixoto partilha com Durão, e que representa o inicio do posterior indianismo. Elle nol-o mostra no seu *Sonho* de artista e de patriota:

> Eu vi o Pão de Assucar levantar-se
> E no meio das ondas transformar-se
> Na figura de um Indio o mais gentil,
> *Representando só todo o Brazil.*

Ostenta Silva Alvarenga (1749—1814), d'entre os quatro grandes lyricos da escola mineira, a obra porventura mais completa e certamente mais variada. É elle de resto quem constitue o mais acabado exemplar da poesia colonial; quem, pelo seu individualismo mais facetado, pelo seu gosto litterario mais complexo, pela rutilancia mais nacional da sua linguagem, marca, apezar de

classico, a transição para os novos ideiaes romanticos. Herdeiro a um tempo, á parte a maneira e o gráo de impressão peculiares a cada autor, da fórma excellente de Claudio, do estremecimento amoroso de Gonzaga e da sumptuosidade altaneira de Alvarenga Peixoto, reune-lhes a invenção verbal e o colorido, um colorido mais particularista que geitosamente sabe combinar com aquelles predicados geraes. Os criticos nacionaes e estrangeiros — Sismondi, o portuguez Costa e Silva, Norberto de Souza, Sylvio Romero e outros — são unanimes em apontar o caracter local como a qualidade mais propria a Silva Alvarenga.

Educado no culto das lettras classicas, leitor enthusiasta de Horacio; traductor diz-se que emerito de Anacreonte (trabalho infelizmente extraviado); seguidor dos bons modelos portuguezes em algumas composições, como por exemplo *A Tempestade* e a outra canção ao vice-rei Luiz de Vasconcellos: *Alcindo Palmireno* talvez mais do que Claudio e sem duvida mais do que Alvarenga Peixoto libertou-se em outras poesias, nas realmente subjectivas, da excessiva influencia arcadica, que n' estes põe com maior frequencia em discordancia a sinceridade da inspiração e o convencionalismo da fórma ou da lingua, o lyrismo espontaneo e a corrente litteraria em voga. Como Gonzaga, como muito antes o *Judeu*, Silva Alvarenga encontrou nas modinhas tradicionaes uma fonte de intima singeleza do estro e indirectamente de remodelação externa do rythmo. Os

seus rondós a Glaura, aliás calcados sobre um genero poetico francez, feitos para serem cantados — Silva Alvarenga era ao mesmo tempo que poeta musico prendado — tiraram da approximação da musica popular grande parte da gracilidade e da voluptuosidade que os distinguem.

Si n' essas poesias encontrou Costa e Silva palpaveis estudos de Metastasio, encontram-se tambem n' ellas um gosto differenciado, um sabor mais accentuadamente patrio que as tornam, senão na naturalidade e na emoção, em outro sentido superiores ás lyras de Gonzaga. Além d' isso estas, posto que mais cheias de ingenuidade e mesmo de delicadeza, ferem em excesso, mesmo no carcere, a corda da esperança sentimental, ao passo que os rondós objectivamente dividem-se, embora por circumstancias alheias á intenção do poeta, em duas classes: os alegres e os melancholicos, os repletos de promessas no futuro e os cheios de desanimo pela morte da amada.

Não só tão infausto acontecimento, como depois a prisão e os quasi trez longos annos de carcere reflectiram-se, segundo contam seus biographos, no temperamento do autor, trocando-lhe em persistente hypocondria o genio folgazão. A jovialidade o distinguira d' antes tanto, que não só lhe conciliára todas as affeições desde o tempo em que seu pai, pobre musico de Villa Rica, procurava obter-lhe superior instrucção, até que, não obstante luctar contra o preconceito da côr, Silva Alvarenga obtinha na sociedade fluminense uma posição definida e respeitada; como se re-

velára em varios poemas, sonetos e outras composições satiricas, denunciando atravez do estylo polido uma notavel penetração dos vicios e ridiculos humanos e uma expressão facilmente galhofeira. Na facecia intencional e na paixão cálida era pois duplamente brazileiro o poeta, quando mesmo o não mostrasse ser na influencia recebida do meio physico: porquanto a natureza o não prende apenas pelos seus cambiantes universaes, como nas quatro formosissimas composições que trazem por titulos *A Aurora*, *O Meio Dia*, *A Tarde* e *A Noite;* senão trai-se a nacionalidade do autor nas recordações tão imprevistas, tão interessantes em si e pelo inedito, da fauna e da flora americanas.

Perante taes innovações, que tornam incomparavelmente mais impressivas aquellas descripções campestres, nas quaes a fórma já apparece um tanto forra de castigados moldes, dotada de uma factura vigorosa e de uma sonoridade rica, desvanecem-se para o critico nacional as repetidas lembranças pastoris que Costa e Silva aponta como um defeito de Silva Alvarenga. Ellas com effeito correm parelhas, segundo o gosto da epocha, com as allusões mythologicas, deixando perceber demasiado por traz do metrificador audacioso, que acompanhava Basilio da Gama na confecção dos alexandrinos e inaugurou nos rondós a rima por hemistichios, o professor erudito, gordamente alimentado de antiguidade classica.

Não só porém nas alterações de rythmo e de

metro revela-se Silva Alvarenga predecessor do romantismo — a grande revolução litteraria que, dando a mais ampla vida ao sentimento, preparou-lhe novos modos de expressão poetica —: revela-se sobretudo na animação que insufflou ao estylo, fornecendo-lhe maior flexibilidade, mais nervo e mais brilho, e na comprehensão affectiva.

Os seus idyllios rusticos são um quasi nada affectados em seu mimo; as suas imprecações um quasi nada buscadas na sua vehemencia; os seus madrigaes um quasi nada preciosos na sua sensualidade communicativa ou na sua magoa lacrimosa; as suas composições em geral um quasi nada buriladas em excesso no seu precoce parnasianismo, mormente ao pé das de Gonzaga. Todavia atravez das folhagens gentis da sensualidade ou das sombrias ramagens do desespero transparece uma tonalidade que as faz inclinar com força para a natureza, que com vontade as impelle para a verdade. É o travo da melancholia, em parte oriunda do sentimento amoroso, em parte alheia ao assumpto immediato, mais ou menos identica áquella melancholia visivel em Claudio, outro espirito que nos pintam de constituição jovial apezar dos desgostos intimos e das preferencias contrariadas. Provavelmente em ambos se filiaria muito d' esse amargor na disparidade que os engenhos coloniaes entravam a estabelecer entre o talento que em si reconheciam e a inanidade da sua funcção social, especialmente comparada com o accesso aberto nos Estados Unidos e em França a todas as capacidades:

Cajueiro desgraçado,
A que fado te entregaste,
Pois brotaste em terra dura,
Sem cultura e sem senhor!

Mas se esteril te arruinas,
Por destino te conservas,
E pendente sobre as hervas
Mudo ensinas ao pastor.
Que a fortuna é quem exalta,
Quem humilha o nobre engenho:
Que não vale humano empenho,
Se lhe falta o seu favor.

(Rondó *O Cajueiro.*)

Quando mesmo o travo se não percebe, a satisfacção não é commummente expansiva: encerra um grão de desconfiança nos fados propicios, que a envenena, que a restringe nos limites da duvida. Si aqui e além rompe alguma nota inteiramente jubilosa, é o amor que exclusivamente a instiga, derrubando na expansão da sua lubricidade quaesquer embaraços ao seu canto glorioso:

Sem o amor, ó Glaura, tudo
Era mudo e triste e feio;
Tudo cheio de alegria
N' este dia o vê tornar.

Vem comtigo a formosura
E as delicias d' este monte:
Dá valor ao prado, á fonte,
A ventura de te amar.
N' outro tempo a esteril serra
Teve a côr das minhas magoas;
Hoje brilha o sol nas agoas,
Ri-se a terra, o céo e o mar.

(Rondó *A Alegria.*)

Deparamos aqui na escola mineira com uma feição discordante na consagrada expressão affectiva. Conhecia-se o amor pomposo das tragedias; o amor alambicado das pastorelas; n' uma palavra, o amor convencional de toda a litteratura classica. Surge agora o amor natural: erotico, dominado pelos sentidos, impulsivo, emprehendedor e, quando ferido pela desgraça, dolorido em Silva Alvarenga, como o vimos queixoso em Claudio, acariciador em Gonzaga, frivolo ou sereno em Alvarenga Peixoto. Em Silva Alvarenga elle é antes o desejo, enroscando-se palpitante nos encantos de Glaura, a qual o poeta adorna das côres mais formosas e elegantes; supplicando-a que não resista ás preces do adorador:

O infeliz não mais consumas:
Ache o riso em teu regaço,
E o verás n' um breve espaço
Lindas plumas renovar.

(Rondó *O Desejo.*)

A paixão voluptuosa embebe todo o ser do poeta. Torna-se para elle fonte exclusiva de contentamento e de magoa:

Duro amor, ingrato e fero,
Que me opprimes noite e dia,
Se me levas a alegria,
Não espero mais gozar.

(Rondó *Echo.*)

É assim, perseguindo a sua chimera, arremessando as suas queixas, as suas illusões e os

seus soffrimentos ao seio da natureza amiga, que Silva Alvarenga enceta a poesia doridamente subjectiva; a poesia que, subindo depois do erotismo e da melancholia á lascivia insaciavel e finalmente ao desespero, assignalaria o auge de uma das correntes do romantismo, a do lyrismo pessoal e amoroso.

Á natureza dirige-se Silva Alvarenga, e dirige-se a ella com tanto maior effusão quanto a comprehende e a estremece. A sua fantasia, que divaga ao traçar as seducções de Glaura, acalma-se ao esboçar n' uma fórma sempre tocante e sempre bella os quadros campezinos. São por certo os aspectos geraes e comesinhos que impressionam o poeta. Outros descobririam mais tarde contornos particulares, impressões ineditas, manifestadas em comparações imprevistas e em descripções suggestivas: mas Silva Alvarenga é ainda pobre nos similes. O rio, imagem do movimento e da vida:

> Volve o rio as puras agoas,
> Vai correndo e não descança;
> Assim foi minha esperança,
> E só magoas me deixou.
>
> (Rondó *Á Morte.*)

o passarinho, symbolo da ternura:

> Glaura chamo sem conforto,
> E só echo me responde:
> Glaura busco e não sei onde,
> Nem se morto ou vivo estou.

Assim triste passarinho
A consorte em vão procura,
Que farpada setta dura
Do seu ninho arrebatou.

(Rondó *Á Morte.*)

a pomba e a ovelha, representações da delicadeza e da debilidade:

Entre as mãos do fado acerbo
Eu te vi desfalecida,
Qual a pomba já ferida
Do soberbo, iniquo açor.
Tal a ovelha mais formosa
Levas, tigre ensanguentado:
Assim rompes, tosco arado,
A mimosa e tenra flôr.

(Rondó *A Saudade.*)

continuaram a fornecer-lhe adornos litterarios, graciosos, posto que pouco originaes e deslustrados pelo uso.

Existe porém nos seus versos alguma coisa mais do que o regrado bucolismo arcadico: existe um appello claro e vibrante ao que a grande *mater* encerra de vivo e de regenerador.

Se algum dia, Glaura bella,
Visitar estes retiros;
Ouça os miseros suspiros,
Que infeliz entrego ao ar.
Seja este aspero rochedo
Quem repita as minhas mágoas;
E o ruido d'estas agoas
Quem lhe pinte o meu pesar.

(Rondó *Os Suspiros.*)

E a originalidade da invocação augmenta, caracteriza-se por vezes com as mencionadas indicações, e não propriamente descripções da natureza peculiar do Brazil.

Glaura todavia sobrepuja a propria natureza. Ella é a rainha gentil do bosque e do prado, a fada que recebe perennes homenagens, a deidade que venturosa domina o universo. A primavera que o poeta frequentemente retrata com suas galas e suas alegrias, é apenas o palco adequado ao florir d'aquella maravilha:

Quanto, ó ninfa, é venturosa
Essa rosa delicada!
Invejada no teu peito
Satisfeito a vê o amor!

Se no adorno teu se emprega,
Vale mil e mil boninas;
Mas se o seio lhe destinas,
Nada chega ao seu valor.
Eu lhe vejo um só desgosto,
Que nas folhas mal encobre;
Pois conhece que é mais nobre
Do teu rosto a bella côr.

(Rondó *A Rosa.*)

E como não amar a Glaura, de um amor impetuoso e absorvente, si até o deus desdenha e maldiz o pastor que, agora consternado, furtou-se de começo ao seu tyrannico imperio:

Pela gloria a que aspiraste
Desprezaste os meus thesoiros;
De teus loiros adornado,
Desgraçado, vai chorar.

(Rondó *Amor Irado.*)

Os rondós pertencentes á segunda cathegoria mudam o arrebatamento em saudade:

Sobre a penha afflicto e terno
Gravarei funesta historia;
E das ninfas na memoria
Fique eterno o meu ardor.
Cercarei de roxos lyrios
O lugar em que descanças:
Ai, perdidas esperanças,
Vãos delirios do pastor!

(Rondó *A Saudade.*)

A emoção espiritualiza-se; a sensação torna-se sentimento; a agitação de physica passa a moral. A lembrança que acompanha sem remissão o poeta já não é tanto a das fascinações de Glaura, como a da sua presença que consolava as penas do pastor, a da sua affeição que lhe tornava suave a vida e transfigurava magicamente os objectos:

Pôde, ó Glaura, o fatal dia
Arrancar-te dos meus braços!
Ai amor, ai ternos laços
Onde eu via o meu prazer.
Só por Glaura se alegravão
Faunos, dryades, pastores:
Estes campos, estas flores
Respiravão só de a ver.

(Rondó *As Cordeirinhas.*)

Mais do que nos outros rondós, a naturalidade da manifestação e o calor da vibração psychica involuntariamente esforçam-se por desprender-se dos moldes classicos e por adejar sobre o acervo

de recordações avelhadas, que pejam as estancias dos poetas portuguezes do seculo findo. A fórma persiste invariavelmente correcta, e assim como n' aquelles rondós alegres, menos commovidos, disfarçava com o mimo a superficialidade e por vezes a affectação, nos tristes assume com a languidez uma nota mais penetrante. A flor da saudade afigura-se-nos comtudo um goivo melancholico, não uma rubra dahlia petulante ou uma funebre perpetua, isto é, a tristeza de Alcindo nos não apparece allucinada ou irremediavel. É forte, é real, é convicta, sangra á recordação das doçuras de outr' óra; mas é composta, quiçá susceptivel de mitigar-se, ainda que elle exclame:

> Já meus olhos não têm agoas,
> Nem limite o padecer;

e descortine em todos os objectos pretexto para afflicção:

> Quando vejo o sol doirado
> Desmaiado sobre as agoas,
> Crescem magoas n' alma afflicta,
> E palpita o coração.
>
> (Rondó *O Sol.*)

É porém com os madrigaes que Silva Alvarenga colhe suas melhores victorias de poeta. São estas composições as que elle peculiarmente dotou de uma elegancia discreta, de um garbo senhoril, de uma graciosidade merencoria, de um rythmo seductor, de uma ternura singular, n' uma palavra

de uma fórma tão acabada e linda que dir-se-hiam versos de um parnasiano dos nossos dias, o qual houvesse todavia repassado de sinceridade a sua perfeição.

A tonalidade dos madrigaes é menos viva que a dos rondós: o desejo e a dôr nos primeiros notam-se mais desmaiados, si bem que envoltos n' uma superior delicadeza de expressão, realçada por um aroma combinado e inebriante de saudade e de voluptuosidade que muito lembra o das modinhas. Offerecem comtudo os madrigaes, além da cadencia sensual e fascinadora das nossas musicas populares, uma rara distincção, um ar palaciano que a preciosidade não logra corromper, antes deixa n' elle vasto lugar para o sentimento, predicado e gloria da escola mineira. Graças a este sentimento, revestem-se os madrigaes de uma morbidez, de uma attracção, de um donaire essencialmente brazileiros, tingindo agradavelmente a correcção arcadica dos versos e a trivialidade pastoril das imagens, tão usadas pelo poeta apezar de na chistosa epistola ao seu querido amigo Basilio da Gama reconhecer que

O que se fez vulgar perdeu a estimação.

A par da tristeza rebuscada dos neo-classicos, ha no emtanto em Alcindo Palmireno, como temos observado, a tristeza captivante em sua espontaneidade, a naturalidade encantadora em sua suavidade do lyrico nacional, que se accentuam no movimento romantico, adornando-se pela evolução litteraria com a doçura enternecida de

um Casimiro de Abreu e com o pantheismo desalentado de um Fagundes Varella.

É evidente que tristeza e naturalidade são ambas em Silva Alvarenga commedidas, regradas. A frieza das convenções derrete-se porém ao ardor das emoções subjectivas. N' uma longa serie de madrigaes suspira Alcindo por sua Glaura, minado pela duvida, tremulo da incerteza; e quando a enxerga, o anceio invade-lhe todo o ser e o jubilo irrompe d' estes versos communicativos:

Ao longe a bella Glaura me apparece;
Não sei que resplendor nos ares vejo!
O coração, a lingua, desfalece,
Entre suspiros vôa o meu desejo!
Em vão, em vão forcejo:
Piedade, amor, soccorro;
Que de prazer e de ternura morro!
E se este puro effeito ao longe sinto,
Ao perto ... ó céos! que imagens n' alma pinto!

A apparição é infelizmente passageira. O poeta volta depressa ao seu habitual soffrimento:

Cuidados tragadores,
Deixai-me respirar um só momento;
Que em misero lamento e tristes dôres
Me vai fugindo a vida.
A sombra da mangueira me convida:
O zephyro mimoso, a fonte pura,
Tudo, tudo murmura de saudade!
Ó doce amenidade! ó gratas flôres!
Cuidados tragadores,
Deixai-me respirar um só momento;
Que eu já tórno infeliz ao meu tormento.

Sobreveem-lhe mais tarde novas esperanças;

Aurora rutilante,
De quem foge assustada,
E triste e desmaiada a noite escura,
Torne comtigo em carro de diamante
Do novo dia a luz serena e pura.
Glaura espero ... ó prazer! oh que ventura
Para o saudoso amante!
Aurora rutilante,
Vestida de mil côres,
Vem alegre animar os meus amores.

A morte entretanto ceifa bem rasas as ephemeras alegrias do pastor, que apenas serviram para tornar mais frisante a desolação do seu infortunio, e interessar-nos mais de perto a essa singela historia de amor, tão commovedora embora composta com dois unicos tons, o tom claro de uma rara e vehemente satisfacção e o escuro de uma constante e languida melancholia:

Mortal saudade, é esta a sepultura;
Já Glaura não existe;
Ah como vejo triste em sombra escura
O campo, que alegravão os seus olhos!
Duros espinhos, asperos abrolhos
Vejo em lugar das flôres:
Chorai, ternos amores,
Chorai commigo a infausta desventura:
É esta a sepultura:
Meu coração á magoa não resiste:
Glaura bella. ai de mim! já não existe!

Sob qualquer das faces triumpha o amor: açoita como desejo e chora como saudade, domi-

nando sempre o estro de Silva Alvarenga, cujos melodiosos madrigaes fecham com trez versos que constituem o testamento legado pela escola mineira ao romantismo, na sua phase pelo menos de lyrismo plangente que a critica adjectivou, porventura um pouco exclusivamente, com o epitheto de lamartiniano:

> Ó agoas de meus olhos desgraçados
> Correi, correi; que na saudosa lida
> Bem pouco ha de durar tam triste vida.

Contrapõem-se na obra poetica de Silva Alvarenga aos rondós e madrigaes, manifestações restrictamente pessoaes, outras composições taes como odes, idyllios, egloga, não muito menos formosas de estylo, posto que recheadas da uncção classica, destituidas por conseguinte de qualquer caracter não só pela sua unica natureza lyrica objectiva, como pelas proprias qualidades litterarias. O estro de Alcindo Palmireno approxima-se aqui do de Alvarenga Peixoto, e no reino do de Bocage. Nas producções similares dos trez poetas predomina, não fallando em caracteristicos individuaes, a mesma fórma altaneira, o mesmo arroubo theatral, a mesma grandiloquencia exterior herdados da epopéa. Conserva-se portanto a linguagem de Silva Alvarenga fluente, harmoniosa, castiça, mas na realidade fria, sem a paixão da de suas poesias subjectivas e sem as picantes, ainda que raras novidades de vocabulario d' estas composições.

O exaggero de ideias e de sentimentos do

classicismo — que tambem o tinha dentro dos limites da ponderação e da gravidade — emprega-se em tributar homenagens, na mór parte immerecidas, a monarchas de Portugal e a seus representantes na *Lusa America;* em celebrar velhas e modernas glorias luzitanas, sendo para admirar-se a inventiva capaz de estabelecer tal continuidade heroica; em edificar allegorias como a do *Templo de Neptuno*, á qual, abstrahindo da pureza de estylo do poeta mineiro, parecem applicar-se os versos satiricos da epistola a Basilio da Gama:

> Se falla um deos marinho, e vem a borbotões
> Amejoas e perseves, ostras e berbigões;

finalmente em reeditar, posto que de um modo encantador, os eternos queixumes de Theseo a Ariadna, e escutar ternos desafios de pastores, minutados em uma egloga que nos fornece mais uma vez o feliz ensejo de ver transformada em placida, e não obstante commovida nota affectiva, a voluptuosa tonalidade de grande numero dos rondós. A Mirtilo, que canta:

> Amor, faze que o tempo ao dar seus gyros
> Não roube a Celia as graças singulares;
> Que eu levarei contente aos teus altares.
> Minhas maguas, meus ais, e os meus suspiros.

— responde Alcindo:

> Embora, Glaura, um dia a desventura
> Consuma a viva côr do teu semblante;
> Amo o teu coração, fiel, constante,
> Que vale mais que toda a formosura.

Alvarenga Peixoto é todavia superior a Silva Alvarenga fóra do terreno amoroso, porque, como veremos, soube amoldar a elevação do estylo classico a alguns pensamentos generosos: politicos e mesmo humanitarios. Em Alcindo Palmireno guardam-se mudos taes accentos litterarios, e a correcção arcadica torna-se supinamente inane desde o momento em que não serve sequer para enfeitar commummente com as suas sobrias mas legitimas galas, os estremecimentos de um coração enamorado ou as aspirações de um espirito emancipado. Nós porém não ignoramos que, máu grado a ordinaria vacuidade das suas referidas producções objectivas, o poeta dos rondós e dos madrigaes, a victima do conde de Rezende, era uma e outra coisa: possuia uma alma meiga e uma intelligencia desafogada; revelou-se um amante e um patriota.

O estro de Silva Alvarenga manifesta-se outrosim tão intuitivo, tão progressivo, que longe mesmo do lyrismo subjectivo, se afoita a rasgar novos horizontes á poesia brazileira. No poemeto *As Artes* reside um verdadeiro escorço de poesia scientifica, esta muito posterior reacção de um periodo experimental contra o subtil, torturado e loução parnasianismo, a qual levantou-se em nome da emoção humana — vibrando ao contacto dos ideiaes da sciencia e das conquistas da civilização, já que parecia exgottado pela desordem romantica o sentimento affectivo — contra a impassibilidade da arte pela arte, theoria tanto mais esteril, mesmo n'um Leconte de Lisle, quanto

a arte é "uma invenção da especie" e por conseguinte uma creação derivada da sensibilidade, trazendo bem estampado o cunho da personalidade.

As Artes que

> . . . . . gemeram desprezadas
> Da nobre Lysia no fecundo seio.
> Hoje cheias de gloria resuscitam
> Até nestes confins do Novo Mundo.
> Graças á mão augusta que as anima!

O poeta d' ellas tece uma descripção exacta e graciosa, começando pela mathematica:

> Vejo grave matrona meditando
> Com os olhos no céo; a mão exacta
> Dos planetas descreve o movimento;
> Por justas leis calcula, pesa e mede
> Forças, massas e espaços infinitos.

Seguem-se a physica,

> Da firme experiencia sustentada,

a historia natural, a chimica:

> Por tua mão laboriosa vejo
> Em pedra transformar-se a molle argila,
> Em crystal as arêas: tu desatas
> A união dos metaes, e ainda esperas
> Formar o ouro brilhante, que ennobrece
> Da inculta patria minha os altos montes.

a medecina, a cirurgia, a geographia, a historia, finalmente a poesia. E termina Silva Alvarenga fazendo a musa da eloquencia e da epopéa pro-

ferir o elogio da soberana portugueza, que tão illustres estros possuio a celebrar-lhe os imaginarios encantos e talentos e a real magnanimidade:

> Chegam por vós aos mais remotos climas
> Premiadas as artes: eu as vejo,
> Eu as ouço que, juntas neste dia,
> Entre os transportes de prazer entoam
> Ao vosso amavel nome eternos hymnos.
> Elles voam, levando ao céo sereno
> Nas brancas azas os mais ternos votos
> De respeito e de amor que vos consagra
> Rude, mas grato, povo americano.

Sabem todos os brazileiros quão amarga e uniforme pezou a desventura sobre estes quatro distinctissimos vultos da nossa litteratura colonial. Trez d' elles acharam-se com effeito enleados nas violencias suscitadas pelos bem platonicos preparativos de uma rebellião, á qual até faltára no ultimo momento o motivo immediato: a derrama do fisco por causa dos quintos devidos ao real erario. Viu-se o quarto envolvido em 1794 em acontecimentos derivados do projecto de 1789: a dissolução pelo conde de Rezende de uma sociedade litteraria, a breve trecho substituida por uma associação secreta, em que conversavam inoffensivamente lettras e muito provavelmente politica — pois que os acontecimentos da França dominavam as almas e entravam a inflammar o rastilho que Albert Sorel tão finamente acompanhou atravez da Europa nos seus trabalhos historicos — alguns "idolatras occultos da liber-

dade", como justamente os qualificou Norberto de Souza. A companhia congregada por Silva Alvarenga encontrou comtudo para vexal-a um miseravel denunciante, um vice-rei desalmado e juizes meticulosamente torturantes, cessando apenas a cruciante devassa por acto de clemencia do principe regente D. João.

A propria e mais seria conjuração mineira fôra tambem praticamente levante de palavras, que não de actos, contra a metropole, a qual os mesmos conjurados acatavam como um meio superior na illustração e na nobreza, detestando-a embora como tutora rotineira e oppressiva. Claudio, por exemplo, manifestava vivas saudades de Portugal, que reputava um campo mais aberto á especulação mental: pungiu-o sempre a baixeza intellectual de que em Minas se via geralmente rodeado. Alvarenga Peixoto tributou constantemente em seus versos a maxima consideração ao velho reino, ainda que no fragmento da segunda ode a D. Maria I se entre a notar o desengano das suas esperanças, o desanimo das suas illusões vangloriosas:

Que fez a natureza
Em pôr n' este paiz o seu thesouro
Das pedras na riqueza,
Nas grossas minas abundantes de ouro,
Se o povo miseravel? .... Mas que digo!
Povo feliz, pois tem o vosso abrigo.

Basilio da Gama, Silva Alvarenga, outros mais, acharam no generoso acolhimento do grande

Pombal motivo para gratidão e apego á terra luzitana; particularizando-se, como observei, Alcindo Palmireno pelos versos extremamente encomiasticos que borbulhavam da sua imaginação fogosa, e pelo papel que espontaneamente assumiu de cantor officioso do vice-rei Luiz de Vasconcellos e da filha de D. José:

> Ergue benigna a mão, rainha augusta,
> A poderosa mão, a quem adora
> E teme o occaso, a aurora,
> Os frios polos e a região adusta;
> Ampara o novo genio americano
> Que sóbe a par do grego e do romano.
> *(A Tempestade.)*

Semelhante ternura ou respeito pelo paiz europeu onde haviam seguido seus estudos, ensaiando livremente os seus estros, e passado sua descuidada mocidade, barateando as effusões dos sentidos, influio de certo muito no temor e contribuio para o arrependimento que apoderaram-se dos conjurados ao sentirem a crueldade das perseguições officiaes. Claudio, um timido, apóz ter-se acobardado e retractado nos interrogatorios, suicidou-se de medo no carcere — si bem que algumas tradições oraes, fortalecidas pela ausencia de dados contrarios dignos de grande fé e pela apontada obscuridade ou ambiguidade dos documentos judiciarios, indiquem como assassinato a morte do poeta em sua cella. Apenas esquecem-se aquellas tradições de frisar a conveniencia, ou provar a utilidade, da isolada exe-

cução summaria de um dos actores menos resolutos do movimento.

Alvarenga Peixoto, um expansivo, fez aos juizes confissões completas, delatando os seus amigos mais chegados. Gonzaga, um sentimental, aferrado á vida e ao amor, nutriu-se de esperanças emquanto na prisão, mas depois, duramente solitario no exilio, succumbiu á desdita e morreu conta-se que louco em Moçambique, declamando quiçá as quadras em que a si mesmo presagiára uma ridente velhice:

. . . . . .
Descansarei o já vergado corpo
Na tua mão piedosa,
Na tua mão nevada
. . . . . .
Assim irá, Marilia, docemente
Meu corpo supportando
Do tempo deshumano a dura guerra.
Contente morrerei, por ser Marilia
Quem sentida chorando
Meus baços olhos cerra.

O patriotismo que inspirára a conspiração, em cuja indecisa urdidura não póde ficar rigorosamente discriminado o papel apagado de cada um d' esses poetas, não era ainda o sentimento decidido e cégo que em 1817 fortaleceu o padre Roma, Domingos Martins e outros revolucionarios pernambucanos. Era uma ficção fluctuante de liberdade e de grandeza, que a fantasia gerára em cerebros impressionaveis, sem que porém a amparasse o valor moral. Fraquejaram os poetas

mineiros por falta de uma tradição de independencia que os alentasse, pelo habito da sujeição politica, pela inconsistencia do seu plano de rebeldia: todavia não por mingua de amor ao paiz natal, que vivo o possuiram e de tão nobre sentimento foram martyres na lugubre masmorra e no doloroso exilio, sinistramente terminado pela morte isolada, erma de quaesquer carinhos, hedionda na sua nudez, e ainda assim recebida como libertadora.

Pelo lado litterario e pelo lado da acção attingem esses escriptores coloniaes, nos fins do seculo XVIII, o auge do sentimento de nativismo, realçando poderosamente por meio dos seus desejos de independencia o aspecto nacional da escola poetica que representam.

Brazileiros são todos os nascidos na America Portugueza, e no numero contavam-se alguns da melhor especie; constitue a possessão uma patria nova; devem-lhe seus filhos de todas as côres:

> Os heróes das mais altas cataduras

e tambem os

> Pardos e pretos, tintos e tostados,

os maximos esforços para que a terra grosseira se torne decorativamente opulenta, e mais do que isso, culta — eis, afóra as louvaminhas usuaes em versos de tal natureza, a summula do *Canto Genethliaco* endereçado por Alvarenga Peixoto ao governador de Minas D. Rodrigo José de Menezes por occasião do baptizado de seu filho D. José.

Na referida composição, sem duvida a melhor, de mais vigorosa factura e de mais fertil imaginação, das produzidas pelo estro objectivista do sympathico poeta, talvez mesmo por adaptar-se felizmente ao genero o seu temperamento folgazão, desabrocha o affecto patrio com franqueza tamanha que até formula desculpa para o atrazo do meio em que brilhavam os talentos mineiros. Nos quatro seguintes versos, com que fica rematado este estudo critico, vibra mais do que a alma desvanecida de um só poeta; vibra a alma de uma nação; lateja a consciencia de uma legião de espiritos que erguer-se-hiam pouco depois sofregos por emanciparem-se:

Isto, que Europa barbaria chama,
Do seio de delicias tão diverso,
Quão differente é para quem ama
Os ternos laços do seu patrio berço!

BIBLIOGRAPHIA.

Sylvio Romero. Historia da litteratura brazileira. Rio de Janeiro. 1888.

Nadaillac. L'Amérique préhistorique. Paris. 1883.

Dr Ladislau Netto. Investigações sobre a archeologia brazileira. Rio. 1885.

Carlos Frederico Hartt. Contribuições para a ethnologia do Valle do Amazonas. Rio. 1885.

Dr J. B. de Lacerda. O Homem dos sambaquis: Contribuição para a anthropologia do Brazil. Rio. 1885.

Dr J. R. Peixoto. Novos estudos craneometricos sobre os Botocudos. Rio. 1885. (Estes quatro ultimos estudos no volume VI dos Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro.)

Dr Ferraz de Macedo. Ethnogenia brazilica. Lisbôa. 1886.

Gustave Le Bon. Les lois psychologiques de l'évolution des peuples. Paris. 1894.

Dr Paul Ehrenreich. Die Einteilung und Verbreitung der Völkerstämme Brasiliens nach dem gegenwärtigen Stande unserer Kenntnisse. Berlin. 1891.

—— Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens. Berlin. 1891.

Couto de Magalhães. O Selvagem. Rio de Janeiro. 1876.

Sylvio Romero. Contos populares do Brazil, com um estudo preliminar de Theophilo Braga. Lisbôa. 1886.

—— Cantos populares do Brazil. Lisbôa. 1883.

—— Ethnographia brazileira (estudos criticos). Rio de Janeiro. 1888.

—— Estudos sobre a poesia popular do Brazil (1879—80). Rio de Janeiro. 1888.

José Verissimo. Estudos Brazileiros. Pará. 1889.

Cesar Cantu. Histoire universelle. Paris. 1848.

Bernardes Branco. Portugal e os estrangeiros. Lisbôa. 1879.

Bento Teixeira Pinto. Prosopopéa e Dialogos das Grandezas do Brazil, na Rev. do Inst. Arch. e Geog. Pern.

Pereira da Costa. Bento Teixeira Pinto, estudo na mesma Revista.

Relação da viagem do legado papal Cardeal Alexandrino, publicada por Alexandre Herculano no *Panorama.*

Filippo Sassetti. Lettere. Milano. 1874.

La Vita italiana nel Trecento. Milano. 1892.

La Vita italiana nel Rinascimento. Milano. 1893.

Lavaña. Viage de Filippe III á Portugal. Madrid. 1622.

Viages por España, anotados y con una introd. por Fabié. Madrid. 1879.

Willughby. A relation of a voyage made through Spain (1644). London. 1673.

Arvède Barine. Les gueux d'Espagne, no volume *Bourgeois et gens de peu.* Paris. 1894.

Gabriel Soares de Souza. Tratado descriptivo do Brazil em 1587, editado pelo Inst. Hist. do Rio de Janeiro. 1851.

Frezier, ingenieur ordinaire du Roi. Relation du voyage de la mer du Sud aux côtes du Chili, du Pérou et du Brésil fait pendant les années 1712, 1713 et 1714. Amsterdam. 1717.

Journal d'un voyage sur les costes d'Afrique et aux Indes d'Espagne en 1702—6. Paris. 1737.

La Barbinais. Nouveau voyage autour du Monde. Paris 1728—29.

Alencar Araripe jun. Gregorio de Mattos. Rio. 1894.

Obras poeticas de Gregorio de Mattos Guerra, tomo I. Rio. 1882 (publicação de Valle Cabral).

Theophilo Braga. Curso de litteratura portugueza. Lisbôa. 1886.

Antonio José da Silva. Theatro comico portuguez ou collecção das Operas portuguezas que se representarão na Casa do Theatro publico do Bairro alto de Lisbôa. 1747—90.

Dr Guilherme Studart. Notas para a historia do Ceará. Lisbôa. 1892.

Rocha Pitta. Historia da America Portugueza. 2.ª ed. Lisbôa. 1880.

Santa Maria Jaboatão. Novo Orbe serafico brasilico. Rio de Janeiro. 1858—59.

Karl Frenzel. "Die Persönlichkeit Shakespeare's", na *National-Zeitung.* Berlin. 1894.

Latino Coelho. Historia politica e militar de Portugal desde os fins do XVIII seculo até 1814. Lisbôa. 1874—91.

Pinheiro Chagas. Historia de Portugal. Lisbôa.

Beckford. Italy with sketches from Spain and Portugal. London. 1834.

—— Excursion to the monasteries of Batalha and Alcobaça. London. 1835.

William Beckford of Fonthill. Memoirs. London. 1859.

La Vathek de Beckford avec Préface par Stéphane Mallarmé. Paris. 1876.

Arthur William Costigan. Sketches of society and manners in Portugal. London. 1787.

James Murphy. Travels in Portugal in 1789 and 1790. London. 1795.

Voyage du ci-devant Duc de Châtelet en Portugal, revu par Bourgoing. Paris, an VI de la République (1797).

Cardinale Bartolomeo Pacca. Notizie sul Portogallo con una breve relazione della Nunziatura di Lisbona dall' anno 1795 fino all' anno 1802. Modena. 1836.

Relation historique du tremblement de terre de Lisbonne. La Haye. 1756.

Relação da viagem dos embaixadores venezianos Tron e Lippomani, publicada por Alexandre Herculano nos *Opusculos.*

Voyage en Portugal fait depuis 1797 jusqu'en 1799 par M. Link et le comte d'Hoffmansegg. Paris. 1808.

Twiss. Voyage en Portugal et en Espagne fait en 1772 et 1773. Berne. 1776.

Kinsey. Portugal illustrated. London. 1829.

Auguste de St.-Hilaire. Voyage dans les provinces du Rio de Janeiro et de Minas Geraes. Paris. 1830.

—— Voyage dans le district des diamans et sur le littoral du Brésil. Paris. 1833.

John Mawe. Travels in the interior of Brazil. London. 1812.

Ferdinand Brunetière. L'évolution des genres dans l'histoire de la littérature. Paris. 1892.

—— L'évolution de la Poésie lyrique en France au 19me siècle. Paris. 1894.

José Basilio da Gama. O Uraguay. Lisbôa. 1769.

Frei José de Santa Rita Durão. Caramurú. Lisbôa. 1781.

Claudio Manoel da Costa. Obras. Coimbra. 1768.

—— Estudo por Teixeira de Mello nos Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

T. A. Gonzaga. Marilia de Dirceu. Lisbôa. 1840.

I. J. de Alvarenga Peixoto. Obras poeticas, editadas por Norberto de Souza. Rio de Janeiro. 1865.

M. I. da Silva Alvarenga. Obras poeticas, editadas por Norberto de Souza. Rio de Janeiro. 1864.

Caldas Barboza. Viola de Lereno. Lisbôa. 1798.

Norberto de Souza. Historia da conjuração mineira. Rio de Janeiro.

Impresso por F. A. Brockhaus, Leipzig.

869.8 .O49a C.1
Aspectos da litteraturaALR2565
Stanford University Libraries
3 6105 045 049 371

JUL 17

Stanford University Library
Stanford, California

In order that others may use this book, please return it as soon as possible, but not later than the date due.